Gabriel García Márquez

Prêmio Nobel de Literatura

Cem anos de solidão

Tradução de Eliane Zagury

RECORD

O colombiano Gabriel García Márquez (1928) é o último grande *contador de histórias* do século XX – e, até prova em contrário, da própria literatura ocidental. Depois de cem anos marcados por revoluções literárias radicais, não deixa de ser surpreendente que ele tenha conquistado tamanha notoriedade – nem o Nobel lhe falta; ganhou-o em 1982 – enquanto tentava *apenas* imitar o tom com que sua avó materna lhe contava episódios mais fantásticos: sem alterar um só traço do rosto.

Em nenhum outro livro García Márquez empenhou-se tanto para alcançar aquele *tom* como em *Cem anos de solidão* (1967). Assim, ao mesmo tempo em que a incrível e triste história dos Buendía – a estirpe de solitários para a qual não será dada "uma segunda oportunidade sobre a terra" – pode ser entendida como uma autêntica enciclopédia do imaginário, ela é narrada de modo a parecer sempre que tudo faz parte da mais banal das realidades.

Seria ingênuo procurar *uma* chave que explicasse toda a grandeza deste livro diante do qual o repertório de adjetivos torna-se espantosamente ineficaz. Porém, é razoável atribuir parte do êxito de *Cem anos* àquela contaminação, pelo *real*, do universo *maravilhoso* da fictícia Macondo, onde se passa o romance. Aqui pesou muito a experiência jornalística de García Márquez. E também a sombra do tcheco Franz Kafka (foi depois de ler a primeira frase de *A metamorfose* que García Márquez decidiu que seria escritor).

Mas, para além desses artifícios técnicos e influências literárias, é preciso que se diga que a atordoante sensação

Gabriel
García Márquez

Cem anos
de solidão

EDITORA RECORD

Cem anos
de solidão

Obras do autor

O amor nos tempos do cólera
A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile
Cem anos de solidão
Cheiro de goiaba
Crônica de uma morte anunciada
Do amor e outros demônios
Doze contos peregrinos
O enterro do diabo
Entre amigos
Os funerais da mamãe grande
O general em seu labirinto
A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada
A má hora (O veneno da madrugada)
Ninguém escreve ao coronel
Notícia de um seqüestro
Olhos de cão azul
O outono do patriarca
Relato de um náufrago
Textos do Caribe (2 volumes)

Gabriel García Márquez

Prêmio Nobel de Literatura

Cem anos de solidão

Tradução de
ELIANE ZAGURY

53ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2003

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

García Márquez, Gabriel, 1928-
G211c Cem anos de solidão / Gabriel García Márquez;
53ª ed. tradução de Eliane Zagury; ilustrações de Carybé.
- 53ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2003.

Tradução de: Cien años de soledad
ISBN 85-01-01207-6

1. Romance colombiano. I. Carybé, 1911- . II.
Zagury, Eliane, 1945- . III. Título.

CDD - 868.993613
93-0226 CDU - 860(861)-3

Título original
CIEN AÑOS DE SOLEDAD

Copyright © 1967 by Gabriel García Márquez

Ilustrações de Carybé

Direitos de publicação exclusivos em todos os países
de língua portuguesa com exceção de Portugal adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-01207-6

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro – 20922-970

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Para
JOMÍ GARCÍA ASCOT
e
MARIA LUISA ELÍO

MUITOS anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo. Todos os anos, pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava a sua tenda perto da aldeia e, com um grande alvoroço de apitos e tambores, dava a conhecer os novos inventos. Primeiro trouxeram o ímã. Um cigano corpulento, de barba rude e mãos de pardal,* que se apresentou com o nome de Melquíades, fez uma truculenta demonstração pública daquilo que ele mesmo chamava de a oitava maravilha dos sábios alquimistas da Macedônia. Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos, e todo o mundo se espantou ao ver que os caldeirões, os tachos, as tenazes e os fogareiros caíam do lugar, e as madeiras estalavam com o desespero dos pregos e dos parafusos tentando se desencravar, e até os objetos perdidos há muito tempo apareciam onde mais tinham sido procurados, e se arrastavam em debandada turbulenta atrás dos ferros mágicos de Melquíades. "As coisas têm vida própria", apregoava o cigano com áspero sotaque, "tudo é questão de despertar a sua alma." José Arcadio Buendía, cuja desatada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e até mesmo além do milagre e da magia, pensou que era possível se servir daquela invenção inútil para desentranhar o ouro da terra. Melquíades, que era um homem honrado, preveniu-o: "Para isso não serve." Mas José Arcadio Buendía não acreditava, naquele tempo, na honradez dos ciganos, de modo que trocou o seu jumento e um rebanho de cabritos pelos dois lingotes imantados. Úrsula Iguarán, sua mulher, que contava com aqueles animais para aumentar o raquítico patrimônio doméstico, não conseguiu dissuadi-lo. "Muito em breve vamos ter ouro de sobra para assoalhar a casa", respondeu o marido. Durante vários meses empenhou-se em demonstrar o acerto das suas conjeturas. Explorou palmo a palmo a região, inclusive o fundo do rio, arrastando os dois lingotes de ferro e recitando em voz alta o conjuro de Melquíades. A única coisa que conseguiu desenterrar foi uma armadura do século XV, com todas as suas partes soldadas por uma camada de óxido, cujo interior tinha a ressonância oca de uma enorme cabaça cheia de pedras.

---

*No original *manos de gorrión*. Explicação do autor à tradutora: "O importante da imagem é que esse pássaro tem patas de ave de rapina, mas é bom e inofensivo. Melquíades também, por suas mãos, e à primeira vista, podia parecer uma ave de rapina, mas não o era, como se viu mais tarde."

Quando José Arcadio Buendía e os quatro homens da sua expedição conseguiram desarticular a armadura, encontraram dentro um esqueleto calcificado que trazia pendurado no pescoço um relicário de cobre com um cacho de cabelo de mulher.

Em março os ciganos voltaram. Desta vez traziam um óculo de alcance e uma lupa do tamanho de um tambor, que exibiram como a última descoberta dos judeus de Amsterdam. Sentaram uma cigana num extremo da aldeia e instalaram o óculo de alcance na entrada da tenda. Mediante o pagamento de cinco reais, o povo se aproximava do óculo e via a cigana ao alcance da mão. "A ciência eliminou as distâncias", apregoava Melquíades. "Dentro em pouco o homem poderá ver o que acontece em qualquer lugar da terra, sem sair de sua casa." Num meio-dia ardente, fizeram uma assombrosa demonstração com a lupa gigantesca: puseram um montão de capim seco na metade da rua e atearam fogo nele pela concentração dos raios solares. José Arcadio Buendía, que ainda não se consolara de todo do fracasso dos seus ímãs, concebeu a idéia de utilizar aquele invento como uma arma de guerra. Melquíades, outra vez, tratou de dissuadi-lo. Mas terminou aceitando os dois lingotes imantados e três peças de dinheiro colonial em troca da lupa. Úrsula chorou de consternação. Aquele dinheiro fazia parte de um cofre de moedas de ouro que seu pai acumulara em toda uma vida de privações e que ela havia enterrado debaixo da cama, à espera de uma boa ocasião para investi-las. José Arcadio Buendía nem sequer tentou consolá-la, entregue que estava por inteiro às suas experiências táticas, com a abnegação de um cientista e até mesmo com o risco da própria vida. Tentando demonstrar os efeitos da lupa na tropa inimiga, ele mesmo se expôs à concentração dos raios solares e sofreu queimaduras que se transformaram em úlceras e demoraram muito tempo para sarar. Diante dos protestos da mulher, alarmada por tão perigosa inventiva, por pouco não incendiou a casa. Passava longas horas no quarto, fazendo os cálculos das possibilidades estratégicas da nova arma, até que conseguiu compor um manual de uma assombrosa clareza didática e um poder de convicção irresistível. Enviou-o às autoridades, acompanhado de numerosos testemunhos sobre as suas experiências e de vários apêndices de desenhos explicativos, aos cuidados de um mensageiro que atravessou a serra, extraviou-se em pântanos desmesurados, subiu rios tormentosos e esteve a ponto de perecer sob o ataque das feras, o desespero e a peste, até encontrar um caminho que o levasse às mulas do correio. Embora a viagem à capital fosse naquele tempo quase impossível, José Arcadio Buendía prometia tentá-la logo que o Governo ordenasse, com o fim de fazer demonstrações práticas do seu invento diante dos poderes militares, e adestrá-los pessoalmente nas complicadas artes da guerra solar. Durante vários anos esperou a resposta. Por fim, cansado de esperar, lamentou-se diante de Melquíades do fracasso da sua iniciativa e o cigano, então, deu uma prova convincente de honradez: devolveu-lhe os dobrões em troca da lupa e deixou, para ele, além disso, uns mapas portugueses e vários instrumentos de navegação. De seu próprio punho e letra escreveu uma apertada síntese dos estudos do monge Hermann, que deixou à sua disposição para que pudesse se servir do astrolábio, da bússola e do sextante. José Arcadio Buendía passou os longos meses de chuva fechado num quartinho que construíra no fundo da casa, para que ninguém perturbasse as suas experiências. Tendo abandonado completamente as obrigações domésticas, permaneceu noites inteiras no quintal, vigiando o movimento dos astros, e quase sofreu uma insolação, por tentar estabelecer um método exato para determinar o meio-dia. Quando se tornou perito no uso e manejo dos seus instrumentos, passou a ter uma noção do espaço que lhe permitiu navegar por mares incógnitos, visitar territórios desabitados e travar relações com seres esplêndidos, sem necessidade de abandonar o seu gabinete. Foi por essa ocasião que adquiriu o hábito de falar sozinho, passeando pela casa sem se incomodar com ninguém, enquanto Úrsula e as crianças suavam em bicas na horta cuidando da banana e da taioba, do aipim e do inhame, do cará e da berinjela. De repente, sem anúncio prévio, a sua atividade febril se interrompeu e foi substituída por uma espécie de fascinação. Esteve vários dias como que enfeitiçado, repetindo para si mesmo em voz baixa um rosário de assombrosas conjeturas, sem dar crédito ao próprio entendimento. Por fim, numa terça-feira de dezembro, na hora do almoço, soltou de uma vez todo o peso do seu tormento. As crianças haviam de recordar pelo resto da vida a augusta solenidade com que o pai se sentou na cabeceira da mesa, tremendo de febre, devastado pela prolongada vigília e pela pertinácia da sua imaginação, e revelou a eles a sua descoberta:

— A terra é redonda como uma laranja.

Úrsula perdeu a paciência. "Se você pretende ficar louco, fique sozinho", gritou. "Não tente incutir nas crianças as suas idéias de cigano." José Arcadio Buendía, impassível, não se deixou amedrontar pelo desespero da mulher que, num impulso de cólera, destroçou o astrolábio contra o solo. Construiu outro, reuniu no quartinho os homens do povoado e demonstrou a eles, com teorias que acabaram sendo incompreensíveis para todos, a possibilidade de regressar ao ponto de partida navegando sempre para o Oriente. A aldeia inteira já estava convencida de que José Arcadio Buendía tinha perdido o juízo, quando Melquíades chegou para pôr a coisa em pratos limpos. Ressaltou em público a inteligência daquele homem que, por pura especulação astronômica, construíra uma teoria já comprovada na prática, se bem que desconhecida até então em Macondo, e como uma prova da sua admiração deu-lhe um presente que havia de exercer uma influência decisiva no futuro da aldeia: um laboratório de alquimia.

Por essa época, Melquíades tinha envelhecido com uma rapidez assombrosa. Nas suas primeiras viagens parecia ter a mesma idade de José Arcadio Buendía. Mas enquanto este conservava a sua força descomunal, que lhe permitia derrubar um cavalo agarrando-o pelas orelhas, o cigano parecia estragado por um mal tenaz. Era, na realidade, o resultado de múltiplas e estranhas doenças contraídas nas suas incontáveis viagens ao redor do mundo. Conforme ele mesmo contou a José Arcadio Buendía, enquanto o ajudava a montar o laboratório, a morte o seguia por todas as partes, farejando-lhe as calças, mas sem se decidir a dar o bote final. Era um fugitivo de quantas pragas e catástrofes haviam flagelado o gênero humano. Sobreviveu à pelagra na Pérsia, ao escorbuto no arquipélago da Malásia, à lepra em Alexandria, ao beribéri no Japão, à peste bubônica em Madagascar, ao terremoto na Sicília e a um naufrágio multitudinário no estreito de Magalhães. Aquele ser prodigioso que dizia possuir as chaves de Nostradamus era um homem lúgubre, envolto numa aura triste, com um olhar asiático que parecia conhecer o outro lado das coisas. Usava um chapéu grande e negro, como as asas estendidas de um corvo, e um casaco de veludo patinado pelo limo dos séculos. Mas, apesar da sua imensa sabedoria e de sua aura misteriosa, tinha um peso humano, uma condição terrestre que o mantinha atrapalhado com os minúsculos problemas da vida cotidiana. Queixava-se de achaques de velho, sofria pelos mais insignificantes prejuízos econômicos e tinha deixado de rir há muito tempo, porque o escorbuto lhe havia arrancado os dentes. No sufocante meio-dia em que revelou os seus segredos, José Arcadio Buendía teve a certeza de que aquele era o princípio de uma grande amizade. As crianças se assombraram com os seus relatos fantásticos. Aureliano, que naquele tempo não tinha mais de cinco anos, havia de recordar pelo resto da vida como o viu naquela tarde, sentado contra a claridade metálica e reverberante da janela, iluminando com a sua profunda voz de órgão os territórios mais escuros da imaginação, enquanto esguichava pelas têmporas a gordura derretida pelo calor. José Arcadio, seu irmão mais velho, havia de transmitir aquela imagem maravilhosa, como uma recordação hereditária, a toda a sua descendência. Úrsula, pelo contrário, conservou uma lembrança desagradável daquela visita, porque entrou no quarto no momento em que Melquíades quebrava por distração um frasco de bicloreto de mercúrio.

— É o cheiro do demônio — ela disse.

— Absolutamente — corrigiu Melquíades. — Está comprovado que o demônio tem propriedades sulfúricas, e isto não passa de um pouco de sublimado corrosivo.

Sempre didático, fez uma sábia exposição sobre as virtudes diabólicas do cinabre, mas Úrsula não lhe deu a menor atenção e levou as crianças para rezar. Aquele cheiro acre ficaria para sempre em sua memória vinculado à lembrança de Melquíades.

O laboratório rudimentar — não se falando na profusão de caçarolas, funis, retortas, filtros e coadores — estava composto de uma tubulação primitiva; uma proveta de cristal, de pescoço comprido e estreito, imitação do *ovo filosófico*; e um alambique construído pelos próprios ciganos, de acordo com as descrições daquele de três braços, de Maria, a judia. Além destas coisas, Melquíades deixou amostras dos sete metais correspondentes aos sete planetas, as fórmulas de Moisés e Zózimo para a duplicação do ouro, e uma série de notas e desenhos sobre os processos do *Grande Magistério,* que permitiam a quem os soubesse interpretar a tentativa de fabricação da pedra filosofal. Seduzido pela simplicidade das fórmulas para duplicar o ouro, José Arcadio Buendía adulou Úrsula durante várias semanas, para que lhe permitisse desenterrar as suas moedas coloniais e aumentá-las tantas vezes quantas fosse possível subdividir o azougue. Úrsula cedeu, como acontecia sempre, diante da inquebrantável obstinação do marido. Então, José Arcadio Buendía jogou trinta dobrões numa caçarola e os fundiu com raspa de cobre, ouro-pigmento, enxofre e chumbo. Pôs tudo para ferver em fogo forte, num caldeirão de óleo de rícino, até obter um xarope espesso e fedorento, mais parecido com uma calda vulgar do que com o ouro magnífico. Em azarados e desesperados processos de destilação, fundida com os sete metais planetários, trabalhada com o mercúrio hermético e o vitríolo de Chipre, e novamente cozida em banha de porco na falta de óleo de rábano, a preciosa herança de Úrsula ficou reduzida a um torresmo carbonizado que não pôde ser desprendido do fundo do caldeirão.

Quando os ciganos voltaram, Úrsula já havia predisposto toda a população contra eles. Mas a curiosidade pôde mais que o temor, porque daquela vez os ciganos percorreram a aldeia fazendo um barulho ensurdecedor com todo tipo de instrumentos musicais, enquanto o pregoeiro anunciava a exibição da mais fabulosa descoberta dos nasciancenos. De modo que todo mundo foi à tenda, e com o pagamento de um centavo viu um Melquíades juvenil, refeito, desenrugado, com uma dentadura nova e radiante. Os que recordavam as suas gengivas destruídas pelo escorbuto, as suas bochechas flácidas e os seus lábios murchos, estremeceram de pavor diante daquela prova decisiva dos poderes sobrenaturais do cigano. O pavor se converteu em pânico quando Melquíades tirou os dentes, intactos, engastados nas gengivas, e mostrou-os ao público por um instante — um instante fugaz em que voltou a ser o mesmo homem decrépito dos anos anteriores — e botou-os outra vez e sorriu de novo com um domínio pleno da sua juventude restaurada. Até o próprio José Arcadio Buendía considerou que os conhecimentos de Melquíades tinham chegado a extremos intoleráveis, mas experimentou um saudável alvoroço quando o cigano lhe explicou a sós o mecanismo da sua dentadura postiça. Aquilo lhe pareceu ao mesmo tempo tão simples e prodigioso, que da noite para o dia perdeu todo o interesse pelas pesquisas de alquimia; sofreu uma nova crise de mau humor, não voltou a comer de maneira regular e passava o dia dando voltas pela casa. "Estão ocorrendo coisas incríveis pelo mundo", dizia a Úrsula. "Aí mesmo, do outro lado do rio, existe todo tipo de aparelho mágico, enquanto nós continuamos vivendo como os burros." Os que o conheciam desde os tempos da fundação de Macondo se assombravam do quanto ele havia mudado sob a influência de Melquíades.

No princípio, José Arcadio Buendía era uma espécie de patriarca juvenil, que dava instruções para o plantio e conselhos para a criação de filhos e animais, e colaborava com todos, mesmo no trabalho físico, para o bom andamento da comunidade. Posto que a sua casa fosse desde o primeiro momento a melhor da aldeia, as outras foram arranjadas à sua imagem e semelhança. Tinha uma saleta ampla e bem iluminada, uma sala de jantar em forma de terraço com flores de cores alegres, dois quartos, um quintal com um castanheiro gigantesco, um jardim bem plantado e um curral onde viviam em comunidade pacífica os cabritos, os porcos e as galinhas. Os únicos animais proibidos não só em casa, mas também em todo o povoado, eram os galos de briga.

A diligência de Úrsula andava de braços com a de seu marido. Ativa, miúda, severa, aquela mulher de nervos inquebrantáveis, a quem em nenhum momento da vida se ouviu cantar, parecia estar em todas as partes desde o amanhecer até a noite já bem avançada, sempre perseguida pelo suave sussurro das suas anáguas de cambraia. Graças a ela, o chão de terra batida, os muros de barro sem caiação, os rústicos móveis de madeira construídos por eles mesmos estavam sempre limpos, e as velhas arcas onde se guardava a roupa exalavam um cheiro tênue de manjericão.

José Arcadio Buendía, que era o homem mais empreendedor que se poderia ver na aldeia, determinara de tal modo a posição das casas que a partir de cada uma se podia chegar ao rio e se abastecer de água com o mesmo esforço; e traçara as ruas com tanta habilidade que nenhuma casa recebia mais sol que a outra na hora do calor. Dentro de poucos anos, Macondo se tornou uma aldeia mais organizada e laboriosa que qualquer das conhecidas até então pelos seus 300 habitantes. Era na verdade uma aldeia feliz, onde ninguém tinha mais de trinta anos e onde ninguém ainda havia morrido.

Desde os tempos da fundação, José Arcadio Buendía construíra alçapões e gaiolas. Em pouco tempo, encheu de corrupiões, canários, azulões e pintassilgos não só a própria casa, mas todas as da aldeia. O concerto de tantos pássaros diferentes chegou a ser tão aturdidor que Úrsula tapou os ouvidos com cera de abelha para não perder o senso da realidade. Na primeira vez que chegou a tribo de Melquíades, vendendo bolas de vidro para dor de cabeça, todo mundo se surpreendeu por terem podido encontrar aquela aldeia perdida no marasmo do pântano, e os ciganos confessaram que haviam se orientado pelo canto dos pássaros.

Aquele espírito de iniciativa social desapareceu em pouco tempo, arrastado pela febre dos ímãs, pelos cálculos astronômicos, sonhos de transmutação e ânsias de conhecer as maravilhas do mundo. De empreendedor e limpo, José Arcadio Buendía se converteu num homem de ar vadio, descuidado no vestir, com uma barba selvagem a que Úrsula conseguia dar forma a duras penas, com uma faca de cozinha. Não faltou quem o considerasse vítima de algum estranho sortilégio. Mas até os mais convencidos da sua loucura abandonaram o trabalho e a família para segui-lo, quando atirou ao ombro as foices e machados, e pediu a participação de todos para abrir uma picada que pusesse Macondo em contato com os grandes inventos.

José Arcadio Buendía ignorava por completo a geografia da região. Sabia que para o Oriente estava a serra impenetrável, e do outro lado da serra a antiga cidade de Riohacha, onde em épocas passadas — segundo lhe havia contado o primeiro Aureliano Buendía, seu avô — Sir Francis Drake era dado ao esporte de caçar jacarés a tiros de canhão. Os bichos eram depois remendados, recheados de palha e mandados para a Rainha Elizabeth. Na sua juventude, ele e seus homens, com mulheres e crianças e animais e toda espécie de utensílios domésticos, atravessaram a serra procurando uma saída para o mar, e ao fim de vinte e seis meses desistiram da empresa e fundaram Macondo, para não ter que empreender o caminho de volta. Era, pois, uma rota que não lhe interessava, porque só podia conduzi-lo ao passado. Ao Sul estavam os charcos cobertos de uma eterna nata vegetal, e o vasto universo do grande pantanal, que, segundo testemunho dos ciganos, carecia de limites. O grande pantanal se confundia ao Ocidente com uma extensão aquática sem horizontes, onde havia cetáceos de pele delicada, cabeça e torso de mulher, que perdiam os navegantes com o feitiço das suas tetas descomunais. Os ciganos navegavam seis meses por essa rota antes de alcançar a faixa de terra firme por onde passavam as mulas do correio. De acordo com os cálculos de José Arcadio Buendía, a única possibilidade de contato com a civilização era a rota do Norte. De modo que dotou de foices, facões e armas de caça os mesmos homens que o acompanharam na fundação de Macondo; pôs numa mochila os seus instrumentos de orientação e os seus mapas, e empreendeu a temerária aventura.

Nos primeiros dias, não encontraram nenhum obstáculo apreciável. Desceram pela pedregosa margem do rio até o lugar onde anos antes haviam achado a armadura do guerreiro e ali penetraram na mata por um caminho de laranjeiras silvestres. Ao fim da primeira semana, mataram e assaram um veado, mas se conformaram em comer a metade e salgar o resto para os próximos dias. Trataram de adiar com essa precaução a necessidade de continuar comendo araras, cuja carne azul tinha um áspero sabor de almíscar. Em seguida, durante mais de dez dias, não voltaram a ver o sol. O solo tornou-se mole e úmido, como cinza vulcânica, e a vegetação fez-se cada vez mais insidiosa, e ficaram cada vez mais longínquos os gritos dos pássaros e a algazarra dos macacos, e o mundo ficou triste para sempre. Os homens da expedição se sentiram angustiados pelas lembranças mais antigas, naquele paraíso de umidade e silêncio, anterior ao pecado original, onde as botas se afundavam em poças de óleos fumegantes e os facões destroçavam lírios sangrentos e salamandras douradas. Durante uma semana, quase sem falar, avançaram como sonâmbulos por um universo de depressão, iluminados apenas por uma tênue reverberação de insetos luminosos e com os pulmões agoniados por um sufocante cheiro de sangue. Não podiam regressar, porque a picada que iam abrindo em pouco tempo tornava a se fechar com uma vegetação nova que ia crescendo a olhos vistos. "Não tem importância", dizia José Arcadio Buendía. "O essencial é não perder a orientação." Sempre de olho na bússola, continuou guiando os seus homens para o Norte invisível, até que conseguiram sair da região encantada. Era uma noite densa, sem estrelas, mas a escuridão estava impregnada de um ar novo e limpo. Esgotados pela prolongada travessia, penduraram as redes e dormiram profundamente pela primeira vez em duas semanas. Quando acordaram, já com o sol alto, ficaram pasmos de fascinação. Diante deles, rodeado de fetos e palmeiras, branco e empoeirado na silenciosa luz da manhã, estava um enorme galeão espanhol. Ligeiramente inclinado para estibordo, de sua mastreação intacta penduravam-se os fiapos esquálidos do velame, entre a enxárcia enfeitada de orquídeas. O casco, coberto por uma lisa couraça de caracas e musgo tenro, estava firmemente encravado num chão de pedras. Toda a estrutura parecia ocupar um âmbito próprio, um espaço de solidão e esquecimento, vedado aos vícios do tempo e aos maus hábitos dos pássaros. No interior, que os expedicionários exploraram com um secreto fervor, não havia nada além de um espesso bosque de flores.

O achado do galeão, indício da proximidade do mar, quebrantou o ímpeto de José Arcadio Buendía. Considerava como uma brincadeira do seu destino travesso ter procurado o mar sem encontrá-lo, ao preço de sacrifícios e incômodos sem conta, e tê-lo encontrado agora sem procurá-lo, atravessado no seu caminho como um obstáculo intransponível. Muitos anos depois, o Coronel Aureliano Buendía voltou a atravessar a região, quando já era uma rota regular do correio, e a única coisa que encontrou da nave foi o esqueleto carbonizado no meio de um campo de amapolas. Só então convencido de que aquela história não tinha sido fruto da imaginação de seu pai, perguntou-se como pudera o galeão penetrar até aquele ponto na terra firme. Mas José Arcadio Buendía não levantou esse problema quando encontrou o mar, ao fim de outros quatro dias de viagem, a doze quilômetros de distância do galeão. Seus sonhos terminavam diante desse mar de cor cinza, espumoso e sujo, que não merecia os riscos e sacrifícios da sua aventura.

— Porra! — gritou. — Macondo está cercado de água por todos os lados.

A idéia de um Macondo peninsular prevaleceu durante muito tempo, inspirada no mapa arbitrário que José Arcadio Buendía desenhou ao regressar da sua expedição. Traçou-o com raiva, exagerando de má fé as dificuldades de comunicação, como que para castigar-se a si mesmo da absoluta falta de senso com que escolheu o lugar. "Nunca chegaremos a parte alguma", lamentava-se para Úrsula. "Aqui haveremos de apodrecer em vida sem receber os benefícios da ciência." Essa certeza, ruminada por vários meses no quartinho do laboratório, levou-o a conceber o projeto de trasladar Macondo para um lugar mais propício. Mas desta vez, Úrsula se antecipou aos seus desígnios febris. Num secreto e implacável trabalho de formiga, predispôs as mulheres da aldeia contra a veleidade dos seus homens, que já começavam a se preparar para a mudança. José Arcadio Buendía não soube em que momento, nem em virtude de que forças adversas, seus planos se foram emaranhando numa teia de pretextos, contratempos e evasivas, até se transformarem em pura e simples ilusão. Úrsula observou-o com uma atenção inocente, e até sentiu por ele um pouco de piedade na manhã em que o encontrou no quartinho dos fundos comentando entre dentes os seus sonhos de mudança, enquanto colocava nas suas caixas originais as peças do laboratório. Deixou-o terminar. Deixou-o pregar as caixas e pôr as suas iniciais em cima com um pincel cheio de tinta, sem lhe fazer nenhuma censura, mas já sabendo que ele sabia (porque o ouviu dizer em seus surdos monólogos) que os homens do povoado não o seguiriam na empresa. Só quando começou a desmontar a porta do quartinho é que Úrsula se atreveu a lhe perguntar por que o fazia, e ele lhe respondeu com certa amargura: "Já que ninguém quer ir embora, nós iremos sozinhos." Úrsula não se alterou.

— Nós não iremos — disse. — Ficaremos aqui, porque aqui tivemos um filho.

— Ainda não temos um morto — ele disse. — A gente não é de um lugar enquanto não tem um morto enterrado nele.

Úrsula replicou, com uma suave firmeza:

— Se é preciso que eu morra para que vocês fiquem aqui, eu morro.

José Arcadio Buendía não acreditou que fosse tão rígida a vontade de sua mulher. Tratou de seduzi-la com o feitiço da sua fantasia, com a promessa de um mundo prodigioso onde bastava derramar uns líquidos mágicos na terra para que as plantas dessem frutos à vontade do homem, e onde se vendiam a preço de banana toda espécie de aparelhos contra a dor. Mas Úrsula foi insensível à sua clarividência.

— Em vez de andar por aí com essas novidades malucas, você devia era se ocupar dos seus filhos — replicou. — Olhe como estão, abandonados ao deus-dará, como os burros.

José Arcadio Buendía tomou ao pé da letra as palavras da mulher. Olhou pela janela e viu os dois meninos descalços na horta ensolarada, e teve a impressão de que só naquele instante tinham começado a existir, concebidos pelos rogos de Úrsula. Alguma coisa aconteceu então no seu íntimo; alguma coisa misteriosa e definitiva que o desprendeu do tempo atual e o levou à deriva por uma inexplorada região de lembranças. Enquanto Úrsula continuava varrendo a casa que agora estava certa de não abandonar pelo resto da vida, ele permaneceu contemplando as crianças com um olhar absorto, até que seus olhos se encheram d'água e ele os enxugou com o dorso da mão, exalando um profundo suspiro de resignação.

— Bem — disse. — Diga-lhes que venham me ajudar a tirar as coisas dos caixotes.

José Arcadio, o mais velho dos meninos, havia completado quatorze anos. Tinha a cabeça quadrada, o cabelo hirsuto e o gênio voluntarioso do pai. Ainda que tivesse o mesmo impulso de crescimento e fortaleza física, já então era evidente que carecia de imaginação. Foi concebido e dado à luz durante a penosa travessia da serra, antes da fundação de Macondo, e seus pais deram graças aos céus ao comprovar que não tinha nenhum órgão de animal. Aureliano, o primeiro ser humano que nasceu em Macondo, ia fazer seis anos em março. Era silencioso e retraído. Tinha chorado no ventre da mãe e nasceu com os olhos abertos. Enquanto lhe cortavam o umbigo movia a cabeça de um lado para o outro, reconhecendo as coisas do quarto, e examinava o rosto das pessoas com uma curiosidade sem assombro. Depois, indiferente aos que vinham conhecê-lo, manteve a atenção concentrada no teto de palmas, que parecia estar quase desabando sob a tremenda pressão da chuva. Úrsula não tornou a se lembrar da intensidade desse olhar até o dia em que o pequeno Aureliano, na idade de três anos, entrou na cozinha no momento em que ela retirava do fogão e punha na mesa uma panela de caldo fervente. O garoto, perplexo na porta, disse: "Vai cair." A panela estava posta bem no centro da mesa, mas, logo que o menino deu o aviso, iniciou um movimento irrevogável para a borda, como impulsionada por um dinamismo interior, e se espedaçou no chão. Úrsula, alarmada, contou o episódio ao marido, mas este o interpretou como um fenômeno natural. Sempre fora assim, alheio à existência dos filhos, em parte porque considerava a infância como um período de insuficiência mental, e em parte porque estava sempre absorto por demais nas suas próprias especulações quiméricas.

Desde a tarde, porém, em que chamou os meninos para que o ajudassem a desempacotar as coisas do laboratório, dedicou-lhes as suas melhores horas. No quartinho separado, cujas paredes se foram enchendo pouco a pouco de mapas inverossímeis e gráficos fabulosos, ensinou-os a ler e escrever e a fazer contas, e falou das maravilhas do mundo não só até onde chegavam os seus conhecimentos, mas forçando a extremos incríveis os limites da sua imaginação. Foi assim que os meninos acabaram por aprender que no extremo meridional da África havia homens tão inteligentes e pacíficos que o seu único entretenimento era sentar para pensar, e que era possível atravessar a pé o mar Egeu pulando de ilha em ilha até o porto de Salônica. Aquelas alucinantes sessões ficaram de tal modo impressas na memória dos meninos, que muitos anos mais tarde, um segundo antes de que o oficial dos exércitos regulares desse a ordem de fogo ao pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía tornou a viver a suave tarde de março em que seu pai interrompeu a lição de Física e ficou fascinado, com a mão no ar e os olhos imóveis, ouvindo a distância os pífaros e tambores e guizos dos ciganos que uma vez mais chegavam à aldeia, apregoando a última e assombrosa descoberta dos sábios de Mênfis.

Eram ciganos novos. Homens e mulheres jovens que só conheciam a sua própria língua, exemplares formosos de pele oleosa e mãos inteligentes, cujas danças e músicas semearam nas ruas um pânico de alvoroçada alegria, com as suas araras pintadas de todas as cores que recitavam romanças italianas, e a galinha que punha uma centena de ovos de ouro ao som do pandeiro, e o macaco amestrado que adivinhava o pensamento, e a máquina múltipla que servia ao mesmo tempo para pregar botões e baixar a febre, e o aparelho para esquecer as más recordações, e o emplastro para perder o tempo, e mil outras invenções tão engenhosas e insólitas, que José Arcadio Buendía gostaria de inventar a máquina da memória para poder se lembrar de todas. Num instante transformaram a aldeia. Os habitantes de Macondo se encontraram de repente perdidos nas suas próprias ruas, aturdidos pela feira multitudinária.

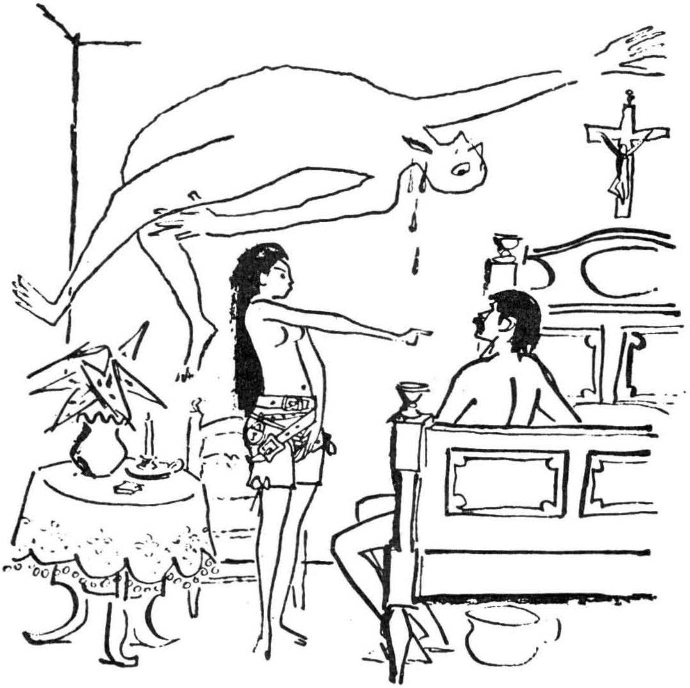
Levando um garoto em cada mão, para não perdê-los no tumulto, tropeçando com saltimbancos de dentes encouraçados de ouro e malabaristas de seis braços, sufocado pelo confuso hálito de esterco e sândalo que exalava a multidão, José Arcadio Buendía andava como um louco procurando Melquíades por todas as partes, para que lhe revelasse os infinitos segredos daquele pesadelo fabuloso. Dirigiu-se a vários ciganos que não entenderam a sua língua. Por fim chegou ao lugar onde Melquíades costumava plantar a sua tenda e encontrou um armênio taciturno que anunciava em castelhano um xarope para se fazer invisível. Tinha tomado de um gole uma taça da substância ambarina, quando José Arcadio Buendía abriu passagem aos empurrões por entre o grupo absorto que presenciava o espetáculo e conseguiu fazer a pergunta. O cigano o envolveu no clima atônito do seu olhar, antes de se transformar numa poça de alcatrão fedorento e fumegante sobre a qual ficou boiando a ressonância de sua resposta: "Melquíades morreu." Aturdido pela notícia, José Arcadio Buendía permaneceu imóvel, tratando de vencer a aflição, até que o grupo se dispersou, reclamando por outros artifícios, e a poça do armênio taciturno se evaporou completamente. Mais tarde, outros ciganos lhe confirmaram que na verdade Melquíades tinha sucumbido às febres, nas dunas de Cingapura, e o seu corpo tinha sido jogado no lugar mais profundo do mar de Java. Os meninos não se interessaram pela notícia. Teimavam para que seu pai os levasse para conhecer a portentosa novidade dos sábios de Mênfis, anunciada na entrada de uma tenda que, segundo diziam, pertenceu ao Rei Salomão. Tanto insistiram que José Arcadio Buendía pagou os trinta reais e os conduziu até o centro da barraca, onde havia um gigante de torso peludo e cabeça raspada, com um anel de cobre no nariz e uma pesada corrente de ferro no tornozelo, vigiando um cofre de pirata. Ao ser destampado pelo gigante, o cofre deixou escapar um hálito glacial. Dentro havia apenas um enorme bloco transparente, com infinitas agulhas internas nas quais se despedaçava em estrelas de cores a claridade do crepúsculo. Desconcertado, sabendo que os meninos esperavam uma explicação imediata, José Arcadio Buendía atreveu-se a murmurar:

— É o maior diamante do mundo.

— Não — corrigiu o cigano. — É gelo.

José Arcadio Buendía, sem entender, estendeu a mão para o bloco, mas o gigante afastou-a. ''Para pegar, mais cinco reais'', disse. José Arcadio Buendía pagou, e então pôs a mão sobre o gelo, e a manteve posta por vários minutos, enquanto o coração crescia de medo e de júbilo ao contato do mistério. Sem saber o que dizer, pagou outros dez reais para que os seus filhos vivessem a prodigiosa experiência. O pequeno José Arcadio negou-se a tocá-lo. Aureliano, em compensação, deu um passo para diante, pôs a mão e retirou-a no ato. ''Está fervendo'', exclamou assustado. Mas o pai não lhe prestou atenção. Embriagado pela evidência do prodígio, naquele momento se esqueceu da frustração das suas empresas delirantes e do corpo de Melquíades abandonado ao apetite das lulas. Pagou outros cinco reais, e com a mão posta no bloco, como que prestando um juramento sobre o texto sagrado, exclamou:

— Este é o grande invento do nosso tempo.



QUANDO o pirata Francis Drake assaltou Riohacha, no século XVI, a bisavó de Úrsula Iguarán se assustou tanto com o toque de alarma e o estampido dos canhões que perdeu o controle dos nervos e se sentou num fogão aceso. As queimaduras converteram-na numa esposa inútil para toda a vida. Não podia sentar-se a não ser de lado, acomodada em almofadas, e seu andar deve ter ficado muito estranho, porque nunca voltou a caminhar em público. Renunciou a todo tipo de hábitos sociais, obcecada pela idéia de que o seu corpo desprendia um cheiro de coisa chamuscada. A aurora a surpreendia no quintal, sem se atrever a dormir, porque sonhava que os ingleses, com seus ferozes cães de fila, entravam pela janela do quarto e a submetiam a vergonhosas torturas com ferros em brasa.

Seu marido, um comerciante aragonês com quem tinha dois filhos, gastou metade da loja em remédios e divertimentos, procurando a maneira de aliviar os seus terrores. Por fim, liquidou o negócio e levou a família para viver longe do mar, numa aldeia de índios pacíficos na encosta da serra, onde construiu para a mulher um quarto sem janelas, para que os piratas dos seus pesadelos não tivessem por onde entrar.

Na escondida encosta vivia há muito tempo um nativo plantador de tabaco, o Sr. José Arcadio Buendía, com quem o bisavô de Úrsula fez uma sociedade tão produtiva que em poucos anos os dois juntaram fortuna. Vários séculos depois, o tataraneto do nativo se casou com a tataraneta do aragonês. Por isso, cada vez que Úrsula subia pelas paredes com as loucuras do marido, pulava por cima de trezentos anos de coincidências e maldizia a hora em que Francis Drake assaltou Riohacha. Era um mero recurso de desabafo, porque na verdade estavam ligados até a morte por um vínculo mais sólido que o amor: uma dor comum de consciência. Eram primos entre si. Tinham crescido juntos na antiga encosta que os antepassados de ambos haviam transformado com o trabalho e os bons costumes num dos melhores povoados da província. Apesar do casamento deles ser previsível desde que vieram ao mundo, quando expressaram a vontade de se casar os próprios parentes tentaram impedir. Tinham medo de que aqueles saudáveis fins de duas raças secularmente entrecruzadas passassem pela vergonha de engendrar iguanas. Já existia um precedente tremendo. Uma tia de Úrsula, casada com um tio de José Arcadio Buendía, teve um filho que passou toda a vida de calças larguíssimas e frouxas, e que morreu de hemorragia depois de ter vivido quarenta e dois anos no mais puro estado de virgindade, porque nascera e crescera com uma cauda cartilaginosa em forma de saca-rolhas e com uma escova de pêlos na ponta. Um rabo de porco que nunca deixou ser visto por nenhuma mulher, e que lhe custou a vida quando um açougueiro amigo lhe fez o favor de cortá-lo com a machadinha de retalhar. José Arcadio Buendía, com a leviandade dos seus dezenove anos, resolveu o problema com uma só frase: "Não me importa ter leitõezinhos, desde que possam falar." Assim, casaram-se com uma festa de banda e foguetes que durou três dias. Teriam sido felizes desde então, se a mãe de Úrsula não a tivesse aterrorizado com toda espécie de prognósticos sinistros sobre a sua descendência, chegando ao extremo de conseguir que ela recusasse consumar o matrimônio. Temendo que o corpulento e voluntarioso marido a violasse adormecida, Úrsula vestia antes de se deitar umas calças compridas rudimentares que sua mãe lhe fabricou com lona de veleiro e reforçadas com um sistema de correias entrecruzadas, que se fechava na frente com uma grossa fivela de ferro. Assim estiveram vários meses. Durante o dia, ele cuidava de seus galos de briga e ela bordava em bastidor com a mãe. Durante a noite, lutavam várias horas com uma ansiosa violência que já parecia um substituto do ato de amor, até que a intuição popular farejou que algo de irregular estava acontecendo, e espalhou o boato de que Úrsula continuava virgem um ano depois de casada, porque o marido era impotente. José Arcadio Buendía foi o último a saber.

— Está vendo, Úrsula, o que o povo anda dizendo — disse à mulher com muita calma.

— Deixe falar — disse ela. — A gente sabe que não é verdade.

De modo que a situação continuou igual por mais seis meses, até o domingo trágico em que José Arcadio Buendía ganhou uma briga de galos de Prudencio Aguilar. Furioso, exaltado pelo sangue do seu animal, o perdedor se afastou de José Arcadio Buendía para que toda a rinha pudesse ouvir o que lhe ia dizer.

— Você está de parabéns — gritou. — Vamos ver se afinal esse galo resolve o caso da sua mulher.

José Arcadio Buendía, sereno, pegou o galo. "Volto já", disse a todos. E logo, a Prudencio Aguilar:

— E você, vá pra casa e se arme, que eu vou matá-lo.

Dez minutos depois voltou com a lança ensebada de seu avô. Na entrada da rinha, onde se havia concentrado metade do povoado, Prudencio Aguilar o esperava. Não teve tempo de defender-se. A lança de José Arcadio Buendía, atirada com a força de um touro e com a mesma mira certa com que o primeiro Aureliano Buendía exterminou os tigres da região, atravessou-lhe a garganta. Nessa noite, enquanto se velava o cadáver, José Arcadio Buendía entrou no quarto quando a sua mulher estava vestindo as calças de castidade. Brandindo a lança diante dela, ordenou: "Tire isso." Úrsula não pôs em dúvida a decisão do marido. "Você será o responsável pelo que acontecer", murmurou. José Arcadio Buendía cravou a lança no chão de terra.

— Se você tiver que parir iguanas, criaremos iguanas — disse. — Mas não haverá mais mortos neste povoado por culpa sua.

Era uma bela noite de junho, fresca e com lua, e estiveram acordados e brincando na cama até o amanhecer, indiferentes ao vento que passava pelo quarto, carregado com o pranto dos parentes de Prudencio Aguilar.

O caso foi classificado como um duelo de honra, mas em ambos ficou uma dorzinha de consciência. Numa noite em que não conseguia dormir, Úrsula saiu para beber água no quintal e viu Prudencio Aguilar junto à tina. Estava lívido, com uma expressão muito triste, tentando tapar com uma atadura de esparto o buraco da garganta. Não lhe produziu medo, mas pena. Voltou ao quarto para contar ao esposo o que tinha visto, mas ele não ligou. "Os mortos não saem", disse. "O que acontece é que não agüentamos com o peso da consciência." Duas noites depois, Úrsula tornou a ver Prudencio Aguilar no banheiro, lavando com a atadura de esparto o sangue coagulado do pescoço. Outra noite, viu-o passeando na chuva. José Arcadio Buendía, irritado com as alucinações da mulher, foi para o quintal armado com a lança. Ali estava o morto com a sua expressão triste.

— Vá pro caralho! — gritou-lhe José Arcadio Buendía. — Cada vez que voltar, eu o mato de novo.

Prudencio Aguilar não foi embora, nem José Arcadio Buendía se atreveu a arremessar a lança. Desde então não conseguiu mais dormir bem. Atormentava-o a enorme desolação com que o morto o havia olhado da chuva, a profunda nostalgia com que se lembrava dos vivos, a ansiedade com que revistava a casa procurando água para molhar a sua atadura de esparto. "Deve estar sofrendo muito", dizia a Úrsula. "Vêse que está muito só." Ela estava tão comovida que, na vez seguinte que viu o morto destampando as panelas do fogão, entendeu o que procurava, e desde então colocou para ele bacias de água por toda a casa. Numa noite em que o encontrou lavando as feridas no seu próprio quarto, José Arcadio Buendía não pôde agüentar mais.

— Está bem, Prudencio — disse-lhe. — Nós vamos embora deste povoado para o mais longe possível e não voltaremos nunca mais. Agora vá sossegado.

Foi assim que empreenderam a travessia da serra. Vários amigos de José Arcadio Buendía, jovens como ele, encantados com a aventura, desfizeram as suas casas e carregaram com as mulheres e os filhos para a terra que ninguém lhes havia prometido. Antes de partir, José Arcadio Buendía enterrou a lança no quintal e degolou, um a um, os seus magníficos galos de briga, confiando em que dessa forma daria um pouco de paz a Prudencio Aguilar. A única coisa que Úrsula levou foi um baú com as suas roupas de recém-casada, uns poucos utensílios domésticos e o cofrezinho com as peças de ouro que herdou do pai. Não traçaram para si um itinerário definido. Apenas procuravam viajar em sentido contrário ao caminho de Riohacha para não deixar nenhum rastro nem encontrar gente conhecida. Foi uma viagem absurda. Ao fim de quatorze meses, com o estômago estragado pela carne de mico e a sopa de cobras, Úrsula deu à luz um filho com todas as suas partes humanas. Tinha feito a metade do caminho numa rede pendurada num pau que dois homens levavam nos ombros, porque a inchação lhe desfigurou as pernas, e as varizes arrebentavam como bolhas. Ainda que desse pena vê-las de barriga vazia e olhos lânguidos, as crianças resistiram à viagem melhor que os pais, e a maior parte do tempo acabou sendo divertido para elas. Certa manhã, depois de quase dois anos de travessia, foram eles os primeiros mortais que viram a vertente ocidental da serra. Do cume nublado contemplaram a imensa planície aquática do grande pântano, espraiada até o outro lado do mundo. Mas nunca encontraram o mar. Certa noite, depois de andarem vários meses perdidos entre os charcos, já longe dos últimos índios que haviam encontrado no caminho, acamparam às margens de um rio pedregoso cujas águas pareciam uma torrente de vidro gelado. Anos depois, durante a segunda guerra civil, o Coronel Aureliano Buendía tentou seguir aquela mesma rota para apanhar Riohacha de surpresa e aos seis dias de viagem compreendeu que era uma loucura. Entretanto, na noite em que acamparam junto ao rio, as hostes de seu pai tinham aspecto de náufragos sem escapatória, mas o seu número tinha aumentado durante a travessia e todos estavam dispostos a (e conseguiram) morrer de velhice. José Arcadio Buendía sonhou essa noite que naquele lugar se levantava uma cidade ruidosa, com casas de paredes de espelhos. Perguntou que cidade era aquela, e lhe responderam com um nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que teve no sonho uma ressonância sobrenatural: Macondo. No dia seguinte, convenceu os seus homens de que nunca encontrariam o mar. Ordenou-lhes derrubar as árvores para fazer uma clareira junto ao rio, no lugar mais fresco das margens, e ali fundaram a aldeia.

José Arcadio Buendía não conseguiu decifrar o sonho das casas com paredes de espelhos até o dia em que conheceu o gelo. Então acreditou entender o seu profundo significado. Pensou que num futuro próximo poderiam fabricar blocos de gelo em grande escala, a partir de um material tão cotidiano como a água, e construir com eles as novas casas da aldeia. Macondo deixaria de ser um lugar ardente, cujas dobradiças e aldrabas se torciam de calor, para converter-se numa cidade invernal. Se não perseverou nas suas tentativas de construir uma fábrica de gelo, foi porque no momento estava positivamente entusiasmado com a educação dos filhos, especialmente a de Aureliano, que havia revelado desde o primeiro momento uma rara intuição alquímica. O laboratório tinha ressurgido da poeira. Passando em revista as notas de Melquíades, agora serenamente, sem exaltação da novidade, em prolongadas e pacientes sessões, tentaram separar o ouro de Úrsula do entulho aderido ao fundo do caldeirão. O jovem José Arcadio mal participou do processo. Enquanto seu pai só tinha corpo e alma para o laboratório, o voluntarioso primogênito, que sempre fora grande demais para a sua idade, converteu-se num adolescente monumental. Mudou de voz. O buço povoou-se de uma penugem incipiente. Certa noite, Úrsula entrou no quarto quando ele tirava a roupa para dormir, e experimentou um confuso sentimento de vergonha e piedade: era o primeiro homem que via nu, além de seu marido, e estava tão bem equipado para a vida que lhe pareceu anormal. Úrsula, grávida pela terceira vez, viveu de novo os seus terrores de recém-casada.

Naquela época ia à sua casa uma mulher alegre, desbocada, provocante, que ajudava nos trabalhos domésticos e sabia ler o futuro nas cartas. Úrsula falou-lhe do filho. Pensava que a sua desproporção era algo de tão desnaturado como o rabo de porco do primo. A mulher soltou uma gargalhada estridente que repercutiu por toda a casa como um riacho de vidro. "Pelo contrário", disse. "Será feliz." Para confirmar o seu prognóstico, trouxe o baralho à casa poucos dias depois, e se trancou com José Arcadio num depósito de grãos contíguo à cozinha. Colocou as cartas com muita calma sobre uma velha mesa de carpintaria, dizendo qualquer coisa, enquanto o rapaz esperava perto dela, mais chateado que curioso. De repente estendeu a mão e tocou. "Que monstro", disse, sinceramente assustada, e foi tudo o que pôde dizer. José Arcadio sentiu que os seus ossos se enchiam de espuma, que tinha um medo lânguido e uma enorme vontade de chorar. A mulher não lhe fez nenhuma insinuação. Mas José Arcadio a continuou procurando toda a noite, no cheiro de fumaça que ela tinha nas axilas e que lhe ficou metido debaixo da pele. Queria estar com ela a todo momento, queria que ela fosse a sua mãe, que nunca saíssem da despensa e que ela lhe dissesse "que monstro!" e que tornasse a tocá-lo e a dizer-lhe "que monstro!". Um dia não pôde suportar mais e foi procurá-la em sua casa. Fez uma visita formal, incompreensível, sentado na sala sem pronunciar uma palavra. Naquele momento não a desejou. Achava-a diferente, inteiramente alheia à imagem que inspirava o seu perfume, como se fosse outra. Tomou o café e abandonou a casa, deprimido. Nessa noite, no espanto da insônia, tornou a desejá-la com uma ansiedade brutal, mas então não a queria como era na despensa, mas como havia sido naquela tarde.

Dias depois, de um modo intempestivo, a mulher o chamou à sua casa, onde estava sozinha com a mãe, e o fez entrar no quarto com o pretexto de ensinar-lhe um truque de baralho. Então o tocou com tanta liberdade que ele sofreu uma desilusão depois do estremecimento inicial, e experimentou mais medo que prazer. Ela lhe pediu que nessa noite fosse procurá-la. Ele concordou, para sair da situação, sabendo que não seria capaz de ir. Mas de noite, na cama ardente, compreendeu que tinha de ir procurá-la, ainda que não fosse capaz. Vestiu-se às tontas, ouvindo na escuridão a repousada respiração do irmão, a tosse seca do pai no quarto vizinho, a asma das galinhas no quintal, o zumbido dos mosquitos, o bumbo do seu coração e o desmesurado bulício do mundo em que não tinha reparado até então, e saiu para a rua adormecida. Desejava de todo coração que a porta estivesse trancada, e não simplesmente encostada, como ela lhe havia prometido. Mas estava aberta. Empurrou-a com a ponta dos dedos e as dobradiças soltaram um gemido lúgubre e articulado que teve uma ressonância gelada nas suas entranhas. Desde o momento em que entrou, meio de lado e tratando de não fazer barulho, sentiu o cheiro. Ainda estava na saleta onde os três irmãos da mulher penduravam as redes em posições que ele ignorava e que não podia determinar nas trevas, de modo que lhe faltava atravessá-la às cegas, empurrar a porta do quarto e orientar-se ali de maneira a que não fosse se enganar de cama. Conseguiu. Tropeçou com os punhos das redes, que estavam mais baixas do que ele supusera, e um homem que roncava até então mexeu-se no sonho e disse com uma espécie de desilusão: "Era quarta-feira." Quando empurrou a porta do quarto, não pôde impedir que ela roçasse o desnível do chão. De repente, na escuridão absoluta, entendeu com uma irremediável nostalgia que estava completamente desorientado. Na estreita peça dormiam a mãe, outra filha com o marido e duas crianças, e a mulher, que talvez não o esperasse. Teria podido se guiar pelo cheiro se o cheiro não andasse em toda a casa, tão enganoso e ao mesmo tempo tão definido como tinha estado sempre na sua pele. Permaneceu imóvel um longo momento, perguntando-se assombrado como tinha feito para chegar a esse abismo de desamparo, quando uma mão com todos os dedos estendidos, que tateava nas trevas, tropeçou-lhe na cara. Não se surpreendeu porque, sem saber, tinha estado esperando por isso. Confiou-se então àquela mão, e num terrível estado de esgotamento deixou-se levar até um lugar sem formas onde lhe tiraram a roupa e o trabalharam como a um saco de batatas e o viraram para o avesso e para o direito, numa escuridão insondável em que lhe sobravam os braços, e onde já não cheirava mais a mulher, mas a amoníaco, e onde tentava se lembrar do rosto dela e topava com o rosto de Úrsula, confusamente consciente de que estava fazendo algo que há muito desejava que se pudesse fazer, mas que nunca havia imaginado que realmente se pudesse fazer, sem saber como estava fazendo porque não sabia onde estavam os pés e onde a cabeça, nem os pés de quem nem a cabeça de quem, e sentindo que não podia agüentar mais o ruído glacial dos seus rins e o ar do seu intestino, e o medo, e a ânsia aturdida de fugir e ao mesmo tempo de ficar para sempre naquele silêncio exasperado e naquela solidão terrível.

Chamava-se Pilar Ternera. Fizera parte do êxodo que culminou com a fundação de Macondo, arrastada pela sua família, para separá-la do homem que a tinha violado aos quatorze anos e que a continuara amando até os vinte e dois, mas que nunca se decidira a tornar pública a situação, porque tinha outro compromisso. Prometera segui-la até o fim do mundo, porém mais tarde, quando tivesse arrumado as coisas; e ela se cansou de esperar, identificando-o sempre com os homens altos e baixos, louros e morenos, que as cartas lhe prometiam pelos caminhos da terra e pelos caminhos do mar, para dentro de três dias, três meses ou três anos. Tinha perdido na espera a força das coxas, a dureza dos seios, o hábito da ternura; mas conservava intacta a loucura do coração. Transtornado por aquele brinquedo prodigioso, José Arcadio seguia as suas pegadas todas as noites através do labirinto do quarto. Certa ocasião, encontrou a porta trancada, e tocou várias vezes, sabendo que, se tinha tido a ousadia de tocar a primeira vez, tinha que tocar até a última, e ao fim de uma espera interminável ela lhe abriu a porta. Durante o dia, caindo de sono, gozava em segredo as lembranças da noite anterior. Mas quando ela entrava em casa, alegre, indiferente, desbocada, ele não tinha que fazer nenhum esforço para dissimular a sua tensão, porque aquela mulher, cujo riso explosivo espantava os pombos, não tinha nada que ver com o poder invisível que o ensinava a respirar para dentro e a controlar as batidas do coração, e lhe havia permitido entender por que os homens têm medo da morte. Estava tão ensimesmado que nem sequer compreendeu a alegria de todos quando seu pai e irmão alvoroçaram a casa com a notícia de que haviam conseguido atingir o entulho metálico e separar o ouro de Úrsula.

Com efeito, depois de complicados e perseverantes lances, tinham conseguido. Úrsula estava feliz, e até deu graças a Deus pela invenção da alquimia, enquanto as gentes da aldeia se espremiam no laboratório e lhes servia doce de goiaba com biscoitinhos para celebrar o prodígio e José Arcadio Buendía as deixava ver o crisol com o ouro resgatado, como se acabasse de inventá-lo. De tanto mostrá-lo, terminou diante de seu filho mais velho, que nos últimos tempos mal aparecia pelo laboratório. Pôs diante dos seus olhos o emplastro seco e amarelado, e lhe perguntou: "Que tal te parece?" José Arcadio, sinceramente, respondeu:

— Merda de cachorro.

O pai deu-lhe com as costas da mão uma violenta bofetada na boca, que lhe fez saltarem o sangue e as lágrimas. Essa noite, Pilar Ternera pôs compressas de arnica na inchação, adivinhando no escuro o frasco e os algodões, e fez-lhe todas as vontades sem que ele se incomodasse, para amá-lo sem machucá-lo. Chegaram a tal estado de intimidade que um momento depois, sem se dar conta, estavam falando por cochichos.

— Quero ficar sozinho com você — dizia ele. — Um dia destes, conto tudo a todo mundo e se acabam os segredos.

Ela não tentou apaziguá-lo.

— Seria ótimo — disse. — Se estivermos sozinhos, deixamos a luz acesa para nos vermos bem, e eu posso gritar tudo o que quiser sem que ninguém tenha que se meter, e você me diz no ouvido todas as porcarias que lhe vierem à cabeça.

Esta conversa, o rancor magoado que sentia contra o pai, e a iminente possibilidade do amor desaforado, inspiraram-lhe uma serena valentia. De modo espontâneo, sem nenhuma preparação, contou tudo ao irmão.

No princípio, o pequeno Aureliano só compreendia o risco, a imensa possibilidade de perigo que implicavam as aventuras de seu irmão, mas não conseguia imaginar a fascinação do objetivo. Pouco a pouco se foi contaminando de ansiedade. Fazia-o contar as minuciosas peripécias, identificava-se com o sofrimento e o gozo do irmão, sentia-se assustado e feliz. Esperava-o acordado até o amanhecer, na cama solitária que parecia ter uma esteira de brasas, e continuavam falando sem sono até a hora de levantar, de modo que em pouco tempo padeceram ambos da mesma sonolência, sentiram o mesmo desprezo pela alquimia e pela sabedoria do pai, e se refugiaram na solidão. "Estes meninos andam sorumbáticos", dizia Úrsula. "Devem estar com lombrigas." Preparou-lhes uma repugnante poção de erva-de-santa-maria amassada, que ambos beberam com imprevisto estoicismo, e se sentaram ao mesmo tempo nos penicos, onze vezes num só dia, e expulsaram umas parasitas rosadas, que mostraram a todos com grande júbilo, porque lhes permitiram enganar Úrsula quanto à origem das suas distrações e langores. Aureliano podia, então, não só entender, mas também viver como coisa própria as experiências de seu irmão, porque numa ocasião em que este explicava com muitos pormenores o mecanismo do amor, interrompeu-o para perguntar: "O que é que se sente?" José Arcadio deu-lhe uma resposta imediata:

— É como um tremor de terra.

Numa quinta-feira de janeiro, às duas da madrugada, nasceu Amaranta. Antes que alguém entrasse no quarto, Úrsula examinou-a minuciosamente. Era leve e aquosa como uma lagartixa, mas todas as suas partes eram humanas. Aureliano não se deu conta da novidade a não ser quando sentiu a casa cheia de gente. Protegido pela confusão, saiu em busca do irmão, que não estava na cama desde as onze, e foi uma decisão tão impulsiva que nem sequer teve tempo de se perguntar como faria para tirá-lo do quarto de Pilar Ternera. Esteve rondando a casa por várias horas, assoviando senhas próprias, até que a proximidade da madrugada obrigou-o a regressar. No quarto da mãe, brincando com a irmãzinha recémnascida e com uma cara que caía de inocente, encontrou José Arcadio.

Úrsula mal havia cumprido o seu resguardo de quarenta dias quando os ciganos voltaram. Eram os mesmos saltimbancos e malabaristas que haviam trazido o gelo. Em contraste com a tribo de Melquíades, tinham demonstrado em pouco tempo que não eram arautos do progresso e sim mercadores de diversões. Inclusive, quando trouxeram o gelo, não o anunciaram em função da sua utilidade na vida dos homens, mas como uma mera curiosidade de circo. Desta vez, entre muitos outros jogos de artifício, traziam um tapete voador. Não o ofereceram, porém, como uma contribuição fundamental para o desenvolvimento dos transportes e sim como um objeto de recreação. O povo, evidentemente, desenterrou os seus últimos tostões para desfrutar de um vôo fugaz sobre as casas da aldeia. Amparados pela deliciosa impunidade da desordem coletiva, José Arcadio e Pilar viveram horas de folga. Foram dois namorados felizes entre a multidão, e até chegaram a suspeitar de que o amor podia ser um sentimento mais repousado e profundo que a felicidade arrebatada, mas momentânea, das suas noites secretas. Pilar, entretanto, quebrou o encanto. Estimulada pelo entusiasmo com que José Arcadio desfrutava a sua companhia, escolheu errado a forma e a ocasião, e de um só golpe jogou-lhe o mundo nos ombros. "Agora sim você é um homem", disse a ele. E como não entendesse o que ela queria dizer, explicou-lhe letra por letra:

— Você vai ser pai.

José Arcadio não se atreveu a sair de casa durante vários dias. Bastava escutar a gargalhada trepidante de Pilar na cozinha para se esconder correndo no laboratório, onde os aparelhos de alquimia tinham revivido, com a bênção de Úrsula. José Arcadio Buendía recebeu com alvoroço o filho extraviado e iniciou-o na busca da pedra filosofal, que tinha por fim empreendido. Uma tarde, os rapazes se entusiasmaram com o tapete voador, que passou veloz ao nível da janela do laboratório, levando o cigano condutor e várias crianças da aldeia, que faziam alegres cumprimentos com a mão, e José Arcadio Buendía nem sequer olhou. ''Deixem que sonhem'', disse. ''Nós voaremos melhor que eles, com recursos mais científicos que essa miserável colcha.'' Apesar do seu fingido interesse, José Arcadio nunca entendeu os poderes do *ovo filosófico*, que simplesmente lhe parecia um frasco malfeito. Não conseguia fugir da preocupação. Perdeu o apetite e o sono, sucumbiu ao mau humor igual ao pai diante do fracasso de alguma das suas empresas, e foi tal o seu transtorno que o próprio José Arcadio Buendía o liberou dos deveres no laboratório, achando que ele tinha levado a sério demais a alquimia. Aureliano, evidentemente, percebeu que a aflição do irmão não tinha origem na busca da pedra filosofal, mas não lhe conseguiu arrancar nem uma confidência. Tinha perdido a sua antiga espontaneidade. De cúmplice e comunicativo fez-se hermético e hostil. Ansioso de solidão, picado por um virulento rancor contra o mundo, certa noite abandonou a cama como de costume, mas em vez de ir à casa de Pilar Ternera perdeu-se no tumulto da feira. Depois de perambular por toda espécie de máquinas de diversão sem se interessar por nenhuma, fixou-se em algo que não estava no jogo: uma cigana muito jovem, quase uma garota, afogada em miçangas, a mulher mais bela que José Arcadio tinha visto na vida. Estava entre a multidão que presenciava o triste espetáculo do homem que se transformara em víbora por desobedecer aos pais.

José Arcadio não prestou atenção. Enquanto se desenrolava o triste interrogatório do homem-víbora, tinha aberto caminho entre a multidão até a primeira fila, onde se encontrava a cigana, e tinha se detido atrás dela. Apertou-se contra as suas costas. A moça tentou se afastar, mas José Arcadio se apertou com mais força contra as suas costas. Então, ela o sentiu. Ficou imóvel contra ele, tremendo de surpresa e pavor, sem poder acreditar na evidência, e por fim voltou a cabeça e olhou para ele com um sorriso trêmulo. Nesse instante, dois ciganos meteram o homem-víbora na jaula e o levaram para o interior da tenda. O cigano que dirigia o espetáculo anunciou:

— E agora, senhoras e senhores, vamos apresentar a prova terrível da mulher que terá que ser decapitada todas as noites a esta hora, durante cento e cinqüenta anos, como castigo por ter visto o que não devia.

José Arcadio e a moça não presenciaram a decapitação. Foram à barraca dela, onde se beijaram com uma ansiedade desesperada enquanto iam tirando a roupa. A cigana se desfez das suas camisetas superpostas, das suas numerosas anáguas de renda engomada, do seu inútil espartilho de arame, da sua carga de miçangas, e ficou praticamente reduzida a nada. Era uma rãzinha lânguida, de seios incipientes e pernas tão finas que não ganhavam em diâmetro aos braços de José Arcadio, mas tinha uma decisão e um calor que compensavam a sua fragilidade. Entretanto, José Arcadio não podia corresponder, porque estavam numa espécie de tenda pública, por onde os ciganos passavam com os seus instrumentos de circo e arrumavam as suas coisas, e até se demoravam junto à cama, para jogar uma partida de dados. A lâmpada pendurada no mastro central iluminava todo o âmbito. Numa pausa das carícias, José Arcadio estirou-se nu na cama, sem saber o que fazer, enquanto a moça tratava de excitá-lo. Uma cigana de carnes esplêndidas entrou pouco depois, acompanhada de um homem que não fazia parte da farândola, mas que tampouco era da aldeia, e ambos começaram a despir-se diante da cama. Distraidamente, a mulher olhou para José Arcadio e examinou com uma espécie de fervor patético o seu magnífico animal em repouso.

— Rapaz — exclamou — que Deus o conserve para ti.

A companheira de José Arcadio pediu-lhes que os deixassem em paz, e o casal se deitou no chão, muito perto da cama. A paixão dos outros despertou a febre de José Arcadio. Ao primeiro contato, os ossos da moça pareceram se desarticular, com um rangido desordenado como o de um fichário de dominó, e a sua pele se desfez num suor pálido e os seus olhos se encheram de lágrimas e todo o seu corpo exalou um lamento lúgubre e um vago cheiro de lodo. Mas suportou o impacto com uma firmeza de ânimo e uma valentia admiráveis. José Arcadio se sentiu então etereamente elevado a um estado de inspiração seráfica, onde o seu coração se desbaratou num manancial de obscenidades ternas que entravam na moça pelos ouvidos e lhe saíam pela boca, traduzidas ao seu idioma. Era quinta-feira. Na noite de sábado, José Arcadio amarrou um pano vermelho na cabeça e foi-se embora com os ciganos.

Quando Úrsula descobriu a sua ausência, procurou-o por toda a aldeia. No acampamento desmanchado dos ciganos, não havia mais que uma vala de detritos, entre as cinzas ainda fumegantes das fogueiras apagadas. Alguém que andava por ali procurando miçangas no lixo disse a Úrsula que na noite anterior tinha visto o seu filho no tumulto da farândola, puxando uma carreta com a jaula do homem-víbora. "Entrou pra cigano!", gritou ela ao marido, que não tinha dado o menor sinal de alarme pelo desaparecimento.

— Oxalá seja verdade — disse José Arcadio Buendía, amassando no almofariz a matéria mil vezes amassada e reaquecida e tornada a amassar. — Assim vai aprender a ser homem.

Úrsula perguntou por onde tinham ido os ciganos. Continuou perguntando no caminho que lhe indicaram, e pensando que ainda tinha tempo de alcançá-los, continuou se afastando da aldeia, até que teve consciência de estar tão longe que já não pensou mais em voltar. José Arcadio Buendía não deu falta da mulher senão às oito da noite, quando deixou a matéria esquentando numa camada de esterco, e foi ver o que estava acontecendo com a pequena Amaranta, que estava rouca de tanto chorar. Em poucas horas, reuniu um grupo de homens bem equipados, pôs Amaranta nas mãos de uma mulher que se ofereceu para amamentá-la, e se perdeu por caminhos invisíveis atrás de Úrsula. Aureliano os acompanhou. Alguns pescadores indígenas, cuja língua desconheciam, indicaram-lhes por sinais, ao amanhecer, que não tinham visto ninguém passar. Ao fim de três dias de busca inútil, regressaram à aldeia.

Durante várias semanas, José Arcadio Buendía deixou-se vencer pela consternação. Ocupava-se como mãe da pequena Amaranta. Banhava-a e mudava-lhe a roupa, levava-a para ser amamentada quatro vezes por dia e até cantava para ela, de noite, as canções que Úrsula nunca soube cantar. Certa ocasião, Pilar Ternera se ofereceu para fazer os serviços da casa, enquanto Úrsula não voltava. Aureliano, cuja misteriosa intuição se tinha sensibilizado com a desgraça, experimentou um fulgor de clarividência ao vê-la entrar. Então soube que, de algum modo inexplicável, era dela a culpa da fuga do irmão e o conseqüente desaparecimento da mãe, e a perseguiu de tal maneira, com uma calada e implacável hostilidade, que a mulher não voltou mais à casa.

O tempo pôs as coisas no lugar. José Arcadio Buendía e seu filho viram-se outra vez no laboratório, sacudindo a poeira, botando fogo no alambique, entregues uma vez mais à paciente manipulação da matéria adormecida há vários meses na sua camada de esterco. Até Amaranta, deitada num cestinho de vime, observava com curiosidade o absorvente trabalho do pai e do irmão, no quartinho rarefeito pelos vapores do mercúrio. A certa altura, meses depois da partida de Úrsula, começaram a acontecer coisas estranhas. Um frasco vazio, que durante muito tempo esteve esquecido num armário, fez-se tão pesado que foi impossível movê-lo. Uma chaleira d'água , colocada na mesa de trabalho, ferveu sem fogo durante meia hora, até evaporar-se a água por completo. José Arcadio Buendía e seu filho observavam aqueles fenômenos com assustado alvoroço, sem conseguir explicá-los, mas interpretando-os como anúncios da matéria. Um dia, o cestinho de Amaranta começou a se mover com impulso próprio e deu uma volta completa no quarto, diante da consternação de Aureliano, que se apressou em detê-lo. Mas seu pai não se alterou. Pôs o cestinho no lugar e amarrou-o na perna de uma mesa, convencido de que o acontecimento esperado era iminente. Foi esta a ocasião em que Aureliano ouviu-o dizer:

— Se você não teme Deus, tema os metais.

De repente, quase cinco meses depois do seu desaparecimento, Úrsula voltou. Chegou exaltada, rejuvenescida, com roupas novas, de um estilo desconhecido na aldeia. José Arcadio Buendía mal pôde resistir ao impacto. "Era isto!", gritava. "Eu sabia que ia acontecer." E acreditava mesmo nisto, porque nas suas concentrações, enquanto manipulava a matéria, rogava do fundo do seu coração que o prodígio esperado não fosse a descoberta da pedra filosofal, nem a liberação do sopro que faz viverem os metais, nem a faculdade de transformar em ouro as dobradiças e fechaduras da casa, mas o que agora tinha acontecido: a volta de Úrsula. Mas ela não compartilhava do seu alvoroço. Deu-lhe um beijo convencional, como se não tivesse estado ausente mais de uma hora, e lhe disse:

— Chegue aqui na porta.

José Arcadio Buendía levou muito tempo para se restabelecer da perplexidade, quando saiu na rua e viu a multidão. Não eram ciganos. Eram homens e mulheres como ele, de cabelos lisos e pele parda, que falavam a sua mesma língua e se lamentavam das mesmas dores. Traziam mulas carregadas de coisas de comer, carroças de bois com móveis e utensílios domésticos, puros e simples acessórios terrestres postos à venda sem estardalhaço pelos mercadores da realidade cotidiana. Vinham do outro lado do pântano, de a apenas dois dias de viagem, onde existiam povoados que recebiam o correio todos os meses e conheciam as máquinas do bem-estar. Úrsula não tinha alcançado os ciganos, mas encontrara a rota que seu marido não tinha podido descobrir na sua frustrada busca das grandes invenções.

O FILHO de Pilar Ternera foi levado para a casa dos avós com duas semanas de nascido. Úrsula admitiu-o de má vontade, vencida mais uma vez pela teimosia do marido, que não pôde suportar a idéia de que um rebento do seu sangue ficasse jogado por aí; mas impôs a condição de que se escondesse do menino a sua verdadeira identidade. Apesar de receber o nome de José Arcadio, acabaram por chamá-lo simplesmente de Arcadio, para evitar confusão. Havia naquela época tanta atividade no povoado e tanto movimento na casa que o cuidado das crianças ficou relegado a segundo plano. Recomendaram-nas a Visitación, uma índia guajira que chegou ao povoado com um irmão, fugindo de uma peste de insônia que flagelava a sua tribo há vários anos. Ambos eram tão dóceis e serviçais que Úrsula ficou com eles para que a ajudassem nos afazeres domésticos. Foi assim que Arcadio e Amaranta falaram a língua guajira antes do castelhano e aprenderam a tomar sopa de lagartixas e a comer ovos de aranhas, sem que Úrsula reparasse, porque andava ocupada demais com um negócio de animaizinhos de caramelo que prometia um bom futuro. Macondo estava transformado. As pessoas que tinham vindo com Úrsula divulgaram a boa qualidade do solo e a sua posição privilegiada em relação ao pântano, de modo que a reduzida aldeia de outros tempos transformou-se logo num povoado ativo, com lojas e oficinas de artesanato, e uma rota de comércio permanente por onde chegaram os primeiros árabes de pantufas e argolas nas orelhas, trocando colares de vidro por papagaios. José Arcadio Buendía não teve um minuto de descanso. Fascinado por uma realidade imediata que no momento chegou a ser para ele mais fantástica que o vasto universo da sua imaginação, perdeu todo o interesse pelo laboratório de alquimia, deixou descansando a matéria extenuada por longos meses de manipulação, e voltou a ser o homem empreendedor dos primeiros tempos, que decidia o traçado das ruas e a posição das novas casas, de modo a que ninguém desfrutasse de privilégios que não possuíssem todos. Adquiriu tanta autoridade entre os recém-chegados que não se punha cimento nem se construíam cercas sem consultá-lo, e se estabeleceu que seria ele quem dirigiria a distribuição da terra. Quando os ciganos saltimbancos voltaram, agora com a sua feira ambulante transformada num gigantesco estabelecimento de jogos de sorte e azar, foram recebidos com alvoroço, porque se pensou que José Arcadio regressava com eles. Mas José Arcadio não voltou, e nem trouxeram o homem-víbora que, conforme pensava Úrsula, era o único que podia dar informações de seu filho; de modo que não se permitiu aos ciganos que se instalassem no povoado nem que voltassem a pisá-lo no futuro, porque os consideraram como mensageiros da concupiscência e da perversão. José Arcadio Buendía, entretanto, foi explícito no sentido de que a antiga tribo de Melquíades, que tanto contribuíra para o engrandecimento da aldeia, com a sua milenária sabedoria e as suas fabulosas invenções, encontraria sempre as portas abertas. Mas a tribo de Melquíades, segundo o que contaram os saltimbancos, tinha sido varrida da face da terra por haver ultrapassado os limites do conhecimento humano.

Emancipado, pelo menos no momento, das torturas da fantasia, José Arcadio Buendía impôs em pouco tempo um estado de ordem e trabalho, dentro do qual só se permitiu uma licença: a libertação dos pássaros que desde a época da fundação alegravam o tempo com as suas flautas, e a instalação em seu lugar de relógios musicais em todas as casas. Eram maravilhosos relógios de madeira trabalhada que os árabes trocavam por papagaios e que José Arcadio Buendía sincronizou com tanta precisão que, de meia em meia hora, o povoado se alegrava com os acordes progressivos de uma mesma peça, até culminar o meio-dia exato e unânime com a valsa completa. Foi também José Arcadio Buendía quem decidiu por essa época que nas ruas do povoado se plantassem amendoeiras em vez de acácias, e quem descobriu, sem revelá-los nunca, os métodos de fazê-las eternas. Muitos anos depois, quando Macondo chegou a ser um acampamento de casas de madeira e tetos de zinco, ainda perduravam nas ruas mais antigas as amendoeiras quebradas e empoeiradas, sem que ninguém soubesse mais quem as havia plantado. Enquanto o pai colocava em ordem o povoado e a mãe consolidava o patrimônio doméstico com a sua maravilhosa indústria de galinhos e peixes açucarados, que duas vezes por dia saíam de casa enfiados em palitos, Aureliano vivia horas intermináveis no laboratório abandonado, aprendendo por pura pesquisa a arte da ourivesaria. Tinha crescido tanto que em pouco tempo deixou de lhe servir a roupa abandonada pelo irmão e começou a usar a do pai, mas foi necessário que Visitación fizesse bainhas nas camisas e pregas nas calças, porque Aureliano não tinha puxado a corpulência dos outros. A adolescência havia tirado a doçura da sua voz e o tornara silencioso e definitivamente solitário, mas por outro lado tinha restituído a expressão intensa que teve nos olhos ao nascer. Estava tão concentrado nas suas experiências de ourivesaria que mal abandonava o laboratório, e só para comer. Preocupado com o seu ensimesmamento, José Arcadio Buendía deu-lhe as chaves da casa e um pouco de dinheiro, pensando que talvez fosse falta de mulher. Mas Aureliano gastou o dinheiro em ácido muriático para preparar água régia, e embelezou as chaves com um banho de ouro. As suas esquisitices, no entanto, mal eram comparáveis às de Arcadio e Amaranta, que já tinham começado a trocar os dentes e ainda andavam o dia inteiro agarrados às mantas dos índios, teimosos na sua decisão de não falar o castelhano e sim a língua índia. "Você não tem do que se queixar", dizia Úrsula ao marido. "Os filhos herdam as loucuras dos pais." E enquanto se lamentava da má sorte, convencida de que as extravagâncias dos filhos eram uma coisa tão terrível quanto um rabo de porco, Aureliano fixou nela um olhar que a envolveu numa aura de incerteza.

— Alguém vai chegar — disse.

Úrsula, como sempre que ele expressava um prognóstico, tratou de esfriá-lo com a sua lógica caseira. Era normal que alguém chegasse. Dezenas de forasteiros passavam diariamente por Macondo, sem suscitar inquietações nem antecipar avisos secretos. Entretanto, apesar de toda a lógica, Aureliano estava certo do seu presságio.

— Não sei quem será — insistiu — mas seja quem for, já vem a caminho.

No domingo, com efeito, chegou Rebeca. Não tinha mais de onze anos. Tinha feito a penosa viagem desde Manaure, com uns traficantes de peles que receberam o encargo de entregá-la, junto com uma carta, na casa de José Arcadio Buendía, mas que não puderam explicar com precisão quem era a pessoa que lhes havia pedido o favor. Toda a sua bagagem era composta de um bauzinho de roupa, uma pequena cadeira de balanço de madeira com florezinhas coloridas pintadas a mão e um saco de lona que fazia um eterno ruído de cloc cloc cloc, onde trazia os ossos de seus pais. A carta dirigida a José Arcadio Buendía estava escrita em termos muito carinhosos por alguém que continuava a estimá-lo muito apesar do tempo e da distância, e que se sentia obrigado, por um elementar senso de humanidade, a fazer a caridade de lhe mandar esta pobre orfãzinha desamparada, que era prima de Úrsula em segundo grau e, por conseguinte, parenta também de José Arcadio Buendía, ainda que em grau mais longínquo, porque era filha daquele inesquecível amigo que foi Nicanor Ulloa e sua mui digna esposa Rebeca Montiel, a quem Deus tenha no seu santo reino, e cujos restos juntava à presente para que lhes desse sepultura cristã. Tanto os nomes mencionados quanto a assinatura da carta eram perfeitamente legíveis, mas nem José Arcadio Buendía nem Úrsula se lembravam de ter tido parentes com esses nomes, nem conheciam ninguém que se chamasse como o remetente, e muito menos na remota povoação de Manaure. Através da menina, foi impossível obter alguma informação complementar. Desde o momento em que chegou, sentou-se na cadeirinha de balanço a chupar o dedo e a observar a todos com os seus grandes olhos espantados, sem dar sinal algum de entender o que lhe perguntavam. Vestia uma roupa de diagonal tingida de negro, gasta pelo uso, e umas botinas descascadas de verniz. Trazia o cabelo preso atrás das orelhas, em coques com fitas negras. Usava um escapulário com as imagens apagadas pelo suor e, na munheca direita, uma presa de animal carnívoro engastada num suporte de cobre, como amuleto contra o mau-olhado. A sua pele verde, o seu ventre redondo e tenso como um tambor revelavam uma saúde ruim e uma fome mais velhas que ela mesma, mas quando lhe deram de comer ficou com o prato nos joelhos, sem tocá-lo. Chegou-se inclusive a acreditar que era surda e muda, até que os índios lhe perguntaram na sua língua se queria um pouco d'água e ela moveu os olhos como se os tivesse reconhecido e disse que sim com a cabeça.

Ficaram com ela, porque não havia outro remédio. Decidiram chamá-la Rebeca, que, de acordo com a carta, era o nome da mãe, porque Aureliano teve a paciência de ler para ela todo o hagiológio e não conseguiu que reagisse diante de nenhum nome de santa. Como naquele tempo não havia cemitério em Macondo, pois até então não havia morrido ninguém, conservaram o saco de lona com os ossos, à espera de que houvesse um lugar digno para sepultá-lo, e durante muito tempo eles rolaram por toda parte e se encontravam onde menos se esperava, sempre com o seu eloqüente cacarejo de galinha choca. Muito tempo correu até que Rebeca se incorporasse à vida familiar. Sentava-se na cadeirinha de balanço chupando o dedo, no canto mais escondido da casa. Nada lhe chamava a atenção, salvo a música dos relógios, que de meia em meia hora procurava com os olhos assustados, como se esperasse encontrá-la em algum pedaço do ar. Não conseguiram que comesse, durante vários dias. Ninguém entendia como não tinha morrido de fome, até que os índios, que percebiam tudo, porque percorriam a casa sem parar, com seus pés sigilosos, descobriram que Rebeca só gostava de comer a terra úmida do quintal e as tortas de cal que arrancava das paredes com as unhas. Era evidente que seus pais, ou quem quer que a tivesse criado, tinham-lhe repreendido esse hábito, pois o praticava às escondidas e com consciência de culpa, procurando guardar as rações para comê-las quando ninguém visse. A partir de então, submeteram-na a uma vigilância implacável. Derramavam fel de vaca no quintal e untavam de pimenta as paredes, acreditando curar com esses métodos o seu vício pernicioso, mas ela deu tais provas de astúcia e engenho para procurar a terra que Úrsula se viu forçada a empregar recursos mais drásticos. Punha suco de laranja com ruibardo numa panela, que deixava ao sereno uma noite inteira, e lhe dava a poção no dia seguinte, em jejum. Ainda que ninguém lhe tivesse dito que aquele era o remédio específico para o vício de comer terra, pensava que qualquer substância amarga no estômago vazio tinha que obrigar o fígado a reagir. Rebeca era tão rebelde e tão forte, apesar do seu raquitismo, que tinham de agarrá-la como a um bezerro para que engolisse o remédio, e mal se podiam evitar as suas convulsões e suportar os arrevesados hieróglifos que ela alternava com mordidas e cuspidelas e que, segundo o que diziam os escandalizados índios, eram as obscenidades mais grossas que se podiam conceber no seu idioma. Quando Úrsula soube disso, complementou o tratamento com correadas. Não se esclareceu nunca se o que surtiu efeito foi o ruibarbo ou as sovas, ou as duas coisas combinadas, mas a verdade é que, em poucas semanas, Rebeca começou a dar mostras de restabelecimento. Participou das brincadeiras de Arcadio e Amaranta, que a receberam como a uma irmã mais velha, e comeu com apetite, servindo-se bem dos talheres. Logo se revelou que falava o castelhano com tanta fluidez como a língua dos índios, que tinha uma habilidade notável para os trabalhos manuais e que cantava a valsa dos relógios com uma letra muito engraçada que ela mesma tinha inventado. Não tardaram a considerá-la como um membro a mais da família. Era mais afetuosa com Úrsula que os seus próprios filhos, e chamava de maninhos Amaranta e Arcadio, de tio a Aureliano e de vovô a José Arcadio Buendía. De modo que acabou por merecer, tanto como os outros, o nome de Rebeca Buendía, o único que teve sempre e que carregou com dignidade até a morte.

Uma noite, na época em que Rebeca se curou do vício de comer terra e foi levada para dormir no quarto das outras crianças, a índia que dormia com eles acordou por acaso e ouviu um estranho ruído intermitente no canto. Sentou-se alarmada, pensando que tinha entrado algum animal no quarto, e então viu Rebeca na cadeira de balanço, chupando o dedo e com os olhos fosforescentes como os de um gato na escuridão. Pasmada de terror, perseguida pela fatalidade do destino, Visitación reconheceu nesses olhos os sintomas da doença cuja ameaça os havia obrigado, a ela e ao irmão, a se desterrarem para sempre de um reino milenário no qual eram príncipes. Era a peste da insônia.

Cataure, o índio, não amanheceu em casa. Sua irmã ficou, porque o coração fatalista lhe indicava que a doença letal haveria de persegui-la de todas as maneiras até o último lugar da terra. Ninguém entendeu o pânico de Visitación. "Se a gente não voltar a dormir, melhor", dizia José Arcadio Buendía, de bom-humor. "Assim a vida rende mais." Mas a índia explicou que o mais temível da doença da insônia não era a impossibilidade de dormir, pois o corpo não sentia cansaço nenhum, mas sim a sua inexorável evolução para uma manifestação mais crítica: o esquecimento. Queria dizer que quando o doente se acostumava ao seu estado de vigília, começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa espécie de idiotice sem passado. José Arcadio Buendía, morto de rir, considerou que se tratava de mais uma das tantas enfermidades inventadas pela superstição dos indígenas. Mas Úrsula, por via das dúvidas, tomou a precaução de separar Rebeca das outras crianças.

Ao fim de várias semanas, quando o terror de Visitación parecia aplacado, José Arcadio Buendía encontrou-se uma noite rolando na cama sem poder dormir. Úrsula, que também tinha acordado, perguntou-lhe o que estava acontecendo e ele respondeu: "Estou pensando outra vez em Prudencio Aguilar." Não dormiram um minuto sequer, mas no dia seguinte se sentiam tão descansados que se esqueceram da noite ruim. Aureliano comentou assombrado na hora do almoço que se sentia muito bem, apesar de ter passado toda a noite no laboratório, dourando um broche que pensava dar a Úrsula no dia do seu aniversário. Não se alarmaram até o terceiro dia, quando na hora de deitar se sentiram sem sono, e deram conta de que estavam há mais de cinqüenta horas sem dormir.

— As crianças também estão acordadas — disse a índia com a sua convicção fatalista. — Uma vez que a peste entra em casa, ninguém escapa.

Haviam contraído, na verdade, a doença da insônia. Úrsula, que tinha aprendido da mãe o valor medicinal das plantas, preparou, e fez todos tomarem, uma beberagem de acônito, mas não conseguiram dormir, e passaram o dia inteiro sonhando acordados. Nesse estado de alucinada lucidez não só viam as imagens dos seus próprios sonhos, mas também uns viam as imagens sonhadas pelos outros. Era como se a casa se tivesse enchido de visitas. Sentada na cadeira de balanço, num canto da cozinha, Rebeca sonhou que um homem muito parecido com ela, vestido de linho branco e com o colarinho da camisa fechado por um botão de ouro, trazia-lhe um ramo de rosas. Acompanhava-o uma mulher de mãos delicadas que separou uma rosa e pôs no cabelo da menina. Úrsula entendeu que o homem e a mulher eram os pais de Rebeca, mas ainda que fizesse um grande esforço para reconhecê-los, confirmou-se a certeza de que nunca os havia visto. Enquanto isso, por um descuido que José Arcadio Buendía não se perdoou nunca, os animaizinhos de caramelo fabricados em casa continuavam sendo vendidos no povoado. Crianças e adultos chupavam encantados os deliciosos galinhos verdes da insônia, os refinados peixes rosados da insônia e os ternos cavalinhos amarelos da insônia, de modo que a alvorada de segunda-feira surpreendeu todo o povoado de pé. No princípio, ninguém se alarmou. Pelo contrário, alegraram-se de não dormir, porque havia então tanto o que fazer em Macondo que o tempo mal chegava. Trabalharam tanto que logo não tiveram nada mais que fazer, e se encontraram às três da madrugada com os braços cruzados, contando o número de notas que tinha a valsa dos relógios. Os que queriam dormir, não por cansaço, mas por saudade dos sonhos, recorreram a toda espécie de métodos de esgotamento. Reuniam-se para conversar sem trégua, repetindo durante horas e horas as mesmas piadas, complicando até os limites da exasperação a história do galo capão, que era um jogo infinito em que o narrador perguntava se queriam que lhes contasse a história do galo capão, e quando respondiam que sim, o narrador dizia que não tinha pedido que dissessem que sim, mas se queriam que lhes contasse a história do galo capão, e quando respondiam que não, o narrador dizia que não lhes tinha pedido que dissessem que não, mas se queriam que lhes contasse a história do galo capão, e quando ficavam calados o narrador dizia que não lhes tinha pedido que ficassem calados, mas se queriam que lhes contasse a história do galo capão, e ninguém podia ir embora porque o narrador dizia que não lhes tinha pedido que fossem embora, mas se queriam que lhes contasse a história do galo capão, e assim sucessivamente, num círculo vicioso que se prolongava por noites inteiras.

Quando José Arcadio Buendía percebeu que a peste tinha invadido a povoação, reuniu os chefes de família para explicar-lhes o que sabia sobre a doença da insônia, e estabeleceram medidas para impedir que o flagelo se alastrasse para as outras povoações do pantanal. Foi assim que se tiraram dos cabritos os sininhos que os árabes trocavam por papagaios, e se puseram na entrada do povoado, à disposição dos que desatendiam os conselhos e as súplicas dos sentinelas e insistiam em visitar a aldeia. Todos os forasteiros que por aquele tempo percorriam as ruas de Macondo tinham que fazer soar o sininho para que os doentes soubessem que estavam sãos. Não se lhes permitia comer nem beber nada durante a sua estada, pois não havia dúvidas de que a doença só se transmitia pela boca, e todas as coisas de comer e de beber estavam contaminadas pela insônia. Desta forma, manteve-se a peste circunscrita ao perímetro do povoado. Tão eficaz foi a quarentena, que chegou o dia em que a situação de emergência passou a ser encarada como coisa natural e se organizou a vida de tal maneira que o trabalho retomou o seu ritmo e ninguém voltou a se preocupar com o inútil costume de dormir.

Foi Aureliano quem concebeu a fórmula que havia de defendê-los, durante vários meses, das evasões da memória. Descobriu-a por acaso. Insone experimentado, por ter sido um dos primeiros, tinha aprendido com perfeição a arte da ourivesaria. Um dia, estava procurando a pequena bigorna que utilizava para laminar os metais, e não se lembrou do seu nome. Seu pai lhe disse: "tás". Aureliano escreveu o nome num papel que pregou com cola na base da bigorninha: *tás*. Assim, ficou certo de não esquecê-lo no futuro. Não lhe ocorreu que fosse aquela a primeira manifestação do esquecimento, porque o objeto tinha um nome difícil de lembrar. Mas poucos dias depois, descobriu que tinha dificuldade de se lembrar de quase todas as coisas do laboratório. Então, marcou-as com o nome respectivo, de modo que bastava ler a inscrição para identificá-las. Quando seu pai lhe comunicou o seu pavor por ter-se esquecido até dos fatos mais impressionantes da sua infância, Aureliano lhe explicou o seu método, e José Arcadio Buendía o pôs em prática para toda a casa e mais tarde o impôs a todo o povoado. Com um pincel cheio de tinta, marcou cada coisa com o seu nome: *mesa, cadeira, relógio, porta, parede, cama, panela.* Foi ao curral e marcou os animais e as plantas: *vaca, cabrito, porco, galinha, aipim, taioba, bananeira.* Pouco a pouco, estudando as infinitas possibilidades do esquecimento, percebeu que podia chegar um dia em que se reconhecessem as coisas pelas suas inscrições, mas não se recordasse a sua utilidade. Então foi mais explícito. O letreiro que pendurou no cachaço da vaca era uma amostra exemplar da forma pela qual os habitantes de Macondo estavam dispostos a lutar contra o esquecimento: *Esta é a vaca, tem-se que ordenhá-la todas as manhãs para que produza o leite e o leite é preciso ferver para misturá-lo com o café e fazer café com leite.* Assim, continuaram vivendo numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras, mas que haveria de fugir sem remédio quando esquecessem os valores da letra escrita.

Na entrada do caminho do pântano, puseram um cartaz que dizia *Macondo* e outro maior na rua central que dizia *Deus existe.* Em todas as casas haviam escrito lembretes para memorizar os objetos e os sentimentos. Mas o sistema exigia tanta vigilância e tanta fortaleza moral que muitos sucumbiram ao feitiço de uma realidade imaginária, inventada por eles mesmos, que acabava por ser menos prática, porém mais reconfortante. Pilar Ternera foi quem mais contribuiu para popularizar essa mistificação, quando concebeu o artifício de ler o passado nas cartas como antes tinha lido o futuro. Com esse recurso, os insones começaram a viver num mundo construído pelas alternativas incertas do baralho, onde o pai se lembrava de si apenas como o homem moreno que havia chegado no princípio de abril, e a mãe se lembrava de si apenas como a mulher trigueira que usava um anel de ouro na mão esquerda, e onde uma data de nascimento ficava reduzida à última quarta-feira em que cantou a calhandra no loureiro. Derrotado por aquelas práticas de consolação, José Arcadio Buendía decidiu então construir a máquina da memória, que uma vez tinha desejado para se lembrar dos maravilhosos inventos dos ciganos. A geringonça se fundamentava na possibilidade de repassar, todas as manhãs, e do princípio ao fim, a totalidade dos conhecimentos adquiridos na vida. Imaginava-a como um dicionário giratório que um indivíduo situado no eixo pudesse controlar com uma manivela, de modo que em poucas horas passassem diante dos seus olhos as noções mais necessárias para viver. Tinha conseguido escrever já cerca de quatorze mil fichas, quando apareceu pelo caminho do pântano um ancião mal-ajambrado, com o sininho triste dos que dormem, carregando uma mala barriguda, amarrada com cordas, e um carrinho coberto de trapos negros. Foi diretamente à casa de José Arcadio Buendía.

Visitación não o reconheceu ao abrir-lhe a porta, e pensou que tinha o propósito de vender alguma coisa, ignorante de que nada se podia vender num povoado que se afundava sem remédio no atoleiro do esquecimento. Era um homem decrépito. Embora a sua voz estivesse também oscilante pela incerteza e as suas mãos parecessem duvidar da existência das coisas, era evidente que vinha do mundo onde os homens ainda podiam dormir e recordar. José Arcadio Buendía encontrou-o sentado na sala, abanando-se com um remendado chapéu negro, enquanto lia com atenção compassiva os letreiros pregados na parede. Cumprimentou-o com amplas demonstrações de afeto, temendo tê-lo conhecido em outra época e agora não se lembrar mais dele. Mas o visitante percebeu a falsidade. Sentiu-se esquecido, não com o esquecimento remediável do coração, mas com outro esquecimento mais cruel e irrevogável que ele conhecia muito bem, porque era o esquecimento da morte. Então entendeu. Abriu a mala entupida de objetos indecifráveis, e dentre eles tirou uma maleta com muitos frascos. Deu para beber a José Arcadio Buendía uma substância de cor suave, e a luz se fez na sua memória. Seus olhos se umedeceram de pranto, antes de ver-se a si mesmo numa sala absurda onde os objetos estavam marcados, e antes de envergonhar-se das solenes bobagens escritas nas paredes, e ainda antes de reconhecer o recém-chegado numa deslumbrante explosão de alegria. Era Melquíades.

Enquanto Macondo festejava a reconquista das lembranças, José Arcadio Buendía e Melquíades sacudiram a poeira da velha amizade. O cigano estava disposto a ficar no povoado. Tinha estado à morte, realmente, mas tinha voltado porque não pôde suportar a solidão. Repudiado pela sua tribo, desprovido de toda faculdade sobrenatural como castigo pela sua fidelidade à vida, decidiu se refugiar naquele cantinho do mundo ainda não descoberto pela morte, dedicado à exploração de um laboratório de daguerreotipia. José Arcadio Buendía nunca tinha ouvido falar desse invento. Mas quando se viu a si mesmo e a toda a sua família plasmados numa idade eterna sobre uma lâmina de metal com reflexos, ficou mudo de espanto. Dessa época data o oxidado daguerreótipo em que apareceu José Arcadio Buendía com o cabelo arrepiado e cinzento, o engomado colarinho da camisa fechado por um botão de cobre, e uma expressão de solenidade assombrada, e que Úrsula descrevia morta de rir como "um general assustado". Na verdade, José Arcadio Buendía estava assustado, na diáfana manhã de dezembro em que lhe fizeram o daguerreótipo, porque pensava que a pessoa se ia gastando pouco a pouco, à medida que a sua imagem passava para as placas metálicas. Por uma curiosa inversão do costume, foi Úrsula que lhe tirou aquela idéia da cabeça, assim como foi também ela quem esqueceu as antigas mágoas e decidiu que Melquíades ficaria vivendo na casa deles, embora nunca permitisse que lhe fizessem um daguerreótipo porque (segundo as suas próprias palavras textuais) não queria ficar para a chacota dos netos. Naquela manhã, vestiu as crianças com as suas melhores roupas, empoou-lhes a cara e deu uma colherada de xarope de tutano a cada um, para que pudessem permanecer absolutamente imóveis durante quase dois minutos diante da aparatosa câmara de Melquíades. No daguerreótipo familiar, o único que sempre existiu, Aureliano apareceu vestido de veludo negro, entre Amaranta e Rebeca. Tinha a mesma languidez e o mesmo olhar clarividente que haveria de ter, anos mais tarde, diante do pelotão de fuzilamento. Mas ainda não havia sentido a premonição do seu destino. Era um ourives experimentado, estimado em todo o pantanal pelo preciosismo do seu trabalho. Na oficina que compartilhava com o disparatado laboratório de Melquíades, mal se ouvia ele respirar. Parecia refugiado em outro tempo, enquanto seu pai e o cigano interpretavam aos gritos as predições de Nostradamus, entre um estrépito de frascos e cubas, e o desastre dos ácidos derramados e o brometo de prata perdido pelas cotoveladas e tropeções que davam a cada instante. Aquela consagração ao trabalho e o bom senso com que administrava os seus interesses haviam permitido a Aureliano ganhar em pouco tempo mais dinheiro que

Úrsula com a sua deliciosa fauna de caramelo, mas todo mundo estranhava que fosse já um homem feito e não se tivesse notícia de nenhuma mulher na sua vida. Na verdade, não tinha tido.

Meses depois, voltou Francisco, o Homem, um ancião errante de quase 200 anos, que passava com freqüência por Macondo, divulgando as canções compostas por ele mesmo. Nelas, Francisco, o Homem, relatava com detalhes minuciosos os fatos acontecidos nos outros povoados do seu itinerário, de Manaure até os confins do pantanal, de modo que se alguém tinha um recado para mandar ou um acontecimento para divulgar pagava-lhe dois centavos para que o incluísse no seu repertório. Foi assim que Úrsula ficou sabendo da morte de sua mãe, por puro acaso, numa noite em que escutava as canções com a esperança de que dissessem algo sobre o seu filho José Arcadio. Francisco, o Homem, assim chamado porque venceu o diabo num desafio de improvisação de cantos, e cujo verdadeiro nome ninguém soube, desapareceu de Macondo durante a peste da insônia e certa noite reapareceu sem aviso na taberna de Catarino. Todo o povo foi escutá-lo, para saber o que tinha acontecido no mundo. Nessa ocasião, chegaram com ele uma mulher tão gorda que quatro índios tinham que levá-la carregada numa maca, e uma mulata adolescente de aspecto desamparado que a protegia do sol com uma sombrinha. Aureliano foi essa noite à taberna de Catarino. Encontrou Francisco, o Homem, como um camaleão monolítico, sentado no meio de um círculo de curiosos. Cantava as notícias com a sua velha voz desencordoada, acompanhando-se com o mesmo acordeão arcaico que ganhara de Sir Walter Raleigh nas Guianas, enquanto marcava o compasso com os seus grandes pés andarilhos gretados pelo salitre. Diante da porta do fundo, estava sentada, e se abanava em silêncio, a matrona da maca. Catarino, com uma rosa de feltro na orelha, vendia à freguesia canecas de garapa fermentada e aproveitava a ocasião para se aproximar dos homens e pôr a mão onde não devia. Por volta da meia-noite o calor era insuportável. Aureliano escutou as notícias até o fim, sem encontrar nenhuma que interessasse à sua família. Dispunha-se a voltar para casa quando a matrona lhe fez um sinal com a mão.

— Entre você também — disse a ele. — Custa só vinte centavos.

Aureliano jogou uma moeda no cofre que a matrona tinha nas pernas e entrou no quarto sem saber para quê. A mulata adolescente, com as suas tetazinhas de cadela, estava nua na cama. Antes de Aureliano, nessa noite, sessenta e três homens tinham passado pelo quarto. De tanto ser usado, e amassado com suores e suspiros, o ar da alcova começava a se transformar em lodo. A moça tirou o lençol ensopado e pediu a Aureliano que o segurasse por um lado. Pesava como uma cortina. Espremeram-no, torcendo-o pelos extremos, até que voltou ao seu peso natural. Viraram a esteira, e o suor saía pelo outro lado. Aureliano ansiava para que essa operação não terminasse nunca. Conhecia a mecânica teórica do amor, mas não podia agüentar-se em pé por causa da fraqueza dos joelhos, e ainda que tivesse a pele arrepiada e ardente não podia suportar a urgência de expulsar o peso das tripas. Quando a moça acabou de arrumar a cama e lhe ordenou que se despisse, ele deu uma explicação aparvalhada: "Me fizeram entrar. Me disseram para jogar vinte centavos no cofre e não demorar." A moça entendeu o seu embaraço. "Se você jogar outros vinte centavos na saída, pode demorar um pouco mais", disse suavemente. Aureliano se despiu, atormentado pelo pudor, sem poder afastar a idéia de que a sua nudez não resistia à comparação com a de seu irmão. Apesar dos esforços da moça, sentiu-se cada vez mais indiferente, e terrivelmente sozinho. "Vou jogar outros vinte centavos", disse com voz desolada. A moça lhe agradeceu em silêncio. Tinha as costas em carne viva. Tinha a pele colada nas costelas e a respiração alterada por um esgotamento insondável. Dois anos antes, muito longe dali, havia adormecido sem apagar a vela e tinha acordado rodeada pelo fogo. A casa onde vivia com a avó que a havia criado ficou reduzida a cinzas. Desde então, a avó a levava de povoado em povoado, deitando-a por vinte centavos, para pagar o valor da casa incendiada. Pelos cálculos da moça, ainda lhe faltavam uns dez anos de setenta homens por noite, porque tinha a pagar além do mais os gastos de viagem e alimentação das duas, e o ordenado dos índios que carregavam a maca. Quando a matrona bateu na porta pela segunda vez, Aureliano saiu do quarto sem ter feito nada, aturdido pela vontade de chorar. Essa noite não pôde dormir, pensando na moça com uma mistura de desejo e comiseração. Sentia uma necessidade irresistível de amá-la e protegê-la. Ao amanhecer, extenuado pela insônia e pela febre, tomou a serena decisão de se casar com ela para libertá-la do despotismo da avó e desfrutar todas as noites da satisfação que ela dava a setenta homens. Mas, às dez da manhã, quando chegou à taberna de Catarino, a moça já tinha ido embora do povoado.

O tempo aplacou o seu propósito deslumbrado, mas agravou o seu sentimento de frustração. Refugiou-se no trabalho. Resignou-se a ser um homem sem mulher a vida inteira, para esconder a vergonha da sua inutilidade. Enquanto isso, Melquíades acabou de plasmar nas suas placas tudo o que era plasmável em Macondo e abandonou o laboratório de daguerreotipia aos delírios de José Arcadio Buendía, que tinha resolvido utilizá-lo para obter a prova científica da existência de Deus. Mediante um complicado processo de exposições superpostas, tomadas em lugares diferentes da casa, estava certo de fazer mais cedo ou mais tarde o daguerreótipo de Deus, se existisse, ou acabar de uma vez por todas com a suposição da sua existência. Melquíades aprofundou-se nas interpretações de Nostradamus. Ficava até muito tarde, sufocando-se dentro do seu desbotado casaco de veludo, traçando garranchos em papéis, com as suas minúsculas mãos de pardal, cujos anéis tinham perdido o brilho de outra época. Certa noite, acreditou encontrar uma predição sobre o futuro de Macondo. Seria uma cidade luminosa, com grandes casas de vidro, onde não restava nem rastro da estirpe dos Buendía. "É engano", trovejou José Arcadio Buendía. "Não serão casas de vidro, mas de gelo, como eu sempre sonhei, e sempre haverá um Buendía, pelos séculos dos séculos." Naquela casa extravagante, Úrsula lutava para preservar o bom senso, tendo ampliado o negócio de animaizinhos de caramelo com um forno que produzia, durante toda a noite, cestos e cestos de pão e uma prodigiosa variedade de pudins, suspiros e biscoitinhos, que se esfumavam em poucas horas pelas veredas do pantanal. Havia atingido uma idade em que tinha direito a descansar, mas era cada vez mais ativa. Tão ocupada andava com as suas prósperas empresas que uma tarde olhou por distração para o quintal, enquanto a índia a ajudava a adoçar a massa, e viu duas adolescentes desconhecidas e formosas bordando no bastidor à luz do crepúsculo. Eram Rebeca e Amaranta. Mal haviam tirado o luto da avó, que guardaram com inflexível rigor durante três anos, e a roupa de cor parecia haver dado a elas um novo lugar no mundo. Rebeca, ao contrário do que se pôde esperar, era a mais bela. Tinha uma pele diáfana, olhos grandes e repousados, e umas mãos mágicas que pareciam elaborar com fios invisíveis a trama do bordado. Amaranta, a menor, era um pouco sem graça, mas tinha a distinção natural, a altivez interior da avó morta. Junto delas, embora já revelasse o impulso físico de seu pai, Arcadio parecia um menino. Tinha-se dedicado a aprender a arte da ourivesaria com Aureliano, que além disso lhe ensinara a ler e escrever. Úrsula percebeu de repente que a casa se havia enchido de gente, que os seus filhos estavam quase para casar e ter filhos, e que se veriam obrigados a se dispersar por falta de espaço. Então tirou o dinheiro juntado em longos anos de trabalho duro, assumiu compromissos com os seus clientes, e empreendeu a ampliação da casa. Ordenou que se construíssem uma sala formal para as visitas, outra mais cômoda e fresca para o uso diário, um refeitório com uma mesa de doze lugares, onde se sentasse a família com todos os seus convidados; nove quartos com janelas para o quintal e uma longa varanda protegida do esplendor do meio-dia por um jardim de rosas, com uma amurada para colocar vasos de fetos e de begônias. Mandou alargar a cozinha para construir dois fornos, destruir a velha despensa onde Pilar Ternera tinha lido o futuro de José Arcadio, e construir outra duas vezes maior, para que nunca faltasse alimentos em casa. Mandou construir no quintal, à sombra do castanheiro, um banheiro para as mulheres e outro para os homens, e ao fundo uma cavalariça grande, um galinheiro com tela, um estábulo de ordenha e um viveiro aberto aos quatro ventos para que se instalassem a seu gosto os pássaros sem rumo. Seguida por dúzias de pedreiros e carpinteiros, como se tivesse contraído a febre alucinante do marido, Úrsula ordenava a posição da luz e a conduta do calor, e dividia o espaço sem a menor noção dos seus limites. A primitiva construção dos fundadores se encheu de ferramentas e materiais, de operários agoniados pelo suor, que pediam a todo mundo o favor de não atrapalhar, sem pensar que eram eles que atrapalhavam, exasperados pelo saco de ossos humanos que os perseguia por todas as partes com o seu surdo chocalhar. Naquele ambiente incômodo, todos respirando cal viva e melados de alcatrão, ninguém entendeu muito bem como foi surgindo das entranhas da terra não só a maior casa que jamais haveria no povoado, como também a mais hospitaleira e fresca que jamais houvera no âmbito do pantanal. José Arcadio Buendía, tentando surpreender a Divina Providência no meio do cataclismo, foi quem menos entendeu. A nova casa estava quase terminada quando Úrsula o tirou do seu mundo quimérico para informá-lo de que havia uma ordem para pintar a fachada de azul e não de branco, como eles queriam. Mostrou-lhe a disposição oficial escrita num papel. José Arcadio Buendía, sem compreender o que dizia a sua esposa, decifrou a assinatura.

— Quem é esse sujeito? — perguntou.

— O delegado — disse Úrsula desconsolada. — Dizem que é uma autoridade que o governo mandou.

O Sr. Apolinar Moscote, o delegado, tinha chegado a Macondo na surdina. Baixou no Hotel do Jacob — instalado por um dos primeiros árabes que chegaram mascateando bugigangas por papagaios — e no dia seguinte alugou um quartinho com porta para a rua, a duas quadras da casa dos Buendía. Pôs uma mesa e uma cadeira que comprou de Jacob, pregou na parede um escudo da República que tinha trazido consigo, e pintou na porta o letreiro: *Delegacia*. Sua primeira atitude foi ordenar que todas as casas se pintassem de azul para celebrar o aniversário da independência nacional. José Arcadio Buendía, com a cópia da ordem na mão, encontrou-o dormindo a sesta na rede que tinha pendurado no estreito escritório.

"Foi o senhor que escreveu este papel?", perguntou. O Sr. Apolinar Moscote, um homem maduro, tímido, de compleição sanguínea, respondeu que sim. "Com que direito?", voltou a perguntar José Arcadio Buendía. O Sr. Apolinar Moscote procurou um papel na gaveta da mesa e mostrou: "Fui nomeado delegado deste povoado." José Arcadio Buendía nem sequer olhou para a nomeação.

— Neste povoado não mandamos com papéis — disse sem perder a calma. — E para que fique sabendo de uma vez, não precisamos de nenhum delegado, porque aqui não há nada para delegar.

Diante da impavidez do Sr. Apolinar Moscote, sempre sem levantar a voz, fez um pormenorizado relato de como haviam fundado a aldeia, de como tinham repartido a terra, aberto os caminhos e introduzido as melhoras que lhes fora exigindo a necessidade, sem ter incomodado governo nenhum e sem que ninguém os incomodasse. "Somos tão pacíficos que nem sequer morremos de morte natural", disse. "Veja que ainda não temos cemitério." Não estava magoado pelo governo não os haver ajudado. Pelo contrário, alegrava-se de que até então os tivesse deixado crescer em paz, e esperava que continuasse deixando, porque eles não tinham fundado um povoado para que o primeiro que chegasse lhes fosse dizer o que deviam fazer. O Sr. Apolinar Moscote havia posto um paletó de linho, branco como as suas calças, sem perder por um só momento a pureza dos seus gestos.

— De modo que se o senhor quiser ficar aqui, como outro cidadão comum e corrente, seja bem-vindo — concluiu José Arcadio Buendía. — Mas se vem implantar a desordem, obrigando o povo a pintar as casas de azul, pode juntar os trapos e voltar para o lugar de onde veio. Porque a minha casa vai ser branca como uma pomba.

O Sr. Apolinar Moscote ficou pálido. Deu um passo atrás e apertou os maxilares para dizer com certa aflição:

— Quero adverti-lo de que estou armado.

José Arcadio Buendía não pôde precisar em que momento lhe subiu às mãos a força juvenil com que derrubava um cavalo. Agarrou o Sr. Apolinar Moscote pelo colarinho e levantou-o à altura dos olhos.

— Faço isto — disse a ele — porque prefiro carregá-lo vivo e não ter de continuar a carregá-lo morto pelo resto da minha vida.

Assim o levou, pelo meio da rua, suspenso pelo colarinho, até que o pôs sobre os seus dois pés no caminho do pântano. Uma semana depois, estava de volta com seis soldados descalços e esfarrapados, armados de espingardas, e um carro de boi onde viajavam sua mulher e suas sete filhas. Mais tarde chegaram mais duas carroças com os móveis, os baús e os utensílios domésticos. Instalou a família no Hotel do Jacob, enquanto arranjava uma casa, e voltou a abrir o escritório protegido pelos soldados. Os fundadores de Macondo, resolvidos a expulsar os invasores, foram com os seus filhos mais velhos colocar-se à disposição de José Arcadio Buendía. Mas ele se opôs, conforme explicou, porque o Sr. Apolinar Moscote tinha voltado com a mulher e as filhas, e não era coisa de homem envergonhar outro diante da família. De modo que decidiu resolver a situação por bem.

Aureliano o acompanhou. Já então tinha começado a cultivar o bigode negro de pontas engomadas, e tinha a voz um pouco retumbante que haveria de caracterizá-lo na guerra. Desarmados, sem dar importância à guarda, entraram no escritório do delegado. O Sr. Apolinar Moscote não perdeu a serenidade. Apresentou-os a duas de suas filhas que se encontravam ali por acaso: Amparo, de 16 anos, morena como a mãe, e Remedios, de apenas nove anos, um cromo de menina com pele de lírio e olhos verdes. Eram graciosas e bem-educadas. Logo que eles entraram, antes de serem apresentadas, trouxeram-lhes cadeiras para que se sentassem. Mas ambos permaneceram de pé.

— Muito bem, amigo — disse José Arcadio Buendía — o senhor fica aqui, mas não porque tem na porta esses bandoleiros de trabuco, e sim por consideração à senhora sua esposa e às suas filhas.

O Sr. Apolinar Moscote se desconcertou, mas José Arcadio Buendía não lhe deu tempo para responder. ''Só lhe impomos duas condições'', acrescentou. ''A primeira: que cada um pinte a sua casa da cor que quiser. A segunda: que os soldados vão embora imediatamente. Nós garantimos a ordem.'' O delegado levantou a mão direita com todos os dedos estendidos.

— Palavra de honra?

— Palavra de inimigo — disse José Arcadio Buendía. E juntou num tom amargo: — Porque uma coisa eu quero lhe dizer: o senhor e eu continuamos sendo inimigos.

Nessa mesma tarde os soldados foram embora. Poucos dias depois José Arcadio Buendía arranjou uma casa para a família do delegado. Todo mundo ficou em paz, menos Aureliano. A imagem de Remedios, a filha mais nova do delegado, que pela idade poderia ser sua filha, ficou doendo em alguma parte de seu corpo. Era uma sensação física que quase o incomodava para andar, como uma pedrinha no sapato.

A NOVA casa, branca como uma pomba, foi estreada com um baile. Úrsula tinha tido aquela idéia na tarde em que viu Rebeca e Amaranta transformadas em adolescentes, e quase se pode dizer que o principal motivo da construção foi o desejo de conseguir para as moças um lugar digno onde receber as visitas. Para que nada deixasse a desejar, trabalhou como um mouro, enquanto se executavam as reformas, de modo que antes que estivessem terminadas já tinha encomendado custosos objetos para a decoração e os serviços de copa, e a invenção maravilhosa que haveria de suscitar o assombro do povo e o júbilo da juventude: a pianola. Levaram-na aos pedaços, embalada em vários caixotes, que foram descarregados junto com os móveis vienenses, os cristais da Boêmia, a louça da Companhia das Índias, as toalhas da Holanda e uma rica variedade de lâmpadas e lampiões, e floreiras, guardanapos e tapetes. A casa importadora enviou por sua conta um técnico italiano, Pietro Crespi, para que armasse e afinasse a pianola, instruísse os compradores do seu manejo e os ensinasse a dançar a música da moda impressa nos seis rolos de papel.

Pietro Crespi era jovem e louro, o homem mais belo e galante que se havia visto em Macondo, tão escrupuloso no vestir que, apesar do calor sufocante, trabalhava de camiseta brocada e um grosso paletó de pano escuro. Ensopado de suor, mantendo uma distância reverente dos donos da casa, esteve várias semanas trancado na sala, numa dedicação semelhante à de Aureliano na sua oficina de ourives. Certa manhã, sem abrir a porta, sem convocar nenhuma testemunha para o milagre, colocou o primeiro rolo na pianola, e o martelar atormentador e o ranger constante das ripas de madeira cessaram num silêncio de assombro, diante da ordem e da limpeza da música. Todos se precipitaram para a sala. José Arcadio Buendía pareceu fulminado, não pela beleza da melodia, mas pelo movimento autônomo do teclado da pianola, e instalou na sala a máquina de daguerreotipia de Melquíades, com a esperança de obter o retrato do executante invisível. Neste dia, o italiano almoçou com eles. Rebeca e Amaranta, servindo a mesa, intimidaram-se com a fluidez com que usava os talheres aquele homem angélico de mãos pálida e sem anéis. Na sala de estar, contígua à de visitas, Pietro Crespi ensinou-as a dançar. Indicava-lhes os passos sem tocá-las, marcando o compasso com um metrônomo sob a amável vigilância de Úrsula, que não abandonou a sala um só instante enquanto as filhas recebiam as lições. Pietro Crespi vestia então umas calças especiais, muito flexíveis e justas, e umas sapatilhas de balé. "Você não precisa se preocupar tanto", observava José Arcadio Buendía a sua mulher. "Esse sujeito é maricas." Ela, porém, não desistiu da vigilância enquanto não terminou a aprendizagem e o italiano não foi embora de Macondo. Então começou a organização da festa. Úrsula fez uma lista severa dos convidados, na qual os únicos escolhidos eram os descendentes dos fundadores, exceto a família de Pilar Ternera, que já tinha tido outros dois filhos de pais desconhecidos. Era na realidade uma seleção de classe, só que determinada por sentimentos de amizade, pois os favorecidos eram não só os mais antigos íntimos da casa de José Arcadio Buendía, desde antes de empreender o êxodo que culminou com a fundação de Macondo, mas também os seus filhos e netos eram os companheiros habituais de Aureliano e Arcadio desde a infância, e as suas filhas eram as únicas que visitavam a casa para bordar com Rebeca e Amaranta. O Sr. Apolinar Moscote, o governante benévolo cuja atuação se reduzia a sustentar com os seus escassos recursos os dois guardas armados com cassetetes de madeira, era uma autoridade ornamental. Para ajudar nas despesas domésticas, suas filhas abriram um ateliê de costura, onde ao mesmo tempo que faziam flores de feltro, preparavam docinhos de goiaba e escreviam cartas de amor por encomenda. Mas, apesar de serem recatadas e prestativas, as mais belas do povoado e as mais preparadas nas danças modernas, não conseguiram ser levadas em conta para a festa.

Enquanto Úrsula e as moças desencaixotavam os móveis, poliam as louças e penduravam quadros de donzelas em barcas carregadas de rosas, infundindo um sopro de vida nova nos espaços pelados que os pedreiros construíram, José Arcadio Buendía renunciou à perseguição da imagem de Deus, convencido da sua inexistência, e estripou a pianola para decifrar a sua magia secreta. Dois dias antes da festa, afogando-se numa poça de cravelhas e martelos que sobravam, fazendo lambança entre um meandro de cordas que desenrolava por um extremo e que tornavam a se enrolar pelo outro, conseguiu descompor o instrumento. Nunca houve tantos sobressaltos e correrias como naqueles dias, mas as novas lâmpadas de alcatrão se acenderam na data e na hora previstas. A casa se abriu, ainda cheirando a resinas e a cal úmida, e os filhos e netos dos fundadores conheceram a varanda dos fetos e das begônias, os aposentos silenciosos, o jardim saturado pela fragrância das rosas, e se reuniram na sala de visitas, diante da invenção desconhecida que tinha sido coberta por um lençol branco. Os que conheciam o pianoforte, popular em outras povoações do pantanal, ficaram um pouco decepcionados; mais amarga ainda foi a desilusão de Úrsula, quando colocou o primeiro rolo para que Amaranta e Rebeca abrissem o baile, e o mecanismo não funcionou. Melquíades, já quase cego, e caindo de velhice, recorreu às artes da sua antiquíssima sabedoria para tentar consertá-lo. Por fim, José Arcadio Buendía conseguiu mover por engano um dispositivo emperrado, e a música saiu, primeiro aos borbotões, e logo num manancial de notas arrevesadas. Batendo nas cordas, colocadas sem ordem nem concerto e afinadas com temeridade, os martelos se desencaixaram. Mas os teimosos descendentes dos vinte e um intrépidos que desbravaram a serra em busca do mar pelo Ocidente passaram por cima dos escolhos do qüiproquó melódico e o baile se prolongou até o amanhecer.

Pietro Crespi voltou para montar a pianola de novo. Rebeca e Amaranta o ajudaram a ordenar as cordas e o secundaram nas suas risadas pelo arrevesado das valsas. Era extremamente afetuoso e de tão boa índole que Úrsula renunciou à vigilância. Na véspera da sua viagem, improvisou-se com a pianola restaurada um baile de despedida, e ele fez com Rebeca uma demonstração virtuosística das danças modernas. Arcadio e Amaranta se igualaram em graça e destreza. Mas a exibição foi interrompida porque Pilar Ternera, que estava na porta com os curiosos, atracou-se às mordidas e puxões de cabelo com uma mulher que se atreveu a comentar que o jovem Arcadio tinha nádegas de mulher. Por volta da meia-noite, Pietro Crespi se despediu com um discursinho sentimental e prometeu voltar muito brevemente. Rebeca o acompanhou até a porta e, logo depois de ter fechado a casa e apagado as lâmpadas, foi para o quarto chorar. Foi um pranto inconsolável que se prolongou por vários dias e cuja causa nem mesmo Amaranta soube. Não era estranho o seu hermetismo. Embora parecesse expansiva e cordial, tinha um temperamento solitário e um coração impenetrável. Era uma adolescente esplêndida, de ossos largos e firmes, mas se obstinava em continuar usando a cadeirinha de balanço com que chegou à casa, muitas vezes reforçada e já desprovida de braços. Ninguém havia descoberto que ainda nessa época conservava o hábito de chupar o dedo. Por isso não perdia ocasião de se fechar no banheiro, e tinha adquirido o costume de dormir com a cara virada para a parede. Nas tardes de chuva, bordando com um grupo de amigas na varanda das begônias, perdia o fio da conversa e uma lágrima de saudade lhe salgava o céu da boca quando via as faixas de terra úmida e os montículos de barro construídos pelas minhocas no jardim. Estes prazeres secretos, vencidos em outros tempos pelas laranjas com ruibarbo, irromperam num desejo irreprimível quando começou a chorar. Voltou a comer terra. Da primeira vez, fê-lo quase por curiosidade, certa de que o gosto ruim seria o melhor remédio contra a tentação. E, com efeito, não pôde suportar a terra na boca. Mas insistiu, vencida pela ânsia crescente, e pouco a pouco foi satisfazendo o apetite ancestral, o gosto pelos minerais primários, a satisfação sem par do alimento original. Jogava punhados de terra nos bolsos e os comia aos grãozinhos, sem ser vista, com um confuso sentimento de felicidade e raiva, enquanto adestrava suas amigas nos pontos mais difíceis e conversava sobre outros homens que não mereciam o sacrifício de que se comesse por eles a cal das paredes. Os punhados de terra faziam menos remoto e mais certo o único homem que merecia aquela degradação, como se o chão que ele pisava com as suas finas botas de verniz em outro lugar do mundo transmitisse a ela o peso e a temperatura do seu sangue, num sabor mineral que deixava uma cinza áspera na boca e um sedimento de paz no coração. Uma tarde, sem nenhum motivo, Amparo Moscote pediu licença para conhecer a casa. Amaranta e Rebeca, desconcertadas pela visita imprevista, atenderam-na com um formalismo duro. Mostraram-lhe a mansão reformada, fizeram-na ouvir os rolos da pianola e lhe ofereceram laranjada com biscoitinhos. Amparo deu uma lição de dignidade, de encanto pessoal, de boas maneiras, que impressionou Úrsula nos breves instantes em que assistiu à visita.

Ao fim de duas horas, quando a conversa começava a arrefecer, Amparo aproveitou um descuido de Amaranta e entregou uma carta a Rebeca. Esta conseguiu ver o nome da mui ilustríssima senhorita D. Rebeca Buendía, escrito com a mesma letra regular, a mesma tinta verde e a mesma disposição preciosa das palavras com que estavam escritas as instruções para o manejo da pianola, e dobrou a carta com a ponta dos dedos e escondeu-a no seio, olhando para Amparo Moscote com uma expressão de gratidão sem fim nem condições e uma calada promessa de cumplicidade até a morte.

A repentina amizade de Amparo Moscote e Rebeca Buendía despertou as esperanças de Aureliano. A lembrança da pequena Remedios não tinha deixado de torturá-lo, mas não encontrava oportunidade de vê-la. Quando passeava pelo povoado com os seus amigos mais próximos, Magnífico Visbal e Gerineldo Márquez — filhos dos fundadores de iguais nomes — procurava-a com olhar ansioso no ateliê de costura e só via as irmãs mais velhas. A presença de Amparo Moscote na casa foi como uma premonição. "Tem que vir com ela", se dizia Aureliano em voz baixa. "Tem que vir." Tantas vezes repetiu, e com tanta convicção, que uma tarde em que moldava na oficina um peixinho de ouro teve a certeza de que ela tinha respondido ao seu chamado. Pouco depois, com efeito, ouviu a vozinha infantil, e ao levantar a vista com o coração gelado de pavor viu a menina na porta, com um vestido de organdi rosado e botinhas brancas.

— Não entre aí, Remedios — disse Amparo Moscote no corredor. — Eles estão trabalhando.

Mas Aureliano não lhe deu tempo de obedecer. Levantou o peixinho dourado preso numa correntinha que lhe saía pela boca e disse:

— Entre.

Remedios se aproximou e fez algumas perguntas sobre o peixinho, que Aureliano não pôde responder devido a um repentino ataque de asma. Queria ficar para sempre junto dessa pele de lírio, junto desses olhos de esmeralda, muito perto dessa voz que a cada pergunta lhe dizia senhor com o mesmo respeito com que o dizia a seu pai. Melquíades estava no canto, sentado à escrivaninha, garranchando signos indecifráveis. Aureliano o odiou. Não pôde fazer nada, a não ser dizer a Remedios que lhe ia dar de presente o peixinho, e a menina se assustou tanto com o oferecimento que abandonou às carreiras a oficina. Naquela tarde Aureliano perdeu a recôndita paciência com que tinha esperado a ocasião de vê-la. Descuidou do trabalho. Chamou-a muitas vezes, em desesperados esforços de concentração, mas Remedios não respondeu. Procurou-a no ateliê de suas irmãs, nas cortinas da sua casa, no escritório do seu pai, mas a encontrou somente na imagem que saturava a sua própria e terrível solidão. Passava horas inteiras com Rebeca na sala de visitas, escutando as valsas da pianola. Ela escutava, porque era a música com que Pietro Crespi a tinha ensinado a dançar. Aureliano escutava simplesmente porque tudo, até a música, lhe recordava Remedios.

A casa se encheu de amor. Aureliano expressou-o em versos que não tinham princípio nem fim. Escrevia-os nos ásperos pergaminhos que lhe dava Melquíades, nas paredes do banheiro, na pele dos seus braços, e em todos aparecia Remedios transfigurada: Remedios no ar soporífero das duas da tarde, Remedios na calada respiração das rosas, Remedios na clepsidra secreta das mariposas, Remedios no vapor do pão ao amanhecer, Remedios em todas as partes e Remedios para sempre. Rebeca esperava o amor às quatro da tarde, bordando junto à janela. Sabia que a mula do correio não chegava senão de quinze em quinze dias, mas a esperava sempre, convencida de que ia chegar um dia qualquer por engano. Aconteceu exatamente o contrário: uma vez a mula não chegou na data prevista. Louca de desespero, Rebeca se levantou à meianoite e comeu punhados de terra no jardim, com uma avidez suicida, chorando de dor e de fúria, mastigando minhocas macias e espedaçando os dentes nas cascas dos caracóis. Vomitou até o amanhecer. Afundou-se num estado de prostração febril, perdeu a consciência e o coração se abriu num delírio sem pudor. Úrsula, escandalizada, forçou a fechadura do baú e encontrou no fundo, atadas com fitas cor-de-rosa, as dezesseis cartas perfumadas e os esqueletos de folhas e pétalas conservadas em livros antigos e as borboletas secas que, ao tocá-las, se converteram em pó.

Aureliano foi o único a entender tanta desolação. Essa tarde e, enquanto Úrsula tentava tirar Rebeca dos alagados do delírio, ele foi com Magnífico Visbal e Gerineldo Márquez à taberna de Catarino. O estabelecimento tinha sido ampliado com uma galeria de quartos de madeira onde viviam mulheres sozinhas cheirando a flores mortas. Um conjunto de acordeão e tambores executava as canções de Francisco, o Homem, que fazia vários anos tinha desaparecido de Macondo. Os três amigos beberam garapa fermentada. Magnífico e Gerineldo, contemporâneos de Aureliano, porém mais experientes nas coisas do mundo, bebiam metodicamente com as mulheres sentadas nos joelhos. Uma delas, murcha e com a dentadura obturada a ouro, fez a Aureliano uma carícia estremecedora. Ele a repeliu. Tinha descoberto que quanto mais bebia mais se lembrava de Remedios, mas suportava melhor a tortura da lembrança. Não soube em que momento começou a flutuar. Viu seus amigos e as mulheres navegando numa reverberação radiante, sem peso nem volume, dizendo palavras que não saíam dos lábios e fazendo sinais misteriosos que não correspondiam aos seus gestos. Catarino pôs-lhe a mão no ombro e disse: "São quase onze horas." Aureliano voltou a cabeça, viu o enorme rosto desfigurado com uma flor de feltro na orelha, e então perdeu a memória, como nos tempos do esquecimento, e voltou a recobrá-la numa madrugada alheia e num quarto que lhe era completamente desconhecido, onde estava Pilar Ternera de combinação, descalça, desgrenhada, alumiando-o com um lampião e pasmada de incredulidade.

— Aureliano!

Aureliano se firmou nos pés e levantou a cabeça. Ignorava como tinha chegado até ali, mas sabia qual era o propósito, porque o trazia escondido desde a infância num lago inviolável do coração.

— Venho dormir com a senhora — disse.

Tinha a roupa manchada de lama e de vômito. Pilar Ternera, que então vivia somente com os seus dois filhos menores, não lhe fez nenhuma pergunta. Levou-o para a cama. Limpou-lhe a cara com um trapo úmido, tirou-lhe a roupa e logo se despiu por completo e abaixou o mosquiteiro para que não a vissem os filhos, se acordassem. Tinha cansado de esperar pelo homem que ficou, pelos homens que foram embora, pelos incontáveis homens que erraram o caminho da sua casa, confundidos pela incerteza das cartas. Na espera, sua pele tinha enrugado, seus seios tinham murchado e se havia apagado a brasa do coração. Procurou Aureliano na escuridão, pôslhe a mão no ventre e beijou-o no pescoço com uma ternura maternal. "Meu pobre menininho", murmurou. Aureliano estremeceu. Com um desembaraço repousado, sem a menor dificuldade, deixou para trás as escarpas da dor e encontrou Remedios transformada num pântano sem horizontes, cheirando a animal cru e a roupa recém-passada a ferro. Quando boiou estava chorando. Primeiro foram soluços involuntários e entrecortados. Depois se esvaziou num manancial desatado, sentindo que algo tumefato e doloroso tinha arrebentado no seu interior. Ela esperou, coçando-lhe a cabeça com a ponta dos dedos, até que seu corpo se desocupasse da matéria escura que não o deixava viver. Então, Pilar Ternera lhe perguntou: "Quem é?" E Aureliano lhe disse. Ela deu a risada que em outros tempos espantava os pombos e que agora nem sequer acordava as crianças. "Você vai ter que acabar de criá-la", zombou. Mas atrás da brincadeira Aureliano encontrou um remanso de compreensão. Quando abandonou o quarto, deixando ali não só a incerteza da sua virilidade mas também o peso amargo que durante tantos meses suportara no coração, Pilar Ternera lhe tinha feito uma promessa espontânea.

— Vou falar com a menina — disse a ele — e você vai ver como a trago numa bandeja.

Cumpriu. Mas num mau momento, porque a casa tinha perdido a paz dos outros dias. Ao descobrir a paixão de Rebeca, que não foi possível manter em segredo por causa dos seus gritos, Amaranta teve um acesso de febre. Também ela sofria o espinho de um amor solitário. Fechada no banheiro, se desafogava do tormento de uma paixão sem esperanças, escrevendo cartas febris que se conformava em esconder no fundo do baú. Úrsula não chegou para as encomendas, no atender as duas doentes. Não conseguiu, em prolongados e insidiosos interrogatórios, averiguar as causas da prostração de Amaranta. Por fim, em outro momento de inspiração, forçou a fechadura do baú e encontrou as cartas amarradas com fitas cor-de-rosa, inchadas de açucenas frescas e ainda úmidas de lágrimas, dirigidas e nunca enviadas a Pietro Crespi. Chorando de raiva, maldisse hora em que lhe passou pela cabeça comprar a pianola, proibiu as aulas de bordado e decretou uma espécie de luto sem morto, que se haveria de prolongar até que as filhas desistissem das suas esperanças. Foi inútil a intervenção de José Arcadio Buendía, que tinha retificado a sua primeira impressão sobre Pietro Crespi e admirava a sua habilidade no manejo das máquinas musicais. De modo que quando Pilar Ternera disse a Aureliano que Remedios estava decidida a se casar, ele compreendeu que a notícia acabaria de transtornar os pais. Mas enfrentou a situação. Convocados à sala de visitas para uma entrevista formal, José Arcadio Buendía e Úrsula escutaram impávidos a declaração do filho. Ao tomar conhecimento do nome da noiva, entretanto, José Arcadio Buendía enrubesceu de indignação. "O amor é uma peste", trovejou. "Havendo tantas moças bonitas e direitas, a única coisa que lhe passa pela cabeça é casar com a filha do inimigo." Mas Úrsula concordou com a escolha. Confessou o seu afeto pelas sete irmãs Moscote, pela sua formosura, sua diligência, seu recato e sua boa educação, e festejou o acerto do seu filho. Vencido pelo entusiasmo da mulher, José Arcadio Buendía impôs então uma condição: Rebeca, que era a correspondida, casaria com Pietro Crespi. Úrsula levaria Amaranta numa viagem à capital da província, quando tivesse tempo, para que o contato com outras pessoas a aliviasse da sua desilusão. Rebeca recobrou a saúde logo que soube do trato, e escreveu ao namorado uma carta jubilosa que submeteu à aprovação dos pais e pôs no correio sem se servir de intermediários. Amaranta fingiu aceitar a decisão e pouco a pouco se restabeleceu da febre, mas prometeu a si mesma que Rebeca só se casaria se passasse por cima do seu cadáver.

No sábado seguinte José Arcadio Buendía pôs o terno de fazenda escura, o colarinho duro e as botas de camurça que tinha estreado na noite da festa, e foi pedir a mão de Remedios Moscote. O delegado e sua esposa o receberam ao mesmo tempo satisfeitos e embaraçados, porque ignoravam o propósito da visita imprevista, e em seguida pensaram que ele tinha confundido o nome da pretendida. Para resolver a questão, a mãe acordou Remedios e a levou no colo para a sala, ainda zonza de sono. Perguntaram-lhe se na verdade estava decidida a se casar e ela respondeu choramingando que só queria que a deixassem dormir. José Arcadio Buendía, compreendendo o embaraço dos Moscote, foi esclarecer as coisas com Aureliano. Quando voltou, o casal Moscote já estava vestido em traje de passeio, tinha mudado a posição dos móveis e colocado flores novas nas floreiras, e o esperavam na companhia das filhas mais velhas. Agoniado pela situação ingrata e pelo incômodo do colarinho duro, José Arcadio Buendía confirmou que, na verdade, Remedios era a escolhida. "Isto não tem sentido", disse consternado o Sr. Apolinar Moscote. "Temos mais seis filhas, todas solteiras e em idade de casar, que estariam encantadas em ser esposas digníssimas de cavalheiros sérios e trabalhadores como o seu filho, e Aurelito volta os olhos exatamente para a única que ainda faz pipi na cama." Sua senhora, uma mulher bem conversada, de pestanas e gestos aflitos, reprovou-lhe a incorreção. Quando acabaram de tomar o refresco de frutas, tinham aceitado satisfeitos a decisão de Aureliano. Só que a Sra. Moscote suplicava o favor de falar a sós com Úrsula. Intrigada, reclamando que a estava envolvendo em assuntos de homem, mas na verdade intimidada pela emoção, Úrsula foi visitá-la no dia seguinte. Meia hora depois, voltou com a notícia de que Remedios era impúbere. Aureliano não considerou isso como um empecilho grave. Tinha esperado tanto que podia esperar quanto fosse necessário até que a noiva estivesse em idade de conceber.

A harmonia restaurada só foi interrompida pela morte de Melquíades. Ainda que o acontecimento fosse previsível, não o foram as circunstâncias. Poucos meses depois da sua volta, operara-se nele um processo de envelhecimento tão rápido e crítico que logo foi tomado como um desses bisavôs inúteis que perambulam como sombras pelos quartos, arrastando os pés, recordando melhores tempos em voz alta, e de quem ninguém se ocupa nem se lembra na verdade até o dia em que amanhecem mortos na cama. No princípio, José Arcadio Buendía o secundava nas suas tarefas, entusiasmado com a novidade da daguerreotipia e as predições de Nostradamus.

Mas pouco a pouco o foi abandonando à sua solidão, porque cada vez mais se fazia difícil a comunicação. Estava perdendo a vista e o ouvido, parecia confundir os seus interlocutores com pessoas que conhecera em épocas remotas da humanidade, e respondia às perguntas numa intrincada barafunda de línguas. Caminhava tateando o ar, embora se movesse por entre as coisas com uma fluidez inexplicável, como se estivesse dotado de um instinto de orientação baseado em pressentimentos imediatos. Um dia se esqueceu de colocar a dentadura postiça, que deixava de noite num copo de água junto à cama, e não voltou a usá-la. Quando Úrsula ordenou a ampliação da casa, fez construir um quarto especial para ele, contíguo à oficina de Aureliano, longe dos ruídos e da movimentação doméstica, com uma janela inundada de luz e uma estante onde ela mesma arrumou os livros quase desmanchados pela poeira e pelas traças, os quebradiços papéis abarrotados de signos indecifráveis e o copo com a dentadura postiça, onde tinham colocado umas plantinhas aquáticas de minúsculas flores amarelas. O novo lugar pareceu agradar a Melquíades, pois não se voltou a vê-lo sequer na sala de jantar. Ia somente à oficina de Aureliano, onde passava horas e horas garranchando a sua literatura enigmática nos pergaminhos que trouxera consigo e que pareciam fabricados de uma matéria árida que se esfarelava como uma empada. Comia ali os alimentos que Visitación lhe levava duas vezes por dia, embora nos últimos tempos tivesse perdido o apetite e só se alimentasse de legumes. Em pouco tempo adquiriu o aspecto de desamparo próprio dos vegetarianos. A pele se cobriu de um musgo macio, semelhante ao que prosperava no casaco anacrônico que não tirou nunca, e a sua respiração passou a exalar um bafo de animal adormecido. Aureliano acabou por se esquecer dele, absorto na redação dos seus versos, mas em certa ocasião acreditou entender alguma coisa do que ele dizia nos seus monótonos monólogos e prestou atenção. Na verdade, a única coisa que pôde colher naquelas confidências pedregosas foi o insistente martelar da palavra equinócio equinócio equinócio, e o nome de Alexandre Von Humboldt. Arcadio se aproximou um pouco mais dele, quando começou a ajudar Aureliano na ourivesaria. Melquíades correspondeu àquele esforço de comunicação soltando, de vez em quando, algumas frases em castelhano que tinham muito pouco a ver com a realidade. Uma tarde, entretanto, pareceu iluminado pela emoção repentina. Anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, Arcadio haveria de se lembrar do tremor com que Melquíades o fez escutar várias páginas da sua escrita impenetrável, que evidentemente não entendeu, mas que ao serem lidas em voz alta pareciam encíclicas cantadas. Depois sorriu pela primeira vez em muito tempo e disse em castelhano: "Quando eu morrer, queimem mercúrio durante três dias no meu quarto." Arcadio contou isso para José Arcadio Buendía, e este tratou de obter uma informação mais explícita, mas só conseguiu uma resposta: "Alcancei a imortalidade." Quando a respiração de Melquíades começou a cheirar mal, Arcadio levava-o a tomar banho no rio toda quinta-feira pela manhã. Pareceu melhorar. Despia-se e se metia na água junto com os rapazes, e o seu misterioso sentido de orientação o permitia escapar dos lugares profundos e perigosos. "Somos da água", disse em certa ocasião. Assim, passou muito tempo sem que ninguém o visse em casa, a não ser na noite em que fez um comovedor esforço para consertar a pianola, e quando ia ao rio com Arcadio, levando debaixo do braço a cuité e a bola de sabão de óleo de palmeira embrulhadas numa toalha. Certa quinta-feira, antes de que chamassem para ir ao rio, Aureliano o ouviu dizer: "Morri de febre nas dunas de Cingapura." Nesse dia, meteu-se n'água por um mau caminho e só o encontraram na manhã seguinte, vários quilômetros mais abaixo, encalhado numa curva luminosa e com um urubu solitário de pé sobre o ventre. Contra os escandalizados protestos de Úrsula, que o chorou com mais dor que a seu próprio pai, José Arcadio Buendía se opôs a que o enterrassem. "É imortal", disse "e ele mesmo revelou a fórmula da ressurreição." Reviveu o esquecido alambique e pôs para ferver uma caldeira de mercúrio junto ao cadáver que pouco a pouco se ia enchendo de bolhas azuis. O Sr. Apolinar Moscote atreveu-se a recordar-lhe que um afogado insepulto era um perigo para a saúde pública. "Nada disso, já que está vivo", foi a réplica de José Arcadio Buendía, que completou as setenta e duas horas de incensos mercuriais quando já o cadáver começava a se arrebentar numa floração lívida, cujos assovios tênues impregnaram a casa de um vapor fedorento. Só então permitiu que o enterrassem, mas não de qualquer maneira, e sim com as honras reservadas ao maior benfeitor de Macondo. Foi o primeiro enterro e o mais concorrido que se viu no povoado, superado apenas um século depois pelo carnaval funerário da Mamãe Grande. Sepultaram-no numa tumba erigida no centro do terreno que destinaram ao cemitério, com uma lápide onde ficou escrita a única coisa que se soube dele: MELQUÍADES. Fizeram-lhe as suas nove noites de velório. No tumulto que se reunia no pátio para tomar café, contar piadas e jogar cartas, Amaranta teve ocasião de confessar o seu amor a Pietro Crespi, que poucas semanas antes tinha formalizado o seu compromisso com Rebeca e estava instalando uma loja de instrumentos musicais e brinquedos de corda, no mesmo bairro onde vegetavam os árabes que em outros tempos trocavam bugigangas por papagaios e que o povo conhecia como a Rua dos Turcos. O italiano, cuja cabeça coberta de cachos lustrosos suscitava nas mulheres uma irreprimível necessidade de suspirar, tratou Amaranta como uma menina caprichosa a quem não valia a pena levar muito a sério.

— Tenho um irmão mais novo — disse a ela. — Vai vir para me ajudar na loja.

Amaranta sentiu-se humilhada e disse a Pietro Crespi, com um rancor virulento, que estava disposta a impedir o casamento de sua irmã ainda que tivesse que atravessar na porta o seu próprio cadáver. Impressionou-se tanto o italiano com essa dramática ameaça que não resistiu à tentação de comentá-la com Rebeca. Foi assim que a viagem de Amaranta, sempre adiada pelas ocupações de Úrsula, se aprontou em menos de uma semana. Amaranta não opôs resistência, mas quando deu em Rebeca o beijo de despedida, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Não tenha ilusões. Ainda que me levem até o fim do mundo, eu encontro a maneira de impedir que você se case, mesmo que tenha de matá-la.

Com a ausência de Úrsula, com a presença invisível de

Melquíades, que continuava o seu perambular sigiloso pelos quartos, a casa pareceu enorme e vazia. Rebeca tinha ficado encarregada da ordem doméstica, enquanto a índia se ocupava da padaria. Ao anoitecer, quando Pietro Crespi chegava precedido de um fresco hálito de alfazema e trazendo sempre um brinquedo de presente, a noiva recebia a sua visita na sala principal, com portas e janelas abertas para estar a salvo de toda suspeita. Era uma precaução desnecessária, porque o italiano tinha demonstrado ser tão respeitoso que nem sequer pegava na mão da mulher que seria sua esposa antes de um ano. Aquelas visitas foram enchendo a casa de brinquedos prodigiosos. As bailarinas de corda, as caixas de música, os chimpanzés acrobatas, os cavalos trotadores, os palhaços tamborileiros, enfim a rica e assombrosa fauna mecânica que Pietro Crespi trazia, dissiparam a aflição de José Arcadio Buendía pela morte de Melquíades, e o transportaram de novo aos seus antigos tempos de alquimista. Vivia então num paraíso de animais destripados, de mecanismos desfeitos, tentando aperfeiçoá-los com um sistema de movimento contínuo baseado nos princípios do pêndulo. Aureliano, por outro lado, tinha descuidado da oficina para ensinar a pequena Remedios a ler e escrever. No começo, a menina preferia as bonecas ao homem que chegava todas as tardes e que era o culpado de que a separassem dos seus brinquedos para banhá-la e vesti-la e sentá-la na sala para receber a visita. Mas a paciência e a devoção de Aureliano acabaram por seduzi-la, a ponto de passar muitas horas com ele, estudando o sentido das letras e desenhando num caderno, com lápis de cor, casinhas com vacas nos currais e sóis redondos com raios amarelos que se escondiam detrás dos morros.

Só Rebeca era infeliz com a ameaça de Amaranta. Conhecia o temperamento da irmã, a altivez do seu espírito, e se assustava com a virulência do seu rancor. Passava horas inteiras chupando o dedo no banheiro, aferrando-se a um esforço extenuante de vontade para não comer terra. Em busca de alívio para a angústia, chamou Pilar Ternera para que lesse o seu futuro. Depois de um rosário de imprecisões convencionais, Pilar Ternera prognosticou:

— Você não vai ser feliz enquanto seus pais permanecerem insepultos.

Rebeca estremeceu. Como na lembrança de um sonho, viu-se a si mesma entrando em casa, muito garota ainda, com o baú e a cadeirinha de balanço e um saco de lona cujo conteúdo nunca soube. Lembrou-se de um cavalheiro calvo, vestido de linho e com o colarinho da camisa fechado com um botão de ouro, que nada tinha que ver com o rei de copas. Lembrou-se de uma mulher muito jovem e muito bela, de mãos frágeis e perfumadas, que nada tinham em comum com as mãos reumáticas do valete de ouros, e que lhe punha flores no cabelo para levá-la a passear de tarde por um povoado de ruas verdes.

— Não estou entendendo — disse.

Pilar Ternera pareceu desconcertada:

— Nem eu, mas isso é o que dizem as cartas.

Rebeca ficou tão preocupada com o enigma que contou para José Arcadio Buendía, e este a repreendeu por dar crédito a prognósticos de baralho, mas se deu ao silencioso trabalho de revistar armários e baús, afastar móveis e virar camas e estrados, procurando o saco dos ossos. Recordava-se de não tê-lo visto desde os tempos da reconstrução. Chamou em segredo os pedreiros e um deles revelou que tinha emparedado o saco em algum quarto, porque lhe atrapalhava o serviço. Depois de vários dias de auscultações, com a orelha colada nas paredes, perceberam o cloc cloc profundo. Perfuraram o muro e ali estavam os ossos no saco intacto. Nesse mesmo dia, sepultaram-no numa tumba sem lápide, improvisada junto à de Melquíades, e José Arcadio Buendía voltou para casa liberado de uma carga que por um momento pesou tanto na sua consciência como a lembrança de Prudencio Aguilar. Ao passar pela cozinha deu um beijo na testa de Rebeca.

— Tire as más idéias da cabeça — disse a ela. — Você será feliz.

A amizade de Rebeca abriu para Pilar Ternera as portas da casa, fechadas por Úrsula desde o nascimento de Arcadio. Chegava a qualquer hora do dia, como um pé-de-vento, e descarregava a sua energia febril nos trabalhos mais pesados. Às vezes entrava na oficina e ajudava Arcadio a sensibilizar as lâminas do daguerreótipo com uma eficácia e uma ternura que acabaram por confundi-lo. Aquela mulher o aturdia. O moreno da sua pele, o seu cheiro de fumo, a desordem do seu riso no quarto escuro perturbavam a sua atenção e o faziam tropeçar nas coisas.

Certa ocasião, Aureliano estava ali, trabalhando em ourivesaria, e Pilar Ternera se apoiou na mesa para admirar a sua paciente tenacidade. De repente aconteceu. Aureliano percebeu que Arcadio estava no quarto escuro antes de levantar a vista e encontrar os olhos de Pilar Ternera, cujo pensamento era perfeitamente visível, como que exposto à luz do meio-dia.

— Bem — disse Aureliano. — Diga o que é.

Pilar Ternera mordeu os lábios com um sorriso triste.

— Você é bom para a guerra — disse. — Onde bota o olho, acerta o chumbo.

Aureliano descansou com a comprovação do presságio. Voltou a se concentrar no trabalho, como se nada tivesse acontecido, e a sua voz adquiriu uma repousada firmeza.

— Eu reconheço — disse. — Terá o meu nome.

José Arcadio Buendía conseguiu por fim o que procurava: conectou a uma bailarina de corda o mecanismo do relógio, e o brinquedo dançou sem interrupção, ao compasso da sua própria música, durante três dias. Aquela descoberta o excitou muito mais do que qualquer das suas empresas descabeladas. Não voltou a comer. Não voltou a dormir. Sem a vigilância e os cuidados de Úrsula, deixou-se arrastar pela sua imaginação até um estado de delírio perpétuo do qual não voltou a se recuperar. Passava as noites andando no quarto, pensando em voz alta, procurando a maneira de aplicar os princípios do pêndulo aos carros de boi, às grades do arado, a tudo o que fosse útil posto em movimento. Cansou-o tanto a febre da insônia que certa madrugada não pôde reconhecer o ancião de cabeça branca e gestos incertos que entrou no seu quarto. Era Prudencio Aguilar. Quando por fim o identificou, assombrado de que também os mortos envelhecessem, José Arcadio Buendía sentiu-se abalado pela nostalgia. "Prudencio", disse, "como é que você veio aqui tão longe!" Após muitos anos de morte, era tão imensa a saudade dos vivos, tão premente a necessidade de companhia, tão aterradora a proximidade da outra morte que existia dentro da morte, que Prudencio Aguilar tinha acabado por amar o pior dos seus inimigos. Fazia muito tempo que o estava procurando. Perguntava por ele aos mortos de Riohacha, aos mortos que chegavam do vale de Upar, aos que chegavam do pantanal e ninguém lhe fornecia a direção, porque Macondo foi um povoado desconhecido para os mortos até que chegou Melquíades e o marcou com um pontinho negro nos disparatados mapas da morte. José Arcadio Buendía conversou com Prudencio Aguilar até o amanhecer. Poucas horas depois, devastado pela vigília, entrou na oficina de Aureliano e perguntou: "Que dia é hoje?" Aureliano respondeu que era terça-feira. "É o que eu pensava", disse José Arcadio Buendía. "Mas de repente reparei que continua sendo segunda-feira, como ontem. Olha o céu, olha as paredes, olha as begônias. Hoje também é segunda-feira." Acostumado com as suas esquisitices, Aureliano não lhe deu importância. No dia seguinte, quarta-feira, José Arcadio Buendía voltou à oficina. "Isto é uma desgraça", disse. "Olha o ar, ouve o zumbido do sol, igualzinho a ontem e anteontem. Hoje também é segunda-feira." Nessa noite, Pietro Crespi o encontrou no corredor, chorando o chorinho sem graça dos velhos, chorando por Prudencio Aguilar, por Melquíades, pelos pais de Rebeca, por seu pai e sua mãe, por todos os que podia lembrar e que então estavam sozinhos na morte. Deu-lhe de presente um urso de corda que andava sobre duas patas num arame, mas não conseguiu distraí-lo da sua obsessão. Perguntou-lhe o que tinha acontecido com o projeto que lhe expusera dias antes, sobre a possibilidade de construir uma máquina de pêndulo que servisse ao homem para voar, e ele respondeu que era impossível porque o pêndulo podia levantar qualquer coisa no ar, mas não podia levantar-se a si próprio. Na quinta-feira voltou a aparecer com um doloroso aspecto de terra arrasada. "A máquina do tempo estragou", quase soluçou, "e Úrsula e Amaranta tão longe!" Aureliano repreendeu-o como a um menino e ele adotou um ar submisso. Passou seis horas examinando as coisas, tentando encontrar uma diferença do aspecto que tiveram no dia anterior, procurando descobrir nelas alguma mudança que revelasse o transcurso do tempo. Ficou toda a noite na cama com os olhos abertos, chamando Prudencio Aguilar, Melquíades, todos os mortos, para que viessem compartilhar do seu desgosto. Mas ninguém acudiu. Na sexta-feira, antes que todos se levantassem, voltou a observar a aparência da natureza, até que não teve a menor dúvida de que continuava sendo segunda-feira. Então agarrou a tranca de uma porta e com a violência selvagem da sua força descomunal espedaçou, até transformar em poeira, os aparelhos de alquimia, o gabinete de daguerreotipia, a oficina de ourivesaria, gritando como um endemoniado num idioma altissonante e fluido, mas completamente incompreensível. Dispunha-se a arrasar com o resto da casa, quando Aureliano pediu ajuda aos vizinhos. Foram necessários dez homens para subjugá-lo, quatorze para amarrá-lo, vinte para arrastá-lo até o castanheiro do quintal, onde o deixaram amarrado, ladrando em língua estranha, e deitando espuma verde pela boca. Quando Úrsula e Amaranta chegaram, ainda estava atado pelos pés e pelas mãos ao tronco do castanheiro, ensopado de chuva e num estado de inocência total. Falaram com ele e ele olhou para elas sem reconhecê-las, e lhes disse alguma coisa incompreensível. Úrsula lhe soltou as munhecas e os tornozelos, ulcerados pela pressão das cordas, e o deixou amarrado apenas pela cintura. Mais tarde construíram uma pequena coberta de sapé para protegê-lo do sol e da chuva.

AURELIANO Buendía e Remedios Moscote casaram-se num domingo de março, diante do altar que o Padre Nicanor Reyna fez construir na sala de visitas. Foi o clímax de quatro semanas de sobressaltos na casa dos Moscote, pois a pequena Remedios chegara à puberdade antes de superar os hábitos infantis. Apesar da mãe tê-la instruído sobre as mudanças da adolescência, numa tarde de fevereiro, irrompeu aos gritos de alarme na sala onde as irmãs conversavam com Aureliano, e mostrou-lhes a calcinha manchada de uma pasta cor de chocolate. Marcou-se o prazo de um mês para o casamento. Mal houve tempo de ensiná-la a se lavar e se vestir sozinha, e a entender dos assuntos elementares de um lar. Fizeram-na urinar em tijolos quentes, para corrigir-lhe o hábito de molhar a cama. Deu trabalho convencê-la da inviolabilidade do segredo conjugal, porque Remedios estava tão aturdida e ao mesmo tempo tão maravilhada com a revelação que queria comentar com todo mundo os pormenores da noite de núpcias. Foi um esforço extenuante, mas na data prevista para a cerimônia a menina era tão experimentada nas coisas do mundo quanto qualquer das sua irmãs. O Sr. Apolinar Moscote levou-a de braço dado pela rua enfeitada de flores e guirlandas, entre o estampido dos foguetes e a música de várias bandas, e ela cumprimentava com a mão e agradecia com um sorriso aos que das janelas lhe desejavam boa sorte. Aureliano, vestido de fazenda negra, com as mesmas botinas de verniz com argolas metálicas que haveria de usar poucos anos depois diante do pelotão de fuzilamento, estava de uma palidez intensa e com um bolo duro na garganta, quando recebeu a noiva na porta da casa e a levou ao altar. Ela se comportou com tanta naturalidade, com tanta discrição, que não perdeu a compostura nem sequer quando Aureliano deixou cair a aliança ao tentar colocá-la no seu dedo. No meio do burburinho e princípio de confusão dos convidados, ela manteve levantado o braço com a mitene de renda e permaneceu com o anular estendido até que o seu noivo conseguiu parar a aliança com a botina, para que não continuasse rolando até a porta, e voltou ruborizado ao altar. A mãe e as irmãs sofreram tanto com o medo de que a menina incorresse em alguma falta durante a cerimônia que no final foram elas que cometeram a impertinência de pegá-la no colo para dar-lhe um beijo. Desde aquele dia revelou-se o senso de responsabilidade, a graça natural, o calmo domínio que sempre haveria de ter Remedios ante as circunstâncias adversas. Foi ela quem, por sua própria iniciativa, separou a melhor porção que cortou do bolo de noiva e a levou num prato com um garfo para José Arcadio Buendía. Amarrado ao tronco do castanheiro, encolhido num banquinho de madeira sob a coberta de sapé, o enorme ancião desbotado pelo sol e pela chuva teve um vago sorriso de gratidão e comeu o bolo com os dedos, mastigando um salmo ininteligível. A única pessoa infeliz naquela celebração estrepitosa, que se prolongou até o amanhecer de segunda-feira, foi

Rebeca Buendía. Era a sua festa frustrada. Pelo arranjo de Úrsula, o seu casamento se devia celebrar na mesma data, mas Pietro Crespi recebera na sexta-feira uma carta com a notícia da morte iminente de sua mãe. O casamento foi adiado. Pietro Crespi seguiu para a capital da província uma hora depois de receber a carta, e no caminho cruzou com a mãe, que chegou pontualmente na noite de sábado e cantou no casamento de Aureliano a ária triste que tinha preparado para o casamento do filho. Pietro Crespi regressou à meia-noite do domingo para varrer as cinzas da festa, depois de ter arrebentado cinco cavalos no caminho, tentando chegar a tempo para o casamento. Nunca se averiguou quem escrevera a carta. Atormentada por Úrsula, Amaranta chorou de indignação e jurou inocência diante do altar que os carpinteiros não tinham ainda acabado de desarmar.

O Padre Nicanor Reyna — que o Sr. Apolinar Moscote tinha trazido do pantanal para que oficiasse o casamento — era um ancião endurecido pela ingratidão do ofício. Tinha a pele triste, quase colada aos ossos, e o ventre pronunciado e redondo, e uma expressão de anjo velho que era mais de inocência que de bondade. Tinha o propósito de voltar à sua paróquia logo depois do casamento, mas se espantou com a aridez dos habitantes de Macondo, que prosperavam no escândalo, sujeitos à lei natural, sem batizar os filhos nem santificar os feriados. Pensando que em nenhuma terra fazia tanta falta a semente de Deus, decidiu ficar mais uma semana, para cristianizar circuncisos e gentios, legalizar concubinários e sacramentar moribundos. Mas ninguém lhe deu importância. Respondiam-lhe que durante muitos anos tinham ficado sem padre, arranjando os negócios da alma diretamente com Deus, e haviam perdido a malícia do pecado mortal. Cansado de pregar no deserto, o Padre Nicanor se dispôs e empreender a construção de um templo, o maior do mundo, com santos em tamanho natural e vidros de cores nas paredes, para que viesse gente até de Roma honrar a Deus no centro da impiedade. Andava por todas as partes pedindo esmolas com um pratinho de cobre. Davam-lhe muito, mas ele queria mais, porque o templo deveria ter um sino cujo clamor fizesse boiar os afogados. Suplicou tanto que perdeu a voz. Seus ossos começaram a se encher de ruídos. Num sábado, não tendo recolhido nem sequer o valor das portas, deixou-se confundir pelo desespero. Improvisou um altar na praça e, no domingo, percorreu o povoado com uma campainha, como nos tempos da insônia, convocando para a missa campal. Muitos foram por curiosidade. Outros por nostalgia. Outros para que Deus não fosse tomar como ofensa pessoal o desprezo pelo seu intermediário. De modo que às oito da manhã estava metade do povo na praça, onde o Padre Nicanor cantou os evangelhos com a voz quebrada pela súplica. No fim, quando os assistentes começaram a debandar, levantou os braços em sinal de atenção.

— Um momento — disse. — Agora vamos presenciar uma prova irrefutável do infinito poder de Deus.

O rapaz que tinha ajudado a missa levou-lhe uma xícara de chocolate espesso e fumegante que ele tomou sem respirar. Depois limpou os lábios com um lenço que tirou da manga, estendeu os braços e fechou os olhos. Então o Padre Nicanor se elevou doze centímetros do nível do chão. Foi um recurso convincente. Andou vários dias de casa em casa, repetindo a prova da levitação mediante o estímulo do chocolate, enquanto o coroinha recolhia tanto dinheiro numa urna que em menos de um mês se iniciou a construção do templo. Ninguém pôs em dúvida a origem divina da demonstração, salvo José Arcadio Buendía, que observou sem se comover o bando de gente que certa manhã se reuniu sob o castanheiro para assistir mais uma vez à revelação. Mal se endireitou um pouco no banquinho e sacudiu os ombros quando o Padre Nicanor começou a se levantar do chão junto com a cadeira em que estava sentado.

— *Hoc est simplicissimum:* — disse José Arcadio Buendía — *homo iste statum quartum materiae invenit.*

O Padre Nicanor levantou a mão, e as quatro pernas da cadeira pousaram em terra ao mesmo tempo.

— *Nego* — disse. — *Factum hoc existentiam Dei probat sine dubio.*

Foi assim que se soube que era latim a endiabrada gíria de José Arcadio Buendía. O Padre Nicanor aproveitou a circunstância de ter sido a única pessoa que pudera se comunicar com ele para tratar de infundir a fé no seu cérebro transtornado. Todas as tardes se sentava junto ao castanheiro, predicando em latim, mas José Arcadio Buendía se aferrou em não admitir meandros retóricos nem transmutações de chocolate, e exigiu como única prova o daguerreótipo de Deus. O Padre Nicanor levou-lhe então medalhas e figurinhas e até uma reprodução da fazenda da Verônica, mas José Arcadio Buendía repeliu-os por serem objetos artesanais sem fundamento científico. Era tão teimoso que o Padre Nicanor renunciou aos seus propósitos de evangelização e continuou a visitá-lo apenas por sentimentos humanitários. Mas então foi José Arcadio Buendía quem tomou a iniciativa e tentou quebrantar a fé do sacerdote com artimanhas racionalistas. Certa ocasião em que o Padre Nicanor levou ao castanheiro um tabuleiro e uma caixa de pedras para convidá-lo a jogar damas, José Arcadio Buendía não aceitou, segundo disse, porque nunca pôde entender o sentido de uma contenda entre dois adversários que estavam de acordo nos princípios. O Padre Nicanor, que nunca tinha encarado desse modo o jogo de damas, não pôde voltar a jogar. Cada vez mais assombrado com a lucidez de José Arcadio Buendía, perguntou-lhe como era possível que o mantivessem amarrado numa árvore.

— *Hoc est simplicissimum:* — respondeu ele — porque estou louco.

Desde então, preocupado com a sua própria fé, o padre não voltou a visitá-lo e se dedicou inteiramente a apressar a construção do templo. Rebeca sentiu renascer a esperança. O seu futuro estava condicionado ao término da obra, desde um domingo em que o Padre Nicanor almoçava com eles e toda a família sentada na mesa falou da solenidade e do esplendor que teriam os atos religiosos quando se construísse o templo. "A mais afortunada será Rebeca", disse Amaranta. E como Rebeca não entendeu o que ela estava querendo dizer, explicou-lhe com um sorriso inocente:

— Caberá a você inaugurar a igreja com o casamento.

Rebeca tratou de se antecipar a qualquer comentário. No passo em que ia a construção, o templo não estaria terminado antes de dez anos. O Padre Nicanor não concordou: a crescente generosidade dos fiéis permitia fazer cálculos mais otimistas. Diante da surda indignação de Rebeca, que não conseguiu acabar de almoçar, Úrsula celebrou a idéia de Amaranta e contribuiu com um acréscimo considerável para que se apressassem os trabalhos. O Padre Nicanor considerou que com outro auxílio como esse o templo estaria pronto em três anos. A partir daí Rebeca não voltou a dirigir a palavra a Amaranta, convencida de que o seu palpite não tinha tido a inocência que ela soubera aparentar. "Era o que eu podia fazer de menos grave", replicou Amaranta na violenta discussão que tiveram aquela noite. "Assim não vou ter que te matar nestes próximos três anos." Rebeca aceitou o desafio.

Quando Pietro Crespi soube do novo adiamento, sofreu uma crise de desilusão, mas Rebeca lhe deu uma prova definitiva de lealdade. "A gente foge quando você quiser", disse. Pietro Crespi, entretanto, não era homem de aventuras. Carecia do temperamento impulsivo da sua noiva e considerava o respeito à palavra empenhada como um capital que não se podia desbaratar. Então Rebeca recorreu a métodos mais audazes. Um vento misterioso apagava as luzes da sala de visitas e Úrsula surpreendia os noivos se beijando no escuro. Pietro Crespi lhe dava explicações atrapalhadas sobre a má qualidade das modernas lâmpadas de alcatrão e até ajudava a instalar na sala sistemas de iluminação mais seguros. Mas outra vez falhava o combustível ou entupiam as mechas, e Úrsula encontrava Rebeca sentada nos joelhos do noivo. Acabou por não aceitar nenhuma explicação. Depositou na índia a responsabilidade da padaria e se sentou numa cadeira de balanço para vigiar a visita do noivo, disposta a não se deixar vencer por manobras que já eram velhas na sua juventude. "Coitada de mamãe", dizia Rebeca com sarcástica indignação, vendo Úrsula bocejar de sono nas visitas. "Quando morrer vai sair penando nesta cadeira de balanço." Ao fim de três meses de amores vigiados, amolado com a lentidão da obra que passara a inspecionar todos os dias, Pietro Crespi resolveu dar ao Padre Nicanor o dinheiro que faltava para terminar o templo.

Amaranta não se impacientou. Enquanto conversava com as amigas que todas as tardes iam bordar ou tricotar na varanda, tratava de conceber novas artimanhas. Um erro de cálculo botou a perder a que considerou mais eficaz: tirar as bolinhas de naftalina que Rebeca tinha colocado no seu vestido de noiva antes de guardá-lo na cômoda do quarto. Fê-lo quando faltavam menos de dois meses para o término do templo. Mas Rebeca estava tão impaciente diante da proximidade do casamento que quis preparar o vestido com mais antecipação do que havia previsto Amaranta. Ao abrir a cômoda e desembrulhar primeiro os papéis e depois o pano protetor, encontrou o cetim do vestido e a renda do véu e até a coroa de flor de laranjeira pulverizados pelas traças. Embora estivesse certa de ter colocado no embrulho dois punhados de bolinhas de naftalina, o desastre parecia tão acidental que não se atreveu a culpar Amaranta. Faltava menos de um mês para o casamento, mas Amparo Moscote se comprometeu a costurar um novo vestido em uma semana. Amaranta sentiu-se desfalecer naquele meio-dia chuvoso em que Amparo entrou em casa envolta numa espumarada de renda, para que Rebeca fizesse a última prova do vestido. Perdeu a voz e um fio de suor gelado desceu pelo leito da sua espinha dorsal. Durante longos meses tinha tremido de pavor esperando aquela hora, porque se não concebia o obstáculo definitivo para o casamento de Rebeca, estava certa de que no último instante, quando tivessem falhado todos os recursos da sua imaginação, teria coragem de envenená-la. Nessa tarde, enquanto Rebeca sufocava de calor dentro da couraça de cetim que Amparo Moscote ia formando no seu corpo com mil alfinetes e uma paciência infinita, Amaranta errou várias vezes os pontos do crochê e espetou o dedo na agulha, mas decidiu com terrível frieza que a data seria a última sexta-feira antes do casamento, e a maneira seria uma dose de ópio no café.

Um obstáculo maior, tão inevitável quanto imprevisto, obrigou-os a um novo e indefinido adiamento. Uma semana antes da data marcada para o casamento, a pequena Remedios acordou à meia-noite, ensopada por um caldo quente que explodira nas suas entranhas com uma espécie de arroto rasgante, e morreu três dias depois, envenenada pelo próprio sangue, com um par de gêmeos atravessados no ventre. Amaranta sofreu uma crise de consciência. Tinha suplicado a Deus com tanto fervor que algo de pavoroso acontecesse para não ter de envenenar Rebeca que se sentiu culpada pela morte de Remedios. Não era esse o obstáculo por que tinha suplicado tanto. Remedios tinha levado para a casa um sopro de alegria. Instalara-se com o marido perto da oficina numa alcova que decorou com as bonecas e brinquedos da sua infância recente, e a sua alegre vitalidade transbordava as quatro paredes da alcova e passava como uma ventania de boa saúde pelo corredor das begônias. Cantava desde o amanhecer. Foi ela a única pessoa que se atreveu a servir de mediadora nas discussões entre Rebeca e Amaranta. Tomou a seu cargo a dispendiosa tarefa de cuidar de José Arcadio Buendía. Levava-lhe os alimentos, assistia-o nas suas necessidades cotidianas, lavava-o com sabão e bucha, mantinha limpos de piolhos e lêndeas os cabelos e a barba, conservava em bom estado o telhadinho de sapé e o reforçava com lonas impermeáveis nos tempos de tempestades. Nos últimos meses tinha conseguido se comunicar com ele por frases em latim rudimentar. Quando nasceu o filho de Aureliano e Pilar Ternera e foi levado para a casa e batizado em cerimônia íntima com o nome de Aureliano José, Remedios decidiu que fosse considerado como seu filho mais velho. Seu instinto maternal surpreendeu Úrsula. Aureliano, por outro lado, encontrou nela a justificativa que lhe faltava para viver. Trabalhava todo o dia na oficina e Remedios lhe levava na metade da manhã uma caneca de café sem açúcar. Ambos visitavam todas as noites os Moscote. Aureliano jogava com o sogro intermináveis partidas de dominó, enquanto Remedios conversava com as irmãs ou tratava com a mãe de assuntos de gente grande. O vínculo com os Buendía consolidou no povoado a autoridade do Sr. Apolinar Moscote. Em freqüentes viagens à capital da província, conseguiu que o governo construísse uma escola para que a administrasse Arcadio, que tinha herdado o entusiasmo didático do avô. Por meio da persuasão, convenceu a maioria dos habitantes de que suas casas deviam ser pintadas de azul para a festa da independência nacional. A instâncias do Padre Nicanor, ordenou a mudança da taberna de Catarino para uma rua afastada e fechou vários lugares de escândalo que prosperavam no centro da povoação. Certa vez regressou com seis guardas armados de fuzis a quem encomendou a manutenção da ordem, sem que ninguém se lembrasse do compromisso original de não ter gente armada no povoado. Aureliano se comprazia com a eficácia do sogro. "Você vai ficar tão gordo quanto ele", diziam os amigos. Mas o sedentarismo, que acentuou as suas maçãs do rosto e concentrou o fulgor dos seus olhos, não aumentou o seu peso nem alterou a parcimônia do seu temperamento, e pelo contrário endureceu nos seus lábios a linha reta da meditação solitária e da decisão implacável. Tão profundo era o carinho que ele e sua esposa tinham conseguido despertar na família de ambos que, quando Remedios anunciou que ia ter um filho, até Rebeca e Amaranta fizeram uma trégua para tricotar com lã azul, para o caso de vir um menino, e com lã rosa, para o caso de ser menina. Foi ela a última pessoa em quem Arcadio pensou, poucos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento.

Úrsula ordenou um luto de portas e janelas fechadas, sem entrada nem saída para ninguém a não ser para assuntos indispensáveis; proibiu falar em voz alta durante um ano, e pôs o daguerreótipo de Remedios no lugar em que se velou o cadáver, com uma fita negra em diagonal e uma lâmpada de azeite acesa para sempre. As gerações futuras, que nunca deixaram apagar a lâmpada, haveriam de se desconcertar diante daquela menina de saia pregueada, botinhas brancas e laço de organdi na cabeça, que não conseguiam fazer coincidir com a imagem acadêmica de uma bisavó. Amaranta tomou conta de Aureliano José. Adotou-o como um filho que haveria de compartilhar da sua solidão e aliviá-la do ópio involuntário que jogaram as suas súplicas desatinadas no café de Remedios. Pietro Crespi entrava na ponta dos pés ao anoitecer, com uma fita negra no chapéu, e fazia uma visita silenciosa a uma Rebeca que parecia perder o sangue dentro do vestido negro com mangas até os punhos. Teria sido tão irreverente a simples idéia de pensar em nova data para o casamento que o noivado se converteu numa relação eterna, um amor de cansaço em que ninguém voltou a pensar, como se os apaixonados que em outros tempos estragavam as lâmpadas para se beijar tivessem sido abandonados ao arbítrio da morte. Perdido o rumo, completamente desmoralizada, Rebeca voltou a comer terra.

De repente — quando o luto existia há tanto tempo que já se tinham retomado as sessões de ponto de cruz — alguém empurrou a porta da rua às duas da tarde, no silêncio mortal do calor, e as colunas estremeceram com tal força nos cimentos que Amaranta e suas amigas que bordavam na varanda, Rebeca que chupava o dedo no quarto, Úrsula na cozinha, Aureliano na oficina e até José Arcadio Buendía sob o castanheiro solitário tiveram a impressão de que um tremor de terra estava desmontando a casa. Chegava um homem descomunal. Os seus ombros quadrados mal cabiam nas portas. Trazia uma medalhinha da Virgem dos Remedios pendurada no pescoço de búfalo, os braços e o peito completamente bordados de tatuagens enigmáticas, e na munheca direita o apertado bracelete de cobre dos *niños-en-cruz.** Tinha o couro curtido pelo sal da intempérie, o cabelo curto e aparado como a crina de uma mula, as mandíbulas férreas e o olhar triste. Usava um cinturão duas vezes mais largo que a barrigueira de um cavalo, botas com polainas e esporas, os saltos reforçados com chapinhas de metal, e a sua presença dava a impressão trepidante de um abalo sísmico. Atravessou a sala de visitas e a sala de estar, carregando na mão uns alforjes meio arrebentados, e apareceu como um trovão na varanda das begônias, onde Amaranta e suas amigas estavam paralisadas, com as agulhas no ar. "Olá", disse a elas com a voz cansada, e atirou os alforjes sobre a mesa de trabalho e passou de largo para o fundo da casa. "Olá", disse a ele a assustada Rebeca, que o viu passar pela porta do quarto. "Olá", disse a Aureliano, que estava com os cinco sentidos alerta na mesa de ourivesaria. Não se entreteve com ninguém. Foi diretamente para a cozinha, e ali parou pela primeira vez, ao fim de uma viagem que tinha começado do outro lado do mundo. "Olá", disse. Úrsula ficou uma fração de segundo com a boca aberta, olhou-o nos olhos, lançou um grito e pulou no pescoço dele gritando e chorando de alegria. Era José Arcadio. Voltava tão pobre como tinha ido, a ponto de Úrsula ter de lhe dar dois pesos para pagar o aluguel do cavalo. Falava o espanhol misturado com gíria de marinheiros. Perguntaram-lhe onde havia estado, e respondeu: "Por aí." Pendurou a rede no quarto que lhe designaram e dormiu três dias. Quando acordou, e depois de tomar dezesseis ovos crus, saiu diretamente para a taberna de Catarino, onde a sua corpulência monumental provocou um pânico de curiosidade entre as mulheres. Ordenou música e aguardente para todos, por sua conta. Fez apostas de queda de braço com cinco homens ao mesmo tempo. "É impossível", diziam, ao se convencerem de que não conseguiriam mover-lhe o braço. "Tem *niños-en-cruz.*" Catarino, que não acreditava em artifícios de força, apostou doze pesos que ele não movia o balcão. José Arcadio arrancou-o do lugar, levantou-o equilibrando-o sobre a cabeça e o jogou na rua. Foram necessários onze homens para pô-lo pra dentro de volta. No calor da festa, exibiu sobre o balcão a sua masculinidade inverossímil, inteiramente tatuada num emaranhado azul e vermelho de letreiros em vários idiomas. Às mulheres que o assediaram com a sua cobiça, perguntou quem pagava mais. A que tinha mais ofereceu vinte pesos. Então ele propôs se rifar entre todas, a dez pesos cada número. Era um preço exorbitante, porque a mulher mais solicitada ganhava oito pesos por noite, mas todas aceitaram. Escreveram os seus nomes em quatorze papeizinhos que puseram num chapéu, e cada mulher tirou um. Quando só faltava tirar dois papeizinhos, determinou-se a quem correspondiam.

---

*Explicação do autor à tradutora: "Segundo uma lenda popular, alguns homens fazem abrir o pulso e ali meter uma pequena cruz especial fechando-o depois com uma pulseira de ferro ou cobre. Isto, segundo a lenda, lhes dá uma força extraordinária."

— Cinco pesos a mais cada uma — propôs José Arcadio — e me reparto entre as duas.

Disso vivia. Deu sessenta e cinco vezes a volta ao mundo, metido numa tripulação de marinheiros apátridas. As mulheres que se deitaram com ele naquela noite, na taberna de

Catarino, trouxeram-no inteiramente nu ao salão de baile, para que vissem que não tinha um milímetro do corpo sem tatuar, na frente e nas costas, e desde o pescoço até os dedos dos pés. Não conseguia se integrar na família. Dormia o dia inteiro e passava a noite no bairro de tolerância, fazendo apostas de força. Nas escassas ocasiões em que Úrsula pôde sentá-lo à mesa, demonstrou uma simpatia irradiante, sobretudo quando contava as suas aventuras em países longínquos. Tinha naufragado e permanecido duas semanas à deriva no mar do Japão, alimentando-se com o corpo de um companheiro que sucumbiu de insolação, cuja carne salgada e tornada a salgar e cozinhada ao sol tinha um sabor granuloso e doce. Num meio-dia radiante do golfo de Bengala, o seu navio vencera um dragão do mar em cujo ventre encontraram o elmo, as fivelas e as armas de um cruzado. Vira no Caribe o fantasma do navio pirata de Victor Hugues, com o velame solto pelos ventos da morte, os mastros carcomidos pelas baratas do mar, e perdido para sempre da rota de Guadalupe. Úrsula chorava na mesa como se estivesse lendo as cartas que nunca chegaram, nas quais José Arcadio relatava as suas façanhas e desventuras. "E tanto lugar aqui, meu filho", soluçava. "E tanta comida jogada aos porcos!" Mas no fundo não podia conceber que o rapaz que os ciganos levaram fosse o mesmo alarve que comia meio leitão no almoço e cujas ventosidades murchavam as flores. Algo de semelhante acontecia com o resto da família. Amaranta não podia dissimular a repugnância que lhe produziam na mesa os seus arrotos bestiais. Arcadio, que nunca conheceu o segredo da sua filiação, mal respondia as perguntas que ele lhe fazia, com o propósito evidente de conquistar o seu afeto. Aureliano tentou reviver os tempos em que dormiam no mesmo quarto, procurou restaurar a cumplicidade da infância, mas José Arcadio se esqueceu de tudo porque a vida do mar lhe saturara a memória com coisas demais para recordar. Só Rebeca sucumbiu ao primeiro impacto. Na tarde em que o viu passar diante do seu quarto, pensou que Pietro Crespi era um almofadinha magricela junto daquele protomacho cuja respiração vulcânica se percebia em toda a casa. Procurava estar perto dele sob qualquer pretexto. Certa ocasião, José Arcadio olhou para o seu corpo com atenção descarada e disse a ela: "Maninha, você é muito mulher." Rebeca perdeu o domínio de si mesma. Voltou a comer terra e cal das paredes com a avidez dos outros tempos e chupou o dedo com tanta ansiedade que formou um calo no polegar. Vomitou um líquido verde com sanguessugas mortas. Passou noites em vigília, tiritando de febre, lutando contra o delírio, esperando até que a casa trepidasse com o regresso de José Arcadio ao amanhecer. Uma tarde, quando todos dormiam a sesta, não agüentou mais e foi ao seu quarto. Encontrou-o de cuecas, acordado, estendido na rede que pendurara nos ganchos com os cabos de amarrar navio. Impressionou-a tanto a sua enorme nudez sarapintada que teve o ímpeto de retroceder. "Perdão", se desculpou. "Eu não sabia que você estava aqui." Mas abaixou o tom de voz para não acordar ninguém. "Vem cá", disse ele. Rebeca obedeceu. Deteve-se junto da rede, suando gelo, sentindo que se formavam nós nas tripas enquanto José Arcadio lhe acariciava os tornozelos com a polpa dos dedos, e depois a barriga das pernas e depois as coxas, murmurando: "Ah, maninha; ah maninha." Ela teve que fazer um esforço sobrenatural para não morrer quando uma potência ciclônica, assombrosamente regulada, levantou-a pela cintura e despojou-a da sua intimidade com três patadas, e esquartejou-a como a um passarinho. Conseguiu dar graças a Deus por ter nascido, antes de perder a consciência no prazer inconcebível daquela dor insuportável, chapinhando no lago fumegante da rede que absorveu como um mata-borrão a explosão do seu sangue.

Três dias depois, casaram-se na missa das cinco. José Arcadio tinha ido no dia anterior à loja de Pietro Crespi. Encontrara-o dando uma aula de cítara e nem ao menos o chamou de lado para falar. "Caso-me com Rebeca", disse. Pietro Crespi ficou pálido, entregou a cítara a um dos discípulos e deu a aula por encerrada. Quando ficaram sozinhos no salão abarrotado de instrumentos musicais e brinquedos de corda, Pietro Crespi disse:

— Ela é sua irmã.

— Não me importa — respondeu José Arcadio.

Pietro Crespi enxugou a testa com um lenço impregnado de alfazema.

— É contranatura — explicou — e, além disso, a lei proíbe.

José Arcadio se impacientou, não tanto com a argumentação como com a palidez de Pietro Crespi.

— Estou cagando pra essa tal de natura — disse. — E venho dizer isso a você para que não se dê o trabalho de ir perguntar nada a Rebeca.

Mas o seu comportamento brutal se quebrantou, ao ver que os olhos de Pietro Crespi se umedeciam.

— Agora — disse a ele em outro tom — se você gosta é da família, ainda lhe resta Amaranta.

O Padre Nicanor revelou, no sermão de domingo, que José Arcadio e Rebeca não eram irmãos. Úrsula não perdoou nunca o que considerou como uma inconcebível falta de respeito, e quando voltaram da igreja proibiu aos recém-casados de voltar a pisar na sua casa. Para ela, era como se estivessem mortos. De modo que alugaram uma casinha defronte do cemitério e nela se instalaram sem mais mobília que a rede de José Arcadio. Na noite de núpcias, Rebeca teve o pé mordido por um escorpião que se metera nas suas pantufas. Ficou com a língua dormente, mas isso não impediu que passassem uma lua-de-mel escandalosa. Os vizinhos se assustavam com os gritos que acordavam o bairro inteiro até oito vezes por noite, e até três vezes durante a sesta, e rogavam para que uma paixão tão desaforada não fosse perturbar a paz dos mortos.

Aureliano foi o único que se preocupou com eles. Comprou-lhes alguns móveis e lhes proporcionou dinheiro, até que José Arcadio retomou o sentido da realidade e começou a trabalhar as terras de ninguém que terminavam no quintal da casa. Amaranta, pelo contrário, não conseguiu superar nunca o seu rancor contra Rebeca, embora a vida lhe oferecesse uma satisfação com que não havia sonhado: por iniciativa de Úrsula, que não sabia como reparar a vergonha, Pietro Crespi continuou almoçando às terças-feiras na sua casa, superior ao fracasso, com uma serena dignidade. Conservou a fita preta no chapéu como um sinal de apreço à família, e se comprazia em demonstrar o seu afeto a Úrsula, levando-lhe presentes exóticos: sardinhas portuguesas, geléia de rosas turcas, e, em certa ocasião, um primoroso xale oriental. Amaranta o atendia com uma carinhosa diligência. Adivinhava os seus gostos, arrancava-lhe os fios descosidos dos punhos da camisa, e bordou uma dúzia de lenços com as suas iniciais, para o dia do seu aniversário. Às terças-feiras, depois do almoço, enquanto ela bordava na varanda, ele lhe fazia uma alegre companhia. Para Pietro Crespi, aquela mulher a quem sempre considerara e tratara como uma menina foi uma revelação. Embora o seu tipo carecesse de graça, possuía uma refinada sensibilidade para apreciar as coisas do mundo, e uma ternura secreta. Numa terça-feira, quando ninguém duvidava de que mais cedo ou mais tarde teria de acontecer, Pietro Crespi pediu-lhe que se casasse com ele. Ela não interrompeu o trabalho. Esperou que passasse o quente rubor das orelhas e imprimiu à voz uma serena ênfase de maturidade.

— Claro que sim, Crespi — disse — mas quando a gente se conhecer melhor. Não convém precipitar as coisas.

Úrsula ficou confusa. Apesar do apreço que sentia por Pietro Crespi, não conseguia discernir se a sua decisão era boa ou má do ponto de vista moral, depois de prolongado e ruidoso noivado com Rebeca. Mas acabou por aceitá-lo como um fato sem classificação, porque ninguém compartilhou das suas dúvidas. Aureliano, que era o homem da casa, confundiu-as ainda mais, com a sua enigmática e conclusiva opinião:

— Não é hora de andar pensando em casamentos.

Aquela opinião, que Úrsula só compreendeu alguns meses depois, era a única que ele podia expressar sinceramente no momento, não só no que diz respeito ao casamento, mas também a qualquer assunto que não fosse a guerra. Ele mesmo, diante do pelotão de fuzilamento, não haveria de entender muito bem como se fora encadeando a série de sutis mas irrevogáveis casualidades que o tinham levado a esse ponto. A morte de Remedios não lhe produzira a comoção que temia. Foi mais um surdo sentimento de raiva que paulatinamente se dissolveu numa frustração solitária e passiva, semelhante à que experimentara na época em que estava resignado a viver sem mulher. Voltou a afundar-se no trabalho, mas conservou o costume de jogar dominó com o sogro. Numa casa amordaçada pelo luto, as conversas noturnas consolidaram a amizade dos dois homens. "Case outra vez, Aurelito", dizia-lhe o sogro. "Tenho seis filhas para você escolher." Certa ocasião, às vésperas das eleições, o Sr. Apolinar Moscote voltou de uma das suas freqüentes viagens preocupado com a situação política do país. Os liberais estavam decididos a se lançar à guerra. Como Aureliano tinha nessa época noções muito confusas das diferenças entre conservadores e liberais, o sogro lhe dava lições esquemáticas. Os liberais, dizia, eram maçons; gente de má índole, partidária de enforcar os padres, de instituir o casamento civil e o divórcio, de reconhecer iguais direitos aos filhos naturais e aos legítimos, e de despedaçar o país num sistema federal que despojaria de poderes a autoridade suprema. Os conservadores, ao contrário, que tinham recebido o poder diretamente de Deus, pugnavam pela estabilidade da ordem pública e pela moral familiar; eram os defensores da fé de Cristo, do princípio de autoridade, e não estavam dispostos a permitir que o país fosse esquartejado em entidades autônomas. Por sentimentos humanitários, Aureliano simpatizava com a atitude liberal, no que se refere aos direitos dos filhos naturais, mas, de qualquer maneira, não entendia como se chegava ao extremo de fazer uma guerra por coisas que não se podiam tocar com as mãos. Pareceu-lhe um despropósito que o seu sogro fizesse vir para as eleições seis soldados armados com fuzis, sob o comando de um sargento, num povoado sem paixões políticas. Não só chegaram, mas foram até de casa em casa, confiscando armas de caça, facões e até facas de cozinha, antes de repartir entre os homens maiores de vinte e um anos as cédulas azuis, com os nomes dos candidatos conservadores, e as cédulas vermelhas, com os nomes dos candidatos liberais. Na véspera das eleições, o próprio Sr. Apolinar Moscote leu uma ordem que proibia, desde a meia-noite de sábado, e por quarenta e oito horas, a venda de bebidas alcoólicas e a reunião de mais de três pessoas que não fossem da mesma família. As eleições transcorreram sem incidentes. Desde as oito da manhã de domingo, instalou-se na praça a urna de madeira guardada pelos seis soldados. Votou-se com inteira liberdade, como pôde comprovar o próprio Aureliano, que esteve quase o dia inteiro com o sogro, vigiando para que ninguém votasse mais de uma vez. Às quatro da tarde, um rufar de tambor na praça anunciou o término da jornada, e o Sr. Apolinar Moscote selou a urna com uma etiqueta atravessada pela sua assinatura. Nessa noite, enquanto jogava dominó com Aureliano, ordenou ao sargento rasgar a etiqueta para contar os votos. Havia quase tantas cédulas vermelhas quanto azuis, mas o sargento só deixou dez vermelhas e completou a diferença com azuis. Depois voltaram a selar a urna com uma etiqueta nova e no dia seguinte cedo levaram-na para a capital da província. "Os liberais irão à guerra", disse Aureliano. O Sr. Apolinar não abandonou as suas pedras de dominó. "Se você está dizendo isso por causa da troca das cédulas, não irão", disse. "Sempre se deixam algumas vermelhas para não haver reclamação." Aureliano compreendeu as desvantagens da oposição. "Se eu fosse liberal", disse, "iria à guerra por causa do negócio das cédulas." O sogro o olhou por cima dos óculos.

— Ah, Aurelito — disse — se você fosse liberal, ainda que fosse meu genro, não teria visto a troca das cédulas.

O que na verdade causou indignação no povoado não foi o resultado das eleições, mas o fato de os soldados não terem devolvido as armas. Um grupo de mulheres falou com Aureliano para que conseguisse do sogro a devolução das facas de cozinha. O Sr. Apolinar Moscote lhe explicou, muito em particular, que os soldados tinham levado as armas confiscadas como prova de que os liberais estavam se preparando para a guerra. Ficou alarmado com o cinismo da declaração. Não fez nenhum comentário, mas certa noite em que Gerineldo Márquez e Magnífico Visbal falavam com outros amigos do incidente das facas, perguntaram-lhe se era liberal ou conservador. Aureliano não vacilou:

— Se fosse preciso de alguma coisa, eu seria liberal — disse — porque os conservadores são uns trapaceiros.

No dia seguinte, por insistência dos amigos, foi visitar o Doutor Alirio Noguera para que o curasse de uma pretensa dor no fígado. Não sabia sequer o sentido da patranha. O Doutor Alirio Noguera chegara a Macondo poucos anos antes, com uma maleta de comprimidos sem sabor e uma divisa médica que não convenceu ninguém: *"Uma doença cura a outra."* Na verdade era um farsante. Detrás da sua inocente fachada de médico sem prestígio, escondia-se um terrorista que tapava com polainas de meia-perna as cicatrizes que deixaram nos seus tornozelos cinco anos de cadeia. Capturado na primeira aventura federalista, conseguiu fugir para Curaçao disfarçado na roupa que mais detestava neste mundo: uma batina. Ao fim de um prolongado desterro, enganado pelas exaltadas notícias que os exilados de todo o Caribe traziam a Curaçao, embarcou numa escuna de contrabandistas e apareceu em Riohacha com os vidrinhos de comprimidos que não eram mais que açúcar refinado, e um diploma da Universidade de Leipzig falsificado por ele mesmo. Chorou de desilusão. O fervor federalista, que os exilados definiam como um estopim já quase aceso, tinha-se dissolvido numa vaga ilusão eleitoral. Amargurado pelo fracasso, ansioso por um lugar seguro onde esperar a velhice, o falso homeopata se refugiou em Macondo. No estreito quartinho abarrotado de frascos vazios que alugou num canto da praça, viveu vários anos dos doentes sem esperanças que, depois de terem provado tudo, se consolavam com comprimidos de açúcar. Seus instintos de agitador permaneceram em repouso enquanto o Sr. Apolinar Moscote foi uma autoridade decorativa. Passava o tempo em recordações e na luta contra a asma. A proximidade das eleições foi o fio que lhe permitiu encontrar de novo o novelo da subversão. Estabeleceu contato com a gente jovem do povoado, que carecia de formação política, e se empenhou numa sigilosa campanha de instigação. As numerosas cédulas vermelhas que apareceram na urna, e que foram atribuídas pelo Sr. Apolinar Moscote à mania de novidade da juventude, eram parte do seu plano: obrigou os discípulos a votarem, para convencê-los de que as eleições eram uma farsa. "A única coisa eficaz", dizia, "é a violência." A maioria dos amigos de Aureliano andava entusiasmada com a idéia de liquidar a ordem conservadora, mas ninguém tinha se atrevido a incluí-lo nos planos, não só pelos seus vínculos com o delegado, mas também pelo seu temperamento solitário e evasivo. Era mais que sabido, além disso, que tinha votado azul por indicação do sogro. De modo que foi uma simples casualidade que revelasse os seus sentimentos políticos, e foi uma mera pontinha de curiosidade o que veio a lhe dar na veneta de visitar o médico, para tratar de uma dor que não tinha. Na pocilga cheirando a teia de aranha canforada, deu de cara com uma espécie de lagarto empoeirado cujos pulmões assoviavam ao respirar. Antes de fazer qualquer pergunta, o doutor o levou à janela e examinou a parte de dentro da pálpebra inferior. "Não é aí", disse Aureliano, conforme tinham ensinado. Apertou o fígado com a ponta dos dedos e acrescentou: "É aqui que tenho a dor que não me deixa dormir." Então o Doutor Noguera fechou a janela sob o pretexto de que havia muito sol, e lhe explicou em termos simples por que era um dever patriótico assassinar os conservadores. Durante vários dias, Aureliano carregou um vidrinho no bolso da camisa. Tirava-o de duas em duas horas, punha três comprimidos na palma da mão e jogava-os na boca para dissolvê-los lentamente na língua. O Sr. Apolinar Moscote caçoou da sua fé na homeopatia, mas os que estavam no complô reconheceram nele mais um dos seus. Quase todos os filhos dos fundadores estavam implicados, embora nenhum soubesse concretamente em que consistia a ação que eles mesmos tramavam. Entretanto, no dia em que o médico revelou o segredo a Aureliano, este tirou o corpo fora da conspiração. Embora estivesse mais do que convencido da urgência de liquidar com o regime conservador, o plano o horrorizou. O Doutor Noguera era um místico do atentado pessoal. O seu sistema se reduzia a coordenar uma série de ações individuais que, num golpe de mestre de alcance nacional, liquidasse com os funcionários do regime e as suas respectivas famílias, sobretudo as crianças, para exterminar o conservadorismo na semente. O Sr. Apolinar Moscote, sua esposa e suas seis filhas, evidentemente, estavam na lista.

— O senhor não é liberal coisa nenhuma — disse Aureliano sem se alterar. — O senhor não passa de um magarefe.

— Nesse caso — replicou o doutor com a mesma calma — devolva o vidrinho. Você já não precisa dele.

Apenas seis meses mais tarde é que Aureliano soube que o doutor o tinha desacreditado como homem de ação, por ser um sentimental sem futuro, com um temperamento passivo e uma clara vocação solitária. Trataram de o cercar, temendo que denunciasse a conspiração. Aureliano tranqüilizou-os: não diria uma palavra, mas na noite em que fossem assassinar a família Moscote encontrá-lo-iam defendendo a porta. Demonstrou uma decisão tão convincente que o plano foi adiado por tempo indeterminado. Foi por esses dias que Úrsula consultou a sua opinião sobre o casamento de Pietro Crespi e Amaranta, e ele respondeu que a época não estava para pensar nestas coisas. Há uma semana que trazia sob a camisa uma pistola arcaica. Vigiava os amigos. Ia de tarde tomar café com José Arcadio e Rebeca, que começavam a arrumar a sua casa, e desde as sete ficava jogando dominó com o sogro. Na hora do almoço conversava com Arcadio, que já era um adolescente monumental, e o encontrava cada vez mais exaltado com a iminência da guerra. Na escola, onde Arcadio tinha alunos mais velhos que ele, misturados com crianças que mal começavam a falar, tinha-se alastrado a febre liberal. Falava-se em fuzilar o Padre Nicanor, converter o templo em escola, implantar o amor livre. Aureliano procurou arrefecer os seus ânimos. Recomendou-lhes discrição e prudência. Surdo ao seu raciocínio sereno, ao seu sentido da realidade, Arcadio reprovou em público a sua debilidade de temperamento. Aureliano esperou. Por fim, no início de dezembro, Úrsula irrompeu transtornada na oficina.

— Rebentou a guerra!

Realmente, rebentara há três meses. A lei marcial imperava em todo o país. O único a sabê-lo era o Sr. Apolinar Moscote, que não deu a notícia nem à sua mulher enquanto não chegava o pelotão do exército que haveria de ocupar o povoado de surpresa. Entraram de mansinho antes do amanhecer, com duas peças de artilharia ligeira puxadas por mulas, e instalaram o quartel na escola. Impôs-se o toque de recolher às seis da tarde. Fez-se uma revista mais drástica que a anterior, casa por casa, e desta vez levaram até as ferramentas de agricultura. Levaram arrastado o Doutor Noguera, amarraram-no a uma árvore da praça e o fuzilaram sem qualquer julgamento. O Padre Nicanor tratou de impressionar as autoridades militares com o milagre da levitação e um soldado lhe deu uma coronhada na cabeça. A exaltação liberal se apagou num terror silencioso. Aureliano, pálido, hermético, continuou jogando dominó com o sogro. Compreendeu que apesar do seu título atual de chefe civil e militar da praça, o Sr. Apolinar Moscote era outra vez uma autoridade decorativa. As decisões quem tomava era um capitão do exército que todas as manhãs recolhia um tributo extraordinário para a defesa da ordem pública. Quatro soldados, a mando seu, arrebataram de casa uma mulher que tinha sido mordida por um cão raivoso e a mataram a coronhadas em plena rua. Um domingo, duas semanas depois da ocupação, Aureliano entrou na casa de Gerineldo Márquez e com a sua parcimônia habitual pediu uma caneca de café sem açúcar. Quando os dois ficaram sozinhos na cozinha, Aureliano imprimiu à voz uma autoridade que nunca se lhe havia conhecido. "Prepare os rapazes", disse. "Vamos para a guerra." Gerineldo Márquez não acreditou.

— Com que armas? — perguntou.

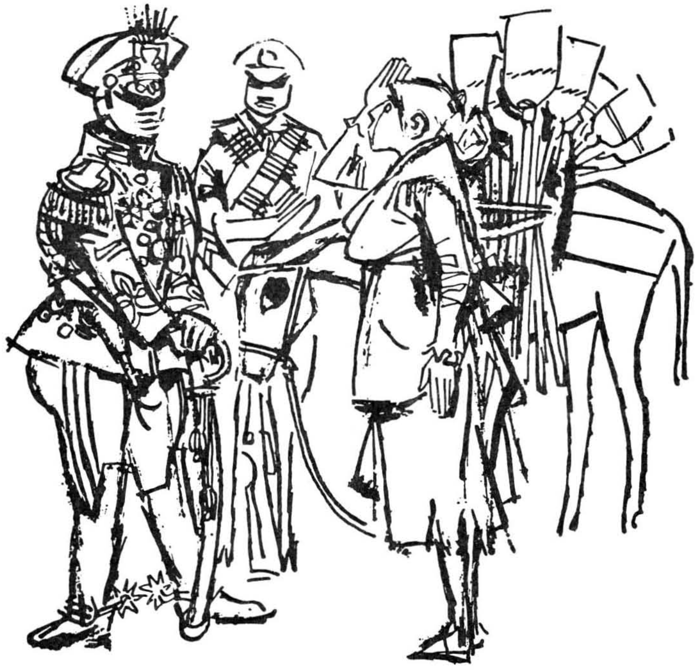
— Com as deles — respondeu Aureliano.

Na terça-feira, à meia-noite, numa operação tresloucada, vinte e um homens menores de trinta anos, chefiados por Aureliano Buendía, armados com facas de mesa e ferros afiados, tomaram de assalto a guarnição, apoderaram-se das armas e fuzilaram no pátio o capitão e os quatro soldados que tinham assassinado a mulher.

Nessa mesma noite, enquanto se escutavam as descargas do pelotão de fuzilamento, Arcadio foi nomeado chefe civil e militar da praça. Os rebeldes casados mal tiveram tempo de se despedir das esposas, que abandonaram aos seus próprios recursos. Foram embora ao amanhecer, aclamados pela população liberada do terror, para se unir às forças do general revolucionário Victorio Medina, que, segundo as últimas notícias, andava pelo rumo de Manaure. Antes de ir embora, Aureliano tirou o Sr. Apolinar Moscote de um armário. "O senhor fique tranqüilo, meu sogro", disse a ele. "O novo governo garante, sob palavra de honra, a sua segurança pessoal e a da sua família.'' O Sr. Apolinar Moscote teve dificuldade de identificar aquele conspirador de botas altas e fuzil pendurado no ombro com quem tinha jogado dominó até as nove da noite.

— Isto é um disparate, Aurelito — exclamou.

— Disparate nenhum — disse Aureliano. — É a guerra. E não torne a me chamar de Aurelito, porque já sou o Coronel Aureliano Buendía.



O CORONEL Aureliano Buendía promoveu trinta e duas revoluções armadas e perdeu todas. Teve dezessete filhos varões de dezessete mulheres diferentes, que foram exterminados um por um numa só noite, antes que o mais velho completasse trinta e cinco anos. Escapou de quatorze atentados, setenta e três emboscadas e um pelotão de fuzilamento. Sobreviveu a uma dose de estricnina no café que daria para matar um cavalo. Recusou a Ordem do Mérito que lhe outorgou o Presidente da República. Chegou a ser comandante geral das forças revolucionárias, com jurisdição e mando de uma fronteira à outra, e o homem mais temido pelo governo, mas nunca permitiu que lhe tirassem uma fotografia. Dispensou a pensão vitalícia que lhe ofereceram depois da guerra e viveu até a velhice dos peixinhos de ouro que fabricava na sua oficina de Macondo. Embora lutasse sempre à frente dos seus homens, a única ferida que recebeu foi produzida por ele mesmo, depois de assinar a capitulação da Neerlândia, que pôs fim a quase vinte anos de guerras civis. Desfechou um tiro de pistola no peito e o projétil saiu-lhe pelas costas sem ofender nenhum centro vital. A única coisa que ficou de tudo isso foi uma rua com o seu nome em Macondo. Entretanto, conforme declarou poucos anos antes de morrer de velho, nem mesmo isso ele esperava, na madrugada em que partiu com os seus vinte e um homens, para se reunir às forças do General Victorio Medina.

— Nós deixamos Macondo aí para você — foi tudo quanto disse a Arcadio antes de partir. — Nós o deixamos bem, faça com que o encontremos melhor.

Arcadio deu uma interpretação muito pessoal à recomendação. Inventou para si mesmo um uniforme com galões e dragonas de marechal, inspirado nas gravuras de um livro de Melquíades, e pendurou no cinto o sabre com borlas douradas do capitão fuzilado. Colocou as duas peças de artilharia na entrada do povoado, uniformizou os seus antigos alunos, inflamados pelos seus pronunciamentos incendiários, e deixou-os vagar armados pelas ruas, para dar aos forasteiros uma impressão de invulnerabilidade. Foi uma faca de dois gumes, porque o governo não se atreveu a atacar a praça durante dez meses, mas quando o fez, descarregou contra ela uma força tão desproporcional que liquidou com a resistência em meia hora. Desde o primeiro dia de seu mandato Arcadio revelou ser partidário dos decretos. Chegou a baixar até quatro por dia, para ordenar e determinar o que lhe passava pela cabeça. Implantou o serviço militar obrigatório a partir dos dezoito anos, declarou de utilidade pública os animais que transitavam pelas ruas depois das seis da tarde e impôs aos homens maiores de idade a obrigação de usar uma faixa vermelha na manga. Enclausurou o Padre Nicanor na casa paroquial, sob a ameaça de fuzilamento, e proibiu-o de dizer missa e tocar os sinos, se não fosse para celebrar as vitórias liberais. Para que ninguém pusesse em dúvida a severidade dos seus propósitos, mandou que um pelotão de fuzilamento treinasse em praça pública atirando contra um espantalho. No começo, ninguém o levou a sério. Eram, afinal de contas, os rapazes da escola brincando de gente grande. Mas certa noite, ao entrar na taberna de Catarino, o trompetista da banda saudou Arcadio com um toque de fanfarra que provocou o riso da clientela, e Arcadio o mandou fuzilar por falta de respeito à autoridade. Aos que protestaram, pôs a pão e água, com os tornozelos no tronco que instalara num quarto da escola. "Você é um assassino!", gritava-lhe Úrsula cada vez que sabia de alguma nova arbitrariedade. "Quando Aureliano souber disso, vai fuzilar é você mesmo, e eu vou ser a primeira a me alegrar!" Mas tudo foi inútil. Arcadio continuou apertando as cravelhas com um rigor desnecessário, até se converter no mais cruel dos governantes que passaram por Macondo. "Agora sofram a diferença", disse o Sr. Apolinar Moscote em certa ocasião. "Isto é o paraíso liberal." Arcadio soube. À frente de uma patrulha assaltou a casa, quebrou os móveis, açoitou as filhas e levou de rastros o Sr. Apolinar Moscote. Quando Úrsula irrompeu no pátio do quartel, depois de ter atravessado o povoado clamando de vergonha e brandindo de raiva um rebenque cheio de alcatrão, o próprio Arcadio se dispunha a dar a ordem de fogo ao pelotão de fuzilamento.

— Atreva-se, bastardo! — gritou Úrsula.

Antes que Arcadio tivesse tempo de reagir, descarregou-lhe a primeira vergastada. "Atreva-se, assassino", gritava. "E me mate também, seu filho da mãe. Assim não vou ter olhos para chorar a vergonha de ter criado um monstro." Açoitando-o sem misericórdia, perseguiu-o até o fundo do pátio, onde Arcadio se enrolou como um caracol. O Sr. Apolinar Moscote estava inconsciente, amarrado no poste onde tinham antes o espantalho arrebentado pelos tiros de treinamento. Os rapazes do pelotão se dispersaram, temerosos de que Úrsula terminasse de se desafogar neles. Mas ela nem sequer lhes dirigiu o olhar. Deixou Arcadio com o uniforme espedaçado, bramando de dor e de raiva, e desamarrou o Sr. Apolinar Moscote para levá-lo em casa. Antes de abandonar o quartel, soltou os presos do tronco.

A partir de então, foi ela quem passou a mandar no povoado. Restabeleceu a missa dominical, suspendeu o uso das insígnias vermelhas e invalidou os decretos atrabiliários. Mas apesar da sua força, continuou chorando a infelicidade do seu destino. Sentiu-se tão sozinha que procurou a inútil companhia do marido, esquecido debaixo do castanheiro. "Olha só onde fomos parar", dizia a ele, enquanto as chuvas de junho ameaçavam derrubar a coberta de sapé. "Olhe só a casa vazia, nossos filhos espalhados pelo mundo, e nós dois sozinhos outra vez como no princípio." José Arcadio Buendía, afundado num abismo de inconsciência, era surdo aos seus lamentos. No começo da sua loucura, anunciava com latinórios agoniantes as suas urgências cotidianas. Em fugazes clarões de lucidez, quando Amaranta trazia a comida, ele lhe comunicava os seus pesares mais desagradáveis e se prestava com docilidade às suas ventosas e sinapismos. Mas na época em que Úrsula foi se lamentar ao seu lado, já tinha perdido todo o contato com a realidade. Ela o banhava por partes, sentado no banquinho, enquanto lhe dava notícias da família. "Aureliano foi para a guerra, faz mais de quatro meses, e não soubemos mais dele", dizia, esfregando-lhe as costas com uma bucha ensaboada. "José Arcadio voltou, feito um homenzarrão mais alto que você e todo bordado em ponto de cruz, mas só veio trazer vergonha para a nossa casa." Acreditou observar, entretanto, que o marido se entristecia com as más notícias. Então, optou por mentir para ele. "Não acredite no que eu digo", dizia, enquanto jogava cinzas sobre os excrementos, para recolhê-los com a pá. "Deus quis que José Arcadio e Rebeca se casassem, e agora são muito felizes." Chegou a ser tão sincera no engano que ela mesma acabou se consolando com as suas próprias mentiras. "Arcadio já é um homem sério", dizia, "e muito valente, e muito bonito com o seu uniforme e o seu sabre." Era como falar a um morto, porque José Arcadio Buendía já estava fora do alcance de qualquer preocupação. Mas ela insistiu. Via-o tão manso, tão indiferente a tudo, que decidiu soltá-lo. Ele nem sequer se mexeu do banquinho. Continuou exposto ao sol e à chuva, como se as cordas fossem desnecessárias, porque um domínio superior a qualquer prisão visível o mantinha amarrado ao tronco do castanheiro. Pelo mês de agosto, quando o inverno começava a se eternizar, Úrsula pôde por fim lhe dar uma notícia que parecia verdade.

— Veja que a boa sorte continua nos perseguindo — disse a ele. — Amaranta e o italiano da pianola vão se casar.

Amaranta e Pietro Crespi, na verdade, tinham aprofundado a amizade, amparados pela confiança de Úrsula, que desta vez não pensou ser necessário vigiar as visitas. Era um namoro crepuscular. O italiano chegava ao entardecer, com uma gardênia na lapela, e traduzia para Amaranta os sonetos de Petrarca. Permaneciam na varanda sufocada pelo orégão e pelas rosas, ele lendo e ela fazendo renda de bilros, indiferentes aos sobressaltos e às más notícias da guerra, até que os mosquitos os obrigassem a se refugiar na sala. A sensibilidade de Amaranta, sua discreta mas envolvente ternura, foram urdindo em volta do namorado uma teia invisível que ele tinha que afastar materialmente com os dedos pálidos e sem anéis, para abandonar a casa às oito. Tinham feito um lindo álbum com os postais que Pietro Crespi recebia da Itália. Eram imagens de apaixonados em parques solitários, com vinhetas de corações flechados e fitas douradas sustentadas por pombinhos. "Eu conheço este parque em Florença", dizia Pietro Crespi repassando os postais. "A gente estende a mão e os pássaros descem para comer." Às vezes, diante de uma aquarela de Veneza, a saudade transformava em suaves aromas de flores o cheiro de limo e mariscos podres dos canais. Amaranta suspirava, ria, sonhava com uma segunda pátria de homens e mulheres formosos que falavam uma língua que parecia de crianças, com cidades antigas de cuja passada grandeza restavam apenas os gatos entre os escombros. Depois de atravessar o oceano na sua busca, depois de tê-lo confundido com a paixão nas carícias veementes de Rebeca, Pietro Crespi tinha encontrado o amor. A felicidade trouxe consigo a prosperidade. A sua loja ocupava agora quase um quarteirão, e era um refúgio de fantasia, com reproduções do campanário de Florença, que davam as horas num concerto de carrilhões, e caixinhas de música de Sorrento, e de pó-de-arroz da China que cantavam, ao se abrir a tampa, toadas de cinco notas, e todos os instrumentos musicais que se podiam imaginar e todos os artifícios de corda que se podiam conceber. Bruno Crespi, seu irmão mais novo, estava à frente da loja, porque ele já não chegava para atender à escola de música. Graças a ele, a Rua dos Turcos, com a sua deslumbrante exposição de quinquilharias, transformou-se num remanso melódico, para esquecer as arbitrariedades de Arcadio e o pesadelo remoto da guerra. Quando Úrsula determinou a retomada da missa dominical, Pietro Crespi presenteou o templo com um harmônio alemão, organizou um coro infantil e preparou um repertório gregoriano que deu uma nota esplêndida ao ritual taciturno do Padre Nicanor. Ninguém punha em dúvida que faria de Amaranta uma esposa feliz. Sem apressar os sentimentos, deixando-se arrastar pela fluidez natural do coração, chegaram a um ponto em que só faltava marcar a data do casamento. Não encontrariam obstáculos. Úrsula se acusava intimamente de ter torcido com adiamentos repetidos o destino de Rebeca, e não estava disposta a acumular remorsos. O rigor do luto pela morte de Remedios tinha sido relegado a segundo plano em favor da mortificação da guerra, da ausência de Aureliano, da brutalidade de Arcadio e da expulsão de José Arcadio e Rebeca. Diante da iminência do casamento, o próprio Pietro Crespi insinuara que Aureliano José, em favor de quem desenvolveu um carinho quase paternal, fosse considerado como seu filho mais velho. Tudo fazia crer que Amaranta se orientava para uma felicidade sem tropeços. Mas ao contrário de Rebeca, ela não revelava a menor ansiedade. Com a mesma paciência com que sarapintava toalhas de mesa, e tecia primores de passamanaria, e bordava pavões em ponto de cruz, esperou que Pietro Crespi não suportasse mais as urgências do coração. Sua hora chegou com as chuvas aziagas de outubro. Pietro Crespi tirou-lhe do colo o cesto de costura e apertou-lhe a mão entre as suas. "Não agüento mais esta espera", disse a ela. "Nós casamos no mês que vem." Amaranta não tremeu ao contato das suas mãos de gelo. Retirou a sua, como um animalzinho em fuga e voltou ao trabalho.

— Não seja ingênuo, Crespi — sorriu — nem morta eu me caso com você.

Pietro Crespi perdeu o domínio de si mesmo. Chorou sem pudor, quase quebrando os dedos de desespero, mas não conseguiu comovê-la. "Não perca tempo", foi tudo quanto disse Amaranta. "Se realmente você me ama tanto, não volte a pisar nesta casa." Úrsula pensou enlouquecer de vergonha. Pietro Crespi esgotou os recursos da súplica. Chegou a incríveis extremos de humilhação. Chorou uma tarde inteira no colo de Úrsula, que teria vendido a alma para consolá-lo. Em noites de chuva, foi visto vagando nas proximidades da casa, com um guarda-chuva de seda, tentando surpreender uma luz no quarto de Amaranta. Nunca andou tão bem vestido quanto nessa época. A sua augusta cabeça de imperador atormentado adquiriu um estranho ar de grandeza. Importunou as amigas de Amaranta, as que iam bordar na varanda, para que tentassem persuadi-la. Descuidou dos negócios. Passava o dia nos fundos da loja, escrevendo bilhetes desatinados, que fazia chegar a Amaranta com membranas de pétalas e borboletas embalsamadas, e que ela devolvia sem abrir. Trancava-se durante horas e horas tocando cítara. Certa noite cantou. Macondo acordou numa espécie de êxtase, angelizado por uma cítara que não podia ser deste mundo e uma voz que não se podia conceber que existisse na terra, tão cheia de amor. Pietro Crespi viu então a luz acesa em todas as janelas do povoado, menos na de Amaranta. A dois de novembro, dia de todos os mortos, seu irmão abriu a loja e encontrou todas as luzes acesas e todas as caixas de músicas abertas e todos os relógios travados numa hora interminável, e no meio daquele concerto disparatado encontrou Pietro Crespi no escritório dos fundos da loja com os pulsos cortados a navalha e as duas mãos metidas numa bacia de benjoim.

Úrsula ordenou que ele fosse velado na sua casa. O Padre Nicanor se opunha aos ofícios religiosos e à sepultura no campo santo. Úrsula enfrentou-o. "De uma maneira que nem o senhor nem eu podemos entender, esse homem era um santo", disse. "De modo que vou enterrá-lo, contra a sua vontade, junto à tumba de Melquíades." Fê-lo, com o apoio de todo o povo, em funerais magníficos. Amaranta não saiu do quarto. Ouviu de sua cama o pranto de Úrsula, os passos e murmúrios da multidão que invadiu a casa, os uivos das carpideiras, e depois um profundo silêncio cheirando a flores pisadas. Durante muito tempo continuou a sentir o aroma da lavanda de Pietro Crespi ao entardecer, mas teve forças para não sucumbir ao delírio. Úrsula abandonou-a. Nem sequer levantou os olhos para se apiedar dela, na tarde em que Amaranta entrou na cozinha e pôs a mão nas brasas do fogão, até doer tanto que não sentiu mais a dor, e sim o fedor da sua própria carne chamuscada. Foi uma dose cavalar para o remorso. Durante vários dias andou pela casa com a mão metida numa caneca cheia de claras de ovo, e quando sararam as queimaduras era como se as claras de ovo tivessem cicatrizado também as úlceras do coração. A única marca externa que lhe deixou a tragédia foi a atadura de gaze negra que pôs na mão queimada, e que haveria de usar até a morte.

Arcadio deu uma rara prova de generosidade, ao proclamar, mediante um decreto, o luto oficial pela morte de Pietro Crespi. Úrsula interpretou o fato como a volta do cordeiro extraviado. Mas se enganou. Tinha perdido Arcadio, não desde que vestiu o uniforme militar, mas desde sempre. Acreditava tê-lo criado como um filho, como criou Rebeca, sem privilégios nem discriminações. Entretanto, Arcadio era um menino solitário e assustado durante a peste da insônia, em meio à febre utilitária de Úrsula, aos delírios de José Arcadio Buendía, ao hermetismo de Aureliano, à rivalidade mortal entre Amaranta e Rebeca. Aureliano ensinou-o a ler e escrever, pensando em outra coisa, como o teria feito um estranho. Presenteava-o com a sua roupa, para que Visitación a diminuísse, quando já estava boa para jogar fora. Arcadio sofria com os seus sapatos grandes demais, com as suas calças remendadas, com as suas nádegas de mulher. Nunca conseguiu se comunicar com ninguém melhor do que o fizera com Visitación e Cataure, na língua deles. Melquíades foi o único que na realidade se ocupou dele, que lhe fazia escutar os seus textos incompreensíveis e lhe dava instruções sobre a arte da daguerreotipia. Ninguém imaginava o quanto chorara a sua morte em segredo e com que desespero tentou revivê-lo no estudo inútil dos seus papéis. A escola, onde lhe prestavam atenção e o respeitavam, e depois o poder, com os seus decretos peremptórios e o seu uniforme de glória, livraram-no do peso de uma antiga amargura. Uma noite, na taberna de Catarino, alguém se atreveu a lhe dizer: "Você não merece o sobrenome que usa." Ao contrário do que todos esperavam, Arcadio não mandou fuzilá-lo.

— Com muita honra — disse — não sou um Buendía.

Os que conheciam o segredo da sua filiação pensaram por aquela réplica que também ele estava a par, mas na realidade não o esteve nunca. Pilar Ternera, sua mãe, que lhe tinha feito ferver o sangue no gabinete de daguerreotipia, foi para ele uma obsessão tão irresistível como tinha sido primeiro para José Arcadio e depois para Aureliano. Apesar de ela haver perdido os encantos e o esplendor do riso, ele a procurava e a encontrava no rastro do seu cheiro de fumo. Pouco antes da guerra, num meio-dia em que ela foi mais tarde que de costume buscar o seu filho mais novo na escola, Arcadio a estava esperando no quarto onde costumava fazer a sesta, e onde depois instalou o tronco. Enquanto o menino brincava no pátio, ele esperou na rede, tremendo de ansiedade, sabendo que Pilar Ternera tinha que passar por ali. Chegou. Arcadio agarrou-a pelo braço e tentou metê-la na rede. "Não posso, não posso", disse Pilar Ternera horrorizada. "Você não imagina como eu gostaria de lhe dar prazer, mas Deus é testemunha de que não posso." Arcadio agarrou-a pela cintura com a sua tremenda força hereditária, e sentiu que o mundo se apagava ao contato da sua pele. "Não se faça de santa", dizia. "Afinal, todo mundo sabe que você é uma puta." Pilar se refez do nojo que lhe inspirava o seu miserável destino.

— As crianças vão perceber — murmurou. — É melhor que esta noite você deixe a porta sem trancar.

Arcadio esperou-a naquela noite, tiritando de febre na rede. Esperou sem dormir, ouvindo os grilos alvoroçados da madrugada sem fim e o horário implacável dos socós, cada vez mais convencido de que o haviam enganado. De repente, quando a ansiedade já se havia decomposto em raiva, a porta se abriu. Poucos meses depois, diante do pelotão de fuzilamento, Arcadio haveria de reviver os passos perdidos na sala de aula, os tropeções contra os bancos, e por último a densidade de um corpo nas trevas do quarto e as batidas do ar bombeado por um coração que não era o seu. Estendeu a mão e encontrou outra mão com dois anéis num mesmo dedo, que estava a ponto de naufragar na escuridão. Sentiu a nervação das suas veias, o pulso do seu infortúnio e sentiu a palma úmida com a linha da vida cortada na base do polegar pela estocada da morte. Então compreendeu que não era essa a mulher que esperava, porque não cheirava a fumo, mas a brilhantina de florzinha, e tinha os seios inchados e cegos com mamilos de homem, e o sexo pétreo e redondo como uma noz, e a ternura caótica da inexperiência exaltada. Era virgem e tinha o nome inverossímil de Santa Sofía de la Piedad. Pilar Ternera lhe havia pago cinqüenta pesos, a metade de suas economias de toda a vida, para que fizesse o que estava fazendo. Arcadio a vira muitas vezes, atendendo na lojinha de comestíveis dos pais, e nunca tinha prestado atenção nela, porque tinha a rara virtude de não existir por completo, a não ser no momento oportuno. Mas a partir daquele dia, enroscou-se como um gato no calor da sua axila. Ela ia à escola na hora da sesta, com o consentimento dos pais, a quem Pilar Ternera havia pago a outra metade das suas economias. Mais tarde, quando as tropas do Governo os desalojaram do local, amavam-se entre as latas de manteiga e os sacos de milho do depósito. Na época em que Arcadio foi nomeado chefe civil e militar, tiveram uma filha.

Os únicos parentes que souberam foram José Arcadio e Rebeca, com quem Arcadio mantinha então relações íntimas, baseadas não tanto no parentesco quanto na cumplicidade. José Arcadio tinha dobrado a cerviz ao jugo matrimonial. O temperamento firme de Rebeca, a voracidade do seu ventre, a sua tenaz ambição absorveram a descomunal energia do marido, que de vagabundo e mulherengo se converteu num enorme animal de trabalho. Tinham uma casa limpa e sempre em ordem. Rebeca a abria de par em par ao amanhecer e o vento das tumbas entrava pelas janelas e saía pelas portas do quintal e deixava as paredes caiadas e os móveis curtidos pelo salitre dos mortos. A fome de terra, o cloc cloc dos ossos de seus pais, a impaciência do seu sangue diante da passividade de Pietro Crespi, estavam relegados ao vão da memória. O dia inteiro bordava junto à janela, alheia ao desastre da guerra, até que os potes de cerâmica começavam a vibrar no aparador e ela se levantava para esquentar a comida, muito antes de que aparecessem os esquálidos cães de caça e depois o colosso de polainas e esporas, com a espingarda de dois canos, que às vezes trazia um veado ao ombro e quase sempre uma fileira de coelhos ou de patos selvagens. Uma tarde, no princípio do seu governo, Arcadio foi visitá-los de um modo intempestivo. Não o viam desde que abandonaram a casa, mas se mostrou tão carinhoso e familiar que o convidaram a compartilhar do ensopado.

Só quando tomavam o café foi que Arcadio revelou o motivo da sua visita: tinha recebido uma denúncia contra José Arcadio. Dizia-se que começara arando o seu quintal e tinha continuado direto pelas terras contíguas, derrubando cercas e arrasando ranchos com os seus bois, até se apoderar pela força das melhores propriedades das redondezas. Aos camponeses que não tinha espoliado, porque as suas terras não lhe interessavam, impôs uma contribuição que cobrava todos os sábados com os buldogues e a espingarda de dois canos. Não negou. Fundamentava o seu direito no fato de que as terras usurpadas tinham sido distribuídas por José Arcadio Buendía nos tempos da fundação, e acreditava possível provar que seu pai já estava louco nesta época, uma vez que dispôs de um patrimônio que na realidade pertencia à família. Era uma alegação desnecessária, porque Arcadio não tinha ido lá para fazer justiça. Ofereceu-se simplesmente para criar um escritório de registros de propriedade para que José Arcadio legalizasse os títulos da terra usurpada, com a condição de que delegasse ao governo local o direito de cobrar as contribuições. Puseram-se de acordo. Anos depois, quando o Coronel Aureliano Buendía examinou os títulos de propriedade, observou que estavam registradas em nome de seu irmão todas as terras que se divisavam desde a colina do seu quintal até o horizonte, inclusive o cemitério, e que, nos onze meses do seu mandato, Arcadio tinha carregado não só com o dinheiro das contribuições, mas também com o que cobrava do povo pelo direito de enterrar os mortos na propriedade de José Arcadio.

Úrsula demorou vários meses para saber o que já era do domínio público, porque as pessoas lhe ocultavam o fato, para não aumentar o seu sofrimento. Começou a suspeitar. "Arcadio está construindo uma casa", confiou com fingido orgulho ao seu marido, enquanto tentava meter-lhe na boca uma colherada de xarope de flor de cuité. Entretanto, suspirou involuntariamente: "Não sei por que, mas isso me cheira mal." Mais tarde, quando soube que Arcadio não só já havia terminado a casa, como também tinha encomendado uma mobília vienense, confirmou a suspeita de que estava dispondo dos fundos públicos. "Você é a vergonha da família", gritou-lhe um domingo depois da missa, quando o viu na casa nova, jogando baralho com os seus oficiais. Arcadio não prestou a mínima atenção. Só então foi que Úrsula soube que tinha uma filha de seis meses, e que Santa Sofía de la Piedad, com quem vivia sem se casar, estava outra vez grávida. Resolveu escrever ao Coronel Aureliano Buendía, em qualquer lugar onde se encontrasse, para pô-lo a par da situação. Mas os acontecimentos que se precipitaram naqueles dias não só impediram os seus propósitos como também fizeram com que se arrependesse de havê-los concebido. A guerra, que até então não tinha sido mais que uma palavra para designar uma circunstância vaga e remota, concretizou-se numa realidade dramática. No fim de fevereiro, chegou a Macondo uma anciã de aspecto cinzento, montada num burro carregado de vassouras. Parecia tão inofensiva que as patrulhas de vigilância deixaram-na passar sem perguntas, como mais um dos vendedores que freqüentemente chegavam dos povoados do pantanal. Foi diretamente ao quartel. Arcadio a recebeu no local onde antes esteve a sala de aula, e que então estava transformada numa espécie de acampamento de retaguarda, com redes enroladas e penduradas nas argolas e esteiras amontoadas nos cantos, e fuzis e carabinas e até espingardas de caça jogados pelo chão. A anciã se endireitou numa saudação militar antes de se identificar:

— Sou o Coronel Gregorio Stevenson.

Trazia más notícias. Os últimos focos da resistência liberal, conforme disse, estavam sendo exterminados. O Coronel Aureliano Buendía, a quem tinha deixado batendo em retirada pelos lados de Riohacha, encarregara-o da missão de falar com Arcadio. Deveria entregar a praça sem resistência, impondo como condição que se respeitasse sob palavra de honra a vida e as propriedades dos liberais. Arcadio examinou com um olhar de comiseração aquele estranho mensageiro que se poderia confundir com uma vovó fugitiva.

— O senhor, evidentemente, traz algum papel escrito — disse.

— Evidentemente — respondeu o emissário — não trago. É fácil entender que, nas atuais circunstâncias, ninguém vai carregar nada de comprometedor.

Enquanto falava, tirou a combinação e pôs na mesa um peixinho de ouro. "Acho que isto é suficiente", disse. Arcadio comprovou que realmente era um dos peixinhos feitos pelo Coronel Aureliano Buendía. Mas alguém podia tê-lo comprado antes da guerra, ou tê-lo roubado, e não tinha portanto nenhum mérito como salvo-conduto. O mensageiro chegou ao extremo de violar um segredo de guerra para fazê-lo crer na sua identidade. Revelou que ia em missão para Curaçao, onde esperava recrutar exilados de todo o Caribe e adquirir armas e petrechos suficientes para tentar um desembarque no fim do ano. Confiando nesse plano, o Coronel Aureliano Buendía não era partidário de que naquele momento se fizessem sacrifícios inúteis. Mas Arcadio foi inflexível. Fez encarcerar o mensageiro, enquanto comprovava a sua identidade, e resolveu defender a praça até a morte.

Não precisou esperar muito tempo. As notícias do fracasso liberal eram cada vez mais concretas. No fim de março, numa madrugada de chuvas prematuras, a calma tensa das semanas anteriores resolveu-se abruptamente com um desesperado toque de corneta, seguido de um tiro de canhão que destruiu a torre do templo. Realmente, a determinação de resistência de Arcadio era uma loucura. Não dispunha de mais de cinqüenta homens mal armados, com uma munição máxima de vinte cartuchos cada um. Mas entre eles, os seus antigos alunos, inflamados por proclamações altissonantes, estavam decididos a sacrificar a pele por uma causa perdida. No meio do tropel de botas, de ordens contraditórias, de tiros de canhão que faziam tremer a terra, de disparos a esmo e de toques de corneta sem sentido, o suposto Coronel Stevenson conseguiu falar com Arcadio. "Poupe-me a indignidade de morrer no tronco com estes trapos de mulher", disse. "Se eu tenho de morrer, que seja lutando." Conseguiu convencê-lo. Arcadio ordenou que lhe entregassem uma arma com vinte cartuchos, e o deixaram com cinco homens defendendo o quartel, enquanto ele ia, com o seu estado-maior, colocar-se à frente da resistência. Não chegou a alcançar a estrada do pantanal. As barricadas tinham sido espedaçadas e os defensores se batiam a descoberto nas ruas, primeiro até onde lhes chegava a munição dos fuzis, e depois com pistolas contra fuzis e por último, no corpo-a-corpo. Diante da iminência da derrota, algumas mulheres se atiraram à rua armadas de paus e facas de cozinha. Naquela confusão, Arcadio encontrou Amaranta, que o andava procurando como uma louca, de camisola, com duas velhas pistolas de José Arcadio Buendía. Entregou o seu fuzil a um oficial que tinha sido desarmado na refrega, e fugiu com Amaranta por uma rua transversal, para levá-la em casa. Úrsula estava na porta, esperando, indiferente às descargas que tinham aberto um buraco na fachada da casa vizinha. A chuva cedia, mas as ruas estavam escorregadias e moles como sabão derretido, e as pessoas tinham que adivinhar as distâncias no escuro. Arcadio largou Amaranta com Úrsula e tentou enfrentar dois soldados que soltaram uma descarga cega da esquina. As velhas pistolas guardadas muitos anos no armário não funcionaram. Protegendo Arcadio com o corpo, Úrsula tentou arrastá-lo até em casa.

— Venha, pelo amor de Deus — gritava. — Chega de maluquice!

Os soldados apontaram para eles.

— Solte esse homem, senhora — gritou um deles — ou não nos responsabilizamos!

Arcadio empurrou Úrsula para dentro de casa e se entregou. Pouco depois cessaram os disparos e começaram a repicar os sinos. A resistência tinha sido aniquilada em menos de meia hora. Nem um só dos homens de Arcadio sobreviveu ao assalto, mas antes de morrer levaram com eles trezentos soldados. O último baluarte foi o quartel. Antes de ser atacado, o suposto Coronel Gregorio Stevenson pôs em liberdade os presos e ordenou aos seus homens que saíssem para brigar na rua. A extraordinária mobilidade e a pontaria certeira com que disparou os seus vinte cartuchos pelas diferentes janelas deram a impressão de que o quartel estava bem defendido e os atacantes o espedaçaram a tiros de canhão. O capitão que dirigiu a operação se assombrou ao encontrar os escombros desertos e apenas um homem de cuecas, morto, com o fuzil descarregado, ainda agarrado por um braço que tinha sido arrancado do ombro. Tinha uma frondosa cabeleira de mulher enrolada na nuca com um pente, e no pescoço um escapulário com um peixinho de ouro. Ao virá-lo com a ponta da bota para iluminar-lhe a cara, o capitão ficou perplexo. "Merda", exclamou. Outros oficiais se aproximaram.

— Vejam onde veio aparecer este sujeito — disse-lhes o capitão. — É Gregorio Stevenson.

Ao amanhecer, depois de um conselho de guerra sumário, Arcadio foi fuzilado contra o muro do cemitério. Nas duas últimas horas da sua vida, não conseguiu compreender por que havia desaparecido o medo que o atormentara desde a infância. Impassível, sem se preocupar sequer em demonstrar a sua recente coragem, escutou as intermináveis culpas da acusação. Pensava em Úrsula, que a essa hora devia estar debaixo do castanheiro tomando café com José Arcadio Buendía. Pensava na sua filha de oito meses, que ainda não tinha nome, e no que ia nascer em agosto. Pensava em Santa Sofía de la Piedad, a quem na noite anterior deixara salgando um veado para o almoço de sábado, e sentiu saudade do seu cabelo caído nos ombros e das suas pestanas que pareciam artificiais. Pensava na sua gente, sem sentimentalismos, num severo ajuste de contas com a vida, começando a compreender quanto amava na realidade as pessoas que mais odiara. O presidente do Conselho de Guerra iniciou o seu discurso final, antes que Arcadio se desse conta de que haviam transcorrido duas horas. "Ainda que as culpas comprovadas não apresentassem méritos mais que suficientes", dizia o presidente, "a temeridade irresponsável e criminosa com que o acusado empurrou os seus subordinados para uma morte inútil bastaria para fazê-lo merecer a pena máxima." Na escola arrebentada onde experimentou pela primeira vez a segurança do poder, a poucos metros do quarto onde conheceu a incerteza do amor, Arcadio achou ridículo o formalismo da morte. Realmente não se importava com a morte, e sim com a vida, por isso a sensação que experimentou quando pronunciaram a sentença não foi uma sensação de medo, mas de nostalgia. Não falou enquanto não lhe perguntaram qual era a sua última vontade.

— Digam à minha mulher — respondeu com voz bem timbrada — que ponha na menina o nome de Úrsula. — Fez uma pausa e confirmou: — Úrsula, como a avó. E digam-lhe também que se o outro nascer homem, que lhe ponham o nome de José Arcadio, mas não pelo tio, e sim pelo avô.

Antes que o levassem ao paredão, o Padre Nicanor tentou assisti-lo. "Não tenho nada de que me arrepender", disse Arcadio, e se pôs às ordens do pelotão depois de tomar uma xícara de café preto. O chefe do pelotão, especialista em execuções sumárias, tinha um nome que era muito mais do que uma coincidência: Capitão Roque Carnicero. A caminho do cemitério, sob uma chuvinha insistente, Arcadio observou que no horizonte despontava uma quarta-feira radiante. A tristeza se esvanecia com a névoa e deixava no seu lugar uma imensa curiosidade. Só quando lhe ordenaram ficar de costas para o muro foi que Arcadio viu Rebeca, com o cabelo molhado e um vestido de flores rosadas, abrindo a casa de par em par. Fez um esforço para que o reconhecesse. Com efeito, Rebeca olhou casualmente para o muro e ficou paralisada de susto, só podendo reagir para fazer a Arcadio um sinal de adeus com a mão. Arcadio respondeu da mesma forma. Nesse instante, apontaram para ele as bocas fumegantes dos fuzis, e ele ouviu letra por letra as encíclicas cantadas de Melquíades, e sentiu os passos perdidos de Santa Sofía de la Piedad, virgem, na sala de aula, e experimentou no nariz a mesma dureza de gelo que lhe havia chamado a atenção nas fossas nasais do cadáver de Remedios. "Ah, caralho!", chegou a pensar, "me esqueci de dizer que se nascesse mulher pusessem Remedios." Então, numa só pontada dilacerante, voltou a sentir todo o terror que o atormentara na vida. O capitão deu a ordem de fogo. Arcadio mal teve tempo de estufar o peito e levantar a cabeça, sem entender de onde fluía o líquido ardente que lhe queimava as coxas.

— Cornos! — gritou. — Viva o Partido Liberal!

EM MAIO terminou a guerra. Duas semanas antes que o governo o anunciasse oficialmente, num decreto altissonante que prometia um castigo sem piedade para os promotores da rebelião, o Coronel Aureliano Buendía caiu prisioneiro, quando já estava quase alcançando a fronteira ocidental disfarçado de feiticeiro indígena. Dos vinte e um homens que o seguiram na guerra, quatorze morreram em combate, seis estavam feridos, e apenas um o acompanhava no momento da derrota final: o Coronel Gerineldo Márquez. A notícia da captura foi dada em Macondo por uma proclamação extraordinária. "Está vivo", informou Úrsula ao marido. "Roguemos a Deus para que os seus inimigos tenham clemência." Depois de três dias de choro, numa tarde em que batia um doce de leite na cozinha, ouviu claramente a voz de seu filho muito perto do ouvido. "É Aureliano", gritou, correndo para o castanheiro para dar a notícia ao marido. "Não sei como foi o milagre, mas está vivo e vamos vê-lo muito brevemente. Deu o fato como mais do que certo. Fez lavar o chão da casa e mudar a posição dos móveis. Uma semana depois, um rumor sem origem, que não seria estabelecido pelo decreto, confirmou dramaticamente o presságio. O Coronel Aureliano Buendía havia sido condenado à morte e a sentença seria executada em Macondo, para escarmento da população. Numa segunda-feira, às dez e vinte da manhã, Amaranta estava vestindo Aureliano José, quando percebeu um tropel longínquo e um toque de corneta, um segundo antes de que Úrsula irrompesse no quarto com um grito: "Já o estão trazendo." A tropa lutava para dominar a coronhadas a multidão incontida. Úrsula e Amaranta correram até a esquina, abrindo passagem aos empurrões, e então o viram. Parecia um mendigo. Tinha a roupa rasgada, o cabelo e a barba emaranhados, e estava descalço. Andava sem sentir a poeira escaldante, com as mãos amarradas nas costas com uma corda que um oficial a cavalo sustinha na cabeça da sela. Perto dele, também roto e derrotado, o Coronel Gerineldo Márquez era levado. Não estavam tristes. Pareciam mais como que perturbados pela multidão, que gritava para a tropa todo tipo de impropérios.

— Meu filho! — gritou Úrsula no meio da algazarra, e deu uma bofetada no soldado que tentou detê-la. O cavalo do oficial empinou. Então o Coronel Aureliano Buendía se deteve, trêmulo, afastou os braços de sua mãe e fixou-lhe nos olhos um olhar duro.

— Vá para casa, mamãe — disse. — Peça permissão às autoridades e venha me ver na prisão.

Olhou para Amaranta, que permanecia indecisa dois passos atrás de Úrsula, e sorriu para ela ao perguntar: "O que foi que aconteceu com a sua mão?" Amaranta levantou a mão com a atadura negra. "Uma queimadura", disse, e afastou Úrsula para que não fosse atropelada pelos cavalos. A tropa disparou. Uma guarda especial rodeou os prisioneiros e os levou rapidamente para o quartel.

Ao entardecer, Úrsula visitou o Coronel Aureliano Buendía na prisão. Tinha tentado conseguir a permissão através do Sr. Apolinar Moscote, mas este perdera toda a autoridade diante da onipotência dos militares. O Padre Nicanor estava prostrado com uma febre hepática. Os pais do Coronel Gerineldo Márquez, que não estava condenado à morte, tinham tentado vê-lo e foram expulsos a coronhadas. Diante da impossibilidade de conseguir intermediários, convencida de que o filho seria fuzilado ao amanhecer, Úrsula fez um embrulho com as coisas que queria levar para ele e foi sozinha ao quartel.

— Sou a mãe do Coronel Aureliano Buendía — anunciou-se.

Os sentinelas lhe impediram a passagem. "Vou entrar de qualquer maneira", Úrsula advertiu. "De modo que, se têm ordens de disparar, comecem logo." Afastou um deles com um empurrão e entrou na antiga sala de aula, onde um grupo de soldados nus lubrificava as suas armas. Um oficial de uniforme de campanha, queimado de sol, com óculos de lentes muito grossas e gestos cerimoniosos, fez aos sentinelas um sinal para que se retirassem.

— Sou a mãe do Coronel Aureliano Buendía — Úrsula repetiu.

— A senhora estará querendo dizer — corrigiu o oficial com um sorriso amável — que é a senhora mãe do Sr. Aureliano Buendía.

Úrsula reconheceu no seu modo de falar rebuscado a cadência lânguida da gente do páramo, os janotas.

— Como queira, *senhor* — admitiu — desde que me permita vê-lo.

Havia ordens superiores de não permitir visitas aos condenados à morte, mas o oficial assumiu a responsabilidade de lhe conceder uma entrevista de quinze minutos. Úrsula mostrou a ele o que trazia no embrulho: uma muda de roupa limpa, as botinas que o seu filho usara no casamento, e o doce de leite que guardava para ele desde o dia em que pressentiu o seu regresso. Encontrou o Coronel Aureliano Buendía no quarto dos condenados à morte, estendido num catre e com os braços abertos, porque tinha as axilas cheias de furúnculos. Haviam-lhe permitido fazer a barba. O bigode grosso de pontas torcidas acentuava a angulosidade das maçãs do rosto. Pareceu a Úrsula que estava mais pálido que quando fora embora, um pouco mais alto e mais solitário do que nunca. Sabia dos pormenores da casa: o suicídio de Pietro Crespi, as arbitrariedades e o fuzilamento de Arcadio, a impavidez de José Arcadio Buendía debaixo do castanheiro. Sabia que Amaranta tinha consagrado a sua viuvez de virgem à criação de Aureliano José, e que este começava a dar mostras de muito bom juízo e lia e escrevia ao mesmo tempo que aprendia a falar. A partir do momento em que entrou no quarto, Úrsula se sentiu inibida pela maturidade do filho, pela sua aura de domínio, pelo resplendor de autoridade que irradiava a sua pele. Surpreendeu-se de que estivesse tão bem informado. "A senhora já sabe que eu sou adivinho", ele brincou. E acrescentou seriamente: "Esta manhã, quando me trouxeram, tive a impressão de que já havia passado por tudo isto." Na verdade, enquanto a multidão rugia à sua passagem, ele estava concentrado nos seus pensamentos, assombrado da forma como as pessoas tinham envelhecido em um ano. As amendoeiras tinham as folhas gastas. As casas pintadas de azul, pintadas em seguida de vermelho e logo pintadas novamente de azul, acabaram por adquirir uma coloração indefinível.

— O que é que você esperava? — Úrsula suspirou. — O tempo passa.

— É verdade — admitiu Aureliano — mas não tanto.

Deste modo, a visita tanto tempo esperada, para a qual ambos haviam preparado as perguntas e inclusive previsto as respostas, foi outra vez a conversa cotidiana de sempre. Quando o sentinela anunciou o fim da entrevista, Aureliano tirou de debaixo da esteira do catre um rolo de papéis suados. Eram os seus versos. Os inspirados por Remedios, que tinha levado consigo quando fora embora, e os escritos depois, nas pausas ocasionais da guerra. "Prometa que ninguém vai ler isto", disse. "Esta noite mesmo acenda o forno com eles." Úrsula prometeu e aprumou o corpo para lhe dar um beijo de despedida.

— Trouxe um revólver para você — murmurou.

O Coronel Aureliano Buendía verificou que o sentinela não estava por perto. "Não me serve de nada", respondeu em voz baixa. "Mas deixe comigo, para que não a apanhem na saída." Úrsula tirou o revólver da combinação e ele o pôs debaixo da esteira do catre. "E agora não se despeça", concluiu com uma firmeza calma. "Não suplique a ninguém nem se rebaixe diante de ninguém. Faça de conta que já me fuzilaram há muito tempo." Úrsula mordeu os lábios para não chorar.

— Ponha pedras quentes nos furúnculos — disse.

Deu meia-volta e saiu do quarto. O Coronel Aureliano Buendía permaneceu de pé, pensativo, até que a porta se fechou. Então voltou a se deitar com os braços abertos. Desde o princípio da adolescência, quando começou a ser consciente dos seus presságios, pensava que a morte se havia de anunciar com um sinal definido, inequívoco, irrevogável, mas faltavam poucas horas para ele morrer, e o sinal não aparecia. Certa ocasião uma mulher muito bonita entrou no seu acampamento de Tucurinca e pediu aos sentinelas que lhe permitissem vê-lo. Deixaram-na passar, porque conheciam o fanatismo de algumas mães que enviavam as filhas ao quarto dos guerreiros mais notáveis, conforme elas mesmas diziam, para melhorar a raça. O Coronel Aureliano Buendía estava naquela noite terminando o poema do homem que se extraviara na chuva, quando a moça entrou no quarto. Ele lhe deu as costas para colocar a folha na gaveta com chave onde guardava os seus versos. E então sentiu. Agarrou a pistola na gaveta sem voltar o rosto.

— Não dispare, por favor — disse.

Quando se virou com a pistola preparada, a moça tinha abaixado a sua e não sabia o que fazer. Assim tinha conseguido escapar de quatro entre onze emboscadas. Em compensação, alguém que nunca foi capturado entrou certa noite no quartel revolucionário de Manaure e assassinou a punhaladas o seu amigo íntimo, o Coronel Magnífico Visbal, a quem tinha cedido o catre para que suasse uma febre. A poucos metros, dormindo numa rede no mesmo quarto, ele não se deu conta de nada. Eram inúteis os seus esforços para sistematizar os presságios. Apresentavam-se de repente, num clarão de lucidez sobrenatural, como uma convicção absoluta e momentânea, mas inatingível. Algumas vezes eram tão naturais que não os identificava como presságios a não ser quando se cumpriam. Outras vezes eram taxativos e não se realizavam. Com freqüência não eram mais que toques vulgares de superstição. Mas quando o condenaram à morte e lhe pediram que expressasse o seu último desejo, não teve a menor dificuldade em identificar o presságio que lhe inspirou a resposta:

— Peço que a sentença se cumpra em Macondo — disse.

O presidente do tribunal não gostou.

— Não banque o vivo — disse. — É um estratagema para ganhar tempo.

— Se não cumprirem a sentença, o problema é de vocês — disse o coronel — mas esta é a minha última vontade.

A partir de então os presságios o abandonaram. No dia em que Úrsula o visitou na prisão, depois de muito pensar, chegou à conclusão de que talvez a morte não se anunciasse daquela vez, porque não dependia do acaso e sim da vontade dos verdugos. Passou a noite em claro, atormentado pela dor dos furúnculos. Pouco antes da alvorada ouviu passos no corredor. "Já vem", disse para si, e pensou sem motivo em José Arcadio Buendía, que naquele momento estava pensando nele, sob a madrugada lúgubre do castanheiro. Não sentiu medo nem saudade, mas uma raiva intestinal diante da idéia de que aquela morte artificiosa não lhe permitiria saber do final de tantas coisas que deixava sem terminar. A porta se abriu e entrou o sentinela com uma caneca de café. No dia seguinte, à mesma hora, ainda estava como então, irritado com a dor nas axilas, e aconteceu exatamente a mesma coisa. Na quinta-feira dividiu o doce de leite com os sentinelas e pôs a roupa limpa, que ficava apertada para ele, e as botinas de verniz. Ainda na sexta-feira não tinha sido fuzilado.

Na realidade, não se atreviam a executar a sentença. A rebeldia do povo fez os militares pensarem que o fuzilamento do Coronel Aureliano Buendía traria graves conseqüências políticas, não só em Macondo, mas em todo o âmbito do pantanal, de modo que consultaram as autoridades da capital da província. Na noite de sábado, enquanto esperavam a resposta, o Capitão Roque Carnicero foi com os outros oficiais à taberna de Catarino. Apenas uma mulher, quase pressionada por ameaças, atreveu-se a levá-lo ao quarto. "Elas não querem se deitar com um homem que sabem que vai morrer", confessou ela. "Ninguém sabe como vai ser, mas todo mundo anda dizendo que o oficial que fuzilar o Coronel Aureliano Buendía, e todos os soldados do pelotão, um por um, serão assassinados sem escapatória, mais cedo ou mais tarde, mesmo que se escondam no fim do mundo." O Capitão Roque Carnicero comentou o fato com os outros oficiais, e estes comentaram com os seus superiores. No domingo, ainda que ninguém tivesse revelado com franqueza, ainda que nenhum ato militar tivesse perturbado a calma tensa daqueles dias, todo o povo sabia que os oficiais estavam dispostos a escapar, sob toda espécie de pretextos, à responsabilidade da execução. No correio de segunda-feira chegou a ordem oficial: a execução deveria se realizar ao fim de vinte e quatro horas. Naquela noite os oficiais colocaram num gorro sete papeizinhos com os seus nomes, e o inclemente destino do Capitão Roque Carnicero apontou para ele com o papelzinho premiado. "O meu azar não escolhe a ocasião", disse ele com profunda amargura. "Nasci filho da puta e morro filho da puta." Às cinco da madrugada escolheu o pelotão por sorteio, formou-o no pátio, e acordou o condenado com uma frase premonitória:

— Vamos, Buendía — disse a ele. — Chegou a nossa hora.

— Então era isto — respondeu o coronel. — Estava sonhando que os furúnculos tinham arrebentado.

Rebeca Buendía se levantava às três da madrugada desde que soube que Aureliano seria fuzilado. Ficava no quarto no escuro, vigiando pela janela entreaberta o muro do cemitério enquanto a cama em que estava sentada estremecia com os roncos de José Arcadio. Esperou a semana inteira com a mesma obstinação secreta com que em outra época esperava as cartas de Pietro Crespi. "Não vão fuzilar aqui", dizia-lhe José Arcadio. "Vão fuzilá-lo à meia-noite no quartel, para que ninguém saiba quem formou o pelotão, e o enterram lá mesmo." Rebeca continuou esperando. "São tão burros que vão fuzilar aqui", dizia. Tão certa estava que tinha previsto a forma como abriria a porta para dar-lhe adeus com a mão. "Não vão trazê-lo pela rua", insistia José Arcadio, "só com seis soldados assustados, sabendo que o povo está disposto a tudo." Indiferente à lógica do marido, Rebeca continuava na janela.

— Você vai ver já que são burros a esse ponto.

Na terça-feira, às cinco da madrugada, José Arcadio tinha tomado café e soltado os cachorros, quando Rebeca fechou a janela e se agarrou na cabeceira da cama para não cair. "Já o trazem", suspirou. "Como está bonito." José Arcadio chegou-se à janela, e o viu, trêmulo na claridade da alvorada, com umas calças que tinham sido suas na juventude. Estava já de costas para o muro e tinha as mãos apoiadas na cintura porque os quistos ardentes das axilas impediam-no de abaixar os braços. "O sujeito se amola tanto", murmurava o Coronel Aureliano Buendía. "O sujeito se amola tanto para depois ser morto por seis maricas sem poder fazer nada." Repetia isso com tanta raiva que quase parecia fervor, e o Capitão Roque Carnicero se comoveu porque pensou que ele estava rezando. Quando o pelotão apontou para ele, a raiva se tinha materializado numa substância viscosa e amarga que lhe adormeceu a língua e o obrigou a fechar os olhos. Então desapareceu o resplendor de alumínio do amanhecer e ele voltou a ver-se a si mesmo, bem garoto, de calças curtas e gravata-borboleta, e viu seu pai numa tarde esplêndida conduzindo-o para o interior da tenda, e viu o gelo. Quando ouviu o grito, pensou que era a ordem final do pelotão. Abriu os olhos com uma curiosidade de calafrio, esperando chocar-se com a trajetória incandescente dos projéteis, mas só encontrou o Capitão Roque Carnicero com as mãos para o alto, e José Arcadio atravessando a rua com a sua espingarda pavorosa pronta para disparar.

— Não abra fogo — disse o capitão a José Arcadio. — O senhor vem a mando da Divina Providência.

Ali começou outra guerra. O Capitão Roque Carnicero e os seus seis homens foram com o Coronel Aureliano Buendía libertar o general revolucionário Victorio Medina, condenado à morte em Riohacha. Pensaram ganhar tempo atravessando a serra pelo caminho que seguira José Arcadio Buendía para fundar Macondo, mas antes de uma semana se convenceram de que era uma empresa impossível. De modo que tiveram que percorrer o perigoso caminho das encostas sem mais munição que a do pelotão de fuzilamento. Acampavam perto das aldeias, e um deles, com um peixinho de ouro na mão, entrava disfarçado em pleno dia e estabelecia contato com os liberais em repouso, que na manhã seguinte saíam para caçar e não voltavam nunca. Quando avistaram Riohacha numa curva da serra, o General Victorio Medina já havia sido fuzilado. Os homens do Coronel Aureliano Buendía o proclamaram chefe das forças revolucionárias do litoral do Caribe, com a patente de general. Ele assumiu o cargo mas recusou a patente e se impôs a condição de não aceitá-la enquanto não derrubasse o regime conservador. Ao fim de três meses tinham conseguido armar mais de mil homens, mas foram exterminados. Os sobreviventes alcançaram a fronteira oriental. Na vez seguinte em que se soube deles, tinham desembarcado no Cabo da Vela, procedentes do arquipélago das Antilhas e uma comunicação do governo, divulgada pelo telégrafo e publicada em manchetes jubilosas por todo o país, anunciou a morte do Coronel Aureliano Buendía. Mas poucos dias depois, um telegrama circular que quase alcançou o anterior anunciava outra rebelião nas planícies do Sul. Assim começou a lenda da ubiqüidade do Coronel Aureliano Buendía. Informações simultâneas e contraditórias declaravam-no vitorioso em Villanueva, derrotado em Guacamayal, devorado pelos índios Motilones, morto numa aldeia do pantanal e outra vez sublevado em Urumita. Os dirigentes liberais, que naquele momento estavam negociando uma participação no Parlamento, apontaram-no como um aventureiro sem representação de partido. O governo nacional assimilou-o à categoria de bandoleiro e pôs a sua cabeça a um prêmio de cinco mil pesos. Ao fim de dezesseis derrotas, o Coronel Aureliano Buendía saiu da Guajira com dois mil indígenas bem armados, e a guarnição surpreendida durante o sono abandonou Riohacha. Ali instituiu o seu quartel-general, e proclamou a guerra total contra o regime. A primeira notificação que recebeu do governo foi a ameaça de fuzilar o Coronel Gerineldo Márquez ao fim de quarenta e oito horas, se não se retirasse com as suas forças até a fronteira oriental. O Coronel Roque Carnicero, que era então o chefe do seu estado-maior, entregou-lhe o telegrama com um gesto de consternação, mas ele o leu com imprevisível alegria.

— Que bom! — exclamou. — Já temos telégrafo em Macondo.

Sua resposta foi taxativa. Dentro de três meses esperava estabelecer o seu quartel-general em Macondo. Se então não encontrasse vivo o Coronel Gerineldo Márquez, fuzilaria sumariamente toda a oficialidade que estivesse prisioneira no momento, começando pelos generais, e baixaria ordens aos seus subordinados para que procedessem de igual forma até o final da guerra. Três meses depois, quando entrou vitorioso em Macondo, o primeiro abraço que recebeu na estrada do pantanal foi o do Coronel Gerineldo Márquez.

A casa estava cheia de crianças. Úrsula tinha acolhido Santa Sofía de la Piedad, com a filha mais velha e um par de gêmeos que nasceram cinco meses depois do fuzilamento de Arcadio. Contra a última vontade do fuzilado, batizou a menina com o nome de Remedios. "Estou certa de que foi isso o que Arcadio quis dizer", alegou. "Não vamos chamá-la de Úrsula, porque se sofre muito com esse nome." Os gêmeos se chamaram José Arcadio Segundo e Aureliano Segundo. Amaranta tomou o encargo de cuidar de todos. Colocou cadeirinhas de madeira na sala, e instituiu um jardim de infância com outras crianças de famílias vizinhas. Quando o Coronel Aureliano Buendía regressou, entre estampidos de foguetes e repiques de sinos, um coro infantil lhe deu as boas-vindas na casa. Aureliano José, comprido como o avô, vestido de oficial revolucionário, rendeu-lhe honras militares.

Nem todas as notícias eram boas. Um ano depois da fuga do Coronel Aureliano Buendía, José Arcadio e Rebeca foram viver na casa construída por Arcadio. Ninguém soube da sua intervenção para impedir o fuzilamento. Na casa nova, situada no melhor lugar da praça, à sombra de uma amendoeira privilegiada com três ninhos de pintassilgos, com uma porta grande para as visitas e quatro janelas para a luz, estabeleceram um lar aprazível. As antigas amigas de Rebeca, entre elas quatro irmãs Moscote que continuavam solteiras, reiniciaram as sessões de bordado, interrompidas anos antes na varanda das begônias. José Arcadio continuou desfrutando as terras usurpadas, cujos títulos foram reconhecidos pelo Governo Conservador. Todas as tardes era visto voltando a cavalo, com os seus cães monteses e a sua espingarda de dois canos, e uma fieira de coelhos pendurados na sela. Uma tarde de setembro, diante da ameaça de uma tempestade, voltou para casa mais cedo que de costume. Cumprimentou Rebeca na copa, amarrou os cachorros no quintal, pendurou os coelhos na cozinha, para salgá-los mais tarde, e foi para o quarto trocar de roupa. Rebeca declarou depois que quando o marido entrou no quarto, ela se fechou no banheiro e não percebeu nada. Era uma versão difícil de acreditar, mas não havia outra mais verossímil, e ninguém pôde conceber um motivo para que Rebeca assassinasse o homem que a tinha feito feliz. Este foi talvez o único mistério que nunca se esclareceu em Macondo. Logo que José Arcadio fechou a porta do quarto, o estampido de um tiro retumbou na casa. Um fio de sangue passou por debaixo da porta, atravessou a sala, saiu para a rua, seguiu reto pelas calçadas irregulares, desceu degraus e subiu pequenos muros, passou de largo pela Rua dos Turcos, dobrou uma esquina à direita e outra à esquerda, virou em ângulo reto diante da casa dos Buendía, passou por debaixo da porta fechada, atravessou a sala de visitas colado às paredes para não manchar os tapetes, continuou pela outra sala, evitou em curva aberta a mesa da copa, avançou pela varanda das begônias e passou sem ser visto por debaixo da cadeira de Amaranta, que dava uma aula de Aritmética a Aureliano José, e se meteu pela despensa e apareceu na cozinha onde Úrsula se dispunha a partir trinta e seis ovos para o pão.

— Ave Maria Puríssima! — gritou Úrsula.

Seguiu o fio de sangue em sentido contrário, e em busca da sua origem atravessou a despensa, passou pela varanda das begônias onde Aureliano José cantava que três e três são seis e seis mais três são nove, e atravessou a copa e as salas e seguiu em linha reta pela rua, e em seguida dobrou à direita e depois à esquerda até a Rua dos Turcos, sem se lembrar que ainda trazia vestidos o avental de cozinha e as chinelas caseiras, e saiu para a praça e se meteu pela porta de uma casa onde não havia estado nunca, e empurrou a porta do quarto e quase se sufocou com o cheiro de pólvora queimada, e encontrou José Arcadio caído de bruços no chão, sobre as polainas que acabava de tirar, e viu a fonte original do fio de sangue que já havia deixado de fluir do seu ouvido direito. Não encontraram nenhuma ferida no seu corpo nem puderam localizar a arma. Tampouco foi possível tirar o penetrante cheiro de pólvora do cadáver. Primeiro o lavaram três vezes com sabão e bucha, depois o esfregaram com sal e vinagre, em seguida com cinza e limão, e por último o meteram num tonel de água sanitária e o deixaram repousar seis horas. Tanto o esfregaram que os arabescos da tatuagem já começavam a desbotar. Quando conceberam o recurso desesperado de temperá-lo com pimenta e cominho e folhas de louro e fervê-lo um dia inteiro em fogo lento, já começara a se decompor, e tiveram que enterrá-lo às pressas. Fecharam-no hermeticamente num ataúde especial de dois metros e trinta centímetros de comprimento e um metro e dez centímetros de largura, reforçado por dentro com chapas de ferro e aparafusado com cavilhas de aço, e ainda assim se percebia o cheiro nas ruas por onde passou o enterro. O Padre Nicanor, com o fígado inchado e tenso como um tambor, benzeu-o da cama. Ainda que nos meses seguintes reforçassem a tumba com paredes superpostas e jogassem entre elas cinza socada, serragem e cal viva, o cemitério continuou cheirando a pólvora até muitos anos mais tarde, quando os engenheiros da companhia bananeira recobriram a sepultura com uma couraça de cimento armado. Logo que levaram o cadáver, Rebeca fechou as portas da casa e se enterrou em vida, coberta por uma grossa crosta de desdém que nenhuma tentação terrena conseguiu romper. Saiu à rua numa ocasião, já muito velha, com uns sapatos cor de prata antiga e um chapéu de flores minúsculas, na época em que passou pelo povoado o Judeu Errante e provocou um calor tão intenso que os pássaros varavam as telas das janelas para morrer nos quartos. A última vez que alguém a viu com vida foi quando matou com um tiro certeiro um ladrão que tentou forçar a porta da sua casa. Salvo Argénida, sua criada e confidente, ninguém voltou a ter contato com ela desde então. Em certa ocasião se soube que escrevia cartas para o Bispo, a quem considerava como primo-irmão seu, mas nunca se disse que tivesse recebido resposta. O povo se esqueceu dela.

Apesar do seu regresso triunfal, o Coronel Aureliano Buendía não se entusiasmava com as aparências. As tropas do governo abandonavam as praças sem resistência, e isso suscitava na população liberal uma ilusão de vitória que não convinha desmentir, mas os revolucionários sabiam da verdade, e mais que ninguém o Coronel Aureliano Buendía. Embora nesse momento mantivesse mais de cinco mil homens sob as suas ordens e dominasse dois estados do litoral, tinha consciência de estar encurralado contra o mar, e metido numa situação política tão confusa que quando ordenou restaurar a torre da igreja arrebentada por um tiro de canhão do exército, o Padre Nicanor comentou no seu leito de enfermo: "Isto é um disparate: os defensores da fé de Cristo destroem o templo e os maçons mandam consertar." Procurando uma válvula de escape, passava horas e horas no telégrafo, conferenciando com os chefes de outras praças, e cada vez saía com a impressão mais definida de que a guerra estava estancada. Quando se recebiam notícias de novos triunfos liberais, eles eram proclamados com mensagens de júbilo, mas ele media nos mapas o seu verdadeiro alcance, e compreendia que as suas hostes estavam penetrando na selva, se defendendo da malária e dos mosquitos, avançando no sentido contrário ao da realidade. "Estamos perdendo tempo", queixava-se diante dos seus oficiais. "Estaremos perdendo tempo enquanto os cornos do partido estiverem mendigando um assento no Congresso." Em noites de insônia, estendido de peito para cima na rede pendurada no mesmo quarto em que esteve condenado à morte, evocava a imagem dos advogados vestidos de negro que abandonavam o palácio presidencial no gelo da madrugada com a gola das casacas levantada até as orelhas, esfregando as mãos, cochichando, refugiando-se nos cafés lúgubres do amanhecer, para especular sobre o que quis dizer o presidente quando disse que sim, ou o que quis dizer quando disse que não, e para supor inclusive o que o presidente estava pensando quando disse uma coisa inteiramente diferente, enquanto ele espantava os mosquitos a trinta e cinco graus de temperatura, sentindo que se aproximava a madrugada temível em que teria que dar aos seus homens a ordem de se atirar ao mar.

Certa noite de incerteza em que Pilar Ternera cantava no pátio com a tropa, ele pediu que lesse o seu futuro no baralho. "Cuidado com a boca", foi tudo quanto Pilar Ternera tirou a limpo, depois de estender e embaralhar as cartas três vezes. "Não sei o que quer dizer, mas o sinal é muito claro: cuidado com a boca." Dois dias depois alguém deu a um ordenança uma caneca de café sem açúcar, e o ordenança a passou a outro, e este a outro, até que chegou de mão em mão ao escritório do Coronel Aureliano Buendía. Não tinha pedido café, mas já que estava ali, o coronel tomou. Levava uma dose de noz-vômica suficiente para matar um cavalo. Quando o levaram para casa, estava duro e curvado e tinha a língua partida entre os dentes. Úrsula disputou-o à morte. Depois de lavar-lhe o estômago com vomitórios, envolveu-o em cobertores quentes e lhe deu claras de ovos durante dois dias, até que o corpo estragado recobrou a temperatura normal. No quarto dia estava fora de perigo. Contra a sua vontade, pressionado por Úrsula e os oficiais, permaneceu na cama mais uma semana. Só então soube que não tinham queimado os seus versos. "Não quis me precipitar", explicou Úrsula. "Naquela noite, quando ia acender o forno, achei que era melhor esperar que trouxessem o cadáver." Na neblina da convalescença, rodeado pelas empoeiradas bonecas de Remedios, o Coronel Aureliano Buendía evocou na leitura dos seus versos os instantes decisivos da sua existência. Voltou a escrever. Durante muitas horas, ao lado dos sobressaltos de uma guerra sem futuro, traduziu em versos rimados as suas experiências na borda da morte. Então os seus pensamentos se fizeram tão claros que os pôde examinar pelo direito e pelo avesso. Uma noite perguntou ao Coronel Gerineldo Márquez:

— Diga uma coisa, compadre: por que você está brigando?

— Por que há de ser, compadre. — respondeu o Coronel Gerineldo Márquez — pelo grande Partido Liberal.

— Feliz é você que sabe disso — respondeu ele. — Eu, de minha parte, só agora percebo que estou brigando por orgulho.

— Isso é ruim — disse o Coronel Gerineldo Márquez.

O Coronel Aureliano Buendía se divertiu com o seu sobressalto. "Naturalmente", disse. "Mas em todo caso, é melhor isso que não saber por que se briga." Olhou-o nos olhos, e acrescentou sorrindo:

— Ou brigar como você, por alguma coisa que não significa nada para ninguém.

Seu orgulho o havia impedido de fazer contatos com os grupos armados do interior do país enquanto os dirigentes do partido não retificassem em público a sua declaração de que era um bandoleiro. Sabia, entretanto, que logo que deixasse de lado esses escrúpulos quebraria o círculo vicioso da guerra. A convalescença permitiu-lhe refletir. Então conseguiu que Úrsula lhe desse o resto da herança enterrada e as suas vultosas economias: nomeou o Coronel Gerineldo Márquez chefe civil e militar de Macondo, e foi estabelecer contato com os grupos rebeldes do interior.

O Coronel Gerineldo Márquez não só era o homem de mais confiança do Coronel Aureliano Buendía, mas também era recebido por Úrsula como se fosse um membro da família. Frágil, tímido, de uma boa educação natural, estava entretanto melhor capacitado para a guerra que para o governo. Os seus assessores políticos o enredavam com facilidade em labirintos teóricos. Mas conseguiu impor em Macondo o ambiente de paz rural com que sonhava o Coronel Aureliano Buendía para morrer de velho, fabricando peixinhos de ouro. Embora vivesse na casa de seus pais, almoçava na de Úrsula duas ou três vezes por semana. Iniciou Aureliano José no manejo das armas de fogo, deu-lhe uma instrução militar prematura e durante vários meses levou-o para viver no quartel, com o consentimento de Úrsula, para que se fosse fazendo homem. Muitos anos antes, sendo ainda quase um menino, Gerineldo Márquez havia declarado o seu amor a Amaranta. Ela estava na época tão iludida com a sua paixão solitária por Pietro Crespi que se riu dele. Gerineldo Márquez esperou. Certa vez enviou da prisão um bilhetinho a Amaranta, pedindo o favor de bordar uma dúzia de lenços de cambraia com as iniciais do seu pai. Mandou-lhe o dinheiro. Ao fim de uma semana, Amaranta levou-lhe na prisão a dúzia de lenços bordados junto com o dinheiro, e ficaram várias horas falando do passado. "Quando eu sair daqui me caso com você", disse Gerineldo Márquez ao se despedir. Amaranta riu, mas continuou pensando nele enquanto ensinava as crianças a ler, e desejou reviver para ele a sua paixão juvenil por Pietro Crespi. Aos sábados, dia de visita aos presos, passava pela casa dos pais de Gerineldo Márquez e os acompanhava à prisão. Um desses sábados, Úrsula se surpreendeu ao vê-la na cozinha, esperando que saíssem os biscoitos do forno para escolher os melhores e embrulhá-los num guardanapo que bordara especialmente para a ocasião.

— Case com ele — disse a ela. — Dificilmente você encontrará outro homem como esse.

Amaranta fingiu uma reação de desprezo.

— Não preciso de andar caçando homens — respondeu. — Levo estes biscoitos para Gerineldo porque me dá pena saber que mais cedo ou mais tarde vão fuzilá-lo.

Falou isso sem pensar, mas foi nessa época que o governo tornou pública a ameaça de fuzilar o Coronel Gerineldo Márquez se as forças rebeldes não entregassem Riohacha. As visitas foram suspensas. Amaranta se fechou para chorar, angustiada por um sentimento de culpa semelhante ao que a atormentara quando da morte de Remedios, como se novamente tivessem sido as suas palavras irrefletidas as responsáveis por uma morte. Sua mãe a consolou. Assegurou-lhe que o Coronel Aureliano Buendía faria alguma coisa para impedir o fuzilamento, e prometeu que ela mesma se encarregaria de atrair Gerineldo Márquez, quando terminasse a guerra. Cumpriu a promessa antes do prazo previsto. Quando Gerineldo Márquez voltou para casa investido da sua nova dignidade de chefe civil e militar, recebeu-o como a um filho, concebeu refinadas gentilezas para retê-lo, e rogou com todo o ânimo do seu coração que recordasse o seu propósito de se casar com Amaranta. As suas súplicas pareciam certeiras. Nos dias em que ia almoçar lá, o Coronel Gerineldo Márquez passava a tarde na varanda das begônias jogando xadrez chinês com Amaranta. Úrsula levava para eles o café com leite e biscoitos e tomava conta das crianças para que não os incomodassem. Amaranta, na realidade, se esforçava por acender no seu coração as cinzas esquecidas da sua paixão juvenil. Com uma ansiedade que chegou a ser intolerável, esperava os dias de almoço, as tardes de xadrez chinês, e o tempo ia voando na companhia daquele guerreiro de nome nostálgico, cujos dedos tremiam imperceptivelmente ao mover as peças. Mas no dia em que o Coronel Gerineldo Márquez lhe reiterou a sua vontade de casar, ela o recusou.

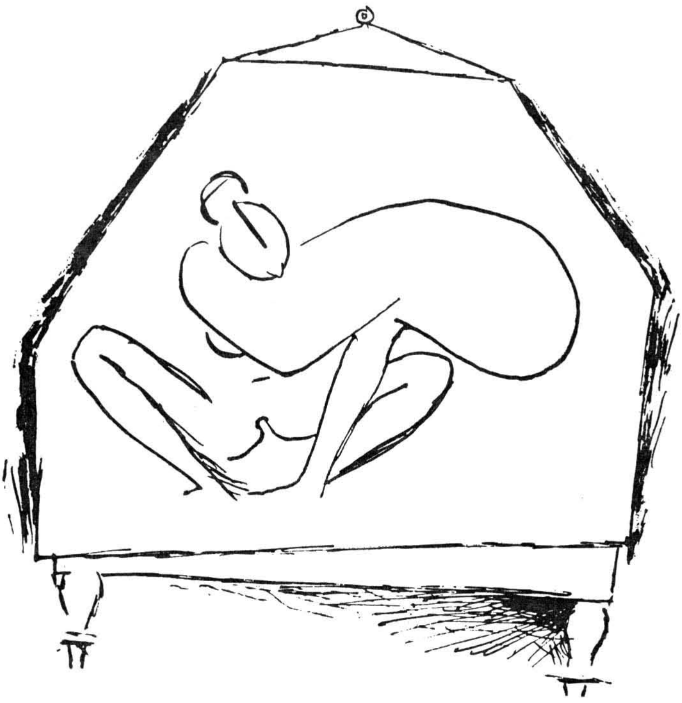
— Não vou me casar com ninguém — disse — e ainda menos com você, que ama tanto a Aureliano que vai casar comigo porque não pode casar com ele.

O Coronel Gerineldo Márquez era um homem paciente. "Voltarei a insistir", disse. "Mais cedo ou mais tarde ela se convence." Continuou freqüentando a casa. Trancada no quarto, remoendo um pranto secreto, Amaranta tapava os ouvidos com os dedos para não escutar a voz do pretendente que contava a Úrsula as últimas notícias da guerra, e apesar de estar morrendo de vontade de vê-lo, teve forças para não sair ao seu encontro.

O Coronel Aureliano Buendía dispunha então de tempo para enviar de quinze em quinze dias um informe pormenorizado a Macondo. Mas apenas uma vez, quase oito meses depois de ter partido, Úrsula lhe escreveu. Um emissário especial trouxe em casa um envelope lacrado, dentro do qual havia um papel escrito com a caligrafia preciosa do coronel: *Tomem muito cuidado com papai porque ele vai morrer.* Úrsula se alarmou. "Se Aureliano está dizendo, Aureliano sabe", disse. E pediu ajuda para levar José Arcadio Buendía para o seu quarto. Não só estava tão pesado como sempre, mas também na sua prolongada estadia debaixo do castanheiro tinha desenvolvido a faculdade de aumentar de peso voluntariamente, a ponto de sete homens não poderem com ele e terem de levá-lo arrastado para a cama. Um bafo de fungos novos, de orelha-de-pau, de antiga e concentrada intempérie impregnou o ar do quarto quando começou a respirá-lo o velho colossal macerado pelo sol e pela chuva. No dia seguinte não amanheceu na cama. Depois de procurá-lo por todos os quartos, Úrsula o encontrou outra vez debaixo do castanheiro. Então o amarraram na cama. Apesar da sua força intacta, José Arcadio Buendía não estava em condições de lutar. Tanto fazia para ele. Se voltou ao castanheiro não foi por vontade, mas por um costume do corpo. Úrsula cuidava dele, dava-lhe de comer, levava-lhe notícias de Aureliano. Mas na realidade, a única pessoa com quem ele podia ter contato, há muito tempo já, era Prudencio Aguilar. Já quase pulverizado pela profunda decrepitude da morte, Prudencio Aguilar vinha duas vezes por dia conversar com ele. Falavam de galos. Prometiam fazer uma criação de animais magníficos, não tanto para desfrutar umas vitórias que no momento já não lhes fariam falta, mas para ter alguma coisa com que se distrair nos tediosos domingos da morte. Era Prudencio Aguilar quem o limpava, quem lhe dava de comer e quem lhe levava notícias esplêndidas de um desconhecido que se chamava Aureliano e que era coronel na guerra. Quando só, ele se consolava com o sonho dos quartos infinitos. Sonhava que se levantava da cama, abria a porta e passava para outro quarto igual, com a mesma cama de cabeceira de ferro batido, a mesma poltrona de vime e o mesmo quadrinho da Virgem dos Remedios na parede do fundo. Desse quarto passava para outro exatamente igual, cuja porta abria para passar para outro exatamente igual, e em seguida para outro exatamente igual, até o infinito. Gostava de ir de quarto em quarto, como numa galeria de espelhos paralelos, até que Prudencio Aguilar lhe tocava o ombro. Então voltava de quarto em quarto, acordando para trás, percorrendo o caminho inverso, e encontrava Prudencio Aguilar no quarto da realidade. Uma noite, porém, duas semanas depois de o terem levado para a cama, Prudencio Aguilar tocou-lhe o ombro num quarto intermediário, e ele ficou ali para sempre, pensando que era o quarto real. Na manhã seguinte, Úrsula lhe levava o café quando viu se aproximar um homem pelo corredor. Era pequeno e atarracado, com um terno de fazenda negra e um chapéu também negro, enorme, enterrado até os olhos taciturnos. "Meu Deus", pensou Úrsula. "Eu teria jurado que era Melquíades." Era Cataure, o irmão de Visitación, que havia abandonado a casa fugindo da peste da insônia, e de quem nunca se tornou a ter notícia. Visitación perguntou-lhe por que tinha voltado, e ele respondeu na sua língua solene:

— Vim ao funeral do rei.

Então entraram no quarto de José Arcadio Buendía, sacudiram-no com toda a força, gritaram-lhe ao ouvido, puseram um espelho diante das fossas nasais, mas não puderam despertá-lo. Pouco depois, quando o carpinteiro tomava as medidas para o ataúde, viram pela janela que estava caindo uma chuvinha de minúsculas flores amarelas. Caíram por toda a noite sobre o povoado, numa tempestade silenciosa, e cobriram os tetos e taparam as portas, e sufocaram os animais que dormiam ao relento. Tantas flores caíram do céu que as ruas amanheceram atapetadas por uma colcha compacta, e eles tiveram que abrir caminho com pás e ancinhos para que o enterro pudesse passar.



SENTADA na cadeira de balanço de vime, com o trabalho interrompido no colo, Amaranta contemplava Aureliano José, que tinha o queixo coberto de espuma e afiava a navalha numa correia para se barbear pela primeira vez. Sangrou as espinhas, cortou o lábio superior tentando modelar um bigode de pêlos louros, e depois de tudo ficou igual a antes, mas o trabalhoso processo deixou em Amaranta a impressão de que naquele instante tinha começado a envelhecer.

— Você está igual a Aureliano quando tinha a sua idade — disse. — Já é um homem.

Já o era há muito tempo, desde o dia longínquo em que Amaranta acreditou que ainda era um menino e continuou se despindo no banheiro diante dele, como fizera sempre, como se acostumara a fazer desde que Pilar Ternera o entregou a ela para que acabasse de criá-lo. Na primeira vez em que ele a viu, a única coisa que lhe chamou a atenção foi a profunda depressão entre os seios. Era na época tão inocente que perguntou o que havia acontecido, e Amaranta fingiu cavar o peito com a ponta dos dedos e respondeu: "Tiraram fatias e fatias e fatias." Tempos depois, quando ela se restabeleceu do suicídio de Pietro Crespi e voltou a se banhar com Aureliano José, este já não se fixou na depressão, e sim experimentou um estremecimento desconhecido diante da visão dos seios esplêndidos de mamilos arroxeados. Continuou a examiná-la, descobrindo palmo a palmo o milagre da sua intimidade, e sentiu que a sua pele se arrepiava na contemplação, como se arrepiava a pele dela ao contato da água. Desde bem garoto tinha o costume de abandonar a rede para amanhecer na cama de Amaranta, cujo contato tinha a virtude de dissipar o medo do escuro. Desde o dia, porém, em que tomou consciência da sua nudez, não era o medo do escuro que o impulsionava a se meter no seu mosquiteiro e sim o desejo de sentir a respiração morna de Amaranta ao amanhecer. Certa madrugada, na época em que ela recusou o Coronel Gerineldo Márquez, Aureliano José acordou com a sensação de falta de ar. Sentiu os dedos de Amaranta como uns vermezinhos quentes e ansiosos que procuravam o seu ventre. Fingindo dormir mudou de posição para eliminar toda e qualquer dificuldade, e então sentiu a mão sem a atadura negra mergulhando como um molusco cego entre as algas da sua ansiedade. Embora aparentassem ignorar o que ambos sabiam, e o que cada um sabia que o outro sabia, a partir daquela noite, ficaram mancomunados por uma cumplicidade inviolável. Aureliano José não podia conciliar o sono enquanto não escutava a valsa das doze no relógio da sala, e a madura donzela cuja pele começava a entristecer não tinha um só instante de sossego enquanto não sentia deslizar no mosquiteiro aquele sonâmbulo que ela tinha criado, sem pensar que seria um paliativo para a sua solidão. Então, não só dormiram juntos, nus, trocando carícias extenuantes, como também se perseguiam pelos cantos da casa e se fechavam nos quartos a qualquer hora, num permanente estado de exaltação sem alívio. Quase foram surpreendidos por Úrsula, uma tarde em que ela entrou na despensa quando eles começavam a se beijar. "Você gosta muito da sua tia?" perguntou ela de um modo inocente a Aureliano José. Ele respondeu que sim. "Faz bem", concluiu Úrsula e acabou de medir a farinha para o pão e voltou à cozinha. Aquele episódio tirou Amaranta do delírio. Percebeu que tinha ido longe demais, que já não estava brincando com uma criança aos beijinhos, e sim chafurdando numa paixão outonal, perigosa e sem futuro, e cortou tudo de uma vez. Aureliano José, que na época terminava o serviço militar, acabou por admitir a realidade e foi dormir no quartel. Aos sábados ia com os soldados à taberna de Catarino. Consolava-se da sua abrupta solidão, da sua adolescência prematura, com mulheres que cheiravam a flores mortas e que ele idealizava nas trevas e transformava em Amaranta, através de ansiosos esforços de imaginação.

Pouco depois, começaram a chegar notícias contraditórias da guerra. Enquanto o próprio governo admitia os progressos da rebelião, os oficiais de Macondo tinham informações confidenciais da iminência de uma paz negociada. No princípio de abril, um emissário especial se identificou diante do Coronel Gerineldo Márquez. Confirmou-lhe que, na verdade, os dirigentes do partido tinham estabelecido contato com chefes rebeldes do interior, e estavam às vésperas de entrar num acordo para o armistício, em troca de três ministérios para os liberais, uma representação minoritária no Parlamento e a anistia geral para os rebeldes que depusessem as armas. O emissário trazia uma ordem altamente confidencial do Coronel Aureliano Buendía, que não estava de acordo com os termos do armistício. O Coronel Gerineldo Márquez devia selecionar cinco dos seus melhores homens e se preparar para abandonar com eles o país. A ordem foi cumprida dentro do mais absoluto segredo. Uma semana antes que se anunciasse o acordo, e no meio de uma saraivada de boatos contraditórios, o Coronel Aureliano Buendía e dez oficiais de confiança, entre eles o Coronel Roque Carnicero, chegaram sigilosamente a Macondo depois da meia-noite, dispersaram a guarnição, enterraram as armas e destruíram os arquivos. Ao amanhecer, já haviam abandonado o povoado com o Coronel Gerineldo Márquez e os seus cinco oficiais. Foi uma operação tão rápida e confidencial que Úrsula não soube de nada a não ser na última hora, quando alguém deu umas pancadinhas na janela do seu quarto e murmurou: "Se a senhora quer ver o Coronel Aureliano Buendía, chegue na porta agora." Úrsula pulou da cama e saiu na porta de camisola, e só conseguiu perceber o galope da cavalaria, que abandonava o povoado no meio de uma silenciosa poeirada. Apenas no dia seguinte veio a saber que Aureliano José havia ido embora com o pai.

Dez dias depois que um comunicado conjunto do governo e da oposição anunciou o fim da guerra, veio a notícia do primeiro levante armado do Coronel Aureliano Buendía na fronteira ocidental. Suas forças escassas e mal armadas foram desbaratadas em menos de uma semana. Mas no decurso do ano, enquanto liberais e conservadores procuravam fazer o país acreditar na reconciliação, ele tentou mais sete rebeliões. Certa noite bombardeou Riohacha de uma escuna, e a guarnição, em represália, tirou da cama os quatorze liberais mais conhecidos da povoação e os fuzilou. Durante mais de quinze dias, Aureliano ocupou uma alfândega de fronteira, e dali dirigiu à nação um chamado à guerra geral. Outra das suas expedições perdeu três meses na selva, numa disparatada tentativa de atravessar mais de mil e quinhentos quilômetros de territórios virgens para proclamar a guerra nos subúrbios da capital. Certa ocasião, esteve a menos de vinte quilômetros de Macondo, e foi obrigado pelas patrulhas do governo a se internar nas montanhas, muito perto da região encantada onde o seu pai encontrara muitos anos antes o fóssil de um galeão espanhol.

Nessa época, morreu Visitación. Deu-se ao luxo de morrer de morte natural, depois de haver renunciado a um trono por medo da insônia, e a sua última vontade foi que desenterrassem de debaixo da sua cama o ordenado economizado por mais de vinte anos, e o mandassem ao Coronel Aureliano Buendía, para que continuasse a guerra. Úrsula, porém, não se deu ao trabalho de tirar esse dinheiro, porque naqueles dias corria o boato de que o Coronel Aureliano Buendía tinha sido morto num desembarque perto da capital da província. A notícia oficial — a quarta em menos de dois anos — foi tida como verdadeira durante quase seis meses pois nada se voltou a saber dele. De repente, quando Úrsula e Amaranta já haviam superposto um novo luto aos anteriores, chegou uma notícia extraordinária. O Coronel Aureliano Buendía estava vivo, mas aparentemente tinha desistido de fustigar o governo do seu país, e se havia agregado ao federalismo triunfante em outras repúblicas do Caribe. Aparecia com nomes diferentes, cada vez mais longe da sua terra. Depois se haveria de saber que a idéia que então o animava era a unificação das forças federalistas da América Central, para varrer os regimes conservadores, do Alasca à Patagônia. A primeira notícia direta que Úrsula recebeu dele, vários anos depois de ter partido, foi uma carta amassada e apagada que andou de mão em mão, enviada de Santiago de Cuba.

— Nós o perdemos para sempre — exclamou Úrsula ao lê-la. — Nesse andar, vai passar o Natal no fim do mundo.

A pessoa a quem o disse, que foi a primeira a quem mostrou a carta, era o general conservador José Raquel Moncada, alcaide de Macondo desde que terminou a guerra. "Esse Aureliano", comentou o General Moncada, " pena que não seja conservador." Admirava-o de verdade. Como muitos civis conservadores, José Raquel Moncada tinha feito a guerra em defesa do seu partido e alcançado o título de general no campo de batalha, embora carecesse de vocação militar. Pelo contrário, como acontecia a muitos dos seus correligionários, era antimilitarista. Considerava o pessoal de armas como vagabundos sem princípios, intrigantes e ambiciosos, especialistas em enfrentar os civis para cair na desordem. Inteligente, simpático, sanguíneo, bom garfo e fanático por brigas de galo, foi em certo momento o adversário mais temível do Coronel Aureliano Buendía. Conseguiu impor a sua autoridade sobre os militares de carreira num amplo setor do litoral. Certa vez em que se viu forçado, por conveniências estratégicas, a abandonar uma praça às forças do Coronel Aureliano Buendía, deixou-lhe duas cartas. Numa delas, muito extensa, convidavao a participar de uma campanha em conjunto para humanizar a guerra. A outra carta era para a sua esposa, que vivia em território liberal, e a deixou com o pedido de fazê-la chegar ao seu destino. A partir de então, mesmo nos períodos mais encarniçados da guerra, os dois comandantes combinaram tréguas para trocar prisioneiros. Eram pausas com um certo ambiente festivo e que o General Moncada aproveitava para ensinar o Coronel Aureliano Buendía a jogar xadrez. Tornaram-se grandes amigos. Chegaram inclusive a pensar na possibilidade de coordenar os elementos populares de ambos os partidos para acabar com a influência dos militares e com os políticos profissionais, e instaurar um regime humanitário que aproveitasse o melhor de cada doutrina. Quando terminou a guerra, enquanto o Coronel Aureliano Buendía escapulia pelos desfiladeiros da subversão permanente, o General Moncada foi nomeado interventor de Macondo. Vestiu o seu traje civil, substituiu os militares por agentes da polícia desarmados, fez respeitar as leis de anistia e auxiliou algumas das famílias dos liberais mortos em campanha. Conseguiu que Macondo fosse promovido a município e foi o seu primeiro alcaide, e criou um ambiente de confiança que fez com que se pensasse na guerra como num absurdo pesadelo do passado. O Padre Nicanor, consumido pelas febres hepáticas, foi substituído pelo Padre Coronel, a quem chamavam *O Cachorrinho*,* veterano da primeira guerra federalista. Bruno Cres-

---

*É interessante observar que esta mesma alcunha é a por que se faz conhecida uma das imagens de Cristo de maior devoção (El Cachorro), em Sevilha, na época da Semana Santa. Muitas são as lendas que correm para explicar tal apelido, mas nenhuma delas é suficientemente explícita. Cumpre apenas notar que *cachorro*, em espanhol, significa fundamentalmente filhote (de cão, lobo, leão etc....). Por outro lado, uma das figuras que a superstição traz para o diabo é exatamente o cão. A dose de ironia que haveria na alcunha do padre torna-se mais densa, se o opusermos ao sacerdote anterior de Macondo, a cada momento provando a sua participação divina através do chocolate — beber chocolate é outro hábito espanhol de cunho popular. É bom não esquecer também a base militarista da Igreja espanhola, a ordem dos jesuítas, fundada por Santo Inácio de Loyola, antigo guerreiro que transpôs a disciplina militar à situação eclesiástica. A América Espanhola foi colonizada basicamente por religiosos-guerreiros, na velocidade adquirida da Reconquista da Península aos árabes. "...Padre Coronel a quem chamavam *O Cachorrinho*", portanto, é mais que explicável como caricatura cultural de linha espanhola. (N. T.)

pi, casado com Amparo Moscote, e cuja loja de brinquedos e instrumentos musicais não parava de prosperar, construiu um teatro, que as companhias espanholas incluíram nos seus itinerários. Era um vasto salão ao ar livre, com bancos de madeira, uma cortina de veludo com máscaras gregas, e três guichês em forma de cabeça de leão por cujas bocas abertas se vendiam os bilhetes. Foi também por esta época que se restaurou o edifício da escola. Encarregou-se dela o Sr. Melchor Escalona, um velho mestre enviado ao pantanal, que fazia os alunos vadios caminharem de joelhos no pátio de pedrinhas, e os malcriados comerem pimenta, com a total complacência dos pais. Aureliano Segundo e José Arcadio Segundo, os voluntariosos gêmeos de Santa Sofía de la Piedad, foram os primeiros a se sentar na sala de aula, com sua lousa e seu giz e os copinhos de alumínio marcados com os seus nomes. Remedios, herdeira da beleza pura da sua mãe, começava a ser conhecida como Remedios, a bela. Apesar do tempo, dos lutos superpostos e dos aborrecimentos acumulados, Úrsula se recusava a envelhecer. Ajudada por Santa Sofía de la Piedad, tinha dado um novo impulso à sua indústria de doces, e não só recuperou em poucos anos a fortuna que o filho gastou na guerra como também voltou a entupir de ouro puro as cabaças enterradas no quarto. "Enquanto Deus me der vida", costumava dizer, "não há de faltar dinheiro nesta casa de loucos." Assim estavam as coisas quando Aureliano José desertou das tropas federalistas da Nicarágua, engajou-se na tripulação de um navio alemão e apareceu na cozinha da casa, forte como um touro, negro e cabeludo como um índio, e com a secreta determinação de se casar com Amaranta.

Quando Amaranta o viu entrar, sem que ele houvesse dito nada, soube imediatamente por que tinha voltado. Na mesa, não se atreviam a se encarar. Duas semanas depois do regresso, porém, estando Úrsula presente, ele fixou os olhos nos dela e disse: "Eu sempre pensava muito em você." Amaranta fugia dele. Prevenia-se contra os encontros casuais. Procurava não se separar de Remedios, a bela. Indignou-se com o rubor que lhe dourou as faces no dia em que o sobrinho lhe perguntou até quando pensava usar a atadura negra na mão, porque interpretou a pergunta como uma alusão à sua virgindade. Quando ele chegou, ela passou a chave no quarto, mas durante tantas noites ouviu os seus roncos pacíficos no quarto contíguo que descuidou da precaução. Certa madrugada, quase dois meses depois do regresso, sentiu-o entrar no quarto. Então, em vez de fugir, em vez de gritar como havia previsto, deixou-se saturar por uma suave sensação de descanso. Sentiu-o deslizar para dentro do mosquiteiro, como o fizera quando era garoto, como o fizera sempre, e não pôde reprimir o suor gelado e o chocalhar dos dentes quando reparou que ele estava completamente nu. "Vai embora", murmurou, sufocando de curiosidade. "Vai embora ou eu começo a gritar." Mas Aureliano José sabia então o que tinha que fazer, porque já não era um menino assustado pela escuridão, e sim um animal de acampamento. Desde aquela noite se reiniciaram as surdas batalhas sem conseqüências que se prolongavam até o amanhecer. "Eu sou sua tia", murmurava Amaranta esgotada. "É quase como se eu fosse sua mãe, não só pela idade, mas também porque a única coisa que faltou foi dar a você de mamar." Aureliano fugia ao alvorecer e voltava na madrugada seguinte, cada vez mais excitado pela comprovação de que ela não se trancava. Não deixara de desejá-la um só instante. Encontrava-a nos escuros quartos das aldeias vencidas, sobretudo nos mais abjetos, e a materializava no bafo de sangue seco das ataduras dos feridos, no pavor instantâneo do perigo da morte, a toda hora e em toda parte. Fugira dela, tentando aniquilar a sua lembrança, não só com a distância mas também com um encarniçamento confuso que os companheiros de armas qualificavam de temeridade; quanto mais, porém, pisoteava a sua imagem na estrumeira da guerra, mais a guerra se parecia com Amaranta. Sofreu assim no exílio, procurando a maneira de matá-la com a sua própria morte, até que ouviu alguém contar a velha história do homem que se casou com uma tia que, além disso, era sua prima, e cujo filho acabou sendo avô de si mesmo.

— Uma pessoa pode casar com a própria tia? — perguntou, assombrado.

— Pode, e não só isso — respondeu-lhe um soldado —

pois estamos fazendo esta guerra contra os padres para que a pessoa possa se casar até com a própria mãe.

Quinze dias depois desertou. Encontrou Amaranta mais enfeitada que na lembrança, mais melancólica e pudica, e já dobrando na realidade o último cabo da maturidade, porém mais febril que nunca nas trevas do quarto e mais desafiante que nunca na agressividade da sua resistência. "Você é bobo", dizia Amaranta, acossada pelos seus cães de caça. "Não é verdade que se possa fazer isso com uma pobre tia, a não ser com licença especial do Papa." Aureliano José prometia ir a Roma, prometia percorrer a Europa de joelhos e beijar as sandálias do Sumo Pontífice só para que ela baixasse a ponte levadiça.

— Não é só isso — rebatia Amaranta. — É que os filhos nascem com rabo de porco.

Aureliano José era surdo para todos os argumentos.

— Mesmo que nasçam tatus — suplicava.

Certa madrugada, vencido pela dor insuportável da virilidade reprimida, foi à taberna de Catarino. Encontrou uma mulher de seios flácidos, carinhosa e barata, que lhe apaziguou o ventre por algum tempo. Tentou aplicar a Amaranta o tratamento do desprezo. Via-a na varanda, cosendo numa máquina de manivela que aprendera a manejar com habilidade admirável, e nem sequer lhe dirigia a palavra. Amaranta se sentiu livre de um peso, e ela mesma não compreendeu por que voltou a pensar então no Coronel Gerineldo Márquez, por que evocava com tanta nostalgia as tardes de xadrez chinês, e por que chegou inclusive a desejá-lo como homem de cama. Aureliano José não imaginava o quanto havia perdido terreno, na noite em que não pôde suportar mais a farsa da indiferença e voltou ao quarto de Amaranta. Ela o repeliu com uma determinação inflexível, inequívoca, e passou a chave para sempre no quarto.

Poucos meses depois do regresso de Aureliano José, apresentou-se na casa uma mulher exuberante, perfumada de jasmim, com um menino de uns cinco anos. Afirmou que era filho do Coronel Aureliano Buendía e o trazia para que Úrsula o batizasse. Ninguém pôs em dúvida a origem daquele menino sem nome: era igual ao coronel na época em que o levaram para conhecer o gelo. A mulher contou que tinha nascido de olhos abertos espiando as pessoas com juízo de gente grande, e que a assustava a sua maneira de fixar o olhar nas coisas sem pestanejar. "É idêntico", disse Úrsula. "A única coisa que está faltando é que faça as cadeiras rodarem só de olhar para elas." Batizaram-no com o nome de Aureliano, e com o sobrenome da mãe, porque a lei não permitia usar o sobrenome do pai enquanto este não o reconhecesse. O General Moncada serviu de padrinho. Embora Amaranta insistisse para que o deixassem com ela para acabar de criar, a mãe se opôs.

Úrsula ignorava na época o costume de mandar donzelas aos quartos dos guerreiros, do mesmo modo como se soltavam galinhas para os galos finos, mas no decurso desse ano veio a saber: mais nove filhos do Coronel Aureliano Buendía foram trazidos à casa para serem batizados. O mais velho, um estranho moreno de olhos verdes que nada tinha que ver com a família paterna, já passara dos dez anos. Trouxeram crianças de todas as idades, de todas as cores, mas todos varões, e todos com um ar de solidão que não permitia pôr em dúvida o parentesco. Apenas dois se distinguiram do resto. Um, grande demais para a sua idade, que transformou em cacos as floreiras e várias peças da louça, porque as suas mãos pareciam possuir a propriedade de espedaçar tudo o que tocavam. O outro era um lourinho com os mesmos olhos garços da mãe, cujo cabelo tinha sido deixado comprido e cheio de cachos, como de uma mulher. Entrou na casa com muita familiaridade, como se tivesse sido criado nela, e foi diretamente para uma arca do quarto de Úrsula, e exigiu: "Eu quero a bailarina de corda." Úrsula se assustou. Abriu a arca, remexeu os antiquados e poeirentos objetos do tempo de Melquíades e encontrou embrulhada num par de meias a bailarina de corda que certa vez Pietro Crespi trouxera, e da qual ninguém tinha voltado a se lembrar. Em menos de doze anos batizaram com o nome de Aureliano, e com o sobrenome da mãe, a todos os filhos que disseminou o coronel ao longo e ao largo dos seus territórios de guerra: dezessete. No princípio, Úrsula lhes enchia os bolsos de dinheiro e Amaranta tentava ficar com eles. Mas terminaram por se limitar a fazer-lhes um presente e servirem de madrinhas. "Batizando-os, cumprimos com a obrigação", dizia Úrsula, anotando numa caderneta o nome e o endereço das mães e o lugar e a data de nascimento das crianças. "Aureliano deve cuidar bem da sua vida, de modo que será ele quem tomará as decisões quando voltar." Durante um almoço, comentando com o General Moncada aquela desconcertante proliferação, expressou o desejo de que o Coronel Aureliano Buendía voltasse alguma vez para reunir todos os seus filhos em casa.

— Não se preocupe, comadre — disse enigmaticamente o General Moncada. — Ele virá mais cedo do que a senhora imagina.

O que o General Moncada sabia, e que não quis revelar no almoço, era que o Coronel Aureliano Buendía já estava a caminho, para se pôr à frente da rebelião mais prolongada, radical e sangrenta de quantas tinham sido tentadas até então.

A situação voltou a ser tão tensa como nos meses que precederam a primeira guerra. As brigas de galo, animadas pelo próprio alcaide, foram suspensas. O Capitão Aquiles Ricardo, comandante da guarnição, assumiu na prática o poder municipal. Os liberais o apontaram como um provocador. "Alguma coisa terrível vai acontecer", dizia Úrsula a Aureliano José. "Não saia na rua depois das seis da tarde." Eram súplicas inúteis. Aureliano José, igual a Arcadio em outra época, deixara de lhe pertencer. Era como se o regresso a casa, a possibilidade de existir sem se incomodar com as urgências cotidianas tivessem despertado nele a vocação concupiscente e preguiçosa do seu tio José Arcadio. A sua paixão por Amaranta se extinguiu sem deixar cicatrizes. Andava um pouco à deriva, jogando bilhar, entretendo a solidão com mulheres ocasionais, saqueando os buracos onde Úrsula esquecia o dinheiro escondido. Acabou por não voltar em casa a não ser para mudar de roupa. "São todos iguais", Úrsula se lamentava. "No começo são fáceis de criar, obedientes e sinceros, e parecem incapazes de matar uma mosca; mal aponta a barba se atiram à perdição." Ao contrário de Arcadio, que nunca soube da sua verdadeira origem, ele veio a saber que era filho de Pilar Ternera, que tinha pendurado uma rede para que ele fizesse a sesta na sua casa. Eram, mais que mãe e filho, cúmplices na solidão. Pilar Ternera havia perdido a sombra de qualquer esperança. O seu riso tinha adquirido tonalidades de órgãos, os seus seios tinham sucumbido ao tédio das carícias eventuais, o seu ventre e as suas coxas tinham sido vítimas do seu irrevogável destino de mulher partilhada, mas o seu coração envelhecia sem amargura. Gorda, desbocada, com vaidades de matrona em decadência, renunciou à ilusão estéril das cartas e encontrou um refrigério de consolo nos amores alheios. Na casa onde Aureliano José dormia a sesta, as moças da vizinhança recebiam os seus amantes casuais. "Você me empresta o quarto, Pilar", diziam simplesmente, quando já estavam dentro dele. "Claro", dizia Pilar. E se alguém estivesse presente, explicava:

— Fico feliz sabendo que as pessoas estão felizes na cama.

Jamais cobrava o serviço. Jamais negava o favor, como não o negara aos inumeráveis homens que a procuraram até o crepúsculo da sua maturidade, sem lhe proporcionar nem dinheiro nem amor, apenas, algumas vezes, prazer. As suas cinco filhas, herdeiras de uma semente fogosa, perderam-se pelos caminhos da vida desde a adolescência. Dos dois varões que chegou a criar, um morreu lutando nas hostes do Coronel Aureliano Buendía e o outro foi ferido e capturado aos quatorze anos, quando tentava roubar um engradado de galinhas num povoado do pântano. De certo modo, Aureliano José foi um homem alto e moreno que durante meio século lhe foi anunciado pelo rei de copas, e que como todos os enviados pelo baralho chegou ao seu coração quando já estava marcado pelo signo da morte. Ela viu isso nas cartas.

— Não saia esta noite — disse a ele. — Fique para dormir aqui, que a Carmelita Montiel já cansou de me implorar para que a ponha no seu quarto.

Aureliano José não captou o profundo sentido de súplica que tinha aquela oferta.

— Diga a ela que me espere à meia-noite — disse.

Foi ao teatro, onde uma companhia espanhola anunciava *O Punhal do Zorro*, que na realidade era o obra de Zorrilla com o nome trocado por ordem do Capitão Aquiles Ricardo, porque os liberais chamavam de *godos* os conservadores.* Apenas no momento de entregar o bilhete na entrada é que Aureliano José percebeu que o Capitão Aquiles Ricardo, com dois soldados armados de fuzis, estava passando em revista a platéia. "Cuidado, capitão", advertiu Aureliano José. "Ainda não nasceu o homem que vai botar as mãos em cima de mim." O capitão tentou revistá-lo à força, e Aureliano José, que estava desarmado, saiu correndo. Os soldados desobedeceram a ordem de atirar. "É um Buendía", explicou um deles. Cego de raiva, o capitão lhe arrancou o fuzil, abriu espaço no meio da rua, e apontou.

— Cornos! — chegou a gritar. — Oxalá fosse o Coronel Aureliano Buendía.

Carmelita Montiel, uma virgem de vinte anos, acabava de se banhar em água de flor de laranjeira e estava esparramando folhas de alecrim na cama de Pilar Ternera, quando soou o disparo. Aureliano José estava destinado a conhecer com ela a felicidade que lhe negara Amaranta, a ter sete filhos e a morrer de velhice nos seus braços, mas a bala de fuzil que lhe entrou pelas costas e lhe despedaçou o peito estava dirigida por uma má interpretação das cartas. O Capitão Aquiles Ricardo, que era na verdade quem estava destinado a morrer nessa noite, morreu realmente quatro horas antes de Aureliano José. Mal soou o disparo, foi derrubado por dois balaços simultâneos cuja origem não se aclarou nunca, e um grito da multidão estremeceu a noite.

— Viva o Partido Liberal! Viva o Coronel Aureliano Buendía!

À meia-noite, quando Aureliano José acabou de sangrar e Carmelita Montiel encontrou em branco as cartas do seu fu-

---

*José Zorrilla é um dramaturgo romântico espanhol, autor, entre outras, de duas peças de muito êxito de bilheteria até hoje: *D. Juan Tenorio* e *El Puñal del Godo*. A mudança para Zorro traz também a evocação dos *bang-bang* seriados, versão moderna do capa e espada romântico. (N. T.)

turo, mais de quatrocentos homens já haviam desfilado diante do teatro e descarregado os seus revólveres contra o cadáver abandonado do Capitão Aquiles Ricardo. Foi necessária uma patrulha para colocar sobre uma carreta o corpo pesado de chumbo, que se decompunha como um pão molhado.

Contrariado pelas impertinências do exército regular, o General José Raquel Moncada mobilizou as suas influências políticas, voltou a vestir o uniforme e assumiu a chefatura civil e militar de Macondo. Não esperava, entretanto, que a sua atitude conciliatória pudesse impedir o inevitável. As notícias de setembro foram contraditórias. Enquanto o governo anunciava que mantinha o controle de todo o país, os liberais recebiam informações secretas de levantes armados no interior. O regime não admitiu o estado de guerra enquanto não se proclamou num decreto que se havia reunido um conselho de guerra, na ausência do Coronel Aureliano Buendía, e que ele havia sido condenado à morte. Ordenava-se que a primeira guarnição que o capturasse cumprisse a sentença. "Isto quer dizer que ele voltou", alegrou-se Úrsula diante do General Moncada. Mesmo ele, porém, não sabia ao certo.

Na realidade, o Coronel Aureliano Buendía já estava no país havia mais de um mês. Precedido por boatos contraditórios, sabido ao mesmo tempo nos lugares mais afastados, o próprio General Moncada não acreditou na sua volta a não ser quando se anunciou oficialmente que ele se havia apoderado de dois estados do litoral. "Parabéns, comadre", disse a Úrsula, mostrando o telegrama. "Dentro em breve há de tê-lo aqui." Úrsula se preocupou então pela primeira vez. "E o senhor, que é que vai fazer, compadre?", perguntou. O General Moncada já se havia interrogado sobre isto muitas vezes.

— O mesmo que ele, comadre: — respondeu — cumprir com o meu dever.

No dia primeiro de outubro, ao amanhecer, o Coronel Aureliano Buendía, com mil homens bem armados, atacou Macondo, e a guarnição recebeu ordem de resistir até o fim. Ao meio-dia, enquanto o General Moncada almoçava com Úrsula, um tiro de canhão rebelde, que retumbou pelo povoado inteiro, reduziu a pó a fachada da tesouraria municipal. "Eles estão tão bem armados quanto nós", suspirou o General Moncada, "e além disso lutam com mais vontade." Às duas da tarde, enquanto a terra tremia com os tiros de canhão de ambos os lados, despediu-se de Úrsula com a certeza de que estava lutando uma batalha perdida.

— Rogo a Deus que esta noite você ainda não tenha Aureliano em casa — disse. — Se acontecer, dê a ele um abraço meu, porque não espero tornar a vê-lo nunca mais.

Nessa mesma noite foi capturado, quando tentava fugir de Macondo, depois de escrever uma extensa carta ao Coronel Aureliano Buendía, na qual lhe recordava os propósitos comuns de humanizar a guerra e lhe desejava uma vitória definitiva contra a corrupção dos militares e as ambições dos políticos de ambos os partidos. No dia seguinte o Coronel Aureliano Buendía almoçou com ele na casa de Úrsula, onde ele tinha sido posto em custódia até que um conselho de guerra revolucionário decidisse o seu destino. Foi uma reunião familiar. Mas enquanto os adversários esqueciam a guerra para evocar lembranças do passado, Úrsula teve a sombria impressão de que o seu filho era um intruso. Tivera-a desde que o vira entrar protegido por um ruidoso aparato militar que revirou os quartos pelo direito e pelo avesso até se convencer de que não havia nenhum risco. O Coronel Aureliano Buendía não só aceitou a situação como também distribuiu ordens de uma severidade extrema, e não permitiu que ninguém se aproximasse a menos de três metros de sua pessoa, nem sequer Úrsula, enquanto os membros da sua escolta não acabavam de distribuir as patrulhas em volta da casa. Vestia um uniforme de brim ordinário, sem insígnias de qualquer espécie, e umas botas altas com esporas lambuzadas de barro e sangue seco. Levava no cinto uma pistola com o coldre desabotoado, e a mão sempre apoiada na coronha revelava a mesma tensão vigilante e resoluta do olhar. A sua cabeça, agora com entradas profundas, parecia cozinhada em fogo lento. O seu rosto gretado pelo sol do Caribe tinha adquirido uma dureza metálica. Estava preservado da velhice iminente por uma vitalidade que tinha alguma coisa que ver com a frieza das entranhas. Estava mais alto do que quando partiu, mais pálido e ósseo, e manifestava os primeiros sintomas de resistência à saudade. "Meu Deus", disse Úrsula para si, alarmada. "Agora parece um homem capaz de tudo." E era. A manta asteca que trouxe para Amaranta, as recordações que emitiu no almoço, as divertidas anedotas que contou, eram meros resíduos do seu humor de outros tempos. Nem bem se cumpriu a ordem de enterrar os mortos na fossa comum, designou o Coronel Roque Carnicero para a missão de apressar os julgamentos de guerra, e ele próprio então se empenhou na extenuante tarefa de impor as reformas radicais que não deixassem pedra sobre pedra da restabelecida estrutura do regime conservador. "Nós temos que nos antecipar aos políticos do partido", dizia aos seus assessores. "Quando abrirem os olhos para a realidade, encontrarão os fatos consumados." Foi então que decidiu rever os títulos de propriedade da terra, até cem anos atrás, e descobriu as violências legalizadas do seu irmão José Arcadio. Anulou os registros de uma assentada. Num último gesto de cortesia, abandonou as suas ocupações por uma hora e visitou Rebeca para pô-la ao corrente da sua determinação.

Na penumbra da casa, a viúva solitária que um dia fora a confidente dos seus amores reprimidos, e cuja obstinação lhe salvara a vida, era um espectro do passado. Fechada de negro até os punhos, com o coração convertido em cinzas, mal tinha notícia da guerra. O Coronel Aureliano Buendía teve a impressão de que a fosforescência dos seus ossos transpassava a pele, e que ela se movia através de uma atmosfera de fogos-fátuos, num ar estancado onde ainda se percebia um discreto cheiro de pólvora. Começou por aconselhá-la a que moderasse o rigor do luto, que ventilasse a casa, que perdoasse ao mundo a morte de José Arcadio. Mas Rebeca já estava a salvo de qualquer vaidade. Depois de procurá-la inutilmente no sabor da terra, nas cartas perfumadas de Pietro Crespi, na cama tempestuosa do marido, encontrara a paz naquela casa onde as lembranças se materializaram pela força da evocação implacável, e passeavam como seres humanos pelos quartos fechados. Erecta na sua cadeira de balanço de vime, olhando para o Coronel Aureliano Buendía como se fosse ele quem parecesse um espectro do passado, Rebeca nem sequer se comoveu com a notícia de que as terras usurpadas por José Arcadio seriam restituídas aos seus legítimos donos.

— Será feito o que você mandar, Aureliano — suspirou. — Sempre acreditei, e confirmo agora, que você é um desnaturado.

A revisão dos títulos de propriedade terminou ao mesmo tempo que os julgamentos sumários, presididos pelo Coronel Gerineldo Márquez, e que concluíram com o fuzilamento de toda a oficialidade do exército regular prisioneira dos revolucionários. O último tribunal de guerra foi o do General José Raquel Moncada. Úrsula interveio. "É o melhor governante que tivemos em Macondo", disse ao Coronel Aureliano Buendía. "Não tenho mesmo nada a dizer do seu bom coração, do afeto que nos dedica, porque você o conhece melhor que ninguém." O Coronel Aureliano Buendía fixou nela um olhar de reprovação:

— Não posso me arrogar o direito de administrar justiça — respondeu. — Se a senhora tem alguma coisa a dizer, faça-o diante do tribunal de guerra.

Úrsula não só o fez como também levou para testemunharem todas as mães dos oficiais revolucionários que viviam em Macondo. Uma por uma, as velhas fundadoras do povoado, várias tendo participado da temerária travessia da serra, exaltaram as virtudes do General Moncada. Úrsula foi a última da fila. A sua dignidade patética, o peso do seu nome, a convincente veemência da sua declaração fizeram vacilar por um momento o equilíbrio da justiça. "Os senhores levaram muito a sério esta brincadeira horrível, e fizeram bem, porque estão cumprindo com o seu dever", disse aos membros do tribunal. "Mas não se esqueçam de que, enquanto Deus nos der vida, nós continuamos sendo mães, e por muito revolucionários que vocês sejam temos o direito de lhes abaixar as calças e dar uma boa coça diante da primeira falta de respeito." O júri se retirou para deliberar quando ainda ressoavam estas palavras no âmbito da escola transformada em quartel. À meia-noite, o General José Raquel Moncada foi condenado à morte. O Coronel Aureliano Buendía, apesar das violentas recriminações de Úrsula, negou-se a comutar-lhe a pena. Pouco antes do amanhecer, visitou o condenado no quarto do tronco.

— Lembre-se, compadre — disse a ele — que não sou eu quem o está fuzilando, e sim a revolução.

O General Moncada nem sequer se levantou do catre ao vê-lo entrar.

— Vá à merda, compadre — respondeu.

Até aquele momento, desde a sua volta, o Coronel Aureliano Buendía não se permitira uma oportunidade de olhá-lo com o coração. Assombrou-se de quanto tinha envelhecido, do tremor das suas mãos, da resignação um pouco rotineira com que esperava a morte, e então experimentou um profundo desprezo por si mesmo, que confundiu com um princípio de misericórdia.

— Você sabe melhor que eu — disse — que todo tribunal de guerra é uma farsa, e que na verdade você vai pagar os crimes dos outros, porque desta vez nós vamos ganhar a guerra a qualquer preço. Você no meu lugar não teria feito a mesma coisa?

O General Moncada endireitou o corpo para limpar os grossos óculos de tartaruga com as fraldas da camisa. "Provavelmente", disse. "Mas o que me preocupa não é que você me fuzile, porque afinal para gente como nós esta é a morte natural." Colocou os óculos sobre a cama e tirou o relógio de bolso. "O que me preocupa", acrescentou, "é que de tanto odiar os militares, de tanto combatê-los, de tanto pensar neles, você acabou por ficar igual a eles. E não há ideal na vida que mereça tanta baixeza." Tirou a aliança e a medalha da Virgem dos Remedios e pôs junto com os óculos e o relógio.

— Nesse ritmo — concluiu — você não só será o ditador mais despótico e sanguinário da nossa história como também acabará por fuzilar a minha comadre Úrsula, tentando apaziguar a sua consciência.

O Coronel Aureliano Buendía permaneceu impassível. O General Moncada entregou-lhe então os óculos, a medalha, o relógio e a aliança, e mudou de tom.

— Mas eu não fiz você vir aqui para repreendê-lo — disse. — Queria pedir a você o favor de enviar estas coisas à minha mulher.

O Coronel Aureliano Buendía guardou-as nos bolsos.

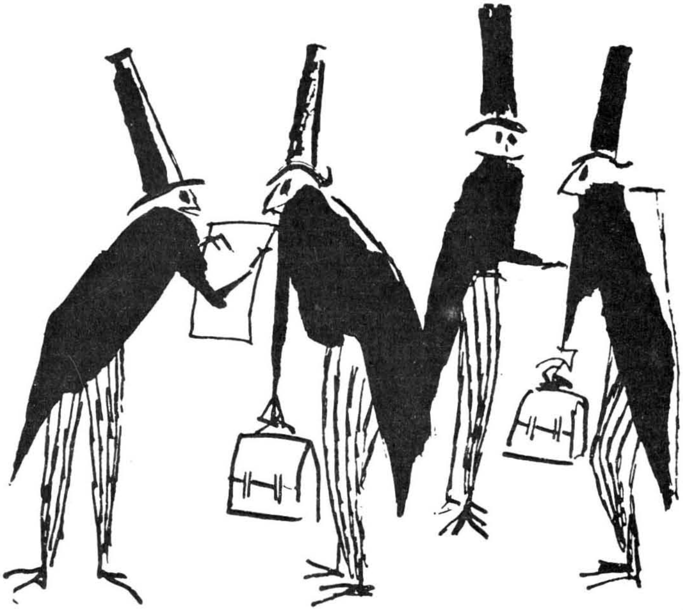
— Continua em Manaure?

— Continua em Manaure — confirmou o General Moncada — na mesma casa atrás da igreja para onde você enviou aquela carta.

— Farei com muito gosto, José Raquel — disse o Coronel Aureliano Buendía.

Quando saiu na brisa azul da neblina, o rosto se lhe umedeceu como no outro amanhecer do passado, e só então compreendeu por que determinara que a sentença se cumprisse no pátio, e não no muro do cemitério. O pelotão, formado diante da porta, rendeu-lhe as honras de chefe de Estado.

— Já podem trazê-lo — ordenou.



O CORONEL Gerineldo Márquez foi o primeiro que percebeu o vazio da guerra. Na sua condição de chefe civil e militar de Macondo, mantinha duas vezes por semana conversas telegráficas com o Coronel Aureliano Buendía. No princípio, essas entrevistas determinavam o curso de uma guerra de carne e osso, cujos contornos perfeitamente definidos permitiam estabelecer a qualquer momento o ponto exato em que se encontrava e prever os seus rumos futuros. Embora nunca se deixasse arrastar para o terreno das confidências, nem sequer pelos seus amigos mais íntimos, o Coronel Aureliano Buendía conservava na época o tom familiar que permitia identificá-lo no outro extremo da linha. Muitas vezes prolongou a conversa além do tempo previsto e a deixou derivar para comentários de caráter doméstico. Pouco a pouco, no entanto, e à medida que a guerra ia se intensificando e estendendo, a sua imagem foi se apagando num universo de irrealidade. Os pontos e traços da sua voz eram cada vez mais remotos e incertos, e se uniam e se combinavam para formar palavras que paulatinamente foram perdendo todo o sentido. O Coronel Gerineldo Márquez limitava-se então a escutar, assustado pela impressão de estar em contato telegráfico com um desconhecido do outro mundo.

— Entendido, Aureliano — concluía no manipulador. — Viva o Partido Liberal!

Acabou por perder todo o contato com a guerra. O que em outros tempos fora uma atividade real, uma paixão irresistível da sua juventude, converteu-se para ele numa referência remota: um vácuo. O seu único refúgio era o quarto de costura de Amaranta. Visitava-a todas as tardes. Gostava de contemplar as suas mãos enquanto franzia babados de cambraia na máquina de manivela que Remedios, a bela, fazia girar. Ficavam muitas horas sem falar, satisfeitos com a companhia recíproca, mas enquanto Amaranta se alegrava intimamente por manter vivo o fogo da sua devoção, ele ignorava quais eram os secretos desígnios daquele coração indecifrável. Quando se teve notícia da sua volta, Amaranta sufocou de ansiedade. Quando o viu entrar em casa, porém, confundido com a ruidosa escolta do Coronel Aureliano Buendía, e o viu maltratado pelo rigor do desterro, envelhecido pela idade e pelo esquecimento, sujo de suor e poeira, cheirando a estábulo, feio, com o braço esquerdo na tipóia, sentiu-se desfalecer de desilusão. "Meu Deus", pensou, "não era este que eu esperava." No dia seguinte, entretanto, ele voltou à casa barbeado e limpo, com o bigode perfumado de água de alfazema e sem a tipóia ensangüentada. Trazia-lhe um breviário de capa nacarada.

— Como os homens são esquisitos! — ela disse, porque não encontrava outra coisa para dizer. — Levam a vida lutando contra os padres e dão livros de oração de presente.

A partir de então, mesmo nos dias mais críticos da guerra, ele a visitava todas as tardes. Muitas vezes, quando Remedios, a bela, não estava presente, era ele quem tocava a máquina de costura. Amaranta se sentia perturbada pela perseverança, pela lealdade, pela submissão daquele homem investido de tanta autoridade e que no entanto se despojava das armas na sala para entrar indefeso no quarto de costura. Mas durante quatro anos ele lhe reiterou o seu amor, e ela encontrou sempre a maneira de recusá-lo sem feri-lo, porque, embora não conseguisse amá-lo, já não podia viver sem ele. Remedios, a bela, que parecia indiferente a tudo, e de quem se pensava que era débil mental, não foi insensível a tanta devoção, e interveio em favor do Coronel Gerineldo Márquez. Amaranta descobriu de repente que aquela menina que havia criado, que mal despertava para a adolescência, já era a criatura mais bela que se havia visto em Macondo. Sentiu renascer no seu coração o rancor que em outra época experimentara contra Rebeca, e rogando a Deus que não a arrastasse até o extremo de lhe desejar a morte, expulsou-a do quarto de costura. Foi por essa época que o Coronel Gerineldo Márquez começou a sentir o fastio da guerra. Apelou para as suas reservas de persuasão, para a sua imensa e reprimida ternura, disposto a renunciar por Amaranta a uma glória que lhe tinha custado o sacrifício dos seus melhores anos. Mas não conseguiu convencê-la. Uma tarde de agosto, agoniada pelo peso insuportável da sua própria obstinação, Amaranta se trancou no quarto para chorar a sua solidão até morrer, depois de dar a resposta definitiva ao seu pretendente tenaz:

— Vamos esquecer isso para sempre — disse a ele — já somos velhos demais para estas coisas.

O Coronel Gerineldo Márquez atendeu naquela tarde a um chamado telegráfico do Coronel Aureliano Buendía. Foi uma conversa de rotina que não havia de abrir nenhuma brecha para a guerra estancada. Ao terminar, o Coronel Gerineldo Márquez contemplou as ruas desoladas, a água cristalizada nas amendoeiras, e se encontrou perdido na solidão.

— Aureliano — disse tristemente no manipulador — está chovendo em Macondo.

Houve um longo silêncio na linha. De repente, os aparelhos saltaram com os signos desapiedados do Coronel Aureliano Buendía.

— Não seja boboca, Gerineldo — disseram os signos. — É natural que esteja chovendo em agosto.

Fazia tanto tempo que não se viam que o Coronel Gerineldo Márquez se desconcertou com a agressividade daquela reação. Entretanto, dois meses depois, quando o Coronel Aureliano Buendía voltou a Macondo, o desconcerto se transformou em espanto. Até Úrsula se surpreendeu com o quanto havia mudado. Chegou na calada, sem escolta, embrulhado numa manta apesar do calor, e com três amantes que instalou numa mesma casa, onde passava a maior parte do tempo estendido numa rede. Mal lia os informes telegráficos que falavam de operações de rotina. Certa ocasião o Coronel Gerineldo Márquez lhe pediu instruções para a evacuação de uma localidade fronteiriça que ameaçava se converter num conflito internacional.

— Não me aborreça com coisinhas miúdas — ordenou ele. — Consulte a Divina Providência.

Era talvez o momento mais crítico da guerra. Os proprietários de terra liberais, que no princípio apoiavam a revolução, entraram em aliança secreta com os proprietários de terra conservadores para impedir a revisão dos títulos de propriedade. Os políticos que capitalizavam a guerra já desde o exílio haviam repudiado publicamente as determinações drásticas do Coronel Aureliano Buendía, mas até mesmo essa desautorização parecia deixá-lo sem preocupações. Não voltara a ler os seus versos, que ocupavam mais de cinco tomos e que permaneciam esquecidos no fundo do baú. De noite, ou na hora da sesta, chamava à rede uma das suas mulheres e obtinha dela uma satisfação rudimentar, e logo dormia com um sono de pedra que não era perturbado pelo mais leve indício de preocupação. Só ele sabia, naquele tempo, que o seu aturdido coração estava condenado para sempre à incerteza. A princípio, embriagado pela glória do regresso, pelas vitórias inverossímeis, bordejara o abismo da grandeza. Satisfazia-se com trazer à cabeceira o Duque de Marlborough, seu grande mestre nas artes da guerra, cujo aparato de peles e unhas de tigre produzia o respeito dos adultos e o assombro das crianças. Foi então que decidiu que nenhum ser humano se aproximasse dele a menos de três metros. No centro do círculo de giz que os seus ajudantes de campo traçavam onde quer que ele chegasse, e no qual apenas ele podia entrar, decidia com ordens breves e inapeláveis o destino do mundo. Na primeira vez em que esteve em Manaure depois do fuzilamento do General Moncada, apressou-se em cumprir a última vontade da sua vítima, e a viúva recebeu os óculos, a medalha, o relógio e a aliança, mas não lhe permitiu passar da porta de entrada.

— Não entre, coronel — disse a ele. — O senhor pode mandar na sua guerra, mas na minha casa mando eu.

O Coronel Aureliano Buendía não deu mostras de rancor, mas o seu espírito só encontrou sossego quando a sua guarda pessoal saqueou e reduziu a cinzas a casa da viúva. "Cuide do coração, Aureliano", dizia-lhe então o Coronel Gerineldo Márquez. "Você está apodrecendo vivo." Por essa época, convocou uma segunda assembléia dos principais comandantes rebeldes. Encontrou de tudo: idealistas, ambiciosos, aventureiros, ressentidos sociais e até delinqüentes comuns. Havia inclusive um antigo funcionário conservador, refugiado na revolta para fugir a um julgamento por desvio de fundos. Muitos não sabiam sequer por que lutavam. No meio daquela multidão heterogênea, cujas diferenças de critério estiveram a ponto de provocar uma explosão interna, destacava-se uma autoridade tenebrosa: o General Teófilo Vargas. Era um índio puro, selvagem, analfabeto, dotado de uma malícia taciturna e de uma vocação messiânica que provocava nos seus homens um fanatismo demente. O Coronel Aureliano Buendía convocou a reunião com o propósito de unificar o poder rebelde contra as manobras dos políticos. O General Teófilo Vargas adiantou-se às suas intenções: em poucas horas desbaratou a coligação dos comandantes melhor qualificados e se apoderou do poder central. "É uma fera digna de cuidado", disse o Coronel Aureliano Buendía aos seus oficiais. "Para nós, esse homem é mais perigoso que o Ministro da Guerra." Então, um capitão muito jovem que sempre se havia distinguido pela timidez levantou o dedo cauteloso:

— É muito simples, coronel — propôs — nós temos de matá-lo.

O Coronel Aureliano Buendía não se assustou com a frieza da proposta, e sim com a forma como ela se antecipou uma fração de segundo ao seu próprio pensamento.

— Não esperem que eu dê essa ordem — disse.

E não a deu, realmente. Mas quinze dias depois o General Teófilo Vargas foi despedaçado a golpes de facão numa emboscada, e o Coronel Aureliano Buendía assumiu o poder central. Na mesma noite em que a sua autoridade foi reconhecida por todos os comandos rebeldes, acordou sobressaltado, pedindo aos gritos uma manta. Um frio interior que lhe rachava os ossos e o mortificava inclusive em pleno sol impediu-lhe de dormir bem por vários meses, até que se transformou num hábito. A embriaguez do poder começou a se decompor em faixas de tédio. Procurando um remédio contra o frio, mandou fuzilar o jovem oficial que propôs o assassinato do General Teófilo Vargas. As suas ordens eram cumpridas antes de serem anunciadas, mesmo antes que ele as concebesse, e sempre iam muito mais longe do que ele se atreveria a fazê-las chegar. Extraviado na solidão do seu imenso poder, começou a perder o rumo. Incomodava-o o povo que o aclamava nas aldeias vencidas, e que lhe parecia o mesmo que aclamava o inimigo. Em toda parte encontrava adolescentes que o olhavam com os próprios olhos, que falavam com a sua própria voz, que o cumprimentavam com a mesma desconfiança com que ele os cumprimentava, e que diziam ser seus filhos. Sentiu-se jogado, repelido, e mais solitário do que nunca. Teve a certeza de que os seus próprios oficiais lhe mentiam. Brigou com o Duque de Marlborough. "O melhor amigo," costumava dizer então, "é o que acaba de morrer." Cansou-se da incerteza, do círculo vicioso daquela guerra eterna que sempre o encontrava no mesmo lugar, só que cada vez mais velho, mais acabado, mais sem saber por que, nem como, nem até quando. Sempre havia alguém fora do círculo de giz. Alguém que precisava de dinheiro, que tinha um filho com coqueluche ou que queria ir dormir para sempre porque já não podia suportar na boca o gosto de merda da guerra e que, entretanto, reunia as suas últimas reservas de energia para informar: "Tudo normal, coronel." E a normalidade era precisamente o mais terrível daquela guerra infinita: não acontecia nada. Sozinho, abandonado pelos presságios, fugindo do frio que havia de acompanhá-lo até a morte, procurou um último refúgio em Macondo, ao calor das recordações mais antigas. Era tão grave a sua inércia que quando lhe anunciaram a chegada de uma comissão do seu partido, credenciada para discutir a encruzilhada da guerra, ele se mexeu na rede sem acordar de todo.

— Levem-nos às putas — disse.

Eram seis advogados de paletó e chapéu que suportavam com duro estoicismo o bravo sol de novembro. Úrsula hospedou-os em casa. Passavam a maior parte do dia trancados no quarto, em conciliábulos herméticos, e ao anoitecer pediam uma escolta e um conjunto de acordeões e tomavam conta da taberna de Catarino. "Não os incomodem", ordenava o Coronel Aureliano Buendía. "Afinal, eu sei o que querem." No início de dezembro, a entrevista longamente esperada, que muitos tinham previsto como uma discussão interminável, resolveu-se em menos de uma hora.

Na abafada sala de visitas, junto ao espectro da pianola amortalhada com um lençol branco, o Coronel Aureliano Buendía não se sentou desta vez dentro do círculo de giz que traçaram os seus ajudantes de campo. Ocupou uma cadeira entre os seus assessores políticos, e embrulhado na manta de lã escutou em silêncio as breves propostas dos emissários. Pediam, em primeiro lugar, renunciar à revisão dos títulos de propriedade da terra para recuperar o apoio dos proprietários liberais. Pediam, em segundo lugar, renunciar à luta contra a influência clerical para obter o suporte do povo católico. Pediam, por último, renunciar às aspirações de igualdade de direitos entre os filhos naturais e os legítimos para preservar a integridade dos lares.

— Quer dizer — sorriu o Coronel Aureliano Buendía quando terminou a leitura — que só estamos lutando pelo poder.

— São reformas táticas — respondeu um dos delegados.

— No momento, o essencial é ampliar a base popular da guerra. Depois se vê.

Um dos assessores políticos do Coronel Aureliano Buendía se apressou a intervir.

— É um contra-senso — disse. — Se estas reformas são boas, quer dizer que bom é o regime conservador. Se com elas conseguimos ampliar a base popular da guerra, como dizem os senhores, quer dizer que o regime tem uma ampla base popular. Quer dizer, em suma, que durante quase vinte anos estivemos lutando contra os sentimentos da nação.

Ia continuar, mas o Coronel Aureliano Buendía o interrompeu com um sinal. "Não perca tempo, doutor", disse. "O importante é que a partir deste momento só lutamos pelo poder." Sem deixar de sorrir, tomou os papéis que lhe entregaram os delegados e se dispôs a assinar.

— Já que é assim — concluiu — não temos nenhum inconveniente em aceitar.

Os seus homens se olharam consternados.

— Desculpe, coronel — disse suavemente o Coronel Gerineldo Márquez — mas isto é uma traição.

O Coronel Aureliano Buendía deteve no ar a pena com tinta, e descarregou sobre ele todo o peso de sua autoridade.

— Entregue as suas armas — ordenou.

O Coronel Gerineldo Márquez se levantou e pôs as armas na mesa.

— Apresente-se no quartel — ordenou-lhe o Coronel Aureliano Buendía. — O senhor fica à disposição dos tribunais revolucionários.

Assinou logo a declaração e entregou os papéis aos emissários, dizendo:

— Senhores, aí têm o documento. Sirvam-se dele.

Dois dias depois, o Coronel Gerineldo Márquez, acusado de alta traição, foi condenado à morte. Refestelado na rede, o Coronel Aureliano Buendía foi insensível às súplicas de clemência. Na véspera da execução, desobedecendo à ordem de não ser incomodado, Úrsula o visitou no seu quarto. De luto fechado, investida de uma estranha solenidade, permaneceu de pé os três minutos da entrevista. "Sei que você vai fuzilar Gerineldo", disse serenamente, "e eu não posso fazer nada para impedir. Mas uma coisa eu aviso: logo que eu veja o cadáver, juro pelos ossos de meu pai e de minha mãe, pela memória de José Arcadio Buendía, juro diante de Deus, que vou tirá-lo de onde você se meter e matá-lo com as minhas próprias mãos." Antes de abandonar o quarto, sem esperar nenhuma resposta, concluiu:

— É a mesma coisa que eu teria feito se você tivesse nascido com rabo de porco.

Naquela noite interminável, enquanto o Coronel Gerineldo Márquez evocava as suas tardes mortas no quarto de costura de Amaranta, o Coronel Aureliano Buendía arranhou durante muitas horas, tentando rompê-la, a dura casca da sua solidão. Os seus únicos momentos felizes, desde a tarde remota em que seu pai o levara para conhecer o gelo, haviam transcorrido na oficina de ourivesaria, onde passava o tempo armando peixinhos de ouro. Tivera que promover 32 guerras, e tivera que violar todos os seus pactos com a morte e fuçar como um porco na estrumeira da glória, para descobrir com quase quarenta anos de atraso os privilégios da simplicidade.

Ao amanhecer, moído pela atormentada vigília, apareceu no quarto do condenado uma hora antes da execução. "Terminou a farsa, compadre", disse ao Coronel Gerineldo Márquez. "Vamos embora daqui antes que os mosquitos te executem." O Coronel Gerineldo Márquez não pôde reprimir o desprezo que lhe inspirava aquela atitude.

— Não, Aureliano — replicou. — Mais vale estar morto que ver você transformado num general de chanfalho.

— Você não vai me ver assim — disse o Coronel Aureliano Buendía. — Ponha os sapatos e me ajude a acabar com esta guerra de merda.

Ao dizer isto, não imaginava que era mais fácil começar uma guerra que terminá-la. Precisou de quase um ano de rigor sanguinário para forçar o governo a propor condições de paz favoráveis aos rebeldes, e outro ano para persuadir os seus partidários da conveniência de aceitá-las. Chegou a inconcebíveis extremos de crueldade para sufocar as rebeliões dos seus próprios oficiais, que resistiam a mercadejar a vitória, e terminou se apoiando em forças inimigas para acabar de subjugá-los.

Nunca foi melhor guerreiro do que então. A certeza de que finalmente lutava pela sua própria libertação e não por ideais abstratos, por ordens que os políticos podiam virar para o direito e para o avesso segundo as circunstâncias, infundiu-lhe um entusiasmo apaixonado. O Coronel Gerineldo Márquez, que lutou pelo fracasso com tanta convicção e tanta lealdade como antes lutara pelo triunfo, reprovava a sua temeridade inútil. "Não se preocupe", sorria ele. "Morrer é muito mais difícil do que se acredita." No seu caso era verdade. A certeza de que o seu dia estava marcado investiu-o de uma imunidade misteriosa, uma imortalidade a prazo fixo que o fez invulnerável aos riscos da guerra, e lhe permitiu finalmente conquistar uma derrota que era muito mais difícil, muito mais sangrenta e custosa que a vitória.

Em quase vinte anos de guerra, o Coronel Aureliano Buendía tinha estado muitas vezes em casa, mas o estado de urgência em que chegava sempre, o aparato militar que o acompanhava a toda parte, a aura de lenda que dourava a sua presença e à qual nem a própria Úrsula foi insensível, terminaram por convertê-lo num estranho. Na última vez que esteve em Macondo e ocupou uma casa com as suas três concubinas, não foi visto na sua a não ser duas ou três vezes, quando teve tempo para aceitar convites para comer. Remedios, a bela, e os gêmeos, nascidos em plena guerra, mal o conheciam. Amaranta não conseguia conciliar a imagem do irmão que passara a adolescência fabricando peixinhos de ouro com a do guerreiro mítico que havia interposto entre ele e o resto da humanidade uma distância de três metros. Mas quando se soube da proximidade do armistício e se pensou que ele regressava outra vez convertido num ser humano, resgatado por fim para o coração dos seus, os afetos familiares adormecidos por tanto tempo renasceram com mais força do que nunca.

— Finalmente — disse Úrsula — vamos ter outra vez um homem em casa.

Amaranta foi a primeira a suspeitar de que o haviam perdido para sempre. Uma semana antes do armistício, quando ele entrou em casa sem escolta, precedido por dois ordenanças descalços que depositaram no corredor os arreios da mula e o baú dos versos, saldo único da sua antiga bagagem imperial, ela o viu passar em frente do quarto de costura e o chamou. O Coronel Aureliano Buendía pareceu ter dificuldade em reconhecê-la.

— Sou Amaranta — disse ela de bom humor, feliz pela sua volta, e lhe mostrou a mão com a atadura negra. — Olhe.

O Coronel Aureliano Buendía dirigiu-lhe o mesmo sorriso da primeira vez em que a viu com a atadura, na remota manhã em que voltou a Macondo sentenciado à morte.

— Que horror — disse — como o tempo passa!

O exército regular teve que proteger a casa. Ele chegara escarnecido, cuspido, acusado de ter endurecido a guerra apenas para vendê-la mais cara. Tremia de febre e de frio e tinha outra vez as axilas cheias de furúnculos. Seis meses antes, quando ouviu falar do armistício, Úrsula abriu e varreu a alcova nupcial, e queimou mirra nos cantos, pensando que ele regressaria disposto a envelhecer devagar entre as mofadas bonecas de Remedios. Mas na verdade, nos dois últimos anos ele pagara as suas quotas finais à vida, inclusive a do envelhecimento. Ao passar diante da oficina de ourivesaria, que Úrsula tinha preparado com especial cuidado, nem sequer percebeu que as chaves estavam postas no cadeado. Não notou os minúsculos e profundos estragos que o tempo fizera na casa e que depois de uma ausência tão prolongada teriam parecido um desastre a qualquer homem que conservasse vivas as suas recordações. Não o magoou a cal descascada nas paredes, nem os sujos algodões de teia de aranha nos cantos, nem a poeira das begônias, nem os túneis do cupim nas vigas, nem o musgo das dobradiças, nem nenhuma das armadilhas insidiosas que lhe estendia a saudade. Sentou-se na varanda, embrulhado na manta e sem tirar as botas, como que esperando apenas que estiasse, e permaneceu a tarde inteira vendo a chuva cair sobre as begônias. Úrsula compreendeu então que não o teria em casa por muito tempo. "Se não é a guerra", pensou, "só pode ser a morte." Foi uma suposição tão nítida, tão convincente, que ela a identificou como um presságio.

Nessa noite, no jantar, o suposto Aureliano Segundo partiu o pão com a mão direita e tomou a sopa com a esquerda. Seu irmão gêmeo, o suposto José Arcadio Segundo, partiu o pão com a mão esquerda e tomou a sopa com a direita. Era tão precisa a coordenação dos seus movimentos que não pareciam dois irmãos sentados um em frente ao outro, e sim um artifício de espelhos. O espetáculo que os gêmeos tinham concebido desde que tomaram consciência de que eram iguais foi repetido em honra do recém-chegado. Mas o Coronel Aureliano Buendía não percebeu. Parecia tão alheio a tudo que nem sequer prestou atenção a Remedios, a bela, que passou despida para o quarto. Úrsula foi a única que se atreveu a perturbar a sua abstração.

— Se você vai embora outra vez — disse-lhe no meio do jantar — pelo menos trate de se lembrar de como éramos esta noite.

Então o Coronel Aureliano Buendía se deu conta, sem espanto, de que Úrsula era o único ser humano que tinha conseguido desentranhar a sua miséria, e pela primeira vez em muitos anos se atreveu a olhá-la na cara. Tinha a pele gretada, os dentes carcomidos, o cabelo minguado e sem cor, e o olhar atônito. Comparou-a com a lembrança mais antiga que tinha dela, na tarde em que ele tivera o presságio de que uma panela de sopa fervendo ia cair da mesa, e a encontrou espedaçada. Num instante descobriu os arranhões, os vergões, os calos, as úlceras e as cicatrizes que deixara nela mais de meio século de vida cotidiana e comprovou que estes estragos não provocavam nele sequer um sentimento de piedade. Fez então um último esforço para procurar no seu coração o lugar onde se haviam apodrecido os afetos e não conseguiu encontrá-lo. Em outra época, pelo menos, experimentava um confuso sentimento de vergonha quando surpreendia na sua própria pele o cheiro de Úrsula, e em mais de uma ocasião sentira os seus pensamentos interferidos pelo pensamento dela. Mas tudo isso tinha sido arrasado pela guerra. A própria Remedios, sua esposa, era naquele momento a imagem apagada de alguém que podia ter sido sua filha. As inumeráveis mulheres que conhecera no deserto do amor, e que espalharam a sua semente em todo o litoral, não tinham deixado nenhum rasto nos seus sentimentos. A maioria delas entrava no quarto na escuridão e ia embora antes da alvorada, e no dia seguinte era apenas um pouco de tédio na memória corporal. O único afeto que prevalecia contra o tempo e a guerra foi o que sentiu pelo seu irmão José Arcadio quando ambos eram crianças, e não estava baseado no amor, mas na cumplicidade.

— Perdão — desculpou-se diante do pedido de Úrsula. — É que esta guerra acabou com tudo.

Nos dias subseqüentes ocupou-se em destruir todas as marcas da sua passagem pelo mundo. Reduziu a oficina de ourivesaria até deixar apenas os objetos impessoais, deu as suas roupas aos ordenanças e enterrou as suas armas no quintal com o mesmo sentido de penitência com que o seu pai havia enterrado a lança que dera morte a Prudencio Aguilar. Conservou somente uma pistola, e com uma bala apenas. Úrsula não interveio. A única vez que se meteu foi quando ele estava se preparando para destruir o retrato de Remedios que se conservava na sala, iluminado por uma lâmpada eterna. "Esse retrato deixou de pertencer a você há muito tempo", disse a ele. "É uma relíquia de família." Na véspera do armistício, quando já não havia em casa um só objeto que permitisse recordá-lo, levou à padaria da casa o baú com os versos, no momento em que Santa Sofía de la Piedad se preparava para acender o forno.

— Acenda com isto — disse a ela, entregando-lhe o primeiro rolo de papéis amarelados. — Arde melhor, porque são coisas muito antigas.

Santa Sofía de la Piedad, a silenciosa, a condescendente, a que nunca contrariara nem os próprios filhos, teve a impressão de que aquele era um ato proibido.

— São papéis importantes — disse.

— Nada disso — disse o coronel. — São coisas que uma pessoa escreve para si mesma.

— Então — ela disse — queime o senhor mesmo, coronel.

Não apenas o fez, mas espedaçou também o baú com uma machadinha e jogou os cavacos no fogo. Horas antes, Pilar Ternera o visitara. Depois de tantos anos sem vê-la, o Coronel Aureliano Buendía se assombrou de quanto havia envelhecido e engordado, e de quanto havia perdido o esplendor do seu riso; mas também se assombrou da profundidade que havia atingido na leitura das cartas. "Cuidado com a boca", disse ela, e ele se perguntou se da outra vez em que dissera, no apogeu da glória, não havia sido uma visão surpreendentemente antecipada do seu destino. Pouco depois, quando o seu médico pessoal acabou de lhe extirpar os furúnculos, ele perguntou sem demonstrar interesse particular qual era o lugar exato do coração. O médico o auscultou e pintou-lhe em seguida um círculo no peito com um algodão sujo de iodo.

A terça-feira do armistício amanheceu fresca e chuvosa. O Coronel Aureliano Buendía apareceu na cozinha antes das cinco e tomou o seu café sem açúcar habitual. "Num dia como este você veio ao mundo", Úrsula disse a ele. "Todos se assustaram com os seus olhos abertos." Ele não lhe prestou atenção, porque estava alerta aos preparos da tropa, aos toques de corneta e às vozes de comando que estragavam a alvorada. Ainda que depois de tantos anos de guerra estes ruídos lhe devessem parecer familiares, desta vez sentiu o mesmo desalento nos joelhos, e o mesmo arrepio da pele que tinha sentido na juventude, em presença de uma mulher nua. Pensou confusamente, enfim capturado numa armadilha da saudade, que talvez se tivesse se casado com ela teria sido um homem sem guerra e sem glória, um artesão sem nome, um animal feliz. Esse estremecimento tardio, que não figurava nas suas previsões, amargou-lhe o café da manhã. Às sete horas, quando o Coronel Gerineldo Márquez foi procurá-lo em companhia de um grupo de oficiais rebeldes, encontrou-o mais taciturno do que nunca, mais pensativo e solitário. Úrsula tratou de jogar-lhe sobre os ombros uma manta nova. "O que é que o governo vai pensar", disse a ele. "Vão imaginar que você se rendeu porque já não tinha nem com que comprar uma manta." Mas ele não a aceitou. Já na porta, vendo que a chuva continuava, deixou que lhe pusessem um velho chapéu de feltro de José Arcadio Buendía.

— Aureliano — Úrsula disse a ele então — prometa-me que se você encontrar por aí com a hora difícil, você vai pensar na sua mãe.

Ele lhe deu um sorriso distante, levantou a mão com todos os dedos estendidos, e sem dizer uma palavra abandonou a casa e enfrentou os gritos, vitupérios e blasfêmias que haveriam de persegui-lo até a saída do povoado. Úrsula colocou a tranca no portão, decidida a não tirá-la durante o resto da vida. "Nós vamos apodrecer aqui dentro", pensou. "Nós vamos nos transformar em cinza nesta casa sem homens, mas não vamos dar a este povo miserável o gosto de nos ver chorar." Passou a manhã inteira procurando uma lembrança do filho nos cantos mais escondidos e não conseguiu encontrar.

O ato se realizou a vinte quilômetros de Macondo, à sombra de uma paineira gigantesca, em torno da qual se haveria de fundar mais tarde o povoado de Neerlândia. Os delegados do governo e os do partido e a comissão rebelde que entregou as armas foram recebidos por um buliçoso grupo de noviças de hábitos brancos, que pareciam uma revoada de pombas assustadas pela chuva. O Coronel Aureliano Buendía chegou numa mula enlameada. Estava barbado, mais atormentado pela dor dos furúnculos que pelo imenso fracasso dos seus sonhos, pois tinha chegado ao fim de qualquer esperança, além da glória e da saudade da glória. De acordo com o determinado por ele mesmo, não houve música, nem foguetes, nem sinos de júbilo, nem placas comemorativas, nem nenhuma outra manifestação que pudesse alterar o caráter triste do armistício. Um fotógrafo ambulante, que tirou o único retrato seu que poderia ser conservado, foi obrigado a destruir o filme sem o revelar.

O ato durou apenas o tempo indispensável para que se pusessem as assinaturas. Ao redor da rústica mesa colocada no centro de uma remendada barraca de circo onde sentaram os delegados, estavam os últimos oficiais que permaneceram fiéis ao Coronel Aureliano Buendía. Antes de recolher as assinaturas, o delegado pessoal do Presidente da República tentou ler em voz alta a ata da rendição, mas o Coronel Aureliano Buendía se opôs. "Não vamos perder tempo com formalidades", disse, e se dispôs a assinar os papéis sem os ler. Um dos oficiais, então, rompeu o silêncio soporífero da tenda.

— Coronel — disse — faça-nos o favor de não ser o primeiro a assinar.

O Coronel Aureliano Buendía concedeu. Quando o documento deu a volta completa à mesa, em meio a um silêncio tão nítido que seria possível decifrar as assinaturas pelo puro floreio da pena no papel, o primeiro lugar ainda estava em branco. O Coronel Aureliano Buendía se dispôs a ocupá-lo.

— Coronel — disse então outro dos seus oficiais — o senhor ainda tem tempo para ficar bem.

Sem se perturbar, o Coronel Aureliano Buendía assinou a primeira cópia. Ainda não tinha acabado de assinar a última quando apareceu na porta da tenda um coronel rebelde, trazendo pelo cabresto uma mula carregada com dois baús. Apesar da sua extrema juventude, tinha um aspecto árido e uma expressão paciente. Era o tesoureiro da revolução na circunscrição de Macondo. Fizera uma penosa viagem de seis dias, arrastando a mula morta de fome, para chegar em tempo ao armistício. Com uma calma exasperante descarregou os baús, abriu-os, e foi colocando na mesa, uma por uma, setenta e duas barras de ouro. Ninguém se lembrava da existência daquela fortuna. Na desordem do ano anterior, quando o poder central se partiu em pedaços e a revolução degenerou numa sangrenta rivalidade de caudilhos, era impossível determinar qualquer responsabilidade. O ouro da rebelião, fundido em blocos que foram logo cobertos de barro cozido, ficou fora de qualquer controle. O Coronel Aureliano Buendía fez com que se incluíssem as setenta e duas barras de ouro no inventário da rendição, e fechou o ato sem permitir dircursos. O esquálido adolescente permaneceu diante dele, olhando-o nos olhos com os seus serenos olhos cor de caramelo.

— Alguma coisa mais? — perguntou-lhe o Coronel Aureliano Buendía.

O jovem coronel trincou os dentes.

— O recibo — disse.

O Coronel Aureliano Buendía estendeu-lhe um, feito do seu próprio punho e letra. Em seguida, tomou um copo de limonada e comeu um pedaço de biscoito que as noviças serviram, e se retirou para uma tenda de campanha que lhe haviam preparado para quando quisesse descansar. Ali tirou a camisa, sentou-se na beira do catre e, às três e quinze da tarde, desferiu um tiro de pistola no círculo de iodo que o seu médico particular lhe pintara no peito. A essa hora, em Macondo, Úrsula destampou a panela do leite no fogão, estranhando que demorasse tanto a ferver, e encontrou-a cheia de vermes.

— Mataram Aureliano! — exclamou.

Olhou para o quintal, obedecendo a um costume da sua solidão, e viu José Arcadio Buendía, ensopado, triste de chuva e muito mais velho do que quando morreu. "Mataram-no à traição", precisou Úrsula, "e ninguém fez a caridade de lhe fechar os olhos." Ao anoitecer viu através das lágrimas os rápidos e luminosos discos alaranjados que cruzaram o céu como uma exalação, e pensou que era um sinal da morte. Estava ainda debaixo do castanheiro, soluçando nos joelhos do marido, quando trouxeram o Coronel Aureliano Buendía embrulhado na manta dura de sangue seco e com os olhos abertos de raiva.

Estava fora de perigo. O projétil seguira uma trajetória tão desimpedida que o médico lhe enfiou um cordão molhado de iodo pelo peito e tirou-o pelas costas. "Esta é a minha obra-prima", disse a ele satisfeito. "Era o único ponto por onde podia passar uma bala sem atingir nenhum centro vital." O Coronel Aureliano Buendía se viu rodeado de noviças misericordiosas que entoavam salmos desesperados pelo eterno descanso da sua alma, e então se arrependeu de não ter dado o tiro no céu da boca como tinha previsto, só para enganar o prognóstico de Pilar Ternera.

— Se eu ainda tivesse autoridade — disse ao médico — mandava fuzilar o senhor sem julgamento. Não por me ter salvo a vida, mas por me fazer cair no ridículo.

O fracasso da morte lhe devolveu em poucas horas o prestígio perdido. Os mesmos que inventaram a lorota de que vendera a guerra por um aposento cujas paredes estavam construídas com tijolos de ouro definiram a tentativa de suicídio como um ato de honra e o proclamaram mártir. Em seguida, quando recusou a Ordem do Mérito que o Presidente da República lhe outorgou, até os seus rivais mais encarniçados desfilaram no seu quarto, pedindo que desconhecesse os termos do armistício e promovesse uma nova guerra. A casa se encheu de presentes de solidariedade. Tardiamente impressionado com o apoio maciço dos seus antigos companheiros de armas, o Coronel Aureliano Buendía não descartou a possibilidade de satisfazê-los. Pelo contrário, em dado momento pareceu tão entusiasmado com a idéia de uma nova guerra que o Coronel Gerineldo Márquez pensou que ele só esperava um pretexto para proclamá-la. O pretexto se ofereceu, efetivamente, quando o Presidente da República se negou a conceder as pensões de guerra aos antigos combatentes, liberais ou conservadores, enquanto cada processo não fosse revisto por uma comissão especial e a lei das concessões aprovada pelo Congresso. "Isto é uma confusão", trovejou o Coronel Aureliano Buendía. "Vão morrer de velhice esperando o correio." Abandonou pela primeira vez a cadeira de balanço que Úrsula comprara para a sua convalescença e, andando de um lado para o outro na alcova, ditou uma mensagem taxativa para o Presidente da República. Nesse telegrama, que nunca foi publicado, denunciava a primeira violação do Tratado de Neerlândia e ameaçava proclamar a guerra de morte se a concessão das pensões não fosse resolvida ao fim de quinze dias. Era tão justa a sua atitude que permitia contar, inclusive, com a adesão dos antigos combatentes conservadores. Mas a única resposta do governo foi o reforço da guarda militar que colocara na porta da sua casa com o pretexto de protegê-la e a proibição de toda e qualquer espécie de visitas. Medidas similares foram adotadas em todo o país, com outros caudilhos de cuidado. Foi uma operação tão oportuna, drástica e eficaz que dois meses depois do armistício, quando o Coronel Aureliano Buendía teve alta, os seus instigadores mais decididos já estavam mortos ou expatriados ou haviam sido assimilados para sempre pela administração pública.

O Coronel Aureliano Buendía abandonou o quarto em dezembro, e bastou dar uma olhada na varanda para não voltar a pensar na guerra. Com uma vitalidade que parecia impossível na sua idade, Úrsula voltou a rejuvenescer a casa. "Agora vão ver quem sou eu", disse quando soube que o filho viveria. "Não haverá uma casa melhor, nem mais aberta a todo o mundo, que esta casa de loucos." Mandou-a lavar e pintar, trocou os móveis, restaurou o jardim e semeou flores novas, e abriu as portas e janelas para que entrasse até os quartos a deslumbrante claridade do verão. Decretou o fim dos numerosos lutos superpostos e ela mesma mudou os velhos trajes rigorosos por roupas juvenis. A música da pianola voltou a alegrar a casa. Ao ouvi-la, Amaranta se lembrou de Pietro Crespi, da sua gardênia crepuscular e do seu cheiro de lavanda, e no fundo do seu murcho coração floresceu um rancor limpo, purificado pelo tempo. Uma tarde em que tentava pôr em ordem a sala, Úrsula pediu ajuda aos soldados que custodiavam a casa. O jovem comandante da guarda concedeu-lhes a permissão. Pouco a pouco, Úrsula lhes foi designando novas tarefas. Convidava-os para almoçar, presenteava-lhes roupas e calçados e os ensinava a ler e a escrever. Quando o governo suspendeu a vigilância, um deles ficou morando na casa, e esteve a seu serviço por muitos anos. No dia de Ano-Novo, enlouquecido pelas grosserias de Remedios, a bela, o jovem comandante da guarda amanheceu morto de amor junto à sua janela.

ANOS depois, em seu leito de agonia, Aureliano Segundo haveria de se lembrar da chuvosa tarde de junho em que entrou no quarto para conhecer o seu primeiro filho. Embora fosse lânguido e chorão, sem nenhum traço dos Buendía, não precisou pensar duas vezes para lhe dar o nome.

— Vai se chamar José Arcadio — disse.

Fernanda del Carpio, a formosa mulher com quem se casara no ano anterior, concordou. Úrsula, pelo contrário, não pôde esconder um vago sentimento de derrota. Na longa história da família, a tenaz repetição dos nomes permitira que ela tirasse conclusões que lhe pareciam definitivas. Enquanto os Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida, os

Josés Arcadios eram impulsivos e empreendedores, mas estavam marcados por um signo trágico. Os únicos casos de classificação impossível eram os de José Arcadio Segundo e Aureliano Segundo. Foram tão parecidos e travessos durante a infância que nem a própria Santa Sofía de la Piedad os podia distinguir. No dia do batizado, Amaranta colocou neles as pulseiras com os respectivos nomes e vestiu-os com roupas de cores diferentes, marcadas com as iniciais de cada um, mas quando começaram a ir à escola optaram por trocar a roupa e as pulseiras e a se chamarem eles mesmos com os nomes ao contrário. O mestre Melchor Escalona, acostumado a conhecer José Arcadio Segundo pela camisa verde, perdeu as estribeiras quando descobriu que este trazia a pulseira de Aureliano Segundo, e que o outro dizia que se chamava, entretanto, Aureliano Segundo, apesar de vestir a camisa branca e trazer a pulseira marcada com o nome de José Arcadio Segundo. A partir daí não se sabia mais com certeza quem era quem. Mesmo quando cresceram e a vida os tornou diferentes, Úrsula continuava a se perguntar se eles mesmos não teriam cometido um erro em algum momento do seu intrincado jogo de equívocos e não teriam ficado trocados para sempre. Até o princípio da adolescência, foram dois mecanismos sincrônicos. Acordavam ao mesmo tempo, tinham vontade de ir ao banheiro na mesma hora, sofriam as mesmas alterações de saúde e até sonhavam as mesmas coisas. Em casa, onde se acreditava que coordenavam os seus atos pelo mero desejo de confundir, ninguém percebeu a realidade até que um dia Santa Sofía de la Piedad deu a um deles um copo de limonada e este demorou mais para prová-lo do que o outro para dizer que estava faltando açúcar. Santa Sofía de la Piedad, que realmente se esquecera de pôr açúcar na limonada, contou o fato a Úrsula. "Todos são assim", disse ela sem surpresa. "Loucos de nascença." O tempo acabou de desarrumar as coisas. O que nos jogos de equívoco ficou com o nome de Aureliano Segundo tornou-se monumental como o avô, e o que ficou com o nome de José Arcadio Segundo tornou-se ósseo como o coronel, e a única coisa que conservavam de comum foi o ar solitário da família. Talvez tenha sido esse entrecruzamento de estaturas, nomes e temperamentos o que fez Úrsula pensar que estavam embaralhados desde a infância.

A diferença decisiva se relevou em plena guerra, quando José Arcadio Segundo pediu ao Coronel Gerineldo Márquez que o levasse para ver os fuzilamentos. Contra o parecer de Úrsula, os seus desejos foram satisfeitos. Aureliano Segundo, pelo contrário, estremeceu diante da pura idéia de presenciar uma execução. Preferia ficar em casa. Aos doze anos perguntou a Úrsula o que havia no quarto trancado. "Papéis", ela respondeu. "São os livros de Melquíades e as coisas esquisitas que ele escrevia nos seus últimos anos." A resposta, em vez de o tranqüilizar, aumentou a sua curiosidade. Insistiu tanto, prometeu com tanto empenho não estragar as coisas, que Úrsula lhe deu as chaves. Ninguém tornara a entrar no quarto desde que levaram o cadáver de Melquíades e puseram na porta o cadeado cujas peças se soldaram com a ferrugem. Mas quando Aureliano Segundo abriu as janelas, entrou uma luz familiar que parecia acostumada a iluminar o quarto todos os dias, e não havia nele a menor sombra de poeira ou teia de aranha, e sim estava tudo varrido e limpo, mais bem varrido e mais limpo do que no dia do enterro, e a tinta não secara no tinteiro nem o óxido alterara o brilho dos metais, nem se extinguira a brasa do alambique onde José Arcadio Buendía vaporizara o mercúrio. Nas prateleiras estavam os livros encadernados de uma matéria acartonada e pálida como pele humana curtida, e estavam os manuscritos intactos. Apesar de fechado por muitos anos, o ar parecia mais puro do que no resto da casa. Tudo era tão recente que várias semanas depois, quando Úrsula entrou no quarto com um balde de água e uma vassoura para lavar o chão, não teve nada para fazer. Aureliano Segundo estava absorto na leitura de um livro. Embora estivesse sem capa e o título não aparecesse em lugar nenhum, o menino se divertia com a história de uma mulher que se sentava na mesa e só comia grãos de arroz que apanhava com alfinetes, e com a história do pescador que pediu emprestado ao vizinho um peso para a sua rede e o peixe com que o recompensou mais tarde tinha um diamante no estômago, e com a lâmpada que satisfazia os desejos e os tapetes que voavam. Assombrado, perguntou a Úrsula se aquilo tudo era verdade, e ela respondeu que sim, que muitos anos antes os ciganos traziam a Macondo as lâmpadas maravilhosas e os tapetes voadores.

— O que acontece — suspirou — é que o mundo vai se acabando pouco a pouco e essas coisas já não vêm.

Quando acabou o livro, muitos de cujos contos estavam inconclusos porque faltavam páginas, Aureliano Segundo se deu o trabalho de decifrar os manuscritos. Foi impossível. As letras pareciam roupas postas para secar num arame e se assemelhavam mais à escrita musical que à literária. Um meio-dia ardente, enquanto perscrutava os manuscritos, sentiu que não estava sozinho no quarto. Contra a reverberação da janela, sentado com as mãos nos joelhos, estava Melquíades. Não tinha mais de quarenta anos. Usava o mesmo casaco anacrônico e o chapéu de asas de corvo e pelas suas têmporas pálidas gotejava a gordura do cabelo derretida pelo calor, como fora visto por Aureliano e José Arcadio quando eram crianças. Aureliano Segundo reconheceu-o imediatamente, porque aquela lembrança hereditária se havia transmitido de geração em geração e tinha chegado a ele partindo da memória do seu avô.

— Salve — disse Aureliano Segundo.

— Salve, jovem — disse Melquíades.

A partir de então, durante vários anos, viram-se quase todas as tardes. Melquíades lhe falava do mundo, tentava infundir-lhe a sua velha sabedoria, mas se negou a traduzir os manuscritos. "Ninguém deve conhecer a sua mensagem enquanto não se passarem cem anos", explicou. Aureliano Segundo guardou para sempre o segredo daquelas entrevistas. Certa ocasião sentiu que o seu mundo privado se desmoronava, porque Úrsula entrou no momento em que Melquíades estava no quarto. Mas ela não o viu.

— Com quem você está falando? — perguntou a ele.

— Com ninguém — disse Aureliano Segundo.

— O seu bisavô era assim — disse Úrsula. — Ele também falava sozinho.

José Arcadio Segundo, enquanto isso, satisfizera o desejo de ver um fuzilamento. Recordaria pelo resto da vida o fogaréu lívido dos seis disparos simultâneos e o eco do estampido que se estilhaçou pelos montes, e o sorriso triste e os olhos perplexos do fuzilado, que permaneceu erecto enquanto a camisa se ensopava de sangue, e que continuava sorrindo mesmo quando o desamarraram do poste e o jogaram num caixote cheio de cal. "Está vivo", pensou ele. "Vão enterrá-lo vivo." Impressionou-se tanto que desde então detestou as práticas militares e a guerra, não pelas execuções em si, mas pelo horrível costume de enterrar os fuzilados vivos. Ninguém soube então quando começou a tocar os sinos na torre e a ajudar missa para o Padre Antonio Isabel, sucessor de *O Cachorrinho*, e a cuidar dos galos de briga no quintal da casa sacerdotal. Quando o Coronel Gerineldo Márquez foi informado, repreendeu-o duramente por estar aprendendo ofícios repudiados pelos liberais. "O problema", respondeu, "é que eu acho que saí conservador." Acreditava como se fosse uma determinação da fatalidade. O Coronel Gerineldo Márquez, escandalizado, contou a Úrsula.

— Melhor — aprovou ela. — Tomara que fosse padre, para que finalmente Deus entre nesta casa.

Muito em breve se soube que o Padre Antonio Isabel o estava preparando para a primeira comunhão. Ensinava-lhe o catecismo enquanto raspava o pescoço dos galos. Explicava com exemplos simples, enquanto colocavam nos ninhos as galinhas chocas, como ocorrera a Deus, no segundo dia da criação, que os pintos se formassem dentro do ovo. Já então o pároco manifestava os primeiros sintomas do delírio senil que o levou a dizer, anos mais tarde, que provavelmente o diabo tinha ganho a rebelião contra Deus e que era aquele quem estava sentado no trono celeste sem revelar a sua verdadeira identidade para enganar os incautos. Insuflado pela intrepidez do seu preceptor, José Arcadio Segundo chegou em poucos meses a ser tão sábio em artimanhas teológicas para confundir o demônio como experimentado nas trapaças da rinha. Amaranta fez para ele um terno de linho com colarinho e gravata, comprou-lhe um par de sapatos brancos e gravou o seu nome com letras douradas no laço do círio. Duas noites antes da primeira comunhão, o Padre Antonio Isabel se fechou com ele na sacristia para confessá-lo, com a ajuda de um dicionário de pecados. Era uma lista tão comprida que o velho pároco, acostumado a se deitar às seis horas, adormeceu na poltrona antes de terminar. O interrogatório foi para José Arcadio Segundo uma revelação. Não o surpreendeu que o padre lhe perguntasse se havia feito coisa feia com mulher, e respondeu honradamente que não, mas se desconcertou quando lhe perguntou se tinha feito com animais. Na primeira sexta-feira de maio comungou torturado pela curiosidade. Mais tarde fez a pergunta a Petronio, o sacristão doente que vivia na torre e que conforme diziam se alimentava de morcegos, e Petronio respondeu: "É que há cristãos corrompidos que fazem das suas com as burras." José Arcadio Segundo continuou demonstrando tanta curiosidade, pediu tantas explicações, que Petronio perdeu a paciência.

— Eu vou às terças-feiras à noite — confessou. — Se você promete que não conta a ninguém, na próxima terça-feira vai comigo.

Na terça-feira seguinte, realmente, Petronio desceu da torre com um banquinho de madeira que ninguém soubera até então para que servia, e levou José Arcadio Segundo a uma chácara próxima. O rapaz gostou tanto daquelas incursões noturnas que passou muito tempo sem aparecer na taberna de Catarino. Fez-se criador de galos. "Leve estes animais para outro lugar", ordenou-lhe Úrsula na primeira vez em que o viu entrar com os seus finos animais de briga. "Os galos já trouxeram amarguras demais a esta casa para que você agora venha nos trazer outras." José Arcadio Segundo levou-os sem discussão, mas continuou a criá-los na casa de Pilar Ternera, sua avó, que pôs à sua disposição quanto precisava, em troca de tê-lo em casa. Demonstrou logo na rinha a sabedoria que lhe infundira o Padre Antonio Isabel, e dispôs de dinheiro suficiente não só para ampliar a sua criação, mas também para procurar prazeres de homem. Úrsula comparava-o naquele tempo com o irmão e não podia entender como os dois gêmeos que pareciam uma pessoa só na infância acabaram sendo tão diferentes. A perplexidade não durou muito tempo, porque muito brevemente Aureliano Segundo começou a dar mostras de malandragem e dissipação. Enquanto esteve fechado no quarto de Melquíades foi um homem ensimesmado, como o fora o Coronel Aureliano Buendía na juventude. Pouco antes, porém, do Tratado de Neerlândia, uma casualidade o arrancou do seu ensimesmamento e o colocou diante da realidade do mundo. Uma mulher jovem, que andava vendendo números para a rifa de um acordeão, cumprimentou-o com muita familiaridade. Aureliano Segundo não se surpreendeu porque acontecia com freqüência confundirem-no com o irmão. Mas não esclareceu o equívoco, nem sequer quando a moça tratou de lhe amolecer o coração com choramingos, e acabou por levá-lo para o seu quarto. Despertou-lhe tanto carinho desde aquele primeiro encontro que ela fez trapaça na rifa para que ele ganhasse o acordeão. Ao fim de duas semanas, Aureliano Segundo percebeu que a mulher estava dormindo alternadamente com ele e com o irmão, acreditando que eram o mesmo homem, e em vez de esclarecer a situação deu um jeito de prolongá-la. Não voltou ao quarto de Melquíades. Passava as tardes no quintal, aprendendo a tocar de ouvido o acordeão, apesar dos protestos de Úrsula, que naquele tempo havia proibido a música em casa por causa dos lutos e que além disso menosprezava o acordeão como um instrumento próprio dos vagabundos herdeiros de Francisco, o Homem. Entretanto, Aureliano Segundo chegou a ser um *virtuose* do acordeão e continuou sendo depois que se casou e teve filhos e passou a ser um dos homens mais respeitados de Macondo.

Durante quase dois meses partilhou a mulher com o irmão. Vigiava-o, desmanchava os seus planos, e quando estava certo de que José Arcadio Segundo não visitaria essa noite a amante comum, ia dormir com ela. Certa manhã descobriu que estava doente. Dois dias depois encontrou o irmão apoiado numa viga do banheiro, alagado de suor e chorando de cair lágrimas, e então compreendeu. Seu irmão confessou que a amante o repudiara por lhe haver trazido o que ela chamava de uma doença de mulher da vida. Contou-lhe também como Pilar Ternera tentava curá-lo. Aureliano Segundo submeteuse às escondidas às ardentes lavagens de permanganato e às águas diuréticas, e ambos se curaram separadamente após três meses de sofrimentos secretos. José Arcadio Segundo não voltou a ver a mulher. Aureliano Segundo obteve o seu perdão e ficou com ela até a morte.

Chamava-se Petra Cotes. Chegada a Macondo em plena guerra, com um marido ocasional que vivia de rifas, e, quando o homem morreu, ela continuou com o negócio. Era uma mulata limpa e jovem, com uns olhos amarelos e amendoados que lhe davam ao rosto a ferocidade de uma pantera, mas tinha um coração generoso e uma magnífica vocação para o amor. Quando Úrsula soube que José Arcadio Segundo era criador de galos e Aureliano Segundo tocava acordeão nas festas ruidosas da sua concubina, pensou que ia enlouquecer de confusão. Era como se ambos tivessem concentrado os defeitos da família e nenhuma das suas virtudes. Decidiu então que ninguém mais tornaria a se chamar Aureliano e José Arcadio. Entretanto, quando Aureliano Segundo teve o seu primeiro filho, não se atreveu a contrariá-lo.

— Concordo — disse Úrsula — mas com uma condição: eu me encarrego de criá-lo.

Embora fosse centenária e estivesse quase cega por causa da catarata, conservava intactos o dinamismo físico, a integridade do caráter e o equilíbrio mental. Ninguém melhor do que ela para formar o homem virtuoso que haveria de restaurar o prestígio da família, um homem que nunca tivesse ouvido falar da guerra, dos galos de briga, das mulheres da vida e das empresas delirantes, quatro calamidades que, conforme pensava Úrsula, tinham determinado a decadência de sua estirpe. "Este será padre", prometeu solenemente. "E se Deus me der vida bastante, há de chegar a ser Papa." Todos riram ao ouvi-la, não apenas no quarto, mas em toda a casa, onde estavam reunidos os barulhentos companheiros de Aureliano Segundo. A guerra, relegada ao desvão das más recordações, foi momentaneamente evocada com os estouros da champanha.

— À saúde do Papa — brindou Aureliano Segundo.

Os convidados brindaram em coro. Em seguida o dono da casa tocou acordeão, soltaram-se foguetes e se ordenaram batucadas de júbilo para o povo. De madrugada, os convidados encharcados de champanha sacrificaram seis vacas e as puseram na rua à disposição da multidão. Ninguém se escandalizou. Desde que Aureliano Segundo passou a ser o chefe da casa, aquelas festividades eram coisa corrente, mesmo que não existisse um motivo tão justo como o nascimento de um Papa. Em poucos anos, sem esforço, por puros golpes de sorte, acumulara uma das maiores fortunas do pantanal, graças à proliferação sobrenatural dos seus animais. As suas éguas pariam trigêmeos, as galinhas botavam duas vezes por dia, e os porcos engordavam de forma tão desenfreada que ninguém podia explicar uma fecundidade tão desordenada a não ser por artes de magia. ''Economize agora'', dizia Úrsula ao seu bisneto aturdido. ''Esta sorte não vai durar toda a vida.'' Mas Aureliano Segundo não lhe prestava atenção. Quanto mais abria champanha para encharcar os amigos, mais loucamente pariam os seus animais, e mais se convencia ele de que a sua boa estrela não era ligada ao seu comportamento e sim à influência de Petra Cotes, sua concubina, cujo amor tinha a virtude de exasperar a natureza. Tão convencido estava de que era essa a origem da sua fortuna que nunca possuiu Petra Cotes longe da sua criação, e, mesmo quando se casou e teve filhos, continuou vivendo com ela com o consentimento de Fernanda. Sólido, monumental como os seus avós, mas com um gosto pela vida e uma simpatia irresistível que eles não tiveram. Aureliano Segundo mal tinha tempo de vigiar o seu gado. Bastava levar Petra Cotes aos estábulos, e passeá-la a cavalo pelas suas terras, para que todo animal marcado com o seu ferro sucumbisse à peste irremediável da proliferação.

Como todas as coisas boas que aconteceram na sua longa vida, aquela fortuna atabalhoada teve origem na casualidade. Até o final das guerras, Petra Cotes continuava se sustentando com o produto das suas rifas, e Aureliano Segundo dava um jeito de saquear de vez em quando os cofres de Úrsula. Formavam um casal frívolo, sem mais preocupações que a de se deitarem juntos todas as noites, mesmo nas datas proibidas, e se divertiam na cama até o amanhecer. ''Essa mulher tem sido a sua perdição'', gritava Úrsula para o bisneto quando o via entrar em casa como um sonâmbulo. ''Traz você tão embeiçado que qualquer dia destes vou vê-lo se torcendo de cólica, com um sapo metido na barriga.'' José Arcadio Segundo, que demorou muito tempo para descobrir que tinha sido suplantado, não conseguia entender a paixão do irmão. Lembrava-se de Petra Cotes como uma mulher convencional, um tanto preguiçosa na cama e completamente desprovida de recursos para o amor. Surdo ao clamor de Úrsula e à troça do irmão, Aureliano Segundo só pensava então em encontrar um ofício que lhe permitisse sustentar uma casa para Petra Cotes, e morrer com ela, sobre ela e debaixo dela, numa noite de exaltação febril. Quando o Coronel Aureliano Buendía voltou a abrir a oficina, seduzido por fim pelos encantos pacíficos da velhice, Aureliano Segundo pensou que seria um bom negócio dedicar-se à fabricação de peixinhos de ouro. Ficou muitas horas no quartinho encalorado vendo como as duras lâminas de metal, trabalhadas pelo coronel com a paciência inconcebível do desengano, iam-se convertendo pouco a pouco em escamas douradas. O ofício lhe pareceu tão trabalhoso, e era tão persistente e urgente a lembrança de Petra Cotes que ao fim de três semanas desapareceu da oficina. Foi por essa época que Petra Cotes cismou de rifar coelhos. Reproduziam-se e se tornavam adultos com tanta rapidez que mal davam tempo para vender os números da rifa. No início, Aureliano Segundo não percebeu as alarmantes proporções da proliferação. Mas certa noite, quando já ninguém mais do povoado queria ouvir falar das rifas de coelhos, ouviu um estardalhaço na parede do quintal. ''Não se assuste'', disse Petra Cotes. ''São os coelhos.'' Não puderam dormir mais, atormentados pelo tráfego dos animais. Ao amanhecer, Aureliano Segundo abriu a porta e viu o quintal entupido de coelhos, azuis no resplendor da alvorada. Petra Cotes, morta de rir, não resistiu à tentação de fazer uma brincadeira.

— Esses são os que nasceram esta noite — disse.

— Que horror! — disse ele. — Por que é que você não experimenta com as vacas?

Poucos dias depois, tratando de desafogar o quintal, Petra Cotes trocou os coelhos por uma vaca, que dois meses mais tarde pariu trigêmeos. Assim começaram as coisas. Da noite para o dia, Aureliano Segundo se fez dono de terras e gado, e mal tinha tempo de ampliar as cavalariças e chiqueiros superlotados. Era uma prosperidade de delírio que a ele mesmo causava riso e não podia fazer outra coisa senão assumir atitudes extravagantes para descarregar o seu bom humor. "Afastem-se, vacas, que a vida é curta", gritava. Úrsula se perguntava em que trapalhadas se metera, se não estaria roubando, se não acabara por se transformar em ladrão de gado, e cada vez que o via abrindo champanha pelo puro prazer de jogar espuma na cabeça, reprovava aos berros o desperdício. Aborreceu-o tanto que, um dia em que Aureliano Segundo amanheceu com a paciência esgotada, apareceu com um caixote de dinheiro, uma lata de cola e uma brocha, e cantando a plenos pulmões as velhas cantigas de Francisco, o Homem, empapelou a casa por dentro e por fora, e de cima até embaixo, com notas de um peso. A antiga mansão, pintada de branco desde o tempo em que trouxeram a pianola, adquiriu o aspecto equívoco de uma mesquita. Em meio ao alvoroço da família, ao escândalo de Úrsula, ao júbilo do povo que encheu a rua para presenciar a glorificação do esbanjamento, Aureliano Segundo acabou empapelando tudo, da fachada até a cozinha, inclusive os banheiros e os quartos, e jogou as notas que sobraram no quintal.

— Agora — disse finalmente — espero que ninguém nesta casa venha me falar de dinheiro.

Assim foi. Úrsula mandou tirar as notas aderidas às grandes placas de cal, e voltou a pintar a casa de branco. "Meu Deus", suplicava. "Faça-nos tão pobres como éramos quando fundamos este povoado, para que na outra vida não nos cobrem este desperdício." As suas súplicas foram escutadas em sentido contrário. Realmente, um dos trabalhadores que descolava as notas tropeçou por descuido num enorme São José de gesso que alguém tinha deixado na casa nos últimos anos da guerra e a imagem oca se despedaçou contra o chão. Estava entupida de moedas de ouro. Ninguém se lembrava quem trouxera aquele santo de tamanho natural. "Três homens o trouxeram", explicou Amaranta. "Pediram-me que o guardássemos enquanto a chuva passava e eu lhes disse que o pusessem aí no canto, onde ninguém fosse tropeçar nele, e aí o puseram com o maior cuidado, e aí ficou desde então, porque nunca mais voltaram para buscá-lo." Nos últimos tempos, Úrsula lhe acendera velas e se ajoelhara diante dele, sem suspeitar que em lugar de um santo estava adorando quase duzentos quilos de ouro. A comprovação tardia do seu involuntário paganismo agravou o seu desconsolo. Cuspiu no espetacular montão de moedas, meteu-o em três sacos de lona e o enterrou num lugar secreto, à espera de que mais cedo ou mais tarde os três desconhecidos viessem reclamá-las. Muito depois, nos anos difíceis da sua decrepitude, Úrsula costumava intervir nas conversas dos numerosos viajantes que então passavam pela casa, e lhes perguntava se durante a guerra não tinham deixado ali um São José de gesso para que o guardassem enquanto passava a chuva.

Estas coisas, que tanto consternavam Úrsula, eram comuns naquele tempo. Macondo naufragava numa prosperidade de milagre. As casas de sopapo e pau-a-pique dos fundadores tinham sido substituídas por construções de tijolo, com persianas de madeira e chão de cimento, que tornavam mais suportável o calor sufocante das duas da tarde. Da antiga aldeia de José Arcadio Buendía só restavam agora as amendoeiras empoeiradas, destinadas a resistir às circunstâncias mais árduas, e o rio de águas diáfanas cujas pedras pré-históricas foram pulverizadas pelas enlouquecidas picaretas de José Arcadio Segundo, quando se empenhou em preparar o leito para instituir um serviço de navegação. Foi um sonho delirante, comparável apenas aos do seu bisavô, porque o leito pedregoso e os numerosos obstáculos da correnteza impediam o trânsito de Macondo até o mar. Mas José Arcadio Segundo, num imprevisto impulso de temeridade, obstinou-se no projeto. Até então não dera nenhuma amostra de imaginação. Salvo a sua precária aventura com Petra Cotes, nunca se soube de nenhum caso seu com mulher. Úrsula o tinha em conta do exemplar mais apagado que a família produzira em toda a sua história, incapaz de se destacar sequer como animador de rinhas, quando o Coronel Aureliano Buendía lhe contou a história do galeão espanhol encalhado a doze quilômetros do mar, cuja carcaça carbonizada ele mesmo vira durante a guerra. O relato, que para tanta gente durante tanto tempo parecera fantástico, foi uma revelação para José Arcadio Segundo. Acabou com os galos em favor do melhor arrematante, recrutou homens e comprou ferramentas, e se empenhou na descomunal empresa de quebrar pedras, escavar canais, limpar escolhos e até nivelar cataratas. "Isto eu já sei de cor e salteado", gritava Úrsula. "É como se o tempo desse voltas sobre si mesmo e tivéssemos voltado ao princípio." Quando considerou o rio navegável, José Arcadio Segundo fez ao irmão uma exposição pormenorizada dos seus planos, e este lhe deu o dinheiro que faltava para a empresa. Desapareceu por muito tempo. Já se tinha dito que o seu projeto de comprar um navio não era mais que o conto-do-vigário para dar o fora com o dinheiro do irmão quando se divulgou a notícia de que uma estranha nave se aproximava do povoado. Os habitantes de Macondo, que já não se lembravam das empresas colossais de José Arcadio Buendía, precipitaram-se para a margem do rio e viram de olhos pasmados de incredulidade a chegada do primeiro e último navio que alguma vez atracou no povoado. Não era mais que uma balsa de troncos, arrastada mediante grossos cabos por vinte homens que caminhavam pela margem. Na proa, com um brilho de satisfação nos olhos, José Arcadio Segundo dirigia a dispendiosa manobra. Junto com ele chegava um grupo de matronas esplêndidas que se protegiam do sol abrasador com vistosas sombrinhas e traziam nos ombros lindos xales de seda e ungüentos coloridos no rosto e flores naturais no cabelo e serpentes de ouro nos braços e diamantes nos dentes. A balsa de troncos foi o único veículo que José Arcadio Segundo pôde levar até Macondo, e somente uma vez, mas nunca reconheceu o fracasso da sua empresa e sim proclamou a sua façanha como uma vitória da força de vontade. Apresentou contas escrupulosas ao irmão e muito em breve voltou a se enterrar na rotina dos galos. A única coisa que ficou daquela desventurada iniciativa foi o sopro de renovação que trouxeram as matronas da França, cujas artes magníficas mudaram os métodos tradicionais do amor, e cujo senso de bem-estar social arrasou com a antiquada taberna de Catarino e transformou a rua num bazar de lâmpadas japonesas e realejos nostálgicos. Foram elas as promotoras do carnaval sangrento que durante três dias afogou Macondo no delírio, e cuja única conseqüência perdurável foi ter dado a Aureliano Segundo a oportunidade de conhecer Fernanda del Carpio.

Remedios, a bela, foi proclamada rainha. Úrsula, que estremecia diante da beleza inquietante da bisneta, não pôde impedir a eleição. Até então conseguira que ela não saísse à rua, a não ser para ir à missa com Amaranta, mas a obrigava a cobrir a cara com uma mantilha negra. Os homens menos piedosos, os que se fantasiavam de padres para dizer missas sacrílegas na taberna de Catarino, iam à igreja com o único propósito de ver, ainda que fosse por um só instante, o rosto de Remedios, a bela, de cuja beleza lendária se falava com um fervor recolhido em todo o âmbito do pantanal. Muito tempo se passou antes de que o conseguissem, e mais lhes teria valido se a ocasião não tivesse chegado nunca, porque a maioria deles nunca mais pôde recuperar a placidez do sono. O homem que tornou o fato possível, um forasteiro, perdeu para sempre a serenidade, enredou-se nas areias movediças da abjeção e da miséria, e anos depois foi espedaçado por um trem noturno quando adormeceu sobre os trilhos. Desde o momento em que foi visto na igreja, com um traje de pelúcia verde e um casaco bordado, ninguém pôs em dúvida que vinha de muito longe, talvez de uma remota cidade do exterior, atraído pela fascinação mágica de Remedios, a bela. Era tão bonito, tão galhardo e sereno, de uma excelência tão bem distribuída, que Pietro Crespi junto dele pareceria uma criança prematura, e muitas mulheres murmuraram entre sorrisos de despeito que era ele quem verdadeiramente merecia a mantilha. Não conversou com ninguém em Macondo. Aparecia nas manhãs de domingo, como um príncipe de contos de fada, num cavalo com estribos de prata e manta de veludo, e abandonava o povoado depois da missa.

Era tal o poder da sua presença que, desde a primeira vez que foi visto na igreja, todo mundo deu por certo que entre ele e Remedios, a bela, se estabelecera um duelo calado e tenso, um pacto secreto, um desafio irrevogável cuja culminância não podia ser somente o amor, mas também a morte. No sexto domingo, o cavaleiro apareceu com uma rosa amarela na mão. Ouviu a missa de pé, como fazia sempre, e no final se interpôs no caminho de Remedios, a bela, e ofereceu-lhe a rosa solitária. Ela a recebeu com um gesto natural, como se estivesse preparada para aquela homenagem, e então descobriu o rosto por um instante e agradeceu com um sorriso. Foi tudo quanto fez. Mas não apenas para o cavaleiro, como para todos os homens que tiveram o infeliz privilégio de vivê-lo, aquele foi um instante eterno.

O cavaleiro instalava, a partir de então, a banda de música junto da janela de Remedios, a bela, e às vezes até o amanhecer. Aureliano Segundo foi o único que sentiu por ele uma compaixão cordial e tentou abalar a sua perseverança. "Não perca mais tempo", disse a ele uma noite. "As mulheres desta casa são piores do que as mulas." Ofereceu-lhe a sua amizade, convidou-o para tomar um banho de champanha, tentou fazê-lo entender que as fêmeas da família tinham entranhas de pedra, mas não conseguiu vulnerar a sua obstinação. Exasperado pelas intermináveis noites de música, o Coronel Aureliano Buendía ameaçou-o de lhe curar o sofrimento a tiros de pistola. Nada o fez desistir, salvo o seu próprio e lamentável estado de desmoralização. De garboso e impecável fez-se vil e esfarrapado. Corria o boato de que abandonara poder e fortuna na sua terra distante, embora na verdade nunca se soubesse da sua origem. Tornou-se homem de briga, arruaceiro de bar, e amanheceu emborcado nas suas próprias excreções na taberna de Catarino. O mais triste do seu drama era que Remedios, a bela, não lhe dava atenção nem mesmo quando ele se apresentava na igreja vestido de príncipe. Recebera a rosa amarela sem a menor malícia, apenas divertida pela extravagância do gesto, e levantara a mantilha para ver melhor a cara dele, e não para lhe mostrar a sua.

Realmente, Remedios, a bela, não era um ser deste mundo. Até com a puberdade já bem avançada, Santa Sofía de la Piedad teve de lhe dar banho e mudar de roupa, e mesmo quando já se pôde valer sozinha, tinha que vigiá-la para que não pintasse animaizinhos nas paredes com uma varinha lambuzada com o seu próprio cocô. Atingiu os vinte anos sem aprender a ler e escrever, sem se servir dos talheres na mesa, passeando nua pela casa, porque a sua natureza reagia contra qualquer espécie de convencionalismo. Quando o jovem comandante da guarda lhe declarou o seu amor, recusou-o simplesmente porque se assombrou com a sua frivolidade. "Olha que bobo que ele é", disse a Amaranta. "Diz que está morrendo por minha causa, como se eu fosse uma cólica miserere." Quando na verdade o encontraram morto junto à sua janela, Remedios, a bela, confirmou a sua impressão inicial.

— Vejam só — comentou. — Era um bobo total.

Era como se uma lucidez penetrante lhe permitisse ver a realidade das coisas além de qualquer formalismo. Este era pelo menos o ponto de vista do Coronel Aureliano Buendía, para quem Remedios, a bela, não era de modo algum retardada mental, como se acreditava, e sim exatamente o contrário. "É como se viesse de volta de vinte anos de guerra", costumava dizer. Úrsula, por seu lado, agradecia a Deus que tivesse premiado a família com uma criatura de uma pureza excepcional, mas ao mesmo tempo a perturbava a sua beleza, porque lhe parecia uma virtude contraditória, uma armadilha diabólica, no centro da sua candidez. Foi por isso que decidiu separá-la do mundo, preservá-la de toda tentação terrena, sem saber que Remedios, a bela, já desde o ventre de sua mãe estava a salvo de qualquer contágio. Nunca lhe passou pela cabeça a idéia de que a elegessem rainha da beleza no pandemônio de um carnaval. Mas Aureliano Segundo, animadíssimo com a inspiração súbita de se fantasiar de tigre, trouxe o Padre Antonio Isabel em casa para que convencesse Úrsula de que o carnaval não era uma festa pagã, como ela dizia, mas uma tradição católica. Finalmente convencida, embora rosnando de má vontade, deu o consentimento para a coroação.

A notícia de que Remedios Buendía ia ser a soberana do festival transbordou em poucas horas os limites do pantanal, chegou até longínquos territórios onde se ignorava o imenso prestígio da sua beleza e provocou a inquietação dos que ainda consideravam o seu sobrenome como um símbolo da subversão. Era uma inquietação sem fundamento. Se havia alguém inofensivo naquele tempo, era o envelhecido e desiludido Coronel Aureliano Buendía, que pouco a pouco fora perdendo todo o contato com a realidade da nação. Fechado na sua oficina, a sua única relação com o resto do mundo era o comércio de peixinhos de ouro. Um dos antigos soldados que vigiaram a sua casa nos primeiros dias da paz ia vendêlos nas povoações do pantanal e voltava carregado de moedas e notícias. Que o governo conservador, dizia, com o apoio dos liberais, estava reformando o calendário para que cada presidente estivesse cem anos no poder. Que finalmente se havia assinado o acordo com a Santa Sé, e que tinha vindo de Roma um cardeal com uma coroa de diamantes e um trono de ouro maciço, e que os ministros liberais se fizeram fotografar de joelhos no ato de lhe beijar o anel. Que a corista principal de uma companhia espanhola, de passagem pela capital, fora seqüestrada no seu camarim por um grupo de mascarados e no domingo seguinte dançara nua na casa de verão do Presidente da República. "Não fale de política", dizia-lhe o coronel. "O que nos interessa é vender peixinhos." O falatório público de que não queria mais saber da situação do país porque estava ficando rico com a oficina provocou as gargalhadas de Úrsula, quando chegou aos seus ouvidos. Com o seu incrível senso prático, ela não podia entender o comércio do coronel, que trocava os peixinhos por moedas de ouro, e em seguida transformava as moedas de ouro em peixinhos, e assim sucessivamente, de modo que tinha que trabalhar cada vez mais à medida que vendia, para satisfazer um círculo vicioso exasperante. Na verdade, o que interessava a ele não era o negócio e sim o trabalho. Precisava de tanta concentração para engastar escamas, incrustar minúsculos rubis nos olhos, laminar barbatanas e montar nadadeiras que não sobrava um só vazio para encher com a desilusão da guerra. Tão absorvente era a atenção que lhe exigia o preciosismo da artesania que em pouco tempo envelheceu mais do que em todos os anos de guerra, e a posição lhe entortou a espinha dorsal e a milimetria lhe gastou a vista, mas a concentração implacável o premiou com a paz de espírito. A última vez em que foi visto atender a algum assunto relacionado com a guerra, foi quando um grupo de veteranos de ambos os partidos solicitou o seu apoio para a aprovação das pensões vitalícias, sempre prometidas e sempre no ponto de partida. "Esqueçam isso", disse a eles. "Não vêem que eu recusei a minha pensão para evitar a tortura de ficar esperando até a morte?" No começo, o Coronel Gerineldo Márquez o visitava à tardinha e os dois se sentavam na porta da rua para evocar o passado. Mas Amaranta não pôde suportar as lembranças que lhe suscitava aquele homem cansado cuja calvície o precipitava ao abismo de uma velhice prematura, e o atormentou com indelicadezas injustas, até que ele não voltou mais, a não ser em ocasiões especiais, e desapareceu por fim anulado pela paralisia. Taciturno, silencioso, insensível ao novo sopro de vitalidade que estremecia a casa, o Coronel Aureliano Buendía compreendeu de leve que o segredo de uma boa velhice não é outra coisa senão um pacto honrado com a solidão. Levantava-se às cinco da manhã depois de um sono superficial, tomava na cozinha a sua eterna caneca de café amargo, trancafiava-se o dia inteiro na oficina, e às quatro da tarde passava pelo corredor arrastando um banquinho, sem observar sequer o incêndio das roseiras, nem o brilho da hora, nem a impavidez de Amaranta, cuja melancolia fazia um barulho de marmita perfeitamente audível ao entardecer, e se sentava na porta da rua até que o permitissem os mosquitos. Alguém se atreveu, certa vez, a perturbar a sua solidão.

— Como vai, coronel? — disse ao passar.

— Aqui firme — ele respondeu. — Esperando o meu enterro passar.

De modo que a inquietação causada pela reaparição pública do seu sobrenome, a propósito do reinado de Remedios, a bela, carecia de fundamento real. Muitos, entretanto, não pensaram assim. Inocente da tragédia que o ameaçava, o povo transbordou na praça pública, numa barulhenta explosão de alegria. O carnaval tinha alcançado o seu mais alto nível de loucura, Aureliano Segundo tinha satisfeito por fim o seu sonho de se fantasiar de tigre e andava feliz entre a multidão exaltada, rouco de tanto rugir, quando apareceu vindo pelo caminho do pantanal um bloco enorme trazendo num andor dourado a mulher mais fascinante que se podia imaginar. Por um momento, os pacíficos habitantes de Macondo tiraram as máscaras para ver melhor a deslumbrante criatura com coroa de esmeraldas e capa de arminho, que parecia investida de uma autoridade legítima e não simplesmente de uma soberania de lantejoulas e papel crepom. Não faltou quem tivesse a suficiente clarividência para suspeitar de que se tratava de uma provocação. Mas Aureliano Segundo se sobrepôs imediatamente à perplexidade, declarou como hóspedes de honra os recém-chegados e sentou salomonicamente Remedios, a bela, e a rainha intrusa no mesmo pedestal. Até a meia-noite, os forasteiros fantasiados de beduínos participaram do delírio e até o enriqueceram com uma pirotecnia suntuosa e umas virtudes acrobáticas que fizeram pensar nas artes dos ciganos. De repente, no paroxismo da festa, alguém quebrou o delicado equilíbrio.

— Viva o Partido Liberal! — gritou. — Viva o Coronel Aureliano Buendía!

As descargas de fuzilaria abafaram o esplendor dos fogos de artifício e os gritos de terror anularam a música e o júbilo foi aniquilado pelo pânico. Muitos anos depois continuar-se-ia afirmando que a guarda real da soberana intrusa era um esquadrão do exército regular que debaixo das suas ricas *chilabas* escondia fuzis de verdade. O governo negou a culpa num decreto extraordinário e prometeu uma investigação rigorosa do episódio sangrento. Mas a verdade não se esclareceu nunca e prevaleceu para sempre a versão de que a guarda real, sem provocação de nenhuma espécie, tomou posições de combate a um sinal do seu comandante e disparou sem piedade contra a multidão. Quando se restabeleceu a calma, não restava no povoado um só dos falsos beduínos, e ficaram estendidos na praça, entre mortos e feridos, nove palhaços, quatro colombinas, dezessete reis de baralho, um diabo, três músicos, dois Pares de França e três imperatrizes japonesas. Na confusão do pânico, José Arcadio Segundo conseguiu pôr a salvo Remedios, a bela, e Aureliano Segundo carregou no colo para casa a soberana intrusa, com a roupa rasgada e a capa de arminho manchada de sangue. Chamava-se Fernanda del Carpio. Haviam-na selecionado como a mais bela entre as cinco mil mulheres mais belas do país e a trouxeram para Macondo com a promessa de proclamá-la rainha de Madagáscar. Úrsula cuidou dela como se fosse uma filha. O povo, em vez de pôr em dúvida a sua inocência, compadeceu-se da sua candidez. Seis meses depois do massacre, quando os feridos se restabeleceram e murcharam as últimas flores da vala comum, Aureliano Segundo foi procurá-la na cidade distante onde vivia com o pai e se casou com ela em Macondo, numa fragorosa festança de vinte dias.

O CASAMENTO esteve prestes a naufragar aos dois meses de idade, porque Aureliano Segundo, tentando aplacar Petra Cotes, fê-la tirar um retrato vestida de rainha de Madagáscar. Quando Fernanda soube, tornou a arrumar as arcas do enxoval de recém-casada e partiu de Macondo sem se despedir. Aureliano Segundo alcançou-a na estrada do pantanal. Ao fim de muitas súplicas e promessas de emenda, conseguiu levá-la de volta para casa e abandonou a concubina.

Petra Cotes, consciente da sua força, não demonstrou preocupação. Ela o fizera homem. Ainda menino o tirara do quarto de Melquíades, com a cabeça cheia de idéias fantásticas e sem nenhum contato com a realidade, e lhe dera um lugar no mundo. A natureza o tinha feito reservado e esquivo, com tendência para a meditação solitária, e ela lhe havia moldado o temperamento oposto, vital, expansivo, aberto, e lhe havia infundido a alegria de viver e o prazer da farra e da dissipação, até convertê-lo, por dentro e por fora, no homem com quem havia sonhado para si desde a adolescência. Casara-se, pois, como mais cedo ou mais tarde os filhos se casam. Ele não ousou lhe antecipar a notícia. Assumiu uma atitude tão infantil diante da situação que fingia falsos rancores e ressentimentos imaginários, procurando um modo de ser Petra Cotes quem provocasse o rompimento. Um dia em que Aureliano lhe fez uma censura injusta, ela descobriu o jogo e pôs as coisas no seu devido lugar.

— O que acontece — disse — é que você quer se casar com a rainha.

Aureliano Segundo, envergonhado, fingiu um ataque de raiva, declarou-se incompreendido e ultrajado, e não voltou a visitá-la. Petra Cotes, sem perder por um só instante o seu magnífico domínio de fera em repouso, ouviu a música e os foguetes do casamento, a barulhada enlouquecedora da festança pública, como se tudo isso não fosse nada além de uma nova travessura de Aureliano Segundo. Aos que se compadeceram da sua sorte, tranqüilizou-os com um sorriso. "Não se preocupem", disse. "As rainhas sempre cumprem as minhas ordens." A uma vizinha que lhe trouxe umas velas para que iluminasse com elas o retrato do amante perdido, disse com segurança enigmática:

— A única vela que o fará vir está sempre acesa.

Tal como ela havia previsto, Aureliano Segundo voltou à sua casa imediatamente após a lua-de-mel. Trouxe os seus companheiros de sempre, um fotógrafo ambulante, e a roupa e a capa de arminho suja de sangue que Fernanda usara no carnaval. No calor da farra que se armou essa tarde, vestiu Petra Cotes de rainha, coroou-a soberana absoluta e vitalícia de Madagáscar e distribuiu cópias do retrato entre os seus amigos. Ela não só se prestou à brincadeira como também se compadeceu intimamente dele, pensando que devia estar muito assustado quando imaginou aquele extravagante recurso de reconciliação. Às sete da noite, ainda vestida de rainha, recebeu-o na cama. Tinha apenas dois meses de casado, mas ela percebeu imediatamente que as coisas não andavam bem no leito nupcial e experimentou o delicioso prazer da vingança consumada. Dois dias depois, entretanto, quando ele não se atreveu a voltar e mandou um intermediário para que resolvesse os termos da separação, ela compreendeu que ia precisar de mais paciência do que a prevista, porque ele parecia disposto a se sacrificar pelas aparências. Mesmo assim não se alterou. Tornou a facilitar as coisas com uma submissão que confirmou a crença generalizada de que ela era uma pobre mulher, e a única lembrança de Aureliano Segundo que conservou foi um par de botinas de verniz que, conforme o que ele mesmo dissera, eram as que queria ter calçadas no ataúde. Guardou-as embrulhadas em trapos no fundo do baú e preparou-se para apascentar uma espera sem desespero.

— Mais cedo ou mais tarde terá que vir — disse para si mesma — mesmo que seja só para calçar estas botinas.

Não teve que esperar tanto quanto supunha. Realmente, Aureliano Segundo compreendera desde a noite de núpcias que voltaria à casa de Petra Cotes muitos antes de que tivesse necessidade de calçar as botinas de verniz: Fernanda era uma mulher perdida para o mundo. Nascera e crescera a mil quilômetros do mar, numa cidade lúgubre por cujas ruelas de pedra chacoalhavam ainda, em noites mal-assombradas, as carruagens dos vice-reis. Trinta e dois campanários davam toques de defunto às seis da tarde. Na casa senhorial ladrilhada de lousas sepulcrais jamais se conhecera o sol. O ar morrera nos ciprestes do pátio, nas pálidas cortinas das alcovas, nas arcadas úmidas do jardim dos nardos. Fernanda não tivera até a puberdade outra notícia do mundo a não ser os melancólicos exercícios de piano executados em alguma casa vizinha por alguém que durante anos e anos se permitiu a liberdade de não fazer a sesta. No quarto da mãe doente, verde e amarela debaixo da empoeirada luz dos vitrais, escutava as escalas metódicas, tenazes, desanimadas, e pensava que essa música estava no mundo, enquanto ela se consumia tecendo coroas de defunto. Sua mãe, suando a febre das cinco, falava do esplendor do passado. Ainda muito menina, numa noite de lua, Fernanda vira uma linda mulher vestida de branco que atravessava o jardim para o oratório. O que mais a angustiou naquela visão fugitiva foi que a sentiu exatamente igual a ela, como se se tivesse visto a si mesma com vinte anos de antecipação. "É a tua bisavó, a rainha", disse-lhe a mãe numa trégua da tosse. "Morreu de um golpe de ar que apanhou ao quebrar um talo de nardo." Muitos anos depois, quando começou a se sentir igual à bisavó, Fernanda pôs em dúvida a visão da infância, mas a mãe reprovou a sua incredulidade.

— Somos imensamente ricos e poderosos — disse. — Um dia você será rainha.

Ela acreditou, embora só ocupassem a longa mesa com toalhas de linho e baixela de prata para tomar uma xícara de chocolate com água e um pão doce. Até o dia do casamento sonhou com um reinado de lenda, embora seu pai, D. Fernando, tivesse que hipotecar a casa para lhe comprar o enxoval. Não era ingenuidade nem delírio de grandeza. Fora educada assim. Desde que pôde fazer uso da razão que se lembrava de ter feito as suas necessidades num peniquinho de ouro com o escudo de armas da família. Saiu de casa pela primeira vez aos doze anos, num tílburi que teve apenas que percorrer dois quarteirões para levá-la ao convento. As suas companheiras de estudo se surpreenderam de que a pusessem separada, numa cadeira de espaldar muito alto, e de que não se misturasse com elas nem durante o recreio. "Ela é diferente", explicavam as freiras. "Vai ser rainha." As colegas acreditaram, porque já era na época a donzela mais bela, distinta e discreta que tinham visto na vida. Ao fim de oito anos, tendo aprendido a versejar em latim, a tocar o clavicórdio, a conversar sobre falcoaria com os cavalheiros e sobre apologética com os arcebispos, a expor assuntos de estado com os governantes estrangeiros e assuntos de Deus com o Papa, voltou para a casa de seus pais, para tecer coroas de defunto. Encontrou-a desfalcada. Restavam apenas os móveis indispensáveis, os candelabros e a baixela de prata, porque os utensílios domésticos tinham sido vendidos, um a um, para pagar os gastos da sua educação. Sua mãe sucumbira à febre das cinco. Seu pai, D. Fernando, vestido de negro, com um colarinho de babados e uma corrente de ouro atravessada no peito, dava-lhe às segundas-feiras uma moeda de prata para os gastos domésticos e levava as coroas de defunto terminadas na semana anterior. Passava a maior parte do dia trancado no escritório e, nas poucas ocasiões em que saía à rua, voltava antes das seis para acompanhá-la ao rezar o rosário. Nunca manteve amizade íntima com ninguém. Nunca ouviu falar das guerras que sangraram o país. Nunca deixou de ouvir os exercícios de piano às três da tarde. Começava inclusive a perder a esperança de ser rainha quando soaram duas pancadas firmes no portão e ela o abriu para um militar erecto, de gestos cerimoniosos, que tinha uma cicatriz na face e uma medalha de ouro no peito. Fechou-se com o seu pai no escritório. Duas horas depois, o pai foi buscá-la no quarto de costura. "Preparai-vos", disse. "Tendes que fazer uma longa viagem." Foi assim que a levaram para Macondo. Num só dia, numa bofetada brutal, a vida jogou-lhe por cima dos ombros todo o peso de uma realidade que durante anos seus pais lhe haviam escondido. De volta a casa, fechou-se no quarto para chorar, indiferente às súplicas e explicações de D. Fernando, tentando apagar a cicatriz daquele embuste inaudito. Prometera a si mesma não abandonar o quarto até a morte, quando Aureliano Segundo chegou para buscá-la. Foi uma sorte incrível, porque no aturdimento da indignação, na fúria da vergonha, ela lhe havia mentido, para que nunca conhecesse a sua verdadeira identidade. As únicas pistas reais de que dispunha Aureliano Segundo quando saiu para procurá-la eram o seu inconfundível sotaque do páramo e o seu ofício de tecelã de coroas fúnebres. Procurou-a sem descanso. Com a temeridade atroz com que José Arcadio Buendía atravessara a serra para fundar Macondo, com o orgulho cego com que o Coronel Aureliano Buendía promovera as suas guerras inúteis, com a tenacidade insensata com que Úrsula assegurara a sobrevivência da estirpe, assim Aureliano Segundo procurou Fernanda, sem um só instante de desalento. Quando perguntou onde se vendiam coroas de defunto, levaram-no de casa em casa para que escolhesse as melhores. Quando perguntou onde estava a mulher mais bela que já surgira sobre a terra, todas as mães lhe levaram as suas filhas. Perdeu-se nos desfiladeiros da névoa, por tempos reservados ao esquecimento, nos labirintos da desilusão. Atravessou um ermo amarelo onde o eco repetia os pensamentos e a ansiedade provocava miragens premonitórias. Ao fim de semanas estéreis, chegou a uma cidade desconhecida onde todos os sinos tocavam a finados. Embora nunca os tivesse visto, nem ninguém os tivesse descrito, reconheceu imediatamente os muros carcomidos pelo sal dos ossos, as decrépitas varandas de madeiras destripadas pelos fungos, e pregado no portão e quase apagado pela chuva o cartãozinho mais triste do mundo:

VENDEM-SE COROAS FÚNEBRES

Desse momento até a manhã gelada em que Fernanda abandonou a casa aos cuidados da Madre Superiora, mal houve tempo para que as freiras cosessem o enxoval e colocassem em seis baús os candelabros, a baixela de prata e o peniquinho de ouro e os incontáveis e inúteis destroços de uma catástrofe familiar que tardara dois séculos para se consumar. D. Fernando recusou o convite para acompanhá-los. Prometeu ir mais tarde, quando acabasse de liquidar os seus compromissos, e a partir do momento em que deu a bênção à filha voltou a se trancar no escritório, a escrever os bilhetes com as vinhetas de luto e o escudo de armas da família que haveriam de ser o primeiro contato humano que Fernanda e seu paï tiveram em toda a vida. Para ela, esta foi a data real do seu nascimento. Para Aureliano Segundo foi quase ao mesmo tempo o princípio e o fim da felicidade.

Fernanda trazia um lindo calendário com chavinhas douradas em que o seu diretor espiritual marcara com tinta roxa as datas de abstinência venérea. Descontando a Semana Santa, os domingos, as festas de guarda, as primeiras sextas-feiras, os retiros, os sacrifícios e os impedimentos cíclicos, o seu anuário útil ficava reduzido a 42 dias esparzidos num emaranhado de cruzes roxas. Aureliano Segundo, convencido de que o tempo jogaria por terra aquela muralha hostil, prolongou a festa do casamento além do prazo previsto. Cansada de tanto mandar para o lixeiro as garrafas vazias de *brandy* e de champanha, para que não congestionassem a casa, e ao mesmo tempo intrigada pelo fato de os recém-casados dormirem em horas diferentes e em quartos separados, enquanto continuavam os foguetes e a música e os sacrifícios de reses, Úrsula se lembrou da sua própria experiência e se perguntou se Fernanda não teria também um cinto de castidade que mais cedo ou mais tarde provocaria as zombarias do povo e daria origem a uma tragédia. Mas Fernanda lhe confessou que simplesmente estava deixando passar duas semanas antes de permitir o primeiro contato com o seu esposo. Transcorrido o prazo, com efeito, abriu a porta do seu quarto com a resignação ao sacrifício com que o teria feito uma vítima expiatória, e Aureliano Segundo viu a mulher mais bela da terra, com os seus gloriosos olhos de animal assustado e os longos cabelos cor de cobre estendidos no travesseiro. Tão fascinado estava com a visão que demorou um momento para perceber que Fernanda pusera uma camisola branca, comprida até os tornozelos e com mangas até os punhos, e com um buraco grande e redondo primorosamente caseado na altura do ventre. Aureliano Segundo não pôde reprimir um ataque de riso.

— Isto é a coisa mais obscena que eu já vi na minha vida — gritou, com uma gargalhada que ressoou pela casa inteira. — Casei-me com uma irmãzinha de caridade.

Um mês depois, não tendo conseguido que a esposa tirasse a camisola, foi fazer o retrato de Petra Cotes vestida de rainha. Mais tarde, quando obteve que Fernanda voltasse para casa, ela cedeu às suas exigências na febre da reconciliação, mas não soube lhe porporcionar o descanso com que ele sonhava quando foi buscá-la na cidade dos trinta e dois campanários. Aureliano Segundo só encontrou nela um profundo sentimento de desolação. Uma noite, pouco antes de nascer o primeiro filho, Fernanda notou que o marido voltara em segredo ao leito de Petra Cotes.

— É verdade — admitiu ele. E explicou num tom de prostrada resignação: — Tive que fazer isso para que os animais continuassem parindo.

Foi preciso um pouco de tempo para convencê-la de recurso tão esquisito, mas quando por fim o conseguiu, mediante provas que pareceram irrefutáveis, a única promessa que Fernanda lhe impôs foi a de que não se deixasse surpreender pela morte na cama da concubina. Assim continuaram vivendo os três, sem se atrapalhar, Aureliano Segundo pontual e carinhoso com ambas, Petra Cotes se pavoneando com a reconciliação e Fernanda fingindo que ignorava a verdade.

O pacto, entretanto, não fez com que Fernanda se incorporasse à família. Em vão Úrsula insistiu para que ela tirasse a gola de lã com que se levantava quando tinha feito amor e que provocava os cochichos dos vizinhos. Não conseguiu convencê-la a se utilizar do banheiro, ou do vaso noturno, e a vender o seu peniquinho de ouro ao Coronel Aureliano Buendía para que o transformasse em peixinhos. Amaranta se sentiu tão incomodada com a sua dicção viciosa e com o seu hábito de usar um eufemismo para designar cada coisa, que diante dela sempre falava na língua do *p*.

— *Espetapá* — dizia — *épé daspas quepê têmpêm nopojopô dapa própopriapá merperdapá.*

Um dia, irritada com a brincadeira, Fernanda quis saber o que é que Amaranta estava dizendo e ela não usou de eufemismos para lhe responder.

— Estou dizendo — disse — que você é das que confundem o cu com as têmporas.

A partir daquele dia não tornaram a se falar. Quando as circunstâncias obrigavam, mandavam-se recados ou se diziam as coisas indiretamente. Apesar da visível hostilidade da família, Fernanda não renunciou à vontade de impor os hábitos de seus antepassados. Acabou com o costume de comer na cozinha e quando cada um tinha fome, e impôs a obrigação de o fazer em horas certas, na mesa grande da sala de jantar arrumada com toalhas de linho e com os candelabros e a baixela de prata. A solenidade de um ato que Úrsula sempre tinha considerado como o mais simples da vida cotidiana criou um ambiente de formalidade contra o qual se rebelou primeiro que ninguém o calado José Arcadio Segundo. Mas o costume se impôs, assim como o de rezar o rosário antes do jantar, e chamou tanto a atenção dos vizinhos que muito em breve correu o boato de que os Buendía não se sentavam à mesa como os outros mortais, mas que tinham transformado o ato de comer numa missa solene. Até as superstições de Úrsula, surgidas mais por inspiração momentânea que da tradição, entraram em conflito com as que Fernanda herdara dos pais e que estavam perfeitamente definidas e catalogadas para cada ocasião. Enquanto Úrsula desfrutou do pleno domínio das suas faculdades, subsistiram alguns dos antigos hábitos e a vida da família conservou uma certa influência das suas intuições, mas quando perdeu a vista e o peso dos anos a desterrou para um canto, o círculo de rigidez iniciado por Fernanda desde o momento em que chegara terminou por se fechar completamente, e ninguém mais além dela determinou o destino da família. O negócio de doces e animaizinhos de caramelo, que Santa Sofía de la Piedad mantinha por vontade de Úrsula, era considerado por Fernanda como uma atividade indigna, e não tardou em liquidá-lo. As portas da casa, abertas de par em par desde o amanhecer até a hora de dormir, foram fechadas durante a sesta, com o pretexto de que o sol esquentava os quartos, e finalmente se fecharam para sempre. O ramo de babosa e o pão que estavam pendurados no marco desde os tempos da fundação foram substituídos por um nicho do Coração de Jesus. O Coronel Aureliano Buendía chegou a perceber aquelas mudanças e previu as suas conseqüências. "Estamos virando gente fina", protestava. "Neste ritmo, vamos acabar lutando outra vez contra o regime conservador, mas agora para colocar um rei no lugar." Fernanda, com muito tato, procurou não ir de encontro a ele. Incomodava-a no íntimo o seu espírito independente, a sua resistência a toda forma de rigidez social. Exasperavam-na as suas canecas de café às cinco da manhã, a desordem da sua oficina, a sua manta esfiapada e o seu costume de se sentar na porta da rua ao entardecer. Teve que permitir, porém, essa peça solta do mecanismo familiar, porque tinha a certeza de que o velho coronel era um animal apaziguado pelos anos e pela desilusão, que num assomo de rebeldia senil poderia arrancar os cimentos da casa. Quando o marido decidiu pôr no primeiro filho o nome do bisavô, ela não se atreveu a fazer oposição, porque só tinha chegado há um ano. Mas quando nasceu a primeira filha, expressou sem reservas a sua determinação de que se chamasse Renata, como a sua mãe. Úrsula tinha resolvido que se chamaria Remedios. Ao fim de uma tensa controvérsia, na qual Aureliano Segundo atuou como mediador divertido, batizaram-na com o nome de Renata Remedios, mas Fernanda continuou chamando a menina de Renata puramente, enquanto que a família do marido e todo o povo continuaram a chamá-la de Meme, apelido de Remedios.

No princípio, Fernanda não falava da sua família, mas com o tempo começou a idealizar o pai. Falava dele na mesa como de um ser excepcional que havia renunciado a toda espécie de vaidade e que se estava transformando em santo. Aureliano Segundo, espantado com o endeusamento repentino do sogro, não resistia à tentação de fazer pequenas zombarias pelas costas da esposa. O resto da família seguiu o exemplo. A própria Úrsula, que era extremamente zelosa da harmonia familiar e que sofria em segredo com os atritos domésticos, permitiu-se dizer certa vez que o pequeno tataraneto tinha assegurado o seu futuro pontifical, porque era "neto de santo e filho de rainha com criador de gados". Apesar daquela sorridente conspiração, as crianças se acostumaram a pensar no avô como num ser lendário, que lhes transcrevia versos piedosos nas cartas e lhes mandava em cada Natal um caixote de presentes que mal passava na porta da rua para entrar. Eram, realmente, os últimos restos do patrimônio senhorial. Com eles se construiu, no quarto das crianças, um altar com santos de tamanho natural, cujos olhos de vidro lhes imprimiam uma inquietante aparência de vida e cujas roupas de fazenda, artisticamente bordadas, eram melhores que as usadas em qualquer circunstância por qualquer habitante de Macondo. Pouco a pouco, o esplendor funerário da antiga e gelada mansão se foi trasladando para a luminosa casa dos Buendía. "Já nos mandaram todo o cemitério familiar", comentou Aureliano Segundo em certa ocasião. "Agora só estão faltando os salgueiros e as lousas sepulcrais." Embora nos caixotes nunca tivesse chegado nada que servisse para as crianças brincarem, estas passavam o ano inteiro esperando dezembro, porque afinal os antiquados e sempre imprevisíveis presentes constituíam uma novidade na casa. No décimo Natal, quando o pequeno José Arcadio já se preparava para viajar para o seminário, chegou com maior antecedência do que nos anos anteriores o enorme caixote do avô, muito bem pregado e impermeabilizado com breu e endereçado com o habitual letreiro de caracteres góticos à mui ilustre senhora dona Fernanda del Carpio de Buendía. Enquanto ela lia a carta no quarto, as crianças se apressaram em abrir a caixa. Ajudados como de costume por Aureliano Segundo, rasparam os lacres de breu, despregaram a tampa, tiraram a serragem protetora e encontraram dentro uma comprida arca de chumbo fechada com parafusos de cobre. Aureliano Segundo tirou os oito parafusos diante da impaciência das crianças e mal teve tempo de soltar um grito e afastá-las para o lado quando levantou a tampa de chumbo e viu D. Fernando vestido de preto e com um crucifixo no peito, com a pele arrebentada em bolhas fedorentas e se cozinhando a fogo lento num espumoso e borbulhante caldo de pérolas vivas.

Pouco depois do nascimento da menina, anunciou-se o inesperado jubileu do Coronel Aureliano Buendía, ordenado pelo Governo para celebrar um novo aniversário do Tratado de Neerlândia. Foi uma determinação tão incongruente com a política oficial que o coronel se pronunciou violentamente contra ela e recusou a homenagem. "É a primeira vez que ouço a palavra jubileu", dizia. "Mas seja o que for que ela signifique, não pode deixar de ser zombaria." A estreita oficina de ourivesaria se encheu de emissários. Voltaram, muito mais velhos e muito mais solenes, os advogados de terno escuro que em outra época esvoaçavam como corvos em torno do coronel. Quando este os viu aparecer, já que em outros tempos chegavam para atrapalhar a guerra, não pôde suportar o cinismo dos seus panegíricos. Ordenou-lhes que o deixassem em paz, insistiu no fato de ele não ser um prócer da nação como eles diziam, e sim um artesão sem recordações, cujo único sonho era morrer de cansaço no esquecimento e na miséria dos seus peixinhos de ouro. O que mais o indignou foi a notícia de que o próprio Presidente da República pensava em assistir aos atos de Macondo para lhe oferecer a Ordem do Mérito. O Coronel Aureliano Buendía mandou-lhe dizer, palavra por palavra, que esperava com verdadeira ansiedade aquela tardia mas merecida ocasião de lhe dar um tiro, não para cobrar as arbitrariedades e anacronismos do seu regime, mas por faltar com o respeito a um velho que não fazia mal a ninguém. Foi tal a veemência com que pronunciou a ameaça que o Presidente da República cancelou a viagem na última hora e mandou a condecoração por um representante pessoal. O Coronel Gerineldo Márquez, assediado por pressões de toda espécie, abandonou o seu leito de paralítico para persuadir o seu antigo companheiro de armas. Quando este viu aparecer a cadeira de balanço carregada por quatro homens e viu sentado nela, entre grandes almofadas, o amigo que partilhara das suas vitórias e infortúnios desde a juventude, não duvidou por um só instante de que fazia aquele esforço para lhe expressar a sua solidariedade. Mas quando soube do verdadeiro propósito daquela visita, fez com que o retirassem da oficina. "Tarde demais eu me convenço, disse a ele, de que teria feito um grande favor a você se tivesse deixado que o fuzilassem."

De modo que o jubileu se realizou sem a presença de nenhum dos membros da família. Foi por acaso que coincidiu com a semana do carnaval, mas ninguém conseguiu tirar da cabeça do Coronel Aureliano Buendía a idéia obstinada de que também aquela coincidência tinha sido prevista pelo governo para reforçar a crueldade da zombaria. Da oficina solitária ouviu as músicas marciais, as salvas de artilharia, os sinos de *Te Deum* e algumas frases dos discursos pronunciados defronte da casa quando batizaram a rua com o seu nome. Seus olhos se umedeceram de indignação, de raivosa impotência, e pela primeira vez desde a derrota doeu-lhe não possuir mais os arroubos da juventude para promover uma guerra sangrenta que apagasse até o último vestígio do regime conservador. Ainda não se haviam extinguido os ecos da homenagem quando Úrsula bateu na porta da oficina.

— Não aborreçam — ele disse. — Estou ocupado.

— Abra — Úrsula insistiu com voz cotidiana. — Isto não tem nada que ver com a festa.

Então o Coronel Aureliano Buendía tirou a tranca e viu na porta dezessete homens dos mais variados aspectos, de todos os tipos e cores, mas todos com um ar solitário que teria bastado para identificá-los em qualquer lugar da terra. Eram os seus filhos. Sem combinar nada, sem se conhecerem, tinham chegado dos mais distantes lugares do litoral, cativados pelo barulho do jubileu. Todos usavam com orgulho o nome de Aureliano e o sobrenome da mãe. Durante os três dias que permaneceram na casa, para a satisfação de Úrsula e o escândalo de Fernanda, ocasionaram transtornos incríveis. Amaranta procurou entre antigos papéis a caderneta de contas onde Úrsula anotara os nomes e as datas de nascimento e batismo de todos, e acrescentou no espaço correspondente a cada um o domicílio atual. Aquela lista teria permitido fazer uma recapitulação de vinte anos de guerra. Poder-se-iam reconstituir com ela os itinerários noturnos do coronel, desde a madrugada em que saiu de Macondo à frente de vinte e um homens para uma rebelião quimérica até que regressou pela última vez embrulhado na manta dura de sangue. Aureliano Segundo não perdeu a ocasião de festejar os primos com uma estrondosa farra de champanha e acordeão que se interpretou como um atrasado ajuste de contas com o carnaval malogrado pelo jubileu. Reduziram a cacos metade da louça, quebraram as roseiras perseguindo um touro para o mantear, mataram galinhas a tiros, obrigaram Amaranta a dançar as valsas tristes de Pietro Crespi, conseguiram fazer Remedios, a bela, vestir calças de homem para subir no pau-de-sebo e soltaram na sala de jantar um leitão lambuzado de gordura que nauseou Fernanda, mas ninguém lamentou a sua indisposição porque a casa estremeceu com um terremoto de boa saúde. O Coronel Aureliano Buendía, que a princípio os recebeu com desconfiança, e até pôs em dúvida a filiação de alguns, divertiu-se com as suas loucuras e antes que fossem embora presenteou cada um com um peixinho de ouro. Até o esquivo José Arcadio Segundo lhes ofereceu uma tarde de rinha, que esteve quase por terminar em tragédia, porque vários dos Aurelianos eram tão experimentados em transações de galos que descobriram no primeiro golpe de vista as trapaças do Padre

Antonio Isabel. Aureliano Segundo, que viu as ilimitadas perspectivas de farra que oferecia aquela animada parentela, decidiu que todos ficariam para trabalhar com ele. O único que aceitou foi Aureliano Triste, um mulato grande, com os ímpetos e o espírito explorador do avô, que já havia tentado a sorte em meio mundo e para quem tanto fazia ficar em qualquer parte. Os outros, embora ainda fossem solteiros, consideravam resolvido o seu destino. Eram todos artesãos hábeis, homens de suas casas, gente de paz. Na quarta-feira de cinzas, antes que voltassem a se dispersar pelo litoral, Amaranta conseguiu que vestissem roupas de domingo e a acompanhassem à igreja. Mais divertidos que piedosos, deixaram-se conduzir até o altar onde o Padre Antonio Isabel lhes pôs na testa a cruz de cinza. De volta a casa, quando o menor quis limpar a testa, descobriu que a mancha era indelével e que também o eram as de seus irmãos. Experimentaram com água e sabão, com terra e bucha, e por último com pedra-pomes e água sanitária, e não conseguiram apagar a cruz. Em compensação, Amaranta e os outros que foram à missa tiraram-na sem dificuldade. "Assim vão melhor", despediu-os Úrsula. "De agora em diante ninguém poderá confundi-los." Foram a galope, precedidos pela banda de música e soltando foguetes, e deixaram no povo a impressão de que a estirpe dos Buendía tinha sementes para muitos séculos. Aureliano Triste, com a sua cruz de cinza na testa, instalou nos arrabaldes do povoado a fábrica de gelo com que sonhara José Arcadio Buendía nos seus delírios de inventor.

Meses depois da sua chegada, quando já era conhecido e apreciado, Aureliano Triste andava procurando uma casa para mandar vir sua mãe e uma irmã solteira (que não era filha do coronel) e se interessou por um casarão decrépito que parecia abandonado numa esquina da praça. Perguntou de quem era. Alguém lhe disse que era uma casa sem dono, onde em outros tempos vivera uma viúva solitária que se alimentava de terra e cal das paredes e que nos seus últimos anos só fora vista duas vezes na rua, com um chapéu de minúsculas flores artificiais e uns sapatos cor de prata antiga, quando atravessava a praça até a agência do correio para enviar cartas para o Bispo. Disseram-lhe que a sua única companhia fora uma criada desalmada que matava cães e gatos e quanto animal penetrava na casa, e jogava os cadáveres no meio da rua para aborrecer o povo com a fedentina da putrefação. Tanto tempo passou desde que o sol mumificara a carcaça vazia do último animal que todo mundo dava por certo que a dona da casa e a criada haviam morrido muito antes de que terminassem as guerras e que se a casa ainda estava de pé era porque não tinham tido nos últimos anos um inverno rigoroso ou um vento demolidor. As dobradiças partidas pela ferrugem, as portas mal sustentadas pelo acúmulo de teias de aranha, as janelas soldadas pela umidade e o chão arrebentado pelo mato e pelas flores silvestres, em cujas gretas se aninhavam os lagartos e toda espécie de insetos, pareciam confirmar a versão de que ali não estivera um ser humano pelo menos há meio século. Ao impulsivo Aureliano Triste não eram necessárias tantas provas para agir. Forçou com o ombro a porta principal e a carcomida armação de madeira caiu sem estrépito, num calado cataclismo de pó e terra de ninhos de cupim. Aureliano Triste permaneceu no umbral, esperando que se desvanecesse a névoa, e então viu no centro da sala a esquálida mulher ainda vestida com roupas do século anterior, com umas poucas fibras amarelas no crânio pelado e com uns olhos grandes, ainda belos, nos quais se haviam apagado as últimas estrelas da esperança, e a pele do rosto gretada pela aridez da solidão. Comovido pela visão do outro mundo, Aureliano Triste mal percebeu que a mulher estava apontando para ele uma antiquada pistola militar.

— Perdão — murmurou.

Ela permaneceu imóvel no centro da sala entulhada de trastes, examinando palmo a palmo o gigante de ombros quadrados com uma tatuagem de cinza na testa e através da neblina da poeira viu-o na neblina de outros tempos, com uma espingarda de dois canos trançada nas costas e uma fieira de coelhos na mão.

— Pelo amor de Deus — exclamou em voz baixa — não é justo que agora me venham com esta lembrança!

— Quero alugar a casa — disse Aureliano Triste.

A mulher então levantou a pistola, apontando com pulso firme a cruz de cinza e armou o gatilho com uma determinação inapelável.

—Vá embora — ordenou.

Naquela noite, durante o jantar, Aureliano Triste contou o episódio à família e Úrsula chorou de consternação. "Santo Deus", exclamou apertando a cabeça entre as mãos. "Ainda está viva!" O tempo, as guerras, as incontáveis desgraças cotidianas tinham feito com que se esquecesse de Rebeca. A única que não tinha perdido por um só instante a consciência de que estava viva, apodrecendo na sua sopa de larvas, era a implacável e envelhecida Amaranta. Pensava nela ao amanhecer, quando o gelo do coração a acordava na cama solitária, e pensava nela quando ensaboava os seios murchos e o ventre macilento, e quando vestia as brancas anáguas e camisetas de cambraia da velhice, e quando trocava na mão a venda negra da terrível expiação. Sempre, a toda hora, adormecida e acordada, nos momentos mais sublimes e nos mais abjetos, Amaranta pensava em Rebeca, porque a sua solidão havia selecionado as lembranças e incinerado as entorpecentes montanhas de lixo nostálgico que a vida acumulara no seu coração e havia purificado, magnificado e eternizado as outras, as mais amargas. Por ela é que Remedios, a bela, sabia da existência de Rebeca. Cada vez que passavam pela casa decrépita, contava-lhe um incidente ingrato, uma fábula de opróbrio, tentando desta forma fazer com que o seu extenuante rancor fosse partilhado pela sobrinha e, por conseguinte, prolongado além da morte, mas não conseguiu realizar os seus propósitos porque Remedios era imune a todo tipo de sentimentos apaixonados e mais ainda aos alheios. Úrsula, em compensação, que sofrera um processo contrário ao de Amaranta, evocou Rebeca com uma memória limpa de impurezas, pois a imagem da pobre criatura que trouxeram à sua casa com o saco dos ossos dos seus pais prevaleceu sobre a ofensa que a fez indigna de continuar vinculada ao tronco familiar. Aureliano Segundo resolveu que era preciso trazê-la para casa e protegê-la, mas o seu bom propósito foi frustrado pela inquebrantável intransigência de Rebeca, que tinha necessitado de muitos anos de sofrimento e miséria para conquistar os privilégios da solidão e não estava disposta a renunciar a eles em troca de uma velhice perturbada pelos falsos encantos da misericórdia.

Em fevereiro, quando voltaram os dezesseis filhos do Coronel Aureliano Buendía, ainda marcados com a cruz de cinza, Aureliano Triste lhes falou de Rebeca no barulho da farra e em meio dia restauraram a aparência da casa, trocaram portas e janelas, pintaram a fachada de cores alegres, reforçaram as paredes e espalharam cimento novo no chão, mas não obtiveram autorização para continuar as reformas no interior. Rebeca nem sequer apareceu na porta. Deixou que terminassem a aturdida restauração e logo fez um cálculo dos custos e mandou para eles por Argénida, a velha criada que continuava a lhe fazer companhia, um punhado de moedas tiradas de circulação desde a última guerra, e que Rebeca acreditava que continuassem válidas. Foi então que se percebeu a que ponto inconcebível chegara a sua desvinculação com o mundo e se compreendeu que seria impossível resgatá-la da sua obstinada clausura enquanto lhe restasse um sopro de vida.

Na segunda visita que os filhos do Coronel Aureliano Buendía fizeram a Macondo, outro deles, Aureliano Centeno, ficou trabalhando com Aureliano Triste. Era um dos primeiros que tinham vindo à casa para o batismo, e Úrsula e Amaranta se lembravam muito bem dele, porque tinha espedaçado em poucas horas quantos objetos quebráveis haviam passado pelas suas mãos. O tempo tinha moderado o seu primitivo impulso de crescimento e era um homem de estatura mediana marcado com cicatrizes de varíola, mas o seu assombroso poder de destruição manual continuava intacto. Tantos pratos quebrou, inclusive sem tocá-los, que Fernanda optou por comprar para ele um serviço de folha-de-flandres antes que liquidasse com as últimas peças da sua louça cara, e mesmo os resistentes pratos metálicos em pouco tempo já estavam sem brilho e desbeiçados. Compensando, porém, aquele poder irremediável, exasperante inclusive para ele mesmo, possuía uma cordialidade que despertava a confiança imediata e uma estupenda capacidade de trabalho. Em pouco tempo incrementou de tal modo a produção de gelo que estourou o mercado local e Aureliano Triste teve que pensar na possibilidade de estender o negócio para as outras povoações do pantanal. Foi então que imaginou o passo decisivo não só para a modernização da sua indústria, como também para vincular a população ao resto do mundo.

— É preciso trazer a estrada de ferro — disse.

Era a primeira vez que se ouvia a expressão em Macondo. Diante do desenho que Aureliano Triste traçou na mesa, e que era um descendente direto dos esquemas com que José Arcadio Buendía ilustrou o projeto da guerra solar, Úrsula confirmou a sua impressão de que o tempo estava dando voltas num círculo vicioso. Mas ao contrário do avô, Aureliano Triste não perdia o sono nem o apetite, nem atormentava ninguém com crises de mau humor, mas concebia os projetos mais desatinados como possibilidades imediatas, elaborava cálculos racionais sobre custo e prazo e os levava a cabo sem intervalos de exasperação. Aureliano Segundo, que se tinha alguma coisa do bisavô e não tinha do Coronel Aureliano Buendía era uma absoluta impermeabilidade para o desengano, soltou o dinheiro para trazer a estrada de ferro com a mesma leviandade com que o soltara para a absurda companhia de navegação do irmão. Aureliano Triste consultou o calendário e partiu na quarta-feira seguinte para estar de volta quando passassem as chuvas. Não se teve mais notícias dele. Aureliano Centeno, transbordado pelas abundâncias da fábrica, já tinha começado a experimentar a elaboração do gelo com base em sucos de frutas no lugar da água, e sem o saber, sem programar, imaginou os fundamentos essenciais da invenção dos sorvetes, pensando desta forma diversificar a produção de uma empresa que supunha sua, porque o irmão não dava sinais de regresso depois de passarem as chuvas e transcorrer um verão inteiro sem notícias. No início do outro inverno, entretanto, uma mulher que lavava roupa no rio na hora de mais calor atravessou a rua principal fazendo alarido, num alarmante estado de comoção.

— Vem aí — conseguiu explicar — um negócio horrível como uma cozinha arrastando uma aldeia.

Nesse momento a população foi sacudida por um apito de ressonâncias pavorosas e uma descomunal respiração ofegante. Nas semanas anteriores viram-se grupos de trabalhadores que colocavam dormentes e trilhos, mas ninguém prestou atenção porque pensaram que era um novo artifício dos ciganos, que voltavam com a sua secular e desprestigiada teimosia de apitos e chocalhos apregoando as excelências de sabe Deus que miserável panacéia dos xaroposos gênios hierosolimitanos. Mas quando se recuperaram do espanto dos assovios e bufos, todos os habitantes correram para a rua e viram Aureliano Triste acenando, com a mão, da locomotiva, e viram assombrados o trem enfeitado de flores que, já da primeira vez, chegava com oito meses de atraso. O inocente trem amarelo que tantas incertezas e evidências, e tantos deleites e desventuras, e tantas mudanças, calamidades e saudades haveria de trazer para Macondo.

DESLUMBRADO com tantas e tão maravilhosas invenções, o povo de Macondo não sabia por onde começar a se espantar. Passavam a noite em claro contemplando as pálidas lâmpadas elétricas alimentadas pelo gerador que Aureliano Triste trouxera na segunda viagem do trem e a cujo obsessivo tum-tum custou tempo e trabalho se acostumar. Indignaram-se com as imagens vivas que o próspero comerciante Sr. Bruno Crespi projetava no teatro de bilheterias que imitavam bocas de leão, porque um personagem morto e enterrado num filme, e por cuja desgraça haviam derramado lágrimas de tristeza, reapareceu vivo e transformado em árabe no filme seguinte.

O público, que pagava dois centavos para partilhar das vicissitudes dos personagens, não pôde suportar aquele logro inaudito e quebrou as poltronas. O alcaide, por insistência do Sr. Bruno Crespi, explicou num decreto que o cinema era uma máquina de ilusão que não merecia os arroubos passionais do público. Diante da desalentadora explicação, muitos acharam que tinham sido vítimas de um novo e aparatoso negócio de cigano, de modo que optaram por não voltar ao cinema, considerando que já tinham o suficiente com os seus próprios sofrimentos para chorar por infelicidades fingidas de seres imaginários. Alguma coisa de semelhante aconteceu com os gramofones de manivela que as alegres matronas da França trouxeram, em substituição aos antiquados realejos, e que tão profundamente afetaram por algum tempo os interesses da banda de música. No princípio, a curiosidade multiplicou a clientela da rua proibida, e soube-se até de senhoras respeitáveis que se disfarçaram de malandro para observar de perto a novidade do gramofone, mas o observaram tanto e de tão perto que muito rapidamente chegaram à conclusão de que não era um moinho de brinquedo, como todos pensavam e como as matronas diziam, mas um truque mecânico que não podia se comparar com uma coisa tão comovedora, tão humana e tão cheia de verdade cotidiana como uma banda de música. Foi uma desilusão tão séria que quando os gramofones se popularizaram, a ponto de haver um em cada casa, não foram encarados como objetos para a diversão dos adultos, mas como uma coisa boa para as crianças desmontarem. Em compensação, quando alguém do povoado teve a oportunidade de comprovar a crua realidade do telefone instalado na estação da estrada de ferro, que por causa da manivela se considerava como uma versão rudimentar do gramofone, até os mais incrédulos se desconcertaram. Era como se Deus tivesse resolvido pôr à prova toda a capacidade de assombro e mantivesse os habitantes de Macondo num permanente vaivém do alvoroço ao desencanto, da dúvida à revelação, ao extremo de já ninguém poder saber com certeza onde estavam os limites da realidade. Era uma intrincada maçaroca de verdades e miragens, que provocou convulsões de impaciência no espectro de José Arcadio Buendía debaixo do castanheiro e o obrigou a vagar por toda a casa mesmo em pleno dia. Desde que a estrada de ferro foi inaugurada oficialmente e o trem começou a chegar com regularidade toda quarta-feira às onze, e que se construiu a primitiva estação de madeira com um escritório, o telefone e um guichê para vender as passagens, eram vistos nas ruas de Macondo homens e mulheres que fingiam atitudes comuns e correntes, mas que na verdade pareciam gente de circo. Num povo escaldado pela praga dos ciganos, não havia um bom futuro para aqueles equilibristas do comércio ambulante que com o mesmo desembaraço ofereciam uma panela de apito e um regime de vida para a salvação da alma no sétimo dia; mas entre os que se deixavam convencer pelo cansaço e os incaustos de sempre, faziam excelentes negócios. Entre essas criaturas de farândola, com culotes e polainas, chapéu de cortiça, óculos com armação de aço, olhos de topázio e pele de galo fino, numa das tantas quartas-feiras, chegou a Macondo e almoçou em casa o rechonchudo e sorridente Mr. Herbert.

Ninguém o distinguiu na mesa, enquanto não se comeu o primeiro cacho de bananas. Aureliano Segundo encontrara-o por acaso, protestando num espanhol trabalhoso porque não havia um quarto livre no Hotel de Jacob e, como fazia com freqüência com muitos forasteiros, levou-o para casa. Tinha um negócio de balões de sondagem, que levara à metade do mundo com lucros excelentes, mas não conseguira fazer ninguém subir em Macondo, porque consideravam esse invento como um retrocesso, depois de terem visto e experimentado os tapetes voadores dos ciganos. Partia, pois, no próximo trem. Quando trouxeram para a mesa o salpicado cacho de bananas que costumavam pendurar na sala de jantar durante o almoço, arrancou a primeira fruta sem muito entusiasmo. Mas continuou comendo enquanto falava, saboreando, mastigando, mais com distração de sábio do que com deleite de bom comedor, mas ao terminar o primeiro cacho suplicou que lhe trouxessem outro. Então, tirou da caixa de ferramentas que sempre trazia consigo um pequeno estojo de aparelhos óticos. Com a incrédula atenção de um comprador de diamantes, examinou meticulosamente uma banana, seccionando as suas partes com um estilete especial, pesando-as numa balancinha de farmacêutico e calculando a sua envergadura com um calibrador de armeiro. Em seguida, tirou da caixa uma série de instrumentos com os quais mediu a temperatura, o grau de umidade da atmosfera e a intensidade da luz. Foi uma cerimônia tão intrigante que ninguém comeu tranqüilo, esperando que Mr. Herbert emitisse por fim um juízo revelador, mas ele não disse nada que permitisse vislumbrar as suas intenções.

Nos dias seguintes foi visto com uma rede e um cestinho caçando borboletas nos arredores do povoado. Na quarta-feira, chegou um grupo de engenheiros, agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores que, durante várias semanas, exploraram os mesmos lugares onde Mr. Herbert caçava borboletas. Mais tarde chegou o Sr. Jack Brown, num vagão suplementar que haviam enganchado no rabo do trem amarelo e que era todo laminado de prata, com poltronas de veludo episcopal e teto de vidros azuis. No vagão especial chegaram também, voejando em torno do Sr. Brown, os solenes advogados vestidos de negro que em outra época tinham seguido por todas as partes o Coronel Aureliano Buendía, e isto fez o povo pensar que os agrônomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores, assim como Mr. Herbert com os seus balões de sondagem e as suas borboletas coloridas e o Sr. Brown com o seu mausoléu sobre rodas e os seus ferozes cães policiais, tinham alguma coisa a ver com a guerra. Não houve, entretanto, muito tempo para pensar no assunto, porque os desconfiados habitantes de Macondo mal começavam a se perguntar que diabo era o que estava acontecendo, quando já a aldeia se tinha transformado num acampamento de casas de madeira com tetos de zinco, povoado por forasteiros que chegavam de meio mundo no trem, não só nos bancos e nos estribos mas até no teto dos vagões. Os americanos, que depois trouxeram as suas mulheres lânguidas com roupas de musselina e grandes chapéus de gaze, fizeram uma aldeia à parte do outro lado da linha do trem, com ruas orladas de palmeiras, casas com janelas com tela metálica, mesinhas brancas nos terraços e ventiladores de pás pendurados no teto, e extensos prados azuis com pavões e codornas. O setor estava cercado por uma rede metálica, como um gigantesco galinheiro eletrificado que nos frescos meses de verão amanhecia negro de andorinhas esturricadas. Ninguém sabia ainda o que desejavam, ou se na verdade seriam apenas filantropos, e já tinham ocasionado um transtorno colossal, muito mais perturbador que o dos antigos ciganos, mas menos transitório e compreensível. Dotados de recursos que em outra época estavam reservados à Divina Providência, modificaram o regime das chuvas, apressaram o ciclo das colheitas, e tiraram o rio de onde sempre esteve e o puseram com as suas pedras brancas e as suas correntes geladas no outro extremo da povoação, atrás do cemitério. Foi nessa ocasião que construíram uma fortaleza de cimento armado sobre a descolorida tumba de José Arcadio, para que o cheiro de pólvora do cadáver não contaminasse as águas. Para os forasteiros que chegavam sem amor, transformaram a rua das carinhosas matronas da França num povoado mais extenso que o outro e, numa quarta-feira gloriosa, trouxeram um trem carregado de putas inverossímeis, fêmeas babilônicas adestradas em recursos imemoriais e providas de toda espécie de ungüentos e dispositivos para estimular os inertes, despertar os tímidos, saciar os vorazes, exaltar os modestos, desenganar os múltiplos e corrigir os solitários. A Rua dos Turcos, enriquecida com luminosos armazéns de comestíveis que expulsaram as velhas feiras de canários-da-terra, regurgitava nas noites de sábado com as multidões de aventureiros que se atropelavam entre as mesas de jogo, os balcões de tiro ao alvo, o beco onde se adivinhava o futuro e se interpretavam os sonhos, e as mesas de frituras e bebidas, que amanheciam no domingo esparramadas pelo chão, entre corpos que às vezes eram de bêbados felizes e quase sempre de curiosos abatidos pelos disparos, murros, navalhadas e garrafadas da briga. Foi uma invasão tão tumultuada e intempestiva que nos primeiros tempos era impossível andar na rua com o estorvo dos móveis e dos baús e com o trançar da carpintaria dos que erguiam as suas casas em qualquer terreno vazio sem a autorização de ninguém, e com o escândalo dos casais que penduravam as suas redes entre as amendoeiras e faziam o amor debaixo dos toldos, em pleno dia e na vista de todo mundo. O único reduto de serenidade foi estabelecido pelos pacíficos negros antilhanos, que construíram uma rua marginal com casas de madeira sobre estacas, em cujas portas se sentavam ao entardecer cantando hinos melancólicos na sua estropiada algaravia. Tantas mudanças ocorreram em tão pouco tempo que oito meses depois da visita de Mr. Herbert os antigos habitantes de Macondo se levantavam cedo para conhecer a sua própria aldeia.

— Olhem a confusão em que nos metemos — costumava então dizer o Coronel Aureliano Buendía — só por termos convidado um americano para comer banana.

Aureliano Segundo, em compensação, não cabia em si de contente com a avalancha de forasteiros. A casa se encheu de repente de hóspedes desconhecidos, de invencíveis farristas mundiais, e foi preciso acrescentar quartos no quintal, aumentar a sala de jantar e trocar a antiga mesa por uma de dezesseis lugares, com louça nova e talheres, e ainda assim foi necessário estabelecer turnos para almoçar. Fernanda teve que engolir os seus escrúpulos e atender como reis os convidados da pior condição, que enlameavam a varanda com as botas, urinavam no jardim, estendiam as suas esteiras em qualquer lugar para fazer a sesta e falavam sem se preocupar com suscetibilidades de damas nem com gestos de cavalheiros. Amaranta se escandalizou de tal modo com a invasão da plebe que voltou a comer na cozinha como nos velhos tempos. O Coronel Aureliano Buendía, convencido de que a maioria dos que entravam para cumprimentá-lo na oficina não o fazia por simpatia ou estima, mas pela curiosidade de conhecer uma relíquia histórica, um fóssil de museu, preferiu se fechar a chave e não voltou a ser visto a não ser em muito poucas ocasiões, sentado na porta da rua. Úrsula, em compensação, mesmo nos tempos em que já arrastava os pés e caminhava tateando nas paredes, experimentava um alvoroço pueril quando se aproximava a chegada do trem. "É preciso fazer carne e peixe", ordenava às quatro cozinheiras que se estafavam para andar em tempo sob a imperturbável direção de Santa Sofía de la Piedad. "É preciso fazer de tudo", insistia, "porque nunca se sabe o que os forasteiros querem comer." O trem chegava na hora de mais calor. Ao almoço, a casa trepidava num alvoroço de mercado e os suarentos comensais, que nem sequer sabiam quem eram os seus anfitriões, irrompiam em tropel para ocupar os melhores lugares da mesa, enquanto as cozinheiras davam encontrões umas nas outras, com as enormes tigelas de sopa, os alguidares de carnes, as gamelas de legumes, as travessas de arroz, e serviam com a concha inesgotáveis barris de limonada. Era tal a desordem, que Fernanda se exasperava com a idéia de que muitos comessem duas vezes, e em mais de uma ocasião quis se desabafar em impropérios de verdureira, porque algum comensal atônito pedia a conta. Mais de um ano se passara desde a visita de Mr. Herbert e a única coisa que se sabia era que os americanos pretendiam plantar bananeiras na região encantada que José Arcadio Buendía e os seus homens tinham atravessado, procurando a rota das grandes invenções. Outros dois filhos do Coronel Aureliano Buendía, com a sua cruz de cinza na testa, chegaram arrastados por aquele arroto vulcânico e justificaram a sua decisão com uma frase que talvez explicasse as razões de todos.

— Nós viemos — disseram — porque todo mundo vem.

Remedios, a bela, foi a única que permaneceu imune à peste da companhia bananeira. Estacou numa adolescência magnífica, cada vez mais impermeável aos formalismos, mais indiferente à malícia e à desconfiança, feliz num mundo próprio de realidades simples. Não entendia por que as mulheres complicavam a vida com camisetas e anáguas, de modo que coseu uma bata de aniagem que enfiava simplesmente pela cabeça e resolvia sem mais trâmites o problema de se vestir, sem desmanchar a impressão de estar nua, que no seu modo de entender as coisas era a única maneira decente de se estar em casa. Amolaram-na tanto para que cortasse o cabelo cascateante que já batia na barriga da perna e para que fizesse um coque preso com pentes e tranças com laços coloridos que simplesmente raspou a cabeça e fez perucas para os santos. O assombroso do seu instinto simplificador era que quanto mais se desembaraçava da moda procurando a comodidade e quanto mais passava por cima dos convencionalismos em obediência à espontaneidade, mais perturbadora ficava a sua beleza inacreditável e mais provocante o seu comportamento para com os homens. Quando os filhos do Coronel Aureliano Buendía estiveram pela primeira vez em Macondo, Úrsula se lembrou de que levavam nas veias o mesmo sangue da bisneta e estremeceu com o horror esquecido. "Abra bem os olhos", preveniu-a. "Com qualquer deles, os filhos sairão com rabo de porco." Ela fez tão pouco-caso da advertência que se vestiu de homem e se espojou na areia para subir no pau-de-sebo e esteve a ponto de ocasionar uma tragédia entre os dezessete primos transtornados pelo insuportável espetáculo. Era por isso que nenhum deles dormia em casa quando visitavam o povoado, e os quatro que tinham ficado viviam às expensas de Úrsula em quartos alugados. Entretanto, Remedios, a bela, teria morrido de rir se tivesse sabido daquela precaução. Até o último instante em que esteve na Terra ignorou que o seu irreparável destino de fêmea perturbadora era uma desgraça cotidiana. Cada vez que aparecia na sala de jantar, contrariando as ordens de Úrsula, causava um pânico de exasperação entre os forasteiros. Era evidente demais que estava inteiramente nua sob a bata grosseira e ninguém podia entender que o seu crânio pelado e perfeito não fosse um desafio e que não fosse uma criminosa provocação o descaro com que descobria as coxas para aliviar o calor e o prazer com que chupava os dedos depois de comer com as mãos. O que nenhum membro da família jamais soube foi que os forasteiros não tardaram a perceber que Remedios, a bela, desprendia um hálito perturbador, uma brisa de tormento que continuava sendo perceptível várias horas depois de ela ter passado. Homens experimentados nos transtornos do amor, vividos no mundo inteiro, afirmavam não ter padecido nunca de uma ansiedade semelhante à que produzia o perfume natural de Remedios, a bela. Na varanda das begônias, na sala de visitas, em qualquer lugar da casa, se podia assinalar o lugar exato onde estivera e o tempo transcorrido desde que deixara de estar. Era um rastro definido, inconfundível, que ninguém da casa podia distinguir porque estava incorporado há muito tempo aos cheiros cotidianos, mas que os forasteiros identificavam imediatamente. Por isso eram eles os únicos que entendiam que o jovem comandante da guarda tivesse morrido de amor e que um cavaleiro vindo de outras terras tivesse caído em desespero. Inconsciente da aura inquietante em que se movimentava, do insuportável estado de íntima calamidade que provocava à sua passagem, Remedios, a bela, tratava os homens sem a menor malícia e acabava de transtorná-los com as suas inocentes complacências. Quando Úrsula conseguiu impor a ordem de que comesse com Amaranta na cozinha, para que os forasteiros não a vissem, ela se sentiu mais cômoda, porque afinal de contas ficava a salvo de qualquer disciplina. Realmente, tanto fazia comer em qualquer lugar, e não em horas fixas, mas de acordo com as alternativas do seu apetite. Às vezes se levantava para almoçar às três da madrugada, dormia o dia inteiro, e passava vários meses com os horários trocados, até que algum incidente casual voltava a pô-la em ordem. Quando as coisas andavam melhor, levantava-se às onze da manhã e se trancava durante duas horas completamente nua no banheiro, matando escorpiões enquanto espantava o denso e prolongado sono. Em seguida, jogava água em si mesma tirando-a da caixa com uma cuia. Era um ato tão prolongado, tão meticuloso, tão rico de situações cerimoniais, que quem não a conhecesse bem poderia pensar que estava entregue a uma merecida adoração do seu próprio corpo. Para ela, entretanto, aquele rito solitário carecia de qualquer sensualidade, e era simplesmente uma maneira de matar o tempo enquanto não sentia fome. Um dia, quando começava a se banhar, um forasteiro levantou uma telha do teto e ficou sem respiração diante do tremendo espetáculo de sua nudez. Ela viu os olhos aflitos através das telhas quebradas e não teve nenhuma reação de vergonha, mas sim de preocupação.

— Cuidado — exclamou. — Você vai cair.

— Só quero ver você — murmurou o forasteiro.

— Ah, bem — ela disse. — Mas tenha cuidado que essas telhas estão podres.

O rosto do forasteiro tinha uma dolorosa expressão de espanto e parecia lutar surdamente contra os seus impulsos primários, para não dissipar a miragem. Remedios, a bela, pensou que ele sofria de medo de que as telhas quebrassem e se banhou mais depressa do que de costume, para que o homem não continuasse em perigo. Enquanto se jogava água, disse a ele que era um problema que o teto estivesse naquele estado, pois ela acreditava que a camada de folhas apodrecidas pela chuva era o que enchia o banheiro de escorpiões. O forasteiro confundiu aquela conversa com uma forma de dissimular a complacência, de modo que quando ela começou a se ensaboar cedeu à tentação de dar um passo adiante.

— Deixe-me ensaboá-la — murmurou.

— Agradeço a sua boa intenção — disse ela — mas posso perfeitamente fazê-lo sozinha com as minhas duas mãos.

— Só as costas — suplicou o forasteiro.

— Seria um desperdício — ela disse. — Nunca se viu ninguém ensaboar as costas.

Depois, enquanto se enxugava, o forasteiro implorou com os olhos cheios de lágrimas que se casasse com ele. Ela lhe respondeu sinceramente que nunca se casaria com um homem tão bobo que perdia quase uma hora, e até ficava sem almoçar, só para ver uma mulher tomar banho. Por fim, quando vestiu a bata, o homem não pôde suportar a comprovação de que realmente não usava nada embaixo, como todo mundo suspeitava, e se sentiu marcado para sempre com o ferro ardente daquele segredo. Então arrancou mais duas telhas para se atirar no interior do banheiro.

— É muito alto! — ela o preveniu assustada. — Você vai se matar!

As telhas apodrecidas se despedaçaram num estrondo de desastre e o homem mal conseguiu lançar um grito de terror e fraturou o crânio e morreu sem agonia no chão de cimento. Os forasteiros que ouviram o barulho na sala de jantar e se apressaram em levar o cadáver perceberam na sua pele o sufocante cheiro de Remedios, a bela. Estava tão entranhado no corpo que as rachaduras do crânio não emanavam sangue e sim um óleo ambarino impregnado daquele perfume secreto, e então compreenderam que o cheiro de Remedios, a bela, continuava torturando os homens além da morte, até a poeira dos ossos. Entretanto, não relacionaram aquele acidente de horror com os outros dois homens que haviam morrido por

Remedios, a bela. Faltava ainda uma vítima para que os forasteiros e muitos dos antigos habitantes de Macondo dessem crédito à lenda de que Remedios Buendía não exalava o sopro de amor mas sim um fluxo mortal. A ocasião de comprová-lo se apresentou meses depois, numa tarde em que Remedios, a bela, foi com um grupo de amigas conhecer as novas plantações. Para o povo de Macondo, era uma distração recente percorrer as úmidas e intermináveis avenidas ladeadas de bananeiras, onde o silêncio parecia trazido de outra parte, ainda sem usar, e por isso era tão difícil transmitir a voz. Às vezes não se entendia muito bem o que era dito a meio metro de distância e que entretanto se tornava perfeitamente compreensível no outro extremo da plantação. Para as moças de Macondo aquela brincadeira nova era motivo de risadas e sobressaltos, de sustos e zombarias, e de noite se falava do passeio como de uma experiência de sonho. Era tal o prestígio daquele silêncio que Úrsula não teve coragem de privar Remedios, a bela, da diversão e lhe permitiu ir numa tarde, desde que pusesse um chapéu e uma roupa adequada. Assim que o grupo de amigas entrou na plantação o ar se impregnou de uma fragrância mortal. Os homens que trabalhavam nas valas se sentiram possuídos por uma estranha fascinação, ameaçados por um perigo invisível, e muitos sucumbiram à terrível vontade de chorar. Remedios, a bela, e suas espantadas amigas conseguiram se refugiar numa casa próxima quando estavam já para serem assaltadas por um tropel de machos ferozes. Pouco depois foram resgatadas pelos quatro Aurelianos, cujas cruzes de cinza infundiam um respeito sagrado, como se fossem marca de casta, selo de invulnerabilidade. Remedios, a bela, não contou a ninguém que um dos homens, aproveitando o tumulto, conseguira agredi-la no ventre com uma mão que mais parecia uma garra de águia aferrada aos bordos de um precipício. Ela enfrentara o agressor numa espécie de deslumbramento instantâneo e vira os olhos desconsolados que ficaram impressos no seu coração como uma brasa de compaixão. Nessa noite, o homem se gabou da sua audácia e se vangloriou da sua sorte na Rua dos Turcos, minutos antes de que o coice de um cavalo lhe arrebentasse o peito e uma multidão de forasteiros o visse agonizar no meio da rua, sufocado em vômitos de sangue.

A suposição de que Remedios, a bela, possuía poderes de morte estava agora sustentada por quatro fatos irrefutáveis. Embora alguns homens levianos de palavra sentissem prazer em dizer que bem valia a pena sacrificar a vida por uma noite de amor com tão perturbadora mulher, a verdade é que nenhum se esforçou por consegui-lo. Talvez, não só para vencê-la como também para afastar os seus perigos, bastasse um sentimento tão primitivo e simples como o amor, mas isso foi a única coisa que não ocorreu a ninguém. Úrsula não voltou a se ocupar dela. Em outra época, quando ainda não renunciara ao propósito de salvá-la para o mundo, procurou interessá-la nos assuntos elementares da casa. "Os homens são mais exigentes do que você pensa", dizia-lhe enigmaticamente. "É preciso cozinhar muito, varrer muito, sofrer muito por mesquinharias, além daquilo que você pensa." No fundo se enganava a si mesma, tentando adestrá-la para a felicidade doméstica, porque estava convencida de que, uma vez satisfeita a paixão, não havia um homem sobre a terra capaz de suportar, nem que fosse por um dia, uma negligência que estava além de qualquer compreensão. O nascimento do último José Arcadio e a sua inquebrantável vontade de educá-lo para Papa terminaram por fazê-la desistir das suas ocupações com a bisneta. Abandonou-a à sua sorte, confiando que mais cedo ou mais tarde aconteceria um milagre e que neste mundo onde havia de tudo haveria também um homem com suficiente serenidade para cuidar dela. Fazia muito tempo que Amaranta tinha renunciado a qualquer tentativa de convertê-la numa mulher útil. Desde as tardes esquecidas do quarto de costura, quando a sobrinha mal se interessava por rodar a manivela da máquina de coser, chegara à conclusão simples de que era boba. "Vamos ter que rifar você", dizia-lhe, perplexa diante da sua impermeabilidade à palavra dos homens. Mais tarde, quando Úrsula se empenhou para que Remedios, a bela, assistisse à missa com a cara coberta por um véu, Amaranta pensou que aquele recurso misterioso acabaria por ser tão provocante que muito em breve haveria um homem intrigado o bastante para procurar com paciência o ponto fraco do seu coração. Mas quando viu a forma insensata com que desprezou um pretendente que, por muitos motivos, era mais apetecível que um príncipe, renunciou a qualquer esperança. Fernanda não fez sequer a tentativa de compreendê-la. Quando viu Remedios, a bela, vestida de rainha no carnaval sangrento, pensou que ela era uma criatura extraordinária. Mas quando a viu comendo com as mãos, incapaz de dar uma resposta que não fosse um prodígio de patetice, a única coisa que lamentou foi que os bobos de nascença tivessem uma vida tão longa. Apesar de o Coronel Aureliano Buendía continuar acreditando e repetindo que Remedios, a bela, era na verdade o ser mais lúcido que havia conhecido na vida, e que o demonstrava a cada momento com a sua assombrosa habilidade para zombar de todos, abandonaram-na ao deus-dará. Remedios, a bela, ficou vagando pelo deserto da solidão, sem cruzes nas costas, amadurecendo nos seus sonos sem pesadelos, nos seus banhos intermináveis, nas suas refeições sem horários, nos seus profundos e prolongados silêncios sem lembranças, até uma tarde de março em que Fernanda quis dobrar os seus lençóis de linho no jardim e pediu ajuda às mulheres da casa. Mal haviam começado, quando Amaranta advertiu que Remedios, a bela, chegava a estar transparente de tão intensamente pálida.

— Você está se sentindo mal? — perguntou a ela.

Remedios, a bela, que segurava o lençol pelo outro extremo, teve um sorriso de piedade.

— Pelo contrário — disse — nunca me senti tão bem.

Acabava de dizer isso quando Fernanda sentiu que um delicado vento de luz lhe arrancava os lençóis das mãos e os estendia em toda a sua amplitude. Amaranta sentiu um tremor misterioso nas rendas das suas anáguas e tratou de se agarrar no lençol para não cair, no momento em que Remedios, a bela, começava a ascender. Úrsula, já quase cega, foi a única que teve serenidade para identificar a natureza daquele vento irremediável e deixou os lençóis à mercê da luz, olhando para Remedios, a bela, que lhe dizia adeus com a mão, entre o deslumbrante bater de asas dos lençóis que subiam com ela, que abandonavam com ela o ar dos escaravelhos e das dálias e passavam com ela através do ar onde as quatro da tarde terminavam, e se perderam com ela para sempre nos altos ares onde nem os mais altos pássaros da memória a podiam alcançar.

Os forasteiros, evidentemente, pensaram que Remedios, a bela, sucumbira por fim ao seu irrevogável destino de abelha-mestra e que a sua família tentava salvar a honra com a mentira da levitação. Fernanda, roída de inveja, acabou por aceitar o prodígio e durante muito tempo continuou rogando a Deus para que lhe devolvesse os lençóis. A maioria acreditou no milagre e até se acenderam velas e se rezaram novenas. Talvez não se tivesse voltado a falar de outra coisa por muito tempo, se o bárbaro extermínio dos Aurelianos não tivesse substituído o assombro pelo horror. Embora nunca o identificasse como um presságio, o Coronel Aureliano Buendía previa de certo modo o trágico fim dos seus filhos. Quando Aureliano Serrador e Aureliano Arcaya, os dois que chegaram no tumulto, manifestaram a vontade de ficar em Macondo, o pai tentou dissuadi-los. Não entendia o que vinham fazer num povoado que da noite para o dia se transformara num lugar de perigo. Mas Aureliano Centeno e Aureliano Triste, apoiados por Aureliano Segundo, ofereceram trabalho para eles nas suas empresas. O Coronel Aureliano Buendía tinha motivos ainda muito confusos para não patrocinar aquela determinação. Desde que vira o Sr. Brown no primeiro automóvel que chegara a Macondo — um conversível alaranjado com uma buzina que espantava os cães com os seus latidos — o velho guerreiro se indignou com as mesuras servis do povo e percebeu que alguma coisa mudara na índole dos homens desde o tempo em que abandonavam mulheres e filhos e jogavam uma espingarda ao ombro para ir à guerra. As autoridades locais, depois do armistício de Neerlândia, eram alcaides sem iniciativa, juízes decorativos, escolhidos entre os pacíficos e cansados conservadores de Macondo. "Este é um regime de pobres-diabos", comentava o Coronel Aureliano Buendía quando via passar os guardas descalços, armados de cassetetes de madeira. "Fizemos tantas guerras, e tudo para que não nos pintassem a casa de azul." Quando chegou a companhia bananeira, entretanto, os funcionários locais foram substituídos por forasteiros autoritários que o Sr. Brown levou para viver no galinheiro eletrificado, para que gozassem, conforme explicou, da dignidade que correspondia ao seu cargo e não sofressem o calor e os mosquitos e as incontáveis incomodidades e privações do povo. Os antigos guardas foram substituídos por sicários armados de facões. Fechado na oficina, o Coronel Aureliano Buendía pensava nestas mudanças e, pela primeira vez nos seus calados anos de solidão, atormentou-o a certeza definitiva de que havia sido um erro não prosseguir a guerra até as suas últimas conseqüências. Por esses dias, um irmão do esquecido Coronel Magnífico Visbal levou o neto de sete anos para tomar um refresco nas carrocinhas da praça e, porque o menino esbarrou por acidente num cabo de polícia e lhe derramou o refresco no uniforme, o bárbaro fez dele picadinho com o facão e decapitou de um só golpe o avô, que tentara enfrentá-lo. Todo o povo viu o decapitado passar quando um grupo de homens o carregava para casa, a cabeça arrastada por uma mulher que a levava pendurada pelos cabelos e o saco ensangüentado onde meteram os pedaços do menino.

Para o Coronel Aureliano Buendía foi o máximo da expiação. Encontrou-se de repente padecendo da mesma indignação que sentira na juventude, diante do cadáver da mulher que fora morta a pauladas porque tinha sido mordida por um cão raivoso. Olhou para os grupos de curiosos que estavam na frente da casa e, com a sua antiga voz trovejante, restaurada por um profundo desprezo por ele mesmo, jogou-lhes em cima o peso do ódio que já não podia mais suportar no coração.

— Um dia destes — gritou — vou armar os meus rapazes para acabar com estes ianques de merda!

Ao correr da semana, em diferentes lugares do litoral, os seus dezessete filhos foram caçados como coelhos por criminosos invisíveis que apontaram bem no centro das suas cruzes de cinza. Aureliano Triste saía da casa de sua mãe, às sete da noite, quando um disparo de fuzil surgido da escuridão perfurou-lhe a testa. Aureliano Centeno foi encontrado na rede que costumava armar na fábrica, com um furador de gelo cravado até o cabo entre as sobrancelhas. Aureliano Serrador tinha deixado a namorada na casa dos pais, depois de levá-la ao cinema, e voltava pela iluminada Rua dos Turcos quando alguém que nunca foi identificado na multidão disparou um tiro de revólver que o derrubou dentro de um caldeirão de gordura fervendo. Poucos minutos depois, alguém bateu na porta do quarto onde Aureliano Arcaya estava fechado com uma mulher e gritou para ele: "Anda logo, que estão matando os teus irmãos." A mulher que estava com ele contou depois que Aureliano Arcaya pulou da cama e abriu a porta e foi esperado com uma descarga de Mauser que lhe despedaçou o crânio. Naquela noite de matança, enquanto a casa se preparava para velar os quatro cadáveres, Fernanda percorreu o povoado como uma louca procurando Aureliano Segundo, que Petra Cotes trancara num armário, pensando que a missão de extermínio incluía todos os que tivessem o nome do coronel. Não o deixou sair até o quarto dia, quando os telegramas recebidos de lugares diferentes do litoral permitiram compreender que a sanha do inimigo invisível estava dirigida apenas contra os irmãos marcados com cruzes de cinza. Amaranta procurou a caderneta de contas onde havia anotado os dados dos sobrinhos, e, à medida que chegavam os telegramas, ia riscando os nomes, até que só ficou o do mais velho. Lembravam-se muito bem dele, por causa do contraste da sua pele escura com os grandes olhos verdes. Chamava-se Aureliano Amador, era carpinteiro e vivia numa aldeia perdida nas encostas da serra. Depois de esperar duas semanas pelo telegrama da sua morte, Aureliano Segundo mandou um emissário para preveni-lo, pensando que ignorasse a ameaça que pesava sobre ele. O emissário voltou com a notícia de que Aureliano Amador estava salvo. Na noite do extermínio, dois homens tinham ido procurá-lo em sua casa e tinham descarregado os seus revólveres contra ele, mas não lhe haviam acertado a cruz de cinza. Aureliano Amador conseguira pular a cerca do quintal e se perdera nos labirintos da serra, que conhecia como a palma da mão, graças à amizade dos índios com quem comerciava madeira. Não se voltara a saber dele.

Foram dias negros para o Coronel Aureliano Buendía. O Presidente da República endereçou-lhe um telegrama de pêsames no qual prometia uma investigação exaustiva e rendia homenagem aos mortos. Por ordem sua, o alcaide se apresentou no enterro com quatro coroas fúnebres que pretendeu colocar sobre os ataúdes, mas o coronel o pôs na rua. Depois do enterro, redigiu e levou pessoalmente um telegrama violento para o Presidente da República, que o telegrafista se negou a transmitir. Então, enriqueceu-o com expressões de singular agressividade, meteu-o num envelope e o pôs no correio. Como lhe ocorrera com a morte da esposa, como tantas vezes lhe ocorrera durante a guerra com a morte dos seus melhores amigos, não experimentava um sentimento de pesar, mas uma raiva cega e sem direção, uma extenuante impotência. Chegou até a denunciar a cumplicidade do Padre Antonio Isabel, por ter marcado seus filhos com cinza indelével, para que fossem identificados pelos inimigos. O decrépito sacerdote, que já não alinhava muito bem as idéias e começava a espantar os paroquianos com as disparatadas interpretações que tentava no púlpito, apareceu uma tarde na casa com a caneca onde preparava as cinzas da quarta-feira e tentou ungir com elas toda a família, para demonstrar que saíam com água. Mas o terror da desgraça tinha calado tão fundo que nem a própria Fernanda se prestou à experiência e nunca mais se viu um Buendía ajoelhado junto ao altar na quarta-feira de cinzas.

Durante muito tempo o Coronel Aureliano Buendía não conseguiu recobrar a serenidade. Abandonou a fabricação de peixinhos, comia a duras penas e andava como um sonâmbulo por toda a casa, arrastando a manta e mastigando uma cólera surda. Ao fim de três meses, tinha o cabelo grisalho, o antigo bigode de pontas engomadas gotejando sobre os lábios sem cor, mas em compensação os seus olhos eram outra vez aquelas duas brasas que haviam assustado aos que o viram nascer e que em outros tempos faziam as cadeiras girarem só de olhar para elas. Na fúria do seu tormento tentava inutilmente provocar os presságios que haviam guiado a sua juventude pelos caminhos do perigo até o desolado ermo da glória. Estava perdido, extraviado numa casa alheia, onde já nada nem ninguém lhe motivava o menor vestígio de afeto. Uma vez abriu o quarto de Melquíades, procurando os rastos de um passado anterior à guerra e só encontrou os escombros, o lixo, os montes de porcaria acumulados por tantos anos de abandono. Nas capas dos livros que ninguém voltara a ler, nos velhos pergaminhos macerados pela umidade, prosperara uma flora lívida, e no ar que havia sido o mais puro e luminoso da casa flutuava um insuportável cheiro de lembranças podres. Certa manhã, encontrou Úrsula chorando debaixo do castanheiro, nos joelhos do marido morto. O Coronel Aureliano Buendía era o único habitante da casa que não continuava a ver o potente ancião angustiado por meio século de intempérie. "Cumprimente o seu pai", disse-lhe Úrsula. Deteve-se um momento diante do castanheiro e uma vez mais comprovou que aquele espaço vazio também não lhe inspirava nenhum afeto.

— O que é que ele diz? — perguntou.

— Está muito triste — Úrsula respondeu — porque acha que você vai morrer.

— Diga a ele — sorriu o coronel — que não se morre quando se deve, mas quando se pode.

O presságio do pai morto removeu o último ressaibo de soberba que lhe restava no coração, mas ele o confundiu com um repentino sopro de força. Foi por isso que se dirigiu a Úrsula, para que lhe revelasse em que lugar do quintal estavam enterradas as moedas de ouro que tinham encontrado dentro do São José de gesso. "Você nunca vai saber", disse ela com uma firmeza inspirada num velho castigo. "Um dia", acrescentou, "há de aparecer o dono dessa fortuna e só ele poderá desenterrá-la." Ninguém sabia por que um homem que sempre fora tão desprendido tinha começado a cobiçar o dinheiro com semelhante ansiedade, e não as modestas quantias que lhe haveriam bastado para resolver uma emergência, mas uma fortuna de grandezas desatinadas cuja simples menção deixou Aureliano Segundo perdido num mar de assombro. Os velhos companheiros de partido a quem acudiu em demanda de ajuda se esconderam para não recebê-lo. Foi por essa época que o ouviram dizer: "A única diferença atual entre liberais e conservadores é que os liberais vão à missa das cinco e os conservadores à das oito." Entretanto, insistiu com tanto afinco, suplicou de tal modo, quebrantou de tal forma os seus princípios de dignidade que com um pouco daqui e um pouco de lá, deslizando por todas as partes com uma diligência sigilosa e uma perseverança desapiedada, conseguiu reunir em oito meses mais dinheiro do que Úrsula tinha enterrado. Então, visitou o doente Coronel Gerineldo Márquez para que o ajudasse a promover a guerra total.

Em certo momento, o Coronel Gerineldo Márquez tinha sido na verdade o único que poderia movimentar, mesmo da sua cadeira de balanço de paralítico, os mofados fios da rebelião. Depois do armistício de Neerlândia, enquanto o Coronel Aureliano Buendía se refugiava no exílio dos seus peixinhos de ouro, ele manteve contato com os oficiais rebeldes que lhe haviam sido fiéis até a derrota. Fez com eles a guerra triste da humilhação cotidiana, das súplicas e dos memorandos, do volte amanhã, do está quase, do estamos estudando o seu caso com a devida atenção; a guerra perdida sem salvação contra os mui atenciosos e leais servidores que deviam assinar e não assinaram nunca as pensões vitalícias. A outra guerra, a sangrenta de vinte anos, não lhes causara tantos estragos quanto a guerra corrosiva do eterno adiamento. O próprio Coronel Gerineldo Márquez, que escapara de três atentados, sobrevivera a cinco ferimentos e saíra ileso de incontáveis batalhas, sucumbiu ao assédio atroz da espera e afundou na derrota miserável da velhice, pensando em Amaranta entre os losangos de luz de uma casa emprestada. Os últimos veteranos de quem se teve notícia apareceram retratados num jornal, com a cara levantada de indignidade, junto a um anônimo Presidente da República que os presenteou com uns botões com a sua efígie, para que os usassem na lapela, e lhes restituiu uma bandeira suja de sangue e de pólvora, para que a pusessem sobre os seus ataúdes. Os outros, os mais dignos, ainda esperavam uma carta na penumbra da caridade pública, morrendo de fome, sobrevivendo de raiva, apodrecendo de velhos na refinada merda da glória. De modo que quando o Coronel Aureliano Buendía o convidou para promover uma conflagração mortal que arrasasse com todos os vestígios de um regime de corrupção e de escândalos sustentado pelo invasor estrangeiro, o Coronel Gerineldo Márquez não pôde reprimir um estremecimento de compaixão.

— Ai, Aureliano — suspirou — eu já sabia que você estava velho, mas só agora é que percebo que você está muito mais velho do que aparenta.

NO ATURDIMENTO dos últimos anos, Úrsula dispusera de tréguas muito escassas para atender à formação papal de José Arcadio, quando ele teve que ser preparado às carreiras para ir para o seminário. Meme, sua irmã, dividida entre a rigidez de Fernanda e as amarguras de Amaranta, chegou quase ao mesmo tempo à idade prevista para mandá-la ao colégio de freiras onde fariam dela uma *virtuose* do clavicórdio. Úrsula se sentia atormentada por dúvidas graves em torno da eficácia dos métodos com que temperara o espírito do lânguido aprendiz de Sumo Pontífice e não jogava a culpa na sua tropeçante velhice nem nas nuvens que mal lhe permitiam vislumbrar o contorno das coisas e sim em alguma coisa que ela mesma não conseguia definir mas que imaginava confusamente como um progressivo desgaste do tempo. "Os anos de agora já não vêm como os de antigamente", costumava dizer, sentindo que a realidade cotidiana lhe escapava das mãos. Antigamente, pensava, as crianças demoravam muito para crescer. Bastava recordar todo o tempo que fora necessário para que José Arcadio, o mais velho, partisse com os ciganos e tudo o que acontecera até que ele voltasse pintado como uma cobra e falando como um astrônomo, e as coisas que tinham acontecido em casa até que Amaranta e Arcadio esquecessem a língua dos índios e aprendessem o castelhano. Que se visse o sol e o sereno que suportara o pobre José Arcadio Buendía debaixo do castanheiro, e o quanto tivera que chorar a sua morte antes que lhe trouxessem moribundo um Coronel Aureliano Buendía que, depois de tanta guerra e depois de tanto se sofrer por ele, ainda não tinha feito cinqüenta anos. Em outra época, depois de passar o dia inteiro fazendo animaizinhos de caramelo, ainda lhe sobrava tempo para se ocupar das crianças, para ver-lhes no branco dos olhos que estavam precisando de uma poção de óleo de rícino. Agora, pelo contrário, quando já não tinha nada que fazer e andava com José Arcadio pregado às saias de manhã à noite, a qualidade ruim do tempo obrigava-a a deixar as coisas pela metade. A verdade era que Úrsula resistia ao envelhecimento mesmo quando já tinha perdido a conta da sua idade e atrapalhava em todos os lugares e tentava se meter em tudo e aborrecia os forasteiros com a perguntação de se não tinham deixado ali em casa, no tempo da guerra, um São José de gesso para que o guardassem enquanto não passava a chuva. Ninguém soube com certeza quando começou a perder a vista. Mesmo nos seus últimos anos, quando já não podia se levantar da cama, parecia simplesmente que estava vencida pela decrepitude, mas ninguém descobriu que estava cega. Ela o percebera desde o nascimento de José Arcadio. A princípio, pensou que se tratava de uma debilidade transitória e tomava escondido xarope de tutano e botava mel de abelha nos olhos, mas muito brevemente foi se convencendo de que afundava sem salvação nas trevas, a ponto de nunca ter tido uma noção muito clara da invenção da luz elétrica, porque quando instalaram os primeiros focos só pôde perceber o brilho. Não disse nada a ninguém, pois teria sido um reconhecimento público da sua inutilidade. Empenhou-se numa calada aprendizagem da distância das coisas e das vozes das pessoas, para continuar vendo com a memória quando já não o permitissem as sombras da catarata. Mais tarde havia de descobrir o auxílio imprevisto dos cheiros, que se definiram nas trevas com uma força muito mais convincente do que os volumes e a cor e a salvaram definitivamente da vergonha de uma renúncia. Na escuridão do quarto, podia enfiar a linha na agulha e bordar uma casa, e sabia quando o leite estava para ferver. Conheceu com tanta certeza o lugar em que se encontrava cada coisa que ela mesma se esquecia às vezes de que estava cega. Certa ocasião, Fernanda pôs a casa em polvorosa porque tinha perdido a aliança e Úrsula a encontrou num consolo, no quarto das crianças. Simplesmente, enquanto os outros andavam descuidadamente por todos os lados, ela os vigiava com os seus quatro sentidos, para que nunca a pegassem de surpresa, e ao fim de algum tempo descobriu que cada membro da família repetia todos os dias, sem notar, os mesmos percursos, os mesmos atos, e que quase repetia as mesmas palavras às mesmas horas. Só quando saíam dessa meticulosa rotina é que corriam o risco de perder alguma coisa. De modo que quando viu Fernanda consternada porque havia perdido a aliança, Úrsula se lembrou de que a única coisa diferente que ela fizera naquele dia tinha sido arejar as esteiras das crianças, porque Meme tinha descoberto um percevejo na noite anterior. Como as crianças assistissem à limpeza, Úrsula pensou que Fernanda havia posto a aliança no único lugar onde elas não a poderiam alcançar: o consolo. Fernanda, pelo contrário, procurou-a unicamente nos trajetos do seu itinerário cotidiano, sem saber que a procura das coisas perdidas é dificultada pelos hábitos rotineiros e é por isso que dá tanto trabalho encontrá-las.

A educação de José Arcadio ajudou a Úrsula na tarefa extenuante de se manter a par das mínimas mudanças em casa. Quando percebia que Amaranta estava vestindo os santos do quarto, fingia que ensinava ao menino as diferenças entre as cores.

— Vamos ver — dizia a ele — me conte de que cor está vestido São Rafael Arcanjo.

Dessa forma, o menino lhe dava a informação que lhe negavam os olhos e muito antes que ele partisse para o seminário Úrsula já podia distinguir pela textura as diferentes cores da roupa dos santos. Às vezes aconteciam acidentes imprevistos. Uma tarde, estava Amaranta bordando na varanda das begônias e Úrsula tropeçou nela.

— Pelo amor de Deus — protestou Amaranta — veja por onde anda.

— É você — disse Úrsula — quem está sentada onde não deve.

Para ela, estava certo. Mas naquele dia começou a se dar conta de alguma coisa que ninguém havia descoberto e era que no transcurso do ano o sol ia mudando imperceptivelmente de posição e quem se sentava na varanda tinha que ir mudando de lugar pouco a pouco e sem o perceber. A partir de então, Úrsula tinha apenas que se lembrar da data para saber o lugar exato em que Amaranta estava sentada. Embora o tremor das mãos fosse cada vez mais perceptível e já não pudesse com o peso dos pés, nunca se vira a sua figura miudinha em tantos lugares ao mesmo tempo. Era quase tão diligente como quando arcava com toda a responsabilidade da casa. Entretanto, na impenetrável solidão da velhice, dispunha de tal clarividência para examinar mesmo os mais insignificantes acontecimentos da família que pela primeira vez viu com clareza as verdades que as suas ocupações de outros tempos lhe haviam impedido de ver. Na época em que preparavam José Arcadio para o seminário, já tinha feito uma recapitulação infinitesimal da vida da casa desde a fundação de Macondo e havia mudado completamente a opinião que tivera dos seus descendentes. Percebeu que o Coronel Aureliano Buendía não tinha perdido o afeto à família por causa do endurecimento da guerra, como ela acreditava antes, mas que nunca tinha amado ninguém, nem sequer a sua esposa Remedios ou as incontáveis mulheres de uma noite que haviam passado pela sua vida e muito menos ainda os seus filhos. Vislumbrou que não tinha feito tantas guerras por idealismo, como todo mundo pensava, nem tinha renunciado à vitória iminente por cansaço, como todo mundo pensava, mas que tinha ganho e perdido pelo mesmo motivo, por pura e pecaminosa soberba. Chegou à conclusão de que aquele filho por quem ela teria dado a vida era simplesmente um homem incapacitado para o amor. Uma noite, quando o tinha no ventre, ouviu-o chorar. Era um lamento tão definido que José Arcadio Buendía acordou do seu lado e se alegrou com a idéia de que a criança ia ser ventríloqua. Outras pessoas prognosticaram que seria adivinho. Ela, pelo contrário, estremeceu com a certeza de que aquele bramido profundo era um primeiro indício do temível rabo de porco e rogou a Deus que lhe deixasse morrer a criatura no ventre. Mas a lucidez da velhice lhe permitiu ver, e assim o repetiu muitas vezes, que o choro das crianças no ventre da mãe não é um anúncio de ventriloquia nem de faculdade adivinhatória, mas um sinal inequívoco de incapacidade para o amor. Aquela desvalorização da imagem do filho despertou-lhe de uma vez toda a compaixão que estava devendo a ele. Amaranta, pelo contrário, cuja dureza de coração a espantava, cuja concentrada amargura a amargava, foi revelada no último exame como a mulher mais terna que jamais pudesse haver existido e compreendeu com uma penosa clarividência que as injustas torturas a que submetera Pietro Crespi não eram ditadas por uma vontade de vingança, como todo mundo pensava, nem o lento martírio com que frustrara a vida do Coronel Gerineldo Márquez tinha sido determinado pelo fel ruim da sua amargura, como todo mundo pensava, mas sim que ambas as ações tinham sido uma luta de morte entre um amor sem medidas e uma covardia invencível, e triunfara finalmente o medo irracional que Amaranta sempre tivera do seu próprio e atormentado coração. Foi por essa época que Úrsula começou a se referir a Rebeca, a evocá-la com um velho carinho exaltado pelo arrependimento tardio e pela admiração repentina, tendo compreendido que somente ela, Rebeca, a que nunca se alimentara do seu leite e sim da terra e da cal das paredes, a que não levara nas veias o sangue do seu sangue e sim o sangue desconhecido de desconhecidos cujos ossos continuavam chocalhando na tumba, Rebeca, a do coração impaciente, a do ventre arrebatado, era a única que tinha tido a valentia sem freios que Úrsula desejara para a sua estirpe.

— Rebeca — dizia, tateando as paredes — que injustos nós fomos com você!

Em casa, simplesmente acreditavam que tresvariava, sobretudo desde que dera para andar com o braço direito levantado, como o Arcanjo Gabriel. Fernanda se deu conta, entretanto, de que havia um sol de clarividência nas sombras desse desvario, pois Úrsula podia dizer sem titubear quanto dinheiro se havia gasto em casa durante o último ano. Amaranta teve uma idéia semelhante certo dia em que a mãe mexia na cozinha uma panela de sopa e disse de repente, sem saber que estava sendo ouvida, que o moinho de fubá que haviam comprado dos primeiros ciganos, e que havia desaparecido desde antes que José Arcadio desse sessenta e cinco vezes a volta ao mundo, ainda estava na casa de Pilar Ternera. Também quase centenária, mas sã e ágil apesar da inconcebível gordura que espantava as crianças como em outros tempos a sua risada espantava os pombos, Pilar Ternera não se surpreendeu com o acerto de Úrsula, porque a sua própria experiência começava a indicar que uma velhice alerta pode ser mais sagaz que as averiguações das cartas.

Entretanto, quando Úrsula percebeu que o tempo não lhe havia chegado para consolidar a vocação de José Arcadio deixou-se aturdir pela consternação. Começou a cometer erros tentando ver com os olhos as coisas que a intuição lhe permitia ver com maior claridade. Certa manhã jogou na cabeça do menino o conteúdo de um tinteiro, pensando que era água-de-colônia. Ocasionou tantas dificuldades com a teimosia de intervir em tudo, que se sentiu transtornada por crises de mau humor, e tentava vencer as trevas que finalmente a estavam tolhendo como uma camisa de teias de aranha. Foi então que lhe ocorreu que a sua inabilidade não era a primeira vitória da decrepitude e da escuridão, mas uma falha do tempo. Pensava que antigamente, quando Deus não fazia com os meses e os anos as mesmas trapaças que faziam os turcos ao medir uma jarda de percal, as coisas eram diferentes. Agora não apenas as crianças cresciam mais depressa, mas até os sentimentos evoluíam de outro modo. Nem bem Remedios, a bela, subira ao céu de corpo e alma, já Fernanda, sem consideração, andava resmungando pelos cantos que ela levara os lençóis. Nem bem haviam esfriado os corpos dos Aurelianos nas tumbas e já Aureliano Segundo tinha outra vez a casa tomada, cheia de bêbados que tocavam acordeão e se encharcavam de champanha, como se não tivessem morrido cristãos e sim cachorros, e como se aquela casa de loucos, que tantas dores de cabeça e tantos animaizinhos de caramelo tinha custado, estivesse predestinada a se converter numa lixeira de perdição. Lembrando-se destas coisas enquanto aprontavam o baú de José Arcadio, Úrsula se perguntava se não era preferível se deitar logo de uma vez na sepultura e lhe jogarem a terra por cima, e perguntava a Deus, sem medo, se realmente acreditava que as pessoas eram feitas de ferro para suportar tantas penas e mortificações; e perguntando e perguntando ia atiçando a sua própria perturbação e sentia desejos irreprimíveis de se soltar e não ter papas na língua como um forasteiro e de se permitir afinal um instante de rebeldia, o instante tantas vezes desejado e tantas vezes adiado, para cortar a resignação pela raiz e cagar de uma vez para tudo e tirar do coração os infinitos montes de palavrões que tivera que engolir durante um século inteiro de conformismo.

— Porra! — gritou.

Amaranta, que começava a colocar a roupa no baú, pensou que ela tinha sido picada por um escorpião.

— Onde está? — perguntou alarmada.

— O quê?

— O animal! — esclareceu Amaranta.

Ursula pôs o dedo no coração.

— Aqui — disse.

Numa quinta-feira às duas da tarde, José Arcadio foi para o seminário. Úrsula havia de evocá-lo sempre como o imaginou ao se despedir dele, lânguido e sério e sem derramar uma lágrima, como ela lhe havia ensinado, sufocando de calor dentro do traje de pelúcia verde com botões de cobre e um laço engomado no colarinho. Deixou a sala de jantar impregnada da penetrante fragrância de água-de-colônia que ela lhe jogava na cabeça para poder seguir o seu rastro pela casa. Enquanto durou o almoço de despedida, a família dissimulou o nervosismo com expressões de júbilo e celebrou com exagerado entusiasmo os casos do Padre Antonio Isabel. Mas quando levaram o baú forrado de veludo com cantoneiras de prata foi como se tivessem tirado de casa um ataúde. O único que se negou a participar da despedida foi o Coronel Aureliano Buendía.

— Esta era a última amolação que estava nos faltando — resmungou — um Papa!

Três meses depois, Aureliano Segundo e Fernanda levaram Meme para o colégio e voltaram com um cravo que ocupou o lugar da pianola. Foi por essa época que Amaranta começou a tecer a sua própria mortalha. A febre da bananeira tinha apaziguado. Os antigos habitantes de Macondo se achavam segregados pelos estrangeiros, trabalhosamente reduzidos aos seus precários recursos de antigamente, mas reconfortados em todo caso pela impressão de terem sobrevivido a um naufrágio. Em casa, continuaram recebendo convidados para almoçar e, realmente, não se restabeleceu a antiga rotina enquanto não foi embora, anos depois, a companhia bananeira. Entretanto, houve mudanças radicais no tradicional sentido de hospitalidade, porque agora era Fernanda quem impunha as suas leis. Com Úrsula relegada às trevas e com Amaranta abstraída no trabalho do sudário, a antiga aprendiz de rainha teve liberdade para selecionar os comensais e lhes impor as rígidas normas que os pais lhe haviam inculcado. Sua severidade fez da casa um reduto de costumes restaurados, numa aldeia convulsionada pela vulgaridade com que os forasteiros desbaratavam as suas fáceis fortunas. Para ela, sem mais sutilezas, gente de bem era a que não tinha nada que ver com a companhia bananeira. Até José Arcadio Segundo, seu cunhado, foi vítima do seu zelo discriminatório, porque no arrebatamento da primeira hora tornou a leiloar os seus estupendos galos de briga e se empregou de capataz na companhia bananeira.

— Que não volte a pisar nesta casa — disse Fernanda — enquanto tiver a sarna dos forasteiros.

Foi tal o recolhimento imposto na casa que Aureliano Segundo se sentiu definitivamente mais cômodo com Petra Cotes. Primeiro, com o pretexto de aliviar o trabalho da esposa, transferiu as festas. Em seguida, com o pretexto de que os animais estavam perdendo a fecundidade, transferiu os estábulos e as cavalariças. Por último, com o pretexto de que na casa da concubina fazia menos calor, transferiu o pequeno escritório onde cuidava dos negócios. Quando Fernanda percebeu que era uma viúva de marido vivo, já era tarde demais para que as coisas voltassem ao seu estado anterior. Aureliano Segundo mal comia em casa e as únicas aparências que continuava guardando, como a de dormir com a esposa, não bastavam para convencer ninguém. Certa noite, por descuido, a manhã o surpreendeu na cama de Petra Cotes. Fernanda, ao contrário do que ele esperava, não lhe fez a menor censura nem soltou o mais leve suspiro de ressentimento, mas nesse mesmo dia mandou para a casa da concubina os seus dois baús de roupa. Mandou-os em pleno sol e com ordens para que fossem levados pelo meio da rua, para que todo mundo os visse, acreditando que o marido extraviado não pudesse suportar a vergonha e voltasse ao redil com a cabeça humilhada. Mas aquele gesto heróico foi apenas uma prova a mais de quão mal Fernanda conhecia não só o gênio de seu marido como também a índole de uma comunidade que nada tinha que ver com a de seus pais, porque todos os que viram os baús passarem disseram a si mesmos que afinal essa era a culminância natural de uma história cujas intimidades ninguém ignorava, e Aureliano Segundo celebrou a liberdade presenteada com uma farra de três dias. Para maior desvantagem da esposa, enquanto ela começava a entrar numa maturidade pesada com as suas sombrias roupas até os tornozelos, os seus camafeus anacrônicos e o seu orgulho fora do lugar, a concubina parecia estalar numa segunda juventude, metida em vistosos trajes de seda natural e com os olhos pintados pela candeia da reivindicação. Aureliano Segundo voltou a se entregar a ela com a fogosidade da adolescência, como antes, quando Petra Cotes não o amava por ele mesmo, mas porque o confundia com o seu irmão gêmeo e se deitava com ambos ao mesmo tempo, pensando que Deus lhe dera a fortuna de ter um homem que fazia o amor como se fossem dois. Era tão premente a paixão restaurada que em mais de uma ocasião eles se olharam nos olhos quando se dispunham a comer e, sem se dizerem nada, tamparam os pratos e foram morrer de fome e de amor no quarto. Inspirado nas coisas que tinha visto nas suas furtivas visitas às matronas francesas, Aureliano Segundo comprou para Petra Cotes uma cama com dossel de arcebispo e pôs cortinas de veludo nas janelas e cobriu o teto e as paredes do quarto com grandes espelhos de cristal de rocha. Era visto então como mais farrista e desmiolado do que nunca. Pelo trem, que chegava todos os dias às onze, recebia caixas e mais caixas de champanha e de conhaque. Na volta da estação arrastava para a cumbia* improvisada quanto ser humano encontrava pelo caminho, nativo ou forasteiro, conhecido ou por conhecer, sem distinções de nenhuma espécie. Até o fugidio Sr. Brown, que só conversava em língua estranha, deixou-se seduzir pelos tentadores gestos que lhe fazia Aureliano Segundo e várias vezes se embebedou para morrer na casa de Petra Cotes e fez até com que os ferozes cães policiais que o acompanhavam a todas as partes dançassem canções texanas que ele mesmo mastigava de qualquer maneira ao compasso do acordeão.

— Afastem-se vacas — gritava Aureliano Segundo no paroxismo da festa. — Afastem-se que a vida é curta.

Nunca teve melhor semblante, nem foi mais querido, nem esteve mais arrebatada a parição dos seus animais. Sacrificaram-se tantas reses, tantos porcos e galinhas nas intermináveis festas que a terra se tornou negra e lodosa de tanto sangue. Aquilo era um eterno depósito de ossos e tripas, um monturo de sobras, e tinha que se estar queimando cartuchos de dinamite a toda hora para que os urubus não bicassem os olhos dos convidados. Aureliano Segundo tornou-se gordo, violáceo, atartarugado, em conseqüência de um apetite somente comparável ao de José Arcadio quando regressara da volta ao mundo. O prestígio da sua desenfreada voracidade, da sua imensa capacidade de esbanjamento, da sua hospi-

---

**Cumbia* é a dança popular colombiana por excelência. (N. T.)

talidade sem precedentes ultrapassou os limites do pantanal e atraiu os glutões melhor qualificados do litoral. De todas as partes chegavam comilões fabulosos para tomar parte nos irracionais torneios de capacidade e resistência que se organizavam na casa de Petra Cotes. Aureliano Segundo foi o garfo invicto até o sábado de infortúnio em que apareceu Camila Sagastume, uma fêmea totêmica conhecida no país inteiro pelo bom nome de A Elefanta. O duelo se prolongou até o amanhecer de terça-feira. Nas primeiras vinte e quatro horas, tendo despachado uma vitela com aipim, inhame e banana assada e além disso uma caixa e meia de champanha, Aureliano Segundo estava certo da vitória. Via-se mais entusiasta, mais vital que a imperturbável adversária, possuidora de um estilo evidentemente mais profissional, mas por isso mesmo menos emocionante para o amontoado público que entupiu a casa. Enquanto Aureliano Segundo comia às dentadas, desbocado pela ansiedade do triunfo, A Elefanta seccionava a carne com a arte de um cirurgião e a comia sem pressa e até com um certo prazer. Era gigantesca e maciça, mas contra a corpulência colossal prevalecia a ternura da feminilidade e tinha um rosto tão formoso, umas mãos tão finas e bem cuidadas, e um encanto pessoal tão irresistível que quando Aureliano Segundo a viu entrar em casa comentou em voz baixa que teria preferido não fazer o torneio na mesa e sim na cama. Mais tarde, quando a viu consumir o lombo da vitela sem violar uma só regra da melhor urbanidade, comentou seriamente que aquele delicado, fascinante e insaciável proboscídeo era de certa maneira a mulher ideal. Não estava enganado. A fama de chata que precedeu A Elefanta carecia de fundamento. Não era trituradora de bois, nem mulher barbada num circo grego, como se dizia, mas diretora de uma academia de canto. Tinha aprendido a comer sendo já uma respeitável mãe de família, procurando um método para que os seus filhos se alimentassem melhor e não por meio de estimulantes artificiais do apetite, mas por meio da absoluta tranqüilidade do espírito. A sua teoria, demonstrada na prática, se fundamentava no princípio de que uma pessoa que tivesse perfeitamente arrumados os assuntos da sua consciência podia comer sem trégua até que o cansaço a vencesse. De modo que foi devido a razões morais, e não por interesse esportivo, que deixou a academia e o lar para competir com um homem cuja fama de grande comilão sem princípios tinha dado a volta ao país. Desde a primeira vez que o viu, percebeu que Aureliano Segundo não seria traído pelo estômago, mas pelo temperamento. Ao fim da primeira noite, enquanto A Elefanta continuava impávida, Aureliano Segundo estava se esgotando de tanto falar e rir. Dormiram quatro horas. Ao acordar, cada um bebeu o suco de cinqüenta laranjas, oito litros de café e trinta ovos crus. Na segunda madrugada, depois de muitas horas sem dormir e tendo despachado dois porcos, um cacho de bananas e quatro caixas de champanha, A Elefanta suspeitou que Aureliano Segundo, sem o saber, tinha descoberto o mesmo método que ela, mas pelo caminho absurdo da irresponsabilidade total. Era, pois, mais perigoso do que ela pensara. Entretanto, quando Petra Cotes trouxe para a mesa dois perus assados, Aureliano Segundo estava a um passo da congestão.

— Se não agüenta, não coma mais — disse A Elefanta. — Ficamos empatados.

Disse isso de coração, compreendendo que também ela não podia comer mais sequer um bocado, pelo remorso de estar propiciando a morte do adversário. Mas Aureliano Segundo interpretou aquilo como um novo desafio e engoliu o peru até muito além da sua incrível capacidade. Perdeu a consciência. Caiu de bruços sobre o prato de ossos, espumando pela boca como um cão raivoso e sufocando em grunhidos de agonia. Sentiu, em meio às trevas, que o atiravam do alto de uma torre para um precipício sem fundo e, num último clarão de lucidez, percebeu que no fim daquela interminável queda a morte o estava esperando.

— Levem-me para junto de Fernanda — conseguiu dizer.

Os amigos que o deixaram em casa acreditaram que ele havia cumprido a promessa à esposa de não morrer na cama da concubina. Petra Cotes havia engraxado as botinas de verniz que ele queria calçar no ataúde e já estava procurando alguém que as levasse quando vieram lhe dizer que Aureliano Segundo estava fora de perigo. Restabeleceu-se, efetivamente, em menos de uma semana, e quinze dias depois estava celebrando com uma festança sem precedentes o acontecimento da sobrevivência. Continuou vivendo na casa de Petra Cotes, mas visitava Fernanda todos os dias e às vezes ficava para almoçar com a família, como se o destino tivesse invertido a situação e o tivesse deixado como esposo da concubina e amante da esposa.

Foi um descanso para Fernanda. No tédio do abandono, as suas únicas distrações eram os exercícios de clavicórdio na hora da sesta e as cartas dos seus filhos. Nas detalhadas missivas que lhes mandava de quinze em quinze dias, não havia uma só linha de verdade. Ocultava-lhes os sofrimentos. Escamoteava-lhes a tristeza de uma casa que apesar da luz sobre as begônias, apesar da sufocação das duas da tarde, apesar das freqüentes brisas de festa que chegavam da rua, ficava cada vez mais parecida com a mansão colonial de seus pais. Fernanda vagava sozinha entre três fantasmas vivos e o fantasma morto de José Arcadio Buendía, que às vezes vinha se sentar com uma atenção inquisitiva na penumbra da sala enquanto ela tocava cravo. O Coronel Aureliano Buendía era uma sombra. Desde a última vez que saiu à rua para propor uma guerra sem futuro ao Coronel Gerineldo Márquez, mal abandonava a oficina para urinar debaixo do castanheiro. Não recebia outra visita senão a do barbeiro, de três em três semanas. Alimentava-se de qualquer coisa que Úrsula levasse para ele uma vez por dia e, embora continuasse fabricando peixinhos de ouro com a mesma paixão de antigamente, deixou de vendê-los quando percebeu que as pessoas não os compravam como jóias, mas como relíquias históricas. Tinha feito no quintal uma fogueira com as bonecas de Remedios, que decoravam o seu quarto desde o dia do casamento. A vigilante Úrsula percebeu o que o filho estava fazendo, mas não pôde impedir.

— Você tem um coração de pedra — disse a ele.

— Isto não é caso do coração — disse ele. — O quarto está ficando cheio de traças.

Amaranta tecia a sua mortalha. Fernanda não entendia por que ela escrevia cartas ocasionais a Meme e até lhe mandava presentes, mas, pelo contrário, não queria nem ouvir falar de José Arcadio. "Vão morrer sem saber por quê", respondeu Amaranta quando ela lhe fez a pergunta através de Úrsula, e aquela resposta semeou no seu coração um enigma que nunca pôde esclarecer. Alta, espigada, altiva, sempre vestida com abundantes anáguas de escumilha e com um ar de distinção que resistia aos anos e às más recordações, Amaranta parecia trazer na testa a cruz da virgindade. Realmente a trazia na mão, na venda negra que não tirava nem para dormir e que ela mesma lavava e passava. Sua vida se escoava a bordar o sudário. Afirmava-se que bordava durante o dia e desbordava durante a noite, e não com a esperança de vencer deste modo a solidão, mas, ao contrário, para sustentá-la.

A maior preocupação que tinha Fernanda nos seus anos de abandono era de que Meme viesse passar as primeiras férias e não encontrasse Aureliano Segundo em casa. A congestão pôs fim a esse temor. Quando Meme voltou, seus pais se tinham posto de acordo não só para que a menina acreditasse que Aureliano Segundo continuava sendo um esposo domesticado, como também para que ela não notasse a tristeza da casa. Todos os anos, durante dois meses, Aureliano Segundo representava o papel de marido exemplar e promovia festas com sorvetes e biscoitinhos, que a alegre e vivaz estudante amenizava com o cravo. Era já evidente que tinha herdado muito pouco do temperamento da mãe. Parecia mais uma segunda versão de Amaranta, quando esta ainda não conhecia a amargura e andava alvoroçando a casa com os seus passos de dança, aos doze, aos quatorze anos, antes que a paixão secreta por Pietro Crespi torcesse definitivamente o rumo do seu coração. Mas, ao contrário de Amaranta, ao contrário de todos, Meme não revelava ainda a sina solitária da família e parecia inteiramente de acordo com o mundo, mesmo quando se fechava na sala às duas da tarde para praticar o clavicórdio com uma disciplina inflexível. Era evidente que gostava de casa, que passava o ano todo sonhando com o alvoroço de adolescentes que a sua chegada provocava, e que não andava muito longe da vocação festiva e dos desregramentos hospitaleiros do pai. O primeiro signo dessa herança calamitosa se revelou nas terceiras férias, quando Meme apareceu em casa com quatro freiras e sessenta e oito colegas de classe, a quem convidara para passar uma semana com a família, por iniciativa própria e sem avisar.

— Que desgraça! — lamentou-se Fernanda. — Esta criatura é tão bárbara quanto o pai!

Foi preciso pedir camas e redes aos vizinhos, estabelecer nove turnos na mesa, fixar horários para o banho e conseguir quarenta banquetas emprestadas para que as meninas de uniformes azuis e botinas de homem não andassem o dia inteiro trançando de um lado para o outro. O convite foi um desastre, porque as ruidosas colegiais mal acabavam de tomar café já tinham que começar os turnos para o almoço e em seguida para o jantar, e em toda a semana só puderam fazer um passeio às plantações. Ao anoitecer, as freiras estavam esgotadas, incapazes de se mover, de dar uma ordem a mais, e o tropel de adolescentes incansáveis ainda estava no quintal cantando desafinados hinos escolares. Um dia, por pouco não atropelam Úrsula, que se empenhava em ser útil exatamente onde mais atrapalhava. Outro dia, as freiras armaram um escândalo porque o Coronel Aureliano Buendía urinou debaixo do castanheiro sem se preocupar com o fato de as colegiais estarem no quintal. Amaranta esteve a ponto de semear o pânico, porque uma das freiras entrou na cozinha quando ela estava temperando a sopa e a única coisa que lhe ocorreu foi perguntar o que eram aqueles punhados de pó branco.

— Arsênico — disse Amaranta.

Na noite da chegada, as estudantes se atrapalharam de tal maneira tratando de ir ao reservado antes de se deitar que à uma da madrugada ainda estavam entrando as últimas. Fernanda então comprou setenta e dois penicos, mas só conseguiu transformar o problema noturno num problema matinal, porque desde o amanhecer havia diante do reservado uma longa fila de moças, cada uma com o seu penico na mão, esperando a vez para lavá-lo. Embora algumas sofressem de febre e várias ficassem com as mordidas dos mosquitos inflamadas, a maioria demonstrou uma resistência inquebrantável diante das dificuldades mais penosas e mesmo na hora de mais calor corriam no jardim. Quando finalmente foram embora, as flores estavam destruídas, os móveis partidos e as paredes cobertas de desenhos e letreiros, mas Fernanda perdoou-lhes os estragos diante do alívio da partida. Devolveu as camas e banquetas emprestadas e guardou os setenta e dois penicos no quarto de Melquíades. O cômodo enclausurado, em torno do qual girara em outros tempos a vida espiritual da casa, ficou conhecido a partir de então como *o quarto dos penicos*. Para o Coronel Aureliano Buendía, esse era o nome mais apropriado, porque enquanto o resto da família continuava se assombrando de que a peça de Melquíades fosse imune ao pó e à destruição, ele a via transformada numa lixeira. De qualquer maneira, não lhe parecia importar quem estava com razão, e se soube do destino do quarto foi porque Fernanda esteve passando e perturbando o seu trabalho durante uma tarde inteira para guardar os penicos.

Por esses dias reapareceu José Arcadio Segundo em casa. Passava de longe pela varanda, sem cumprimentar ninguém, e se trancava na oficina para conversar com o coronel. Apesar de não poder vê-lo, Úrsula estudava o ruído das suas botas de capataz e se surpreendia com a distância irremediável que o separava da família, inclusive do irmão gêmeo, com quem brincava na infância os engenhosos truques de confusão e com o qual já não tinha nenhum traço em comum. Era comprido, solene, e tinha um ar pensativo, e uma tristeza de sarraceno, e um brilho lúgubre no rosto cor de outono. Era o que mais se parecia com a mãe, Santa Sofía de la Piedad. Úrsula reprovava em si a tendência a se esquecer dele ao falar da família, mas quando o sentiu de novo em casa e percebeu que o coronel o admitia na oficina durante as horas de trabalho, voltou a examinar as suas velhas lembranças e confirmou a crença de que em algum momento da infância ele se confundira com o irmão gêmeo, porque era ele e não o outro quem devia se chamar Aureliano. Ninguém conhecia os pormenores da sua vida. Em certa época, sabia-se que não tinha residência fixa, que criava galos na casa de Pilar Ternera e que às vezes ficava para dormir ali, mas que quase sempre passava a noite nos quartos das matronas francesas. Andava à deriva, sem afetos, sem ambições, como uma estrela errante no sistema planetário de Úrsula.

Realmente, José Arcadio Segundo não era membro da família, nem o seria jamais de outra, desde a madrugada distante em que o Coronel Gerineldo Márquez o levara ao quartel, não para que visse um fuzilamento, mas para que não se esquecesse para o resto da vida do sorriso triste e um pouco irônico do fuzilado. Aquela não era apenas a sua lembrança mais antiga, mas também a única da sua meninice. A outra, a de um ancião com um casaco anacrônico e um chapéu de asas de corvo que contava maravilhas diante de uma janela deslumbrante, não conseguia situar em nenhuma época. Era uma lembrança incerta, inteiramente desprovida de ensinamentos ou saudade, ao contrário da lembrança do fuzilado que, na realidade, tinha definido o rumo da sua vida e regressava à sua memória, cada vez mais nítida à medida que envelhecia, como se o transcurso do tempo a viesse aproximando. Úrsula tratou de aproveitar José Arcadio Segundo para que o Coronel Aureliano Buendía abandonasse o seu enclausuramento. "Convença-o a ir ao cinema", dizia a ele. "Embora não goste dos filmes, terá pelo menos uma ocasião de respirar ar puro." Mas não tardou a perceber que ele era tão insensível às suas súplicas quanto teria sido o coronel e que estavam encouraçados pela mesma impermeabilidade aos afetos. Embora nunca soubesse, nem o soubesse ninguém, do que falavam nas prolongadas entrevistas na oficina, entendeu que eram eles os únicos membros da família que pareciam vinculados por afinidades.

A verdade é que nem José Arcadio Segundo poderia tirar o coronel do seu enclausuramento. A invasão escolar fora demais para os limites da sua paciência. Com o pretexto de que o quarto nupcial estava à mercê das traças apesar da destruição das apetitosas bonecas de Remedios, pendurou uma rede na oficina e agora só a abandonava para ir ao quintal fazer as suas necessidades. Úrsula não conseguiu alinhavar com ele uma conversa trivial. Sabia que ele não olhava os pratos de comida, mas que os punha no canto da mesa enquanto terminava o peixinho e não se importava se a sopa criasse crostas de gordura e se a carne esfriasse. Endureceu-se cada vez mais desde que o Coronel Gerineldo Márquez se negou a segui-lo numa guerra senil. Fechou-se com tranca dentro de si mesmo e a família acabou por pensar nele como se tivesse morrido. Não se voltou a ver nele nenhuma reação humana até um onze de outubro em que saiu à porta da rua para ver o desfile de um circo. Aquele tinha sido para o Coronel Aureliano Buendía um dia igual a todos os dos seus últimos anos. Às cinco da madrugada foi acordado pelo alvoroço dos sapos e dos grilos do lado de fora da parede. A chuvinha persistia desde sábado e ele não teria tido necessidade de ouvir o seu minucioso cochicho nas folhas do jardim, porque de todo jeito tê-la-ia sentido no frio dos ossos. Estava, como sempre, vestido com a manta de lã e com as ceroulas de algodão cru que continuava usando por comodidade, embora por causa do seu empoeirado anacronismo ele mesmo as chamasse de "cuecas de godo". Pôs as calças justas, mas não deu os laços nem colocou no colarinho da camisa o botão de ouro que usava sempre, porque tinha o propósito de tomar um banho. Em seguida pôs a manta na cabeça, como um capuz, penteou com os dedos o bigode caído e foi urinar no quintal. Faltava tanto para que saísse o sol que José Arcadio Buendía ainda cochilava debaixo da coberta de sapé já podre por causa da chuva. Ele não o viu, como não o havia visto nunca, nem ouviu a frase incompreensível que lhe dirigiu o espectro de seu pai quando acordou sobressaltado pelo jato de urina quente que lhe salpicava os sapatos. Deixou o banho para mais tarde, não por causa do frio e da umidade, mas por causa da névoa opressiva de outubro. De volta à oficina sentiu o cheiro de pavio do fogo que Santa Sofía de la Piedad estava acendendo e esperou na cozinha que o café fervesse, para levar a sua caneca sem açúcar. Santa Sofía de la Piedad perguntou-lhe, como todas as manhãs, em que dia da semana estavam e ele respondeu que era terça-feira, onze de outubro. Vendo a impávida mulher dourada pelo brilho do fogo, que nem nesse nem em nenhum outro momento da sua vida parecia existir por completo, lembrou-se de repente de que um onze de outubro, em plena guerra, acordou-o a certeza brutal de que a mulher com quem tinha dormido estava morta. Estava, realmente, e não se esquecia da data porque ela também lhe havia perguntado uma hora antes em que dia estavam. Apesar da evocação, desta vez também não teve consciência de até que ponto o tinham abandonado os presságios, e enquanto o café fervia continuou pensando por pura curiosidade, mas sem o mais insignificante traço de nostalgia, na mulher cujo nome nunca soube e cujo rosto não viu com vida porque tinha chegado à sua rede tropeçando no escuro. Entretanto, no vazio de tantas mulheres como as que chegaram à sua vida da mesma forma, não se lembrou de que foi ela a que no delírio do primeiro encontro estava quase por naufragar nas próprias lágrimas e apenas uma hora antes de morrer jurara amá-lo até a morte. Não voltou a pensar nela, nem em nenhuma outra, depois que entrou na oficina com a xícara fumegante e acendeu a luz para contar os peixinhos de ouro que guardava num pote de lata. Havia dezessete. Desde que decidira não vendê-los, continuava fabricando dois peixinhos por dia, e quando completava vinte e cinco voltava a fundi-los no crisol para começar a fazê-los de novo. Trabalhou a manhã inteira, absorto, sem pensar em nada, sem se dar conta de que às dez aumentara a chuva e alguém passava diante da oficina gritando que fechassem as portas para que a casa não inundasse, e sem se dar conta sequer de si mesmo até que Úrsula entrou com o almoço e apagou a luz.

— Que chuva! — disse Úrsula.

— Outubro — disse ele.

Ao dizê-lo, não levantou a vista do primeiro peixinho do dia, porque estava engastando os rubis dos olhos. Só quando o terminou e o pôs com os outros no pote é que começou a tomar a sopa. Em seguida comeu, muito devagar, o pedaço de carne ensopada com cebola, o arroz branco e as fatias de banana frita, tudo junto no mesmo prato. O seu apetite não se alterava nem nas melhores nem nas mais duras circunstâncias. Ao fim do almoço experimentou a derrota da ociosidade. Por uma espécie de superstição científica, nunca trabalhava, nem lia, nem tomava banho, nem fazia amor, antes de que transcorressem duas horas de digestão, e era uma crença tão arraigada que várias vezes atrasou operações de guerra para não submeter a tropa aos riscos de uma congestão. De modo que se deitou na rede, tirando a cera dos ouvidos com um canivete e, em poucos minutos, adormeceu. Sonhou que entrava numa casa vazia, de paredes brancas, e que se inquietava com a angústia de ser o primeiro ser humano que entrava nela. No sonho recordou que havia sonhado o mesmo na noite anterior e em muitas noites dos últimos anos, e soube que a imagem se apagaria de sua memória ao acordar, porque aquele sonho teimoso tinha a virtude de não ser recordado a não ser dentro do mesmo sonho. Um momento depois, com efeito, quando o barbeiro bateu na porta da oficina, o Coronel Aureliano Buendía acordou com a impressão de que involuntariamente tinha adormecido por breves segundos e que não tinha tido tempo de sonhar nada.

— Hoje não — disse ao barbeiro. — Volte na sexta-feira.

Tinha uma barba de três dias, salpicada de pêlos brancos, mas achava melhor não se barbear, pois na sexta-feira ia cortar o cabelo e podia fazer tudo ao mesmo tempo. O suor pegajoso da sesta indesejável reviveu nas suas axilas as cicatrizes dos furúnculos. Havia estiado, mas ainda não saíra o sol. O Coronel Aureliano Buendía emitiu um arroto sonoro que devolveu ao paladar a acidez da sopa e que foi como uma ordem do organismo para que jogasse a manta nos ombros e fosse ao reservado. Ali permaneceu mais do que o tempo necessário, agachado sobre a densa fermentação que subia do caixote de madeira, até que o costume lhe indicou que era hora de reiniciar o trabalho. Durante o tempo que durou a espera voltou a se lembrar de que era terça-feira e de que José Arcadio Segundo não tinha estado na oficina porque era dia de pagamento nas fazendas da companhia bananeira. Essa lembrança, como todas as dos últimos anos, passou sem que viesse ao caso pensar na guerra. Lembrou-se de que o Coronel Gerineldo Márquez lhe havia prometido, certa vez, conseguir um cavalo com uma estrela branca na testa e que nunca se voltara a falar disso. Em seguida, derivou para episódios dispersos, mas os evocou sem qualificá-los, porque de tanto não poder pensar em outra coisa tinha aprendido a pensar a frio, para que as lembranças iniludíveis não lhe estragassem nenhum sentimento. De volta à oficina, vendo que o ar começava a secar, decidiu que era um bom momento para tomar um banho, mas Amaranta se havia antecipado a ele. De modo que começou o segundo peixinho do dia. Estava engatando o rabo quando o sol saiu com tanta força que a claridade rangeu como uma canoa. O ar lavado pela chuvinha de três dias se encheu de tanajuras. Então caiu em si, percebendo que tinha vontade de urinar e estava adiando até que acabasse de armar o peixinho. Ia para o quintal, às quatro e dez, quando ouviu os instrumentos longínquos, as batidas do bumbo e a alegria das crianças, e pela primeira vez desde a juventude pisou conscientemente numa armadilha da saudade e reviveu a prodigiosa tarde de ciganos em que o seu pai o levou para conhecer o gelo. Santa Sofía de la Piedad abandonou o que estava fazendo na cozinha e correu para a porta.

— É o circo — gritou.

Em vez de se dirigir ao castanheiro, o Coronel Aureliano Buendía foi também para a porta da rua e se misturou com os curiosos que contemplavam o desfile. Viu uma mulher vestida de ouro no cangote de um elefante. Viu um dromedário triste. Viu um urso vestido de holandesa que marcava o compasso da música com uma concha e uma caçarola. Viu os palhaços virando cambalhotas no final do desfile e viu outra vez a cara da sua solidão miserável quando tudo acabou de passar e não ficou senão o luminoso espaço na rua e o ar cheio de tanajuras e uns quantos curiosos próximos ao precipício da incerteza. Então foi para o castanheiro, pensando no circo, e enquanto urinava tentou continuar pensando no circo, mas já não encontrou a lembrança. Meteu a cabeça entre os ombros, como um frango, e ficou imóvel com a testa apoiada no tronco do castanheiro. A família não soube de nada até o dia seguinte, às onze da manhã, quando Santa Sofía de la Piedad foi jogar o lixo no quintal e lhe chamou a atenção o fato de estarem baixando os urubus.

AS ÚLTIMAS férias de Meme coincidiram com o luto pela morte do Coronel Aureliano Buendía. Na casa fechada não havia lugar para festas. Falava-se por sussurros, comia-se em silêncio, rezava-se o rosário três vezes por dia e até os exercícios de clavicórdio, no calor da sesta, tinham uma ressonância fúnebre. Apesar da sua secreta hostilidade contra o coronel, foi Fernanda quem impôs o rigor daquele luto, impressionada com a solenidade com que o Governo exaltou a memória do inimigo morto. Aureliano Segundo, como de costume, voltou a dormir em casa durante as férias da filha; e alguma coisa Fernanda deve ter feito para recuperar os seus privilégios de esposa legítima, porque no ano seguinte Meme encontrou uma irmãzinha recém-nascida, a quem batizaram, contra a vontade da mãe, com o nome de Amaranta Úrsula.

Meme terminara os estudos. O diploma que a credenciava como concertista de clavicórdio foi ratificado pelo virtuosismo com que executou temas populares do século XVII na festa organizada para celebrar a sua formatura e com a qual se pôs fim ao luto. Os convidados admiraram, mais do que a arte, a sua estranha dualidade. Seu temperamento frívolo e até um pouco infantil não parecia adequado a nenhuma atividade séria, mas quando se sentava ao clavicórdio se transformava numa moça diferente, a quem a maturidade imprevista trazia um ar de adulto. Sempre fora assim. Na verdade não tinha uma vocação definida, mas conseguira as notas mais altas através de uma disciplina inflexível, para não contrariar a mãe. Poderiam ter-lhe imposto a aprendizagem de qualquer outro ofício e os resultados seriam os mesmos. Desde muito menina a incomodava o rigor de Fernanda, o seu costume de decidir pelos outros, e teria sido capaz de um sacrifício muito mais duro que as lições de clavicórdio, só para não tropeçar na sua intransigência. No ato de encerramento, teve a impressão de que o pergaminho com letras góticas e maiúsculas ornamentadas a liberava de um compromisso que tinha aceito não tanto por obediência quanto por comodidade, e acreditou que a partir de então nem a teimosa Fernanda tornaria a se preocupar com um instrumento que até as freiras consideravam como um fóssil de museu. Nos primeiros anos pensou que os seus cálculos estavam errados, porque depois de ter feito adormecer meia cidade não só na sala de visitas, mas também em quantos saraus beneficentes, festas escolares e comemorações patrióticas foram celebrados em Macondo, sua mãe continuou convidando a todo recém-chegado que supunha capaz de apreciar as virtudes da filha. Só depois da morte de Amaranta, quando a família voltou a se fechar por algum tempo no luto, é que Meme pôde trancar o clavicórdio e esquecer a chave em algum armário, sem que Fernanda se incomodasse em verificar em que momento nem por culpa de quem ela se havia extraviado. Meme resistiu às exibições com o mesmo estoicismo com que se consagrara à aprendizagem. Era o preço da sua liberdade. Fernanda estava tão satisfeita com a sua docilidade e tão orgulhosa da admiração que a sua arte despertava que nunca se opôs a que tivesse a casa sempre cheia de amigas e passasse a tarde nas plantações e fosse ao cinema com Aureliano Segundo ou com senhoras de confiança, sempre que o filme tivesse sido autorizado no púlpito pelo Padre Antonio Isabel. Naqueles momentos de descontração é que se revelavam os verdadeiros gostos de Meme. A sua felicidade estava no outro extremo da disciplina, nas festas ruidosas, nos fuxicos de namoro, em trancar-se prolongadamente com as amigas em cantos onde aprendiam a fumar e conversavam de assuntos de homem, e onde uma vez passaram a mão em três garrafas de rum e acabaram nuas, medindo e comparando as partes do corpo. Meme não se esqueceu nunca da noite em que entrou em casa mastigando alcaçuz e, sem que percebessem a sua perturbação, sentou-se à mesa em que Fernanda e Amaranta jantavam sem se dirigir a palavra. Tinha passado duas horas tremendas no quarto de uma amiga, chorando de rir e de medo, e no outro lado da crise encontrara o estranho sentimento de valentia que lhe faltara para fugir do colégio e dizer à mãe, com estas ou com outras palavras, que ela podia muito bem tomar uma lavagem de clavicórdio. Sentada na cabeceira da mesa, tomando um caldo de galinha que lhe caía no estômago como um elixir de ressurreição, Meme viu, então, Fernanda e Amaranta envoltas no halo acusador da realidade. Teve que fazer um esforço enorme para não jogar na cara delas os seus gestos, a sua pobreza de espírito, os seus delírios de grandeza. Desde as segundas férias que sabia que o pai só vivia em casa para salvar as aparências, e conhecendo Fernanda como conhecia, e tendo dado um jeito, mais tarde, de conhecer Petra Cotes, dera razão ao pai. Ela também teria preferido ser filha da concubina. No embotamento do álcool, Meme pensava com deleite no escândalo que teria provocado se, naquele momento, tivesse expressado os seus pensamentos e foi tão intensa a satisfação íntima da picardia que Fernanda percebeu.

— O que é que há com você? — perguntou.

— Nada — respondeu Meme. — É que só agora descobri como eu amo vocês.

Amaranta assustou-se com a evidente carga de ódio que trazia a declaração. Mas Fernanda ficou tão comovida que pensou que ia ficar louca quando Meme acordou à meia-noite com a cabeça estalando de dor e sufocando em vômitos de bile. Deu-lhe um frasco de óleo de rícino, aplicou-lhe cataplasma no ventre e bolsas de gelo na cabeça, e obrigou-a a seguir a dieta e o repouso de cinco dias ordenados pelo novo e extravagante médico francês que, depois de examiná-la durante mais de duas horas, chegou à conclusão nebulosa de que tinha uma perturbação própria de mulher. Abandonada pela valentia, num miserável estado de desmoralização, não lhe restou outro recurso senão agüentar. Úrsula, já completamente cega, mas ainda ativa e lúcida, foi a única que intuiu o diagnóstico exato. "Para mim", pensou, "estas são as mesmas coisas que acontecem com os bêbados." Mas não só recusou a idéia, como também reprovou a leviandade do pensamento. Aureliano Segundo sentiu a consciência doendo quando viu o estado de prostração de Meme e prometeu a si mesmo se ocupar mais dela no futuro. Foi assim que nasceu a relação de alegre camaradagem entre o pai e a filha, que o livrou por algum tempo da amarga solidão das festanças e livrou a ela da autoridade de Fernanda sem ter que provocar a crise doméstica que já parecia inevitável. Aureliano Segundo passou a adiar qualquer compromisso para estar com Meme, para levá-la ao cinema ou ao circo, e lhe dedicava a maior parte do seu ócio. Nos últimos tempos, o estorvo da obesidade absurda que já não lhe permitia amarrar os cordões dos sapatos, e a satisfação abusiva de toda espécie de apetites, tinham começado a lhe azedar o temperamento. A descoberta da filha restituiu-lhe a antiga jovialidade e o prazer de estar com ela o ia afastando pouco a pouco da dissipação. Meme despontava para uma idade frutífera. Não era bela, como nunca o fora Amaranta, mas em compensação era simpática, simples, e tinha a virtude de causar boa impressão desde o primeiro momento. Tinha um espírito moderno que feria a antiquada sobriedade e o mal dissimulado coração avaro de Fernanda e que, pelo contrário, Aureliano Segundo sentia prazer em patrocinar. Foi ele quem resolveu tirá-la do quarto que ocupava desde menina e onde os olhos assombrados dos santos continuavam alimentando os seus terrores de adolescente, e mobiliou para ela um aposento com uma cama de dossel, uma penteadeira ampla e cortinas de veludo, sem perceber que estava fazendo uma segunda versão do dormitório de Petra Cotes. Era tão pródigo com Meme que nem sequer sabia quanto dinheiro lhe dava, porque ela mesma o tirava dos seus bolsos; e a mantinha em dia com quanta novidade embelezadora chegasse aos armazéns da companhia bananeira. O quarto de Meme se encheu de pedra-pomes para lustrar as unhas, enroladores de cabelo, polidores de dentes, colírios para fazer o olhar lânguido, e tantos e tão inovadores cosméticos e aparelhos de beleza que cada vez que Fernanda entrava no dormitório se escandalizava com a idéia de que a penteadeira da filha devia ser igual à das matronas francesas. Entretanto, Fernanda andava nessa época com o tempo dividido entre a pequena Amaranta Úrsula, que era caprichosa e doentia, e uma emocionante correspondência com os médicos invisíveis. Por isso, quando notou a cumplicidade do pai com a filha, a única promessa que arrancou de Aureliano Segundo foi a de que nunca levaria Meme à casa de Petra Cotes. Era uma advertência sem sentido, porque a concubina estava tão amolada com a camaradagem do amante com a filha que não queria saber de nada com ela. Atormentava-a um temor desconhecido, como se o instinto lhe indicasse que Meme, bastando querer, poderia conseguir o que Fernanda não pudera: privá-la de um amor que já considerava assegurado até a morte. Pela primeira vez, Aureliano Segundo teve que agüentar as caras fechadas e as violentas ladainhas da concubina, e temeu até que os seus levados e trazidos baús fizessem o caminho de volta para a casa da esposa. Isto não aconteceu. Ninguém conhecia melhor um homem que Petra Cotes o seu amante, e ela sabia que os baús ficariam no lugar para onde tivessem sido mandados, porque se havia uma coisa que Aureliano Segundo detestava era complicar a vida com retificações e mudanças. De modo que os baús ficaram onde estavam e Petra Cotes se empenhou em reconquistar o homem afiando as únicas armas com que a filha não podia lutar. O que foi também um trabalho desnecessário, porque Meme nunca tivera o propósito de intervir nos assuntos particulares do pai e certamente se o fizesse seria em favor da concubina. Não lhe sobrava tempo para amolar ninguém. Ela mesma varria o quarto e arrumava a cama, como lhe ensinaram as freiras. De manhã se ocupava da sua roupa, bordando na varanda ou cosendo na velha máquina de manivela de Amaranta. Enquanto os outros faziam a sesta, praticava o clavicórdio durante duas horas, sabendo que o sacrifício diário manteria Fernanda calma. Pelo mesmo motivo, continuava oferecendo concertos em bazares eclesiásticos e festas escolares, embora as solicitações fossem cada vez menos freqüentes. À tardinha se arrumava, punha as suas roupas simples e as suas duras botinas e, se não tinha nada para fazer com o pai, ia à casa de suas amigas, onde ficava até a hora do jantar. Era excepcional que Aureliano Segundo não fosse buscá-la para levá-la ao cinema.

Entre as amigas de Meme havia três jovens norte-americanas que tinham rompido o cerco do galinheiro eletrificado e feito amizade com moças de Macondo. Uma delas era Patricia Brown. Agradecido à hospitalidade de Aureliano Segundo, o Sr. Brown abriu as portas da sua casa a Meme e a convidou para os bailes de sábado, que eram os únicos em que os ianques se misturavam com os nativos. Quando Fernanda soube, esqueceu-se por um momento de Amaranta Úrsula e dos médicos invisíveis e armou todo um melodrama. "Imagine", disse a Meme, "o que vai pensar o coronel no túmulo." Procurava, é claro, o apoio de Úrsula. Mas a anciã cega, ao contrário do que todos esperavam, considerou que não havia nada de reprovável em Meme assistir aos bailes e cultivar amizade com as norte-americanas da sua idade, desde que conservasse a firmeza do seu caráter e não se deixasse converter à religião protestante. Meme captou muito bem o pensamento da tataravó e, no dia seguinte aos bailes, se levantava mais cedo do que de costume para ir à missa. A oposição de Fernanda persistiu até o dia em que Meme a desarmou com a notícia de que os norte-americanos queriam ouvi-la tocar clavicórdio. O instrumento foi tirado uma vez mais de casa e levado para a do Sr. Brown, onde efetivamente a jovem concertista recebeu os aplausos mais sinceros e as felicitações mais entusiastas. A partir de então não só a convidavam para os bailes, mas também para os banhos dominicais na piscina e para almoçar uma vez por semana. Meme aprendeu a nadar como uma profissional, a jogar tênis e a comer presunto de Virgínia com fatias de abacaxi. Entre bailes, piscina e tênis, viu-se de repente falando inglês. Aureliano Segundo se entusiasmou tanto com os progressos da filha que comprou de um caixeiro viajante uma enciclopédia inglesa em seis volumes e com numerosas ilustrações a cores que Meme lia nas horas vagas. A leitura ocupou a atenção que antes destinava aos fuxicos de namoro ou aos segredos experimentais com as suas amigas, não porque o impusesse como disciplina, mas porque já tinha perdido todo o interesse em comentar mistérios que eram do domínio público. Recordava a bebedeira como uma aventura infantil e lhe parecia tão divertida que contou a Aureliano Segundo, a quem pareceu mais divertida ainda. ''Se a sua mãe soubesse'', disse a ela, sufocando de rir, como dizia sempre que ela lhe fazia uma confidência. Ele lhe havia feito prometer que com essa mesma intimidade pô-lo-ia a par do seu primeiro namoro e Meme lhe havia contado que simpatizava com um cabelo-de-fogo norte-americano que tinha vindo passar as férias com os pais. ''Que horror'', riu Aureliano Segundo. ''Se a sua mãe soubesse.'' Mas Meme contou também que o rapaz tinha regressado ao seu país e não dera mais sinal de vida. A sua maturidade de espírito assegurou a paz doméstica. Aureliano Segundo, então, dedicava mais horas a Petra Cotes e, embora já o corpo e a alma não estivessem para farras como as de antes, não perdia ocasião de promovê-las e desencafuar o acordeão, que já tinha algumas teclas amarradas com cordões de sapatos. Em casa, Amaranta bordava a sua interminável mortalha e Úrsula se deixava arrastar pela decrepitude até o fundo das trevas, onde a única coisa que continuava sendo visível era o espectro de José Arcadio Buendía debaixo do castanheiro. Fernanda consolidou a sua autoridade. As cartas mensais ao filho José Arcadio não traziam mais sequer uma linha de mentira e só escondia dele a sua correspondência com os médicos invisíveis, que lhe haviam diagnosticado um tumor benigno no intestino grosso e a estavam preparando para uma intervenção telepática.

Ter-se-ia dito que na cansada mansão dos Buendía havia paz e felicidade rotineira para muito tempo, se a intempestiva morte de Amaranta não tivesse promovido um novo escândalo. Foi um acontecimento inesperado. Embora estivesse velha e afastada de todos, ainda parecia firme e reta e com a saúde de ferro que sempre tivera. Ninguém mais soube do seu pensamento, desde a tarde em que recusou definitivamente o Coronel Gerineldo Márquez e se trancou no quarto chorando. Quando saiu, tinha esgotado todas as suas lágrimas. Não foi vista chorando com a subida ao céu de Remedios, a bela, nem com o extermínio dos Aurelianos, nem com a morte do Coronel Aureliano Buendía, que era a pessoa a quem mais amara neste mundo, embora só o pudesse demonstrar quando encontraram o cadáver debaixo do castanheiro. Ela ajudou a levantar o corpo. Vestiu-o com os seus enfeites de guerreiro, barbeou-o, penteou-o, e engomou-lhe o bigode melhor do que ele mesmo o fazia nos seus anos de glória. Ninguém pensou que houvesse amor naquele ato, porque estavam acostumados com a familiaridade de Amaranta para com os ritos da morte. Fernanda se escandalizava com o fato de ela não entender as relações do catolicismo com a vida, mas unicamente as suas relações com a morte, como se não fosse uma religião mas um prospecto de convencionalismos funerários. Amaranta estava perdida por demais no labirinto das suas lembranças para entender aquelas sutilezas apologéticas. Tinha chegado à velhice com todas as suas saudades vivas. Quando escutava as valsas de Pietro Crespi sentia a mesma vontade de chorar que tivera na adolescência, como se o tempo e as suas punições não tivessem servido para nada. Os rolos de música que ela mesma jogara no lixo, com o pretexto de que estavam apodrecendo com a umidade, continuavam girando e percutindo os marteletes na sua memória. Tinha tentado afogálos na paixão pantanosa que se permitira com o seu sobrinho Aureliano José e tinha tentado se refugiar na proteção serena e viril do Coronel Gerineldo Márquez, mas não conseguira derrotá-los nem com o ato mais desesperado da sua velhice, quando banhava o pequeno José Arcadio, três anos antes de que o mandassem para o seminário, e o acariciava não como faria uma avó com um neto, mas como teria feito uma mulher com um homem, como se contava que faziam as matronas francesas, e como ela quisera fazer com Pietro Crespi, aos doze, aos quatorze anos, quando o vira com a sua malha de balé e a varinha mágica com que marcava o compasso do metrônomo. Às vezes lhe doía ter deixado com a sua passagem aquele riacho de miséria e às vezes sentia tanta raiva que espetava os dedos nas agulhas, porém mais lhe doía e com mais raiva ficava e mais lhe amargava o fragrante e bichado goiabal de amor que ia arrastando até a morte.* Do mesmo jeito como o Coronel Aureliano Buendía pensava na guerra sem o poder evitar, Amaranta pensava em Rebeca. Mas enquanto seu irmão tinha conseguido esterilizar as lembranças, ela só tinha conseguido avivá-las. A única coisa que rogou a Deus durante muitos anos foi que não lhe impingisse o castigo de morrer antes de Rebeca. Cada vez que passava pela sua casa e notava os progressos da destruição, se satisfazia com a idéia de que Deus a estava ouvindo. Uma tarde, quando costurava

---

*Tendo sido impossível encontrar uma expressão equivalente em português ao excelente "achado" literário de Gabriel García Márquez, feito sobre um emprego regional (Antilhas, Colômbia e El Salvador) do *guayaba*, preferimos manter a imagem, acrescida desta nota: a goiaba é uma fruta que bicha com muita freqüência e sem apresentar marcas externas que sirvam de aviso à pessoa que come. A partir daí, da conotação afetiva de frustração que se desenvolveu no seu significado, a palavra passou a ser empregada em sentido figurado, nas regiões da América Hispânica que assinalamos, com a denotação de *mentira, embuste*. Gabriel García Márquez vai aproveitar a expressividade do uso lingüístico popular recriando-o analiticamente, através, principalmente, da adjetivação contrastante *fragante y agusanado* — não só o desequilíbrio entre a caracterização eticamente positiva *fragante* e a eticamente negativa *agusanado* entra na conta da expressividade; também a própria escolha das palavras na série sinonímica vem a intensificar o desequilíbrio, já que *fragante* é um termo que pertence à tradição do clichê literário ("nobre", portanto), enquanto que *agusanado* é o termo normal da linguagem agrícola sem idealização estética. A hipérbole *guayabal* intensifica grotescamente a ironia da adjetivação. (N. T.)

na varanda, teve a certeza de que estaria sentada nesse lugar, nessa mesma posição e sob essa mesma luz quando lhe trouxessem a notícia da morte de Rebeca. Sentou-se para esperá-la como quem espera uma carta e a verdade é que em certa época arrancava botões para tornar a pregá-los de modo a que a ociosidade não tornasse mais longa e angustiosa a espera. Ninguém se deu conta em casa de que Amaranta tecera naquela época uma linda mortalha para Rebeca. Mais tarde, quando Aureliano Triste contou que a havia visto tranformada numa imagem de assombração, com a pele enrugada e umas poucas fibras amareladas no crânio, Amaranta não se surpreendeu, porque o espectro descrito era igual ao que ela imaginava há muito tempo. Tinha decidido restaurar o cadáver de Rebeca, dissimular com parafina os estragos do rosto e fazer-lhe uma peruca com o cabelo dos santos. Fabricaria um cadáver formoso com a mortalha de linho e um ataúde forrado de veludo com camadas de púrpura e o poria à disposição dos vermes em funerais esplêndidos. Elaborou o plano com tanto ódio que estremeceu com a idéia de que agiria da mesma maneira se fosse por amor, mas não se deixou aturdir pela confusão, e sim continuou aperfeiçoando os detalhes tão minuciosamente que chegou a ser mais do que uma especialista, uma *virtuose* nos ritos da morte. A única coisa que não levou em conta no seu plano macabro foi que, apesar das súplicas a Deus, ela podia morrer primeiro que Rebeca. E assim aconteceu, realmente. No instante final, porém, Amaranta não se sentiu frustrada, mas pelo contrário libertada de toda a amargura, porque a morte lhe concedera o privilégio de se anunciar com vários anos de antecedência. Viu-a num meio-dia ardente, costurando com ela na varanda, pouco depois de Meme ir para o colégio. Reconheceu-a imediatamente e não havia nada de pavoroso na morte porque era uma mulher vestida de azul, com o cabelo comprido, de aspecto um pouco antiquado e uma certa semelhança com Pilar Ternera na época em que ajudava nos serviços de cozinha. Várias vezes Fernanda esteve presente e não a viu, apesar de ser tão real, tão humana, que numa ocasião pediu a Amaranta o favor de enfiar-lhe a linha na agulha. A morte não lhe disse quando ela ia morrer nem se a sua hora estava marcada para antes da de Rebeca, mas sim lhe ordenou que começasse a tecer a sua própria mortalha no próximo seis de abril. Autorizou-a a fazê-la tão complicada e primorosa quanto quisesse, mas tão honradamente como fizera a de Rebeca, e lhe avisou que haveria de morrer sem dor nem medo nem amargura, ao anoitecer do dia em que a terminasse. Tentando perder a maior quantidade de tempo possível, Amaranta encomendou as meadas de linho e ela mesma teceu a fazenda. Fê-lo com tanto cuidado que somente este trabalho levou quatro anos. Em seguida, iniciou o bordado. À medida que se aproximava o fim irremediável, ia compreendendo que só um milagre permitiria que prolongasse o trabalho para além da morte de Rebeca; mas a própria concentração lhe proporcionou a calma que lhe faltava para aceitar a idéia de uma frustração. Foi então que entendeu o círculo vicioso dos peixinhos de ouro do Coronel Aureliano Buendía.

O mundo se reduziu à superfície da sua pele e o interior ficou a salvo de toda a amargura. Doeu-lhe não ter tido aquela revelação muitos anos antes, quando ainda seria possível purificar as lembranças e reconstruir o Universo sob uma luz nova e evocar sem estremecer o cheiro de alfazema de Pietro Crespi ao entardecer e resgatar Rebeca do seu ambiente de miséria, não por ódio nem por amor, mas pela compreensão sem limite da solidão. O ódio que percebeu certa noite nas palavras de Meme não a comoveu porque a ofendesse, mas porque se sentiu repetida em outra adolescência que parecia tão limpa como devia ter parecido a sua e que, entretanto, já estava viciada pelo rancor. Mas na época já era tão profunda a conformidade com o seu destino que nem sequer a inquietou a certeza de que estavam fechadas todas as possibilidades de retificação. O seu único objetivo foi terminar a mortalha. Em vez de retardá-la com preciosismos inúteis, como fizera a princípio, apressou o trabalho. Uma semana antes, calculou que daria o último ponto na noite de quatro de fevereiro e, sem revelar o motivo, sugeriu a Meme que antecipasse um concerto de clavicórdio que tinha previsto para o dia seguinte, mas ela não lhe fez caso. Amaranta procurou então uma maneira de se atrasar quarenta e oito horas e até pensou que a morte a estava satisfazendo, porque na noite de quatro de fevereiro uma tempestade desarranjou a rede elétrica. Mas no dia seguinte, às oito da manhã, deu o último ponto no trabalho mais primoroso que mulher alguma terminara jamais e anunciou sem o menor dramatismo que morreria ao entardecer. Preveniu não só a família como toda a população, porque Amaranta se metera na cabeça que poderia reparar toda uma vida de mesquinharia com um último favor ao mundo, e pensou que nenhum era melhor do que levar cartas aos mortos.

A notícia de que Amaranta Buendía zarpava ao crepúsculo, levando o correio da morte, foi divulgada em Macondo antes do meio-dia e, às três da tarde, já havia na sala um caixote cheio de cartas. Os que não quiseram escrever deram a Amaranta recados verbais que ela anotou numa caderneta, com o nome e a data de morte do destinatário. "Não se preocupe", tranqüilizava os remetentes. "A primeira coisa que farei ao chegar será perguntar por ele, e então darei o seu recado." Parecia uma farsa. Amaranta não revelava nenhuma perturbação, nem o mais leve sinal de dor e até parecia um pouco rejuvenescida pelo dever cumprido. Estava tão erecta e esbelta como sempre. Não fossem as maçãs do rosto endurecidas e a falta de alguns dentes, pareceria muito menos velha do que era na realidade. Ela mesma ordenou que se pusessem as cartas numa caixa lacrada e indicou a maneira como deveria ser colocada no túmulo para preservá-la melhor da umidade. De manhã tinha chamado um carpinteiro que lhe tomou as medidas para o ataúde, de pé, na sala, como se fossem para um vestido. Despertou-se-lhe um tal dinamismo nas últimas horas, que Fernanda pensou que estivesse zombando de todos. Úrsula, com a experiência de que os Buendía morriam sem doença, não pôs em dúvida que Amaranta tivesse tido o presságio da morte, mas em todo caso atormentou-a o temor de que na azáfama das cartas e na ansiedade de que chegassem logo, os ofuscados remetentes não a fossem enterrar viva. De modo que se empenhou em esvaziar a casa, brigando aos gritos com os intrusos e, às quatro da tarde, tinha conseguido. A essa hora, Amaranta acabava de repartir as suas coisas entre os pobres e só tinha deixado sobre o severo ataúde de tábuas sem lixar a muda de roupa e os chinelos simples de pelúcia que haveria de calçar na morte. Não passou por alto essa precaução, ao recordar que quando o Coronel Aureliano Buendía morreu tinham tido que comprar um par de sapatos novos, porque só lhe restavam as pantufas que usava na oficina. Pouco antes das cinco, Aureliano Segundo veio buscar Meme para o concerto e se surpreendeu de que a casa estivesse preparada para o funeral. Se alguém parecia vivo a essa hora era a serena Amaranta, a quem o tempo chegara até para tirar os calos. Aureliano Segundo e Meme se despediram dela com adeuses de brincadeira e lhe prometeram que no sábado seguinte dariam uma festa de ressurreição. Atraído pelas vozes públicas de que Amaranta Buendía estava recebendo cartas para os mortos, o Padre Antonio Isabel chegou às cinco com o viático e teve que esperar mais de quinze minutos para que a moribunda saísse do banho. Quando a viu aparecer com uma camisola de morim e o cabelo solto nas costas, o decrépito pároco pensou que fosse uma brincadeira e despachou o coroinha. Pensou, entretanto, em aproveitar a ocasião para confessar Amaranta depois de quase vinte anos de reticência. Amaranta respondeu, simplesmente, que não precisava de assistência espiritual de nenhuma espécie porque tinha a consciência limpa. Fernanda se escandalizou. Sem se importar que a ouvissem, perguntou em voz alta que pecado terrível teria cometido Amaranta para preferir uma morte sacrílega à vergonha de uma confissão. Então Amaranta se deitou e obrigou Úrsula a dar testemunho público da sua virgindade.

— Que ninguém tenha ilusões — gritou, para que a ouvisse Fernanda. — Amaranta Buendía se vai desde mundo como veio.

Não voltou a se levantar. Recostada em almofadões, como se na verdade estivesse doente, teceu as suas longas tranças e enrolou-as sobre as orelhas, exatamente como a morte lhe dissera que deveria estar no ataúde. Em seguida pediu a Úrsula um espelho e pela primeira vez em mais de quarenta anos viu o seu rosto devastado pela idade e pelo martírio e se surpreendeu do quanto se parecia com a imagem mental que tinha de si mesma. Úrsula compreendeu pelo silêncio da alcova que tinha começado a escurecer.

— Despeça-se de Fernanda — suplicou a ela. — Um minuto de reconciliação tem mais mérito do que toda uma vida de amizade.

— Já não vale a pena — respondeu Amaranta.

Meme não pôde deixar de pensar nela quando acenderam as luzes do improvisado cenário e começou a segunda parte do programa. Na metade da peça alguém lhe deu a notícia no ouvido e o ato foi suspenso. Quando chegou em casa, Aureliano Segundo teve que abrir caminho aos empurrões por entre a multidão para ver o cadáver da velha donzela, feia e de má cor, com a venda negra na mão e envolta na mortalha primorosa. Estava exposto na sala junto ao caixote do correio.

Úrsula não voltou a se levantar depois das nove noites de Amaranta. Santa Sofía de la Piedad tomou conta dela. Levava-lhe a comida no quarto e a água da bilha para que se lavasse e a mantinha a par de quanto se passava em Macondo. Aureliano Segundo a visitava com freqüência e lhe levava roupas que ela punha perto da cama, junto com as coisas mais indispensáveis para o viver diário, de modo que em pouco tempo tinha construído para si um mundo ao alcance da mão. Conseguiu despertar um grande afeto na pequena Amaranta Úrsula, que era idêntica a ela, e a quem ensinou a ler. A sua lucidez, a habilidade para se bastar a si mesma faziam pensar que estava naturalmente vencida pelo peso dos cem anos mas, embora fosse evidente que andava mal da vista, ninguém suspeitou que estivesse completamente cega. Dispunha então de tanto tempo e de tanto silêncio interior para vigiar a vida da casa que foi ela a primeira a perceber a calada angústia de Meme.

— Venha cá — disse a ela. — Agora que estamos sozinhas, confesse a esta pobre velha o que há contigo.

Meme fugiu da conversa com um riso entrecortado. Úrsula não insistiu, mas acabou de confirmar as suas suspeitas porque Meme não voltou a visitá-la. Sabia que se arrumava mais cedo do que de costume, que não tinha um instante de sossego enquanto esperava a hora de sair à rua, que passava noites inteiras rolando na cama no quarto contíguo e que a atormentava o voejar de uma borboleta. Em certa ocasião, ouviu-a dizer que ia se encontrar com Aureliano Segundo e Úrsula se surpreendeu de que Fernanda fosse tão curta de imaginação que não suspeitasse de nada quando o marido chegou em casa perguntando pela filha. Era evidente demais que Meme andava com assuntos sigilosos, com compromissos urgentes, com ansiedades reprimidas, desde muito antes da noite em que Fernanda alvoroçou a casa porque a tinha encontrado aos beijos com um homem no cinema.

A própria Meme andava na época tão ensimesmada que acusou Úrsula de havê-la denunciado. Na realidade, ela se denunciara a si mesma. Há muito tempo que deixava à sua passagem um caudal de pistas que teriam despertado o mais adormecido e, se Fernanda demorara tanto para descobri-las, foi porque também ela estava obscurecida pelas suas relações secretas com os médicos invisíveis. Mesmo assim acabou por perceber os profundos silêncios, os sobressaltos intempestivos, as alternativas de humor e as contradições da filha. Empenhou-se numa vigilância dissimulada, mas implacável. Deixou-a estar com as suas amigas de sempre, ajudou-a a se vestir para as festas de sábado e jamais lhe fez uma pergunta impertinente que pudesse alertá-la. Tinha já muitas provas de que Meme fazia coisas diferentes das que anunciava e, no entanto, não deixou vislumbrar as suas suspeitas na espera da ocasião decisiva. Certa noite, Meme avisou que ia ao cinema com o pai. Pouco depois, Fernanda ouviu os foguetes da farra e o inconfundível acordeão de Aureliano Segundo no rumo da casa de Petra Cotes. Então se vestiu, entrou no cinema e, na penumbra das cadeiras, reconheceu a filha. A perturbadora emoção do acerto lhe impediu de ver o homem que a estava beijando, mas chegou a perceber a sua voz trêmula no meio dos assovios e das gargalhadas ensurdecedoras do público. "Sinto muito, amor", ouviu-o dizer, e tirou Meme da sala sem lhe dizer uma palavra e submeteu-a à vergonha de levá-la pela barulhenta Rua dos Turcos e trancou-a à chave no quarto.

No dia seguinte, às seis da tarde, Fernanda reconheceu a voz do homem que foi visitá-la. Era jovem, citrino, com uns olhos escuros e melancólicos que não a teriam surpreendido tanto se tivesse conhecido os ciganos e um ar de sonho que a qualquer mulher de coração menos rígido teria bastado para entender os motivos da filha. Vestia um linho muito usado, sapatos branco-zinco defendidos desesperadamente por solas superpostas, e trazia na mão um chapéu de palhinha comprado no sábado anterior. Em toda a sua vida nunca estivera nem estaria mais assustado do que naquele momento, mas tinha uma dignidade e um domínio que o punham a salvo da humilhação e uma excelência legítima que só fracassava nas mãos calosas e nas.unhas lascadas pelo trabalho rude. A Fernanda, entretanto, bastou vê-lo uma vez para intuir a sua condição de trabalhador braçal. Percebeu que usava a sua única roupa de domingo e que debaixo da camisa tinha a pele carcomida pela sarna da companhia bananeira. Não permitiu que falasse. Não permitiu sequer que ele passasse da porta, que um momento depois teve de fechar, porque a casa estava cheia de borboletas amarelas.

— Vá embora — disse a ele. — Não tem nada que fazer no meio de gente decente.

Chamava-se Mauricio Babilonia. Tinha nascido e crescido em Macondo e era aprendiz de mecânico nas oficinas da companhia bananeira. Meme o conhecera por acaso, numa tarde em que fora com Patricia Brown buscar o automóvel para dar um passeio pelas plantações.

Como o chofer estava doente, encarregaram-no de levá-las e Meme pôde por fim satisfazer a sua vontade de se sentar junto ao volante para observar de perto o sistema de manejo. Ao contrário do chofer titular, Mauricio Babilonia lhe fez uma demonstração prática. Isso foi na época em que Meme começou a freqüentar a casa do Sr. Brown e ainda se considerava indigno de damas dirigir um automóvel. De modo que se conformou com a informação teórica e não voltou a ver Mauricio Babilonia por vários meses. Mais tarde haveria de recordar que durante o passeio chamou-lhe a atenção a sua beleza varonil, salvo a brutalidade das mãos, mas depois tinha comentado com Patricia Brown o mal-estar que lhe produzira a sua segurança um pouco altiva. No primeiro sábado em que foi ao cinema com seu pai, voltou a ver Mauricio Babilonia com o seu costume de linho, sentado a pouca distância deles, e percebeu que ele se desinteressava do filme para se virar para olhá-la, não tanto para vê-la como para que ela notasse que ele a estava olhando. Meme se aborreceu com a vulgaridade daquele sistema. Finalmente, Mauricio Babilonia se aproximou para cumprimentar Aureliano Segundo e só então Meme soube que se conheciam, porque ele tinha trabalhado na primitiva instalação elétrica de Aureliano Triste e tratava seu pai com uma atitude de subalterno. Essa comprovação aliviou-a do desprazer que lhe causava a sua altivez. Não se tinham visto a sós, nem se tinham dito uma palavra diferente do cumprimento, na noite em que sonhou que ele a salvava de um naufrágio e ela não experimentava nenhum sentimento de gratidão e sim de raiva. Era como lhe ter dado uma oportunidade que ele desejava, sendo que Meme queria o contrário, não só com Mauricio Babilonia como também com qualquer outro homem que se interessasse por ela. Por isso ficou tão indignada que depois do sonho, em vez de detestá-lo, teria experimentado uma urgência irresistível de vê-lo. A ansiedade se fez mais intensa no correr da semana e no sábado já era tão premente que teve que fazer um esforço enorme para que Mauricio Babilonia não notasse, ao cumprimentá-la no cinema, que o coração lhe saía pela boca. Ofuscada por uma confusa sensação de prazer e raiva, estendeu-lhe a mão pela primeira vez, e só então Mauricio Babilonia se permitiu apertá-la. Meme chegou, numa fração de segundo, a se arrepender do impulso mas o arrependimento se transformou imediatamente numa satisfação cruel, ao comprovar que também a mão dele estava suada e gelada. Nessa noite, compreendeu que não teria um instante de sossego enquanto não demonstrasse a Mauricio Babilonia quão vã era a sua aspiração, e passou a semana voejando em torno dessa ansiedade. Recorreu a toda espécie de artimanhas inúteis para que Patricia Brown a levasse para buscar o automóvel. Por último, valeu-se do cabelo-de-fogo norte-americano, que por essa época estava passando as férias em Macondo e, com o pretexto de conhecer os novos modelos de automóveis, fez-se levar às oficinas. Desde o momento em que o viu, Meme deixou de enganar a si mesma, e compreendeu que o que acontecia na realidade era que não podia mais suportar o desejo de estar a sós com Mauricio Babilonia e se indignou com a certeza de que este compreendera isso ao vê-la chegar.

— Vim ver os novos modelos — disse Meme.

— É um bom pretexto — disse ele.

Meme percebeu que estava se queimando na luz da sua altivez e procurou desesperadamente uma maneira de humilhá-lo. Mas ele não lhe deu tempo. "Não se assuste", disse em voz baixa. "Não é a primeira vez que uma mulher fica louca por um homem." Sentiu-se tão desamparada que abandonou a oficina sem ver os novos modelos e passou a noite de extremo a extremo rolando na cama e chorando de indignação. O cabelo-de-fogo norte-americano, que realmente começava a lhe interessar, pareceu-lhe um bebê de fraldas. Foi então que entendeu as borboletas amarelas que precediam as aparições de Mauricio Babilonia. Vira-as antes, sobretudo na oficina mecânica, e pensara que estavam fascinadas pelo cheiro da pintura. Alguma vez tê-las-ia sentido voejar sobre a sua cabeça na penumbra do cinema. Mas quando Mauricio Babilonia começou a persegui-la como um espectro que só ela identificava na multidão, compreendeu que as borboletas amarelas tinham alguma coisa que ver com ele. Mauricio Babilonia estava sempre na platéia dos concertos, no cinema, na missa, e ela não necessitava vê-lo para descobri-lo, porque o indicavam as borboletas. Uma vez, Aureliano Segundo se impacientou tanto com o sufocante movimento de asas que ela sentiu o impulso de confiar-lhe o seu segredo como lhe havia prometido, mas o instinto lhe indicou que desta vez ele não ia rir como de costume: "Que diria a sua mãe se soubesse." Certa manhã, enquanto podavam as rosas, Fernanda lançou um grito de espanto e quis tirar Meme do lugar em que estava e que era o mesmo lugar do jardim de onde Remedios, a bela, subira aos céus. Tivera por um instante a impressão de que o milagre ia se repetir na sua filha, porque tinha-se perturbado com um repentino movimento de asas. Eram as borboletas. Meme as viu como se tivessem nascido de repente na luz e seu coração deu um baque. Nesse momento, entrava Mauricio Babilonia com um pacote que, segundo disse, era um presente de Patricia Brown. Meme engoliu o rubor, assimilou a perturbação, e até conseguiu um sorriso natural para pedir-lhe o favor de colocá-lo no parapeito, porque tinha os dedos sujos da terra. A única coisa que Fernanda notou no homem que poucos meses depois haveria de expulsar de casa sem se lembrar de que o tivesse visto alguma vez foi a textura biliosa da pele.

— É um homem muito esquisito — disse Fernanda. — Está escrito na testa que vai morrer.

Meme pensou que sua mãe tinha ficado impressionada com as borboletas. Quando acabaram de podar o roseiral, lavou as mãos e levou o pacote para o quarto para abri-lo. Era uma espécie de brinquedo chinês; composto de cinco caixas concêntricas e, na última, um cartão laboriosamente desenhado por alguém que mal sabia escrever: *A gente se vê sábado no cinema.* Meme sentiu o terror tardio de que a caixa tivesse estado tanto tempo no parapeito, ao alcance da curiosidade de Fernanda, e, embora a lisonjeasse a audácia e o engenho de Mauricio Babilonia, comoveu-a a sua ingenuidade de esperar que ela não faltasse ao encontro. Meme já sabia que Aureliano Segundo tinha um compromisso no sábado à noite. Entretanto, o fogo da ansiedade abrasou-a de tal modo no correr da semana que no sábado convenceu o pai a deixá-la sozinha no cinema e voltar para buscá-la no final da sessão. Uma borboleta noturna voejou sobre a sua cabeça enquanto as luzes estiveram acesas. E então aconteceu. Quando as luzes se apagaram, Mauricio Babilonia se sentou do seu lado. Meme se sentiu debater num pântano de desespero, do qual só poderia ser resgatada, como acontecera no sonho, por aquele homem cheirando a óleo de motor que mal distinguia na penumbra.

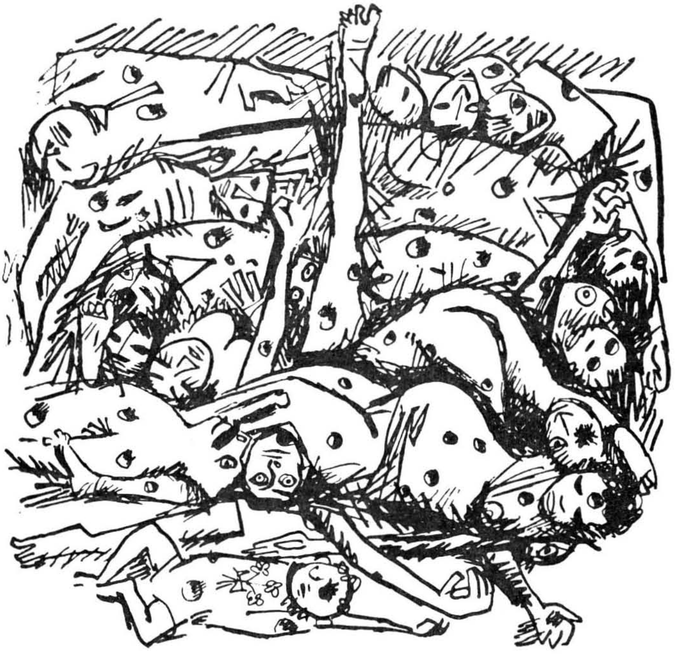
— Se você não tivesse vindo — ele disse — não teria me visto nunca mais.

Meme sentiu o peso da sua mão no joelho e soube que ambos chegavam naquele instante ao outro lado do desamparo.

— O que me choca em você — sorriu — é que sempre diz exatamante o que não devia dizer.

Ficou louca por ele. Perdeu o sono e o apetite e se afundou tão profundamente na solidão que até o pai se transformou num estorvo para ela. Elaborou um intrincado nó de compromissos falsos para desorientar Fernanda, perdeu de vista as amigas, pulou por cima dos convencionalismos para encontrar-se com Mauricio Babilonia a qualquer hora e em qualquer parte. No princípio, incomodava-a a sua rudeza. Na primeira vez em que se viram a sós, nos prados desertos atrás da oficina mecânica, ele a arrastou sem misericórdia a um estado animal que a deixou extenuada. Demorou algum tempo para se dar conta de que também aquela era uma forma da ternura e foi então que perdeu o sossego e não vivia senão para ele, transtornada pela ansiedade de se fundir no seu entorpecedor bafo de óleo esfregado com água sanitária. Pouco antes da morte de Amaranta, tropeçou de repente com um espaço de lucidez dentro da loucura e tremeu diante da incerteza do futuro. Então ouviu falar de uma mulher que fazia prognósticos pelas cartas e foi visitá-la em segredo. Era Pilar Ternera. Desde que esta a viu entrar, soube dos recônditos motivos de Meme. "Sente-se", disse-lhe. "Eu não preciso do baralho para averiguar o futuro de um Buendía." Meme ignorava, e ignorou sempre, que aquela pitonisa centenária era sua bisavó. Tampouco teria acreditado, depois do agressivo realismo com que ela lhe revelou que a ansiedade do namoro não encontrava repouso a não ser na cama. Era o mesmo ponto de vista de Mauricio Babilonia, mas Meme se recusava a lhe dar crédito, pois no fundo supunha que ele estava inspirado em algum mau critério de operário braçal. Ela pensava então que uma forma de amor derrotava a outra, porque fazia parte da índole dos homens repudiar a fome uma vez satisfeito o apetite. Pilar Ternera não só dissipou o erro como também lhe ofereceu a velha cama de lona onde ela concebera Arcadio, o avô de Meme, e onde concebera depois a Aureliano José. Ensinou-lhe, além disso, como prevenir a concepção indesejável mediante a vaporização de cataplasmas de mostarda e deu receitas de beberagens que em casos de contratempo faziam expulsar "até os remorsos de consciência". Aquela entrevista infundiu em Meme o mesmo sentimento de valentia que experimentara na tarde da bebedeira. A morte de Amaranta, entretanto, obrigou-a a adiar a decisão. Enquanto duraram as nove noites, ela não se afastou um só instante de Mauricio Babilonia, que andava confundido com a multidão que invadira a casa. Vieram logo o luto prolongado e o enclausuramento obrigatório e se separaram por algum tempo. Foram dias de tanta agitação interior, de tanta ansiedade irrepremível e tantos desejos reprimidos, que na primeira tarde em que Meme conseguiu sair foi diretamente à casa de Pilar Ternera. Entregou-se a Mauricio Babilonia sem resistência, sem pudor, sem formalismos e com uma vocação tão fluida e uma intuição tão sábia que um homem mais desconfiado que o seu poderia confundir com uma requintada experiência. Amaram-se duas vezes por semana durante mais de três meses, protegidos pela cumplicidade inocente de Aureliano Segundo, que acreditava sem malícia as meias-liberdades da filha, só para vê-la liberada da rigidez da mãe. Na noite em que Fernanda os surpreendeu no cinema, Aureliano Segundo se sentiu angustiado pelo peso da consciência e visitou Meme no quarto onde a trancara Fernanda, confiando em que ela se desafogaria com as confidências que lhe estava devendo. Mas Meme se negou a tudo. Estava tão segura de si mesma, tão aferrada à sua solidão, que Aureliano Segundo teve a impressão de que já não existia nenhum vínculo entre eles, que a camaradagem e a cumplicidade não eram mais do que uma ilusão do passado. Pensou em falar com Mauricio Babilonia, acreditando que a sua autoridade de antigo patrão fá-lo-ia desistir dos seus propósitos, mas Petra Cotes convenceu-o de que aquilo era assunto de mulher, de modo que ficou flutuando num limbo de indecisão, e mal sustentado pela esperança de que a clausura terminasse com as angústias da filha.

Meme não deu nenhuma amostra de aflição. Pelo contrário, do quarto contíguo Úrsula percebeu o ritmo sossegado do seu sono, a serenidade dos seus afazeres, a ordem das suas refeições e a boa saúde da sua digestão. A única coisa que intrigou Úrsula depois de quase dois meses de castigo foi que Meme não tomasse banho de manhã, como todos faziam, mas às sete da noite. Uma vez pensou em preveni-la contra os escorpiões, mas Meme era tão esquiva com ela, pela convicção de que a tinha denunciado, que preferiu não perturbá-la com impertinências de tataravó. As borboletas amarelas invadiam a casa desde o entardecer. Todas as noites, ao sair do banheiro, Meme encontrava Fernanda desesperada, matando borboletas com a bomba de inseticida. "Isto é uma desgraça", dizia. "Toda a vida me disseram que as borboletas noturnas chamam o azar." Certa noite, enquanto Meme estava no banheiro, Fernanda entrou no seu quarto por acaso e havia tantas borboletas que mal se podia respirar. Apanhou um pano qualquer para espantá-las e seu coração gelou de pavor ao relacionar os banhos noturnos da filha com os cataplasmas de mostarda que rolaram pelo chão. Não esperou por um momento oportuno, como fizera da primeira vez. No dia seguinte, convidou para almoçar o novo alcaide que, como ela, tinha descido do páramo, e pediu a ele que ordenasse uma guarda noturna para o quintal, porque tinha a impressão de que estavam roubando as galinhas. Nessa noite, a guarda abateu Mauricio Babilonia quando levantava as telhas para entrar no banheiro onde Meme o esperava, nua e tremendo de amor, entre os escorpiões e as borboletas, como havia feito quase todas as noites dos últimos meses. Um projétil incrustado na coluna vertebral reduziu-o à cama pelo resto da vida. Morreu de velho na solidão, sem uma queixa, sem um protesto, sem uma só tentativa de deslealdade, atormentado pelas lembranças e pelas borboletas amarelas que não lhe concederam um instante de paz e publicamente repudiado como ladrão de galinhas.



OS ACONTECIMENTOS que haveriam de dar o golpe de morte em Macondo começavam a se vislumbrar quando trouxeram para casa o filho de Meme Buendía. A situação pública estava na época tão incerta que ninguém tinha o espírito disposto para se ocupar de escândalos particulares, de modo que Fernanda contou com um ambiente propício para manter a criança escondida como se não houvese existido nunca. Teve que recebê-la porque as circunstâncias em que a trouxeram não tornavam possível a recusa. Teve que suportá-la contra a vontade pelo resto da vida, porque na hora da verdade faltou a coragem para cumprir a íntima determinação de afogá-la na caixa-dágua do banheiro. Trancou-a na antiga oficina do Coronel Aureliano Buendía. A Santa Sofía de la Piedad conseguiu convencer de que o havia encontrado flutuando numa .cestinha. Úrsula haveria de morrer sem saber da sua origem. A pequena Amaranta Úrsula, que entrou na oficina uma vez, quando Fernanda estava alimentando o menino, também acreditou na versão da cestinha flutuante. Aureliano Segundo, definitivamente distanciado da esposa pela forma irracional com que esta conduzira a tragédia de Meme, não soube da existência do neto a não ser três anos depois que o trouxeram para casa, quando o menino fugiu do cativeiro por um descuido de Fernanda e apareceu na varanda por uma fração de segundo, nu, com os cabelos emaranhados e com um impressionante sexo de carúnculas de peru, como se não fosse uma criatura humana e sim a definição enciclopédica de um antropófago.

Fernanda não contava com aquele mal passo do seu incorrigível destino. O menino foi como a volta de uma vergonha que ela acreditava ter desterrado para sempre de casa. Mal levaram Mauricio Babilonia com a espinha dorsal fraturada, Fernanda já havia concebido até o detalhe mas ínfimo de um plano destinado a eliminar qualquer vestígio do opróbrio. Sem consultar o marido, fez no dia seguinte a sua bagagem, meteu numa maleta as três mudas que a filha podia necessitar e foi buscá-la no quarto, meia hora antes da chegada do trem.

— Vamos, Renata — disse a ela.

Não deu nenhuma explicação. Meme, por outro lado, não a esperava nem a queria. Não só ignorava para onde iam como também tanto fazia se a tivessem levado para o matadouro. Não voltara a falar, nem o faria pelo resto da vida, desde que ouvira o tiro no quintal e o simultâneo uivo de dor de Mauricio Babilonia. Quando a mãe lhe ordenou sair do quarto, não se penteou nem lavou o rosto, e subiu no trem como uma sonâmbula, sem perceber sequer as borboletas que continuavam a acompanhá-la. Fernanda nunca soube, nem se deu o trabalho de averiguar, se o seu silêncio pétreo era uma determinação da vontade ou se tinha ficado muda pelo impacto da tragédia. Meme mal se deu conta da viagem através da antiga região encantada. Não viu as sombrias e intermináveis plantações de banana de ambos os lados da linha. Não viu as casas brancas dos ianques, nem os seus jardins áridos de poeira e calor, nem as mulheres de bermudas e blusas de listras azuis que jogavam cartas nas varandas. Não viu os carros de boi carregados de cachos nas trilhas empoeiradas. Não viu as donzelas que pulavam como savelhos nos rios transparentes para deixar nos passageiros do trem a amargura dos seios esplêndidos, nem os barracos aglomerados e miseráveis dos trabalhadores onde voejavam as borboletas amarelas de Mauricio Babilonia e em cujas portas havia crianças verdes e esquálidas sentadas nos peniquinhos e mulheres grávidas que gritavam impropérios à passagem do trem. Aquela visão fugaz, que para ela era uma festa quando voltava do colégio, passou pelo coração de Meme sem avivá-lo. Não olhou pela janela nem sequer quando acabou a umidade ardente das plantações e o trem passou pela planície de amapolas onde ainda estava o esqueleto carbonizado do galeão espanhol e saiu em seguida para o mesmo ar diáfano e para o mesmo mar espumoso e sujo onde quase um século antes tinham fracassado as ilusões de José Arcadio Buendía.

Às cinco da tarde, quando chegaram à estação final do pântano, desceu do trem porque Fernanda o fez. Subiram num carrinho que parecia um morcego enorme puxado por um cavalo asmático e atravessaram a cidade desolada, em cujas ruas intermináveis e cortadas pelo salitre ressoava um exercício de piano igual ao que escutara Fernanda nas sestas da adolescência. Embarcaram num navio fluvial cuja roda de madeira fazia um barulho de conflagração e cujas lâminas de ferro carcomidas pelo óxido reverberaram como a boca de um forno. Meme se trancou no camarote. Duas vezes por dia Fernanda deixava um prato de comida junto à cama e duas vezes por dia o levava intacto, não porque Meme estivesse resolvida a morrer de fome, mas porque o simples cheiro dos alimentos a enjoava, e o seu estômago devolvia até água. Nem ela mesma sabia na época que a sua fertilidade tinha enganado os vapores de mostarda, assim como Fernanda não o soube até quase um ano depois, quando trouxeram o menino. No camarote sufocante, transtornada pela vibração das paredes de ferro e pela exalação insuportável do lodo revolvido pela roda da embarcação, Meme perdeu a conta dos dias. Tinha passado já muito tempo quando viu a última borboleta amarela sendo destroçada nas pás do ventilador e admitiu como uma verdade irremediável que Mauricio Babilonia tinha morrido. Entretanto, não se deixou vencer pela resignação. Continuava pensando nele durante a penosa travessia, a lombo de burro, do ermo alucinante onde Aureliano Segundo se perdera quando procurava a mulher mais bela que havia existido sobre a terra, e quando atravessaram a cordilheira pelas trilhas de índio e entraram na cidade lúgubre em cujos despenhadeiros de pedra ressoavam os bronzes funerários de trinta e duas igrejas. Nessa noite, dormiram na abandonada mansão colonial, sobre as tábuas que Fernanda pôs no chão de um aposento invadido pelo mato e cobertas com trapos de cortinas que arrancaram das janelas e que se desfaziam a cada virada do corpo. Meme soube onde estavam porque no espanto da insônia viu passar o cavaleiro vestido de negro que numa distante véspera de Natal haviam trazido para casa dentro de um cofre de chumbo. No dia seguinte, depois da missa, Fernanda conduziu-a para um edifício sombrio que Meme reconheceu imediatamente pelas evocações que sua mãe costumava fazer do convento onde a tinham educado para rainha, e então compreendeu que chegara ao fim da viagem. Enquanto Fernanda falava com alguém no escritório contíguo, ela ficou num salão axadrezado com grandes óleos de arcebispos coloniais, tremendo de frio porque ainda trazia um vestido de etamine com florezinhas negras e os duros borzeguins inchados pelo gelo do páramo. Estava de pé no centro do salão, pensando em Mauricio Babilonia sob o jato amarelo dos vitrais, quando saiu do escritório uma noviça muito bonita que trazia a sua maleta com as três mudas de roupa. Ao passar junto de Meme estendeu-lhe a mão sem se deter.

— Vamos, Renata — disse.

Meme tomou-lhe a mão e se deixou levar. A última vez que Fernanda a viu, tentando acertar o passo com a noviça, acabava de se fechar detrás dela a grade de ferro da clausura. Ainda pensava em Mauricio Babilonia, no seu cheiro de óleo e no seu âmbito de borboletas, e continuaria pensando nele todos os dias de sua vida até a remota madrugada de outono em que morreria de velhice, com o nome trocado e sem ter dito nunca uma só palavra, num tenebroso hospital de Cracóvia.

Fernanda regressou a Macondo num trem protegido por guardas armados. Durante a viagem percebeu a tensão dos passageiros, o aparato militar nos povoados da linha e o ar rarefeito pela certeza de que alguma coisa de grave ia acontecer, mas careceu de informação enquanto não chegou a Macondo e lhe contaram que José Arcadio Segundo estava incitando à greve os trabalhadores da companhia bananeira. "Era só o que faltava", resmungou Fernanda. "Um anarquista na família." A greve estourou duas semanas depois e não teve as conseqüências dramáticas que se temiam. Os operários aspiravam a que não os obrigassem a cortar e embarcar banana aos domingos, e o pedido pareceu tão justo que até o Padre Antonio Isabel intercedeu em seu favor, porque o achou de acordo com a Lei de Deus. O triunfo da ação, assim como de outras que se promoveram nos meses seguintes, tirou do anonimato o descolorido José Arcadio Segundo, de quem se costumava dizer que só tinha servido para encher o povoado de putas francesas. Com a mesma decisão impulsiva com que vendeu seus galos de briga para fundar uma empresa de navegação desatinada, renunciou ao cargo de capataz de grupo da companhia bananeira e tomou o partido dos trabalhadores. Muito em breve foi apontado como agente de uma conspiração internacional contra a ordem pública. Uma noite, no meio de uma semana obscurecida por boatos sombrios, escapou por milagre de quatro tiros de revólver que lhe foram endereçados por um desconhecido, quando saía de uma reunião secreta. Foi tão tensa a atmosfera dos meses seguintes que até Úrsula a percebeu no seu refúgio de trevas e teve a impressão de estar vivendo de novo os tempos incertos em que seu filho Aureliano carregava no bolso as pílulas homeopáticas da subversão. Tentou falar com José Arcadio Segundo para fazê-lo conhecer esse precedente, mas Aureliano Segundo informou-a de que desde a noite do atentado ignorava-se o seu paradeiro.

— Igual a Aureliano — exclamou Úrsula. — É como se o mundo estivesse dando voltas.

Fernanda permaneceu imune à incerteza desses dias. Carecia de contatos com o mundo exterior, desde a violenta discussão que teve com o marido por ter determinado a sorte de Meme sem o seu consentimento. Aureliano Segundo estava disposto a resgatar a filha, com a polícia se fosse necessário, mas Fernanda fê-lo ver os papéis em que se provava que tinha ingressado na clausura pela própria vontade. Realmente Meme os havia assinado quando já estava do outro lado da grade de ferro e o fez com o mesmo desdém com que se deixara conduzir. No fundo, Aureliano Segundo não acreditou na legitimidade das provas, assim como nunca tinha acreditado que Mauricio Babilonia tivesse entrado no quintal para roubar galinhas, mas ambos os recursos serviram para tranqüilizar a sua consciência e pôde então voltar sem remorsos para a sombra de Petra Cotes, onde reiniciou as farras ruidosas e as comilanças desenfreadas. Alheia à inquietude do povoado, surda aos terríveis prognósticos de Úrsula, Fernanda deu os últimos toques no seu plano consumado. Escreveu uma extensa carta a seu filho José Arcadio, que já ia receber as primeiras ordens, e nela lhe comunicou que sua irmã Renata tinha expirado na paz do Senhor, em conseqüência da febre amarela. Em seguida, deixou Amaranta Úrsula aos cuidados de Santa Sofía de la Piedad e se dedicou a organizar a sua correspondência com os médicos invisíveis, atrapalhada pelo caso de Meme. A primeira coisa que fez foi marcar a data definitiva para a adiada intervenção telepática. Mas os médicos invisíveis responderam que não era prudente enquanto persistisse o estado de agitação social em Macondo. Ela estava tão apressada e tão mal informada que explicou a eles em outra carta que não havia tal estado de agitação e que tudo era fruto das loucuras de um cunhado seu, que andava com a veneta sindical, como padecera em outros tempos de brigas de galos e de navegação. Ainda não tinham entrado em acordo, na calorenta quarta-feira em que bateu na porta de casa uma freira anciã que trazia uma cestinha pendurada no braço. Ao abrir, Santa Sofía de la Piedad pensou que fosse um presente e tentou tirar-lhe a cestinha coberta com um primoroso guardanapo de renda. Mas a freira impediu, porque tinha instruções para entregá-la pessoalmente, e na reserva mais estrita, a D. Fernanda del Carpio de Buendía. Era o filho de Meme. O antigo diretor espiritual de Fernanda lhe explicava numa carta que tinha nascido dois meses antes e que se tinham permitido batizá-lo com o nome de Aureliano, como o avô, porque a mãe não despregara os lábios para expressar a sua vontade. Fernanda se sublevou intimamente contra aquela zombaria do destino, mas teve forças para dissimular diante da freira.

— Diremos que o encontramos flutuando na cestinha — sorriu.

— Ninguém vai acreditar — disse a freira.

— Se acreditaram nas Sagradas Escrituras — replicou Fernanda — não vejo por que não vão acreditar em mim.

A freira almoçou em casa, enquanto esperava o trem de volta e, de acordo com a discrição que tinham exigido dela, não voltou a mencionar a criança, mas Fernanda viu nela uma testemunha indesejável da sua vergonha e lamentou que se houvesse banido o costume medieval de enforcar o mensageiro de más notícias. Foi então que decidiu afogar a criatura na caixa-d'água, logo que a freira fosse embora, mas o coração não agüentou e preferiu esperar com paciência até que a infinita bondade de Deus a libertasse do estorvo.

O novo Aureliano tinha completado um ano quando a tensão pública estourou sem nenhum aviso. José Arcadio Segundo e outros dirigentes sindicais que tinham permanecido até então na clandestinidade apareceram intempestivamente num fim de semana e promoveram manifestações nos povoados da zona bananeira. A polícia se conformou com manter a ordem, apenas. Mas na noite de segunda-feira, os dirigentes foram tirados das suas casas e mandados com grilhões de cinco quilos nos pés para a prisão da capital da província. Entre eles levaram José Arcadio Segundo e Lorenzo Gavilán, um coronel da revolução mexicana, exilado em Macondo, que dizia ter sido testemunha do heroísmo do seu compadre Artemio Cruz. Entretanto, em menos de três meses já estavam em liberdade, porque o Governo e a companhia bananeira não conseguiram entrar em acordo sobre quem deveria alimentá-los na prisão. A revolta dos trabalhadores se baseava desta vez na insalubridade das vivendas, na farsa dos serviços médicos e na iniqüidade das condições de trabalho. Afirmavam, além disso, que não eram pagos com dinheiro de verdade, e sim com vales que só serviam para comprar presunto de Virgínia nos armazéns da companhia. José Arcadio Segundo foi preso porque revelou que o sistema dos vales era um recurso da companhia para financiar os seus navios fruteiros que, se não fosse pelo comércio dos armazéns, teriam que voltar vazios de Nova Orleans até os portos de embarque da banana. As outras acusações eram do domínio público. Os médicos da companhia não examinavam os doentes; apenas os punham em fila indiana diante dos ambulatórios, e uma enfermeira lhes colocava na língua uma pílula da cor da pedra-lipes — tivessem impaludismo, blenorragia ou prisão de ventre. Era uma terapêutica tão generalizada que as crianças entravam na fila várias vezes e, em vez de engolir as pílulas, levavam-nas para casa, para marcar com elas os números cantados no jogo de víspora. Os operários da companhia estavam amontoados em barracos miseráveis. Os engenheiros, em vez de construir latrinas, traziam para os acampamentos, no Natal, um reservado portátil para cada cinqüenta pessoas e faziam demonstrações públicas de como utilizá-los para que durassem mais. Os decrépitos advogados vestidos de negro, que em outros tempos tinham assediado o Coronel Aureliano Buendía e que agora eram procuradores da companhia bananeira, desvirtuavam a função com arbitrariedades que pareciam passes de mágica. Quando os trabalhadores redigiram uma lista de pedidos unânime, muito tempo se passou sem que pudessem notificar oficialmente a companhia bananeira. Imediatamente após ter conhecido a resolução, o Sr. Brown enganchou no trem o seu suntuoso vagão de vidro e desapareceu de Macondo junto com os representantes mais conhecidos da sua empresa. Entretanto, vários operários encontraram um deles no sábado seguinte num bordel e o fizeram assinar uma cópia do ofício de reivindicações quando estava nu com a mulher que se prestou a levá-lo para a armadilha. Os enlutados advogados demonstraram em juízo que aquele homem não tinha nada que ver com a companhia e, para que ninguém pusesse em dúvida os seus argumentos, fizeram-no prender como vigarista. Mais tarde, o Sr. Brown foi surpreendido viajando incógnito num vagão de terceira classe e lhe fizeram assinar outra cópia da lista de reivindicações. No dia seguinte, compareceu diante dos juízes com o cabelo pintado de preto e falando um castelhano fluente. Os advogados demonstraram que não era o Sr. Jack Brown, superintendente da companhia bananeira e nascido em Prattville, Alabama, mas um inofensivo vendedor de plantas medicinais, nascido em Macondo e ali mesmo batizado com o nome de Dagoberto Fonseca. Pouco depois, diante de uma nova tentativa dos trabalhadores, os advogados exibiram em lugares públicos o atestado de óbito do Sr. Brown, autenticado por cônsules e chanceleres, e no qual se dava fé de que no último nove de junho ele tinha sido atropelado em Chicago por um carro de bombeiros. Cansados daquele delírio hermenêutico, os trabalhadores repudiaram as autoridades de Macondo e subiram com as suas queixas aos tribunais supremos. Foi lá que os ilusionistas do direito demonstraram que as reclamações careciam de toda validade, simplesmente porque a companhia bananeira não tinha, nem tinha tido nunca nem teria jamais, trabalhadores a seu serviço, mas sim que os recrutava ocasionalmente e em caráter temporário. De modo que se dissolveu a patranha do presunto de Virgínia, das pílulas milagrosas e dos reservados natalinos, e se estabeleceu por sentença do tribunal, e se proclamou em decretos solenes, a inexistência dos trabalhadores.

A grande greve estourou. Os cultivos ficaram pelo meio, a fruta apodreceu no pé e os trens de cento e vinte vagões ficaram parados nos desvios. Os operários ociosos atulhavam as aldeias. A Rua dos Turcos reverberou num sábado de muitos dias e no salão de bilhar do Hotel de Jacob foi preciso organizar turnos de vinte e quatro horas. Lá estava José Arcadio Segundo, no dia em que se anunciou que o exército tinha sido encarregado de restabelecer a ordem pública. Embora não fosse homem de presságios, a notícia foi para ele como um anúncio de morte que tinha esperado desde a manhã distante em que o Coronel Gerineldo Márquez lhe permitira ver um fuzilamento. Entretanto, o mau agouro não alterou a sua gravidade. Fez a jogada que tinha prevista e não errou a carambola. Pouco depois, as descargas de bumbo, os latidos do clarim, os gritos e o tropel do povo lhe indicaram que não só a partida de bilhar, mas também a calada e solitária partida que jogava consigo mesmo desde a madrugada da execução, tinham, por fim, terminado. Então, chegou até a rua e viu. Eram três regimentos cuja marcha pautada por tambor de galés fazia a terra trepidar. O seu resfolegar de dragão multicéfalo impregnou de um vapor fedorento a claridade do meio-dia. Eram pequenos, maciços, brutos. Suavam com suor de cavalo e tinham um cheiro de carne viva macerada pelo sol e a impavidez taciturna e impenetrável dos homens do páramo. Embora demorassem mais de uma hora a passar, davam a impressão de ser uns poucos pelotões andando em círculo, porque todos eram idênticos, filhos da mesma mãe, e todos suportavam com igual imbecilidade o peso das mochilas e dos cantis, e a vergonha dos fuzis com as baionetas caladas, e a ferida da obediência cega e o sentido da honra. Úrsula os ouviu passar do seu leito de trevas e levantou a mão com os dedos cruzados. Santa Sofía de la Piedad existiu por um instante, inclinada sobre a toalha bordada que acabava de passar a ferro, e pensou em seu filho, José Arcadio Segundo, que viu passar, pela porta do Hotel de Jacob, sem se perturbar, os últimos soldados.

A lei marcial facultava ao exército assumir funções de árbitro da controvérsia, mas não se fez nenhuma tentativa de conciliação. Imediatamente após se exibirem em Macondo, os soldados puseram de lado os fuzis, cortaram e embarcaram as bananas e movimentaram os trens. Os trabalhadores, que até então se haviam conformado com esperar, atiraram-se ao mato sem mais armas que os seus facões de trabalho, e começaram a sabotar a sabotagem. Incendiaram fazendas e armazéns, destruíram os trilhos para impedir o trânsito dos trens, que começavam a abrir caminho a fogo de metralhadora, e cortaram os fios do telégrafo e do telefone. Os canais de irrigação tingiram-se de sangue. O Sr. Brown, que estava vivo no galinheiro eletrificado, foi tirado de Macondo com a sua família e as de outros compatriotas seus, e conduzido para território seguro sob a proteção do exército. A situação ameaçava evoluir para uma guerra civil desigual e sangrenta quando as autoridades fizeram um apelo aos trabalhadores para que se concentrassem em Macondo. O apelo anunciava que o chefe civil e militar da província chegaria na sexta-feira seguinte, disposto a interceder no conflito.

José Arcadio Segundo estava entre a multidão que se concentrou na estação desde a manhã de sexta-feira. Tinha participado de uma reunião de dirigentes sindicais e tinha sido encarregado, junto com o Coronel Gavilán, de se confundir com a multidão e orientá-la segundo as circunstâncias. Não se sentia bem e moldava uma massa salitrosa no céu da boca desde que notou que o exército tinha colocado ninhos de metralhadoras em volta da praça e que a cidade cercada da companhia bananeira estava protegida por peças de artilharia. Até as doze, esperando um trem que não chegava, mais de três mil pessoas, entre trabalhadores, mulheres e crianças, tinham atulhado o espaço descoberto em frente da estação e se apertavam nas ruas adjacentes, que o exército fechara com filas de metralhadoras. Aquilo parecia, então, mais que uma recepção, uma feira jubilosa. Haviam transferido as barraquinhas de frituras e as tendas de bebidas da Rua dos Turcos e o povo suportava com muito boa vontade a amolação da espera e o sol abrasador. Um pouco antes das três, correu o boato de que o trem oficial não chegaria até o dia seguinte. A multidão cansada exalou um suspiro de desalento. Um tenente do exército subiu em seguida no teto da estação, onde havia quatro ninhos de metralhadoras apontadas contra a multidão, e deu um toque de silêncio. Ao lado de José Arcadio Segundo estava uma mulher descalça, muito gorda, com duas crianças de cerca de quatro e sete anos. Pegou o menor no colo e pediu a José Arcadio, sem reconhecê-lo, que levantasse o outro para que ouvisse melhor o que iam dizer. José Arcadio Segundo acavalou o menino na nuca. Muitos anos depois, esse menino haveria de continuar contando, sem que ninguém acreditasse, que tinha visto o tenente lendo com um megafone de vitrola o Decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar da província. Estava assinado pelo General Carlos Cortes Vargas e pelo seu secretário, o Major Henrique García Isaza, e em três artigos de oitenta palavras classificava os grevistas de *quadrilha de malfeitores* e facultava ao exército o direito de matá-los a bala.

Lido o decreto, no meio de uma ensurdecedora vaia de protesto, um capitão substituiu o tenente no teto da estação e, com o megafone de vitrola, fez sinal de que queria falar. A multidão voltou a fazer silêncio.

— Senhoras e senhores — disse o capitão com uma voz baixa, lenta, um pouco cansada — têm cinco minutos para se retirar.

A vaia e os gritos repetidos afogaram o toque de clarim que anunciou o princípio do prazo. Ninguém se mexeu.

— Já passaram os cinco minutos — disse o capitão no mesmo tom. — Mais um minuto e atiramos.

José Arcadio Segundo, suando gelo, desceu o menino dos ombros e o entregou à mulher. "Esses cornos são capazes de disparar", murmurou ela. José Arcadio Segundo não teve tempo de falar, porque no mesmo instante reconheceu a voz rouca do Coronel Gavilán fazendo eco com um grito às palavras da mulher. Embriagado pela tensão, pela maravilhosa profundidade do silêncio e, além disso, convencido de que nada faria se mover aquela multidão pasmada pela fascinação da morte, José Arcadio Segundo se ergueu acima das cabeças que tinha pela frente, e, pela primeira vez em sua vida, levantou a voz.

— Cornos! — gritou. — Podem levar de presente o minuto que falta.

Ao fim do seu grito aconteceu uma coisa que não lhe produziu espanto, mas uma espécie de alucinação. O capitão deu a ordem de fogo e quatorze ninhos de metralhadoras responderam imediatamente. Mas tudo parecia uma farsa. Era como se as metralhadoras estivessem carregadas com fogos de artifício, porque se escutava o seu resfolegante matraquear e se viam as suas cusparadas incandescentes, mas não se percebia a mais leve reação, nem uma voz, nem sequer um suspiro entre a multidão compacta que parecia petrificada por uma invulnerabilidade instantânea. De repente, de um lado da estação, um grito de morte quebrou o encantamento: "Aaaai, minha mãe." Uma força sísmica, uma respiração vulcânica, um rugido de cataclismo arrebentaram no centro da multidão com uma descomunal potência expansiva. José Arcadio Segundo mal teve tempo de levantar o menino, enquanto a mãe e o outro eram absorvidos pela multidão centrifugada pelo pânico.

Muitos anos depois, o menino haveria de contar ainda, apesar de os vizinhos continuarem a encará-lo como um velho maluco, que José Arcadio Segundo o erguera por cima da sua cabeça e se deixara arrastar, quase no ar, como que flutuando no terror da multidão, para uma rua adjacente. A posição privilegiada do menino lhe permitiu ver que nesse momento a massa ululante começava a chegar na esquina e a fila de metralhadoras abriu fogo. Várias vozes gritaram ao mesmo tempo:

— Atirem-se no chão! Atirem-se no chão!

Já os das primeiras linhas o tinham feito, varridos pelas rajadas da metralha. Os sobreviventes, em vez de se atirarem no chão, tentaram voltar à praça e o pânico deu uma rabanada de dragão, e os mandou numa onda compacta contra a outra onda compacta que se movimentava em sentido contrário, despedida pela outra rabanada de dragão da rua oposta, onde também as metralhadoras disparavam sem trégua. Estavam encurralados, girando num torvelinho gigantesco que pouco a pouco se reduzia ao seu epicentro, porque os seus bordos iam sendo sistematicamente recortados em círculo, como descascando uma cebola, pela tesoura insaciável e metódica da metralha. O menino viu uma mulher ajoelhada, com os braços em cruz, num espaço limpo, misteriosamente vedado aos disparos. Ali o colocou José Arcadio Segundo, no instante de cair com a cara banhada em sangue, antes que o tropel colossal arrasasse com o espaço vazio, com a mulher ajoelhada, com a luz do alto céu de seca e com o puto mundo onde Úrsula Iguarán tinha vendido tantos animaizinhos de caramelo.

Quando José Arcadio Segundo acordou, estava de peito para cima nas trevas. Percebeu que ia num trem interminável e silencioso, e que tinha o cabelo empastado pelo sangue seco e que lhe doíam todos os ossos. Sentiu um sono insuportável. Disposto a dormir muitas horas, a salvo do terror e do horror, acomodou-se do lado que lhe doía menos e só então descobriu que estava deitado sobre os mortos. Não havia um espaço livre no vagão, exceto o corredor central. Deviam ter passado várias horas do massacre, porque os cadáveres tinham a mesma temperatura do gesso no outono e a sua mesma consistência de espuma petrificada, e os que os tinham colocado no vagão tiveram tempo de arrumá-los na ordem e no sentido em que se transportavam os cachos de banana. Tentando fugir do pesadelo, José Arcadio Segundo arrastou-se de um vagão a outro, na direção em que avançava o trem, e, nos relâmpagos que surgiram por entre as esquadrias de madeira ao passar pelos povoados adormecidos, via os mortos homens, os mortos mulheres, os mortos crianças, que iam talvez ser atirados ao mar como as bananas refugadas. Só reconheceu uma mulher que vendia refrescos na praça e o Coronel Gavilán, que ainda trazia enrolado na mão o cinturão com a fivela de prata mexicana com que tentara abrir caminho através do pânico. Quando chegou ao primeiro vagão deu um salto para a escuridão e ficou estendido na vala da estrada até que o trem acabou de passar. Era o mais comprido que já tinha visto, com quase duzentos vagões de carga e uma locomotiva em cada extremo e uma terceira no centro. Não tinha nenhuma luz, nem sequer os faróis vermelhos e verdes de disposição, e deslizava numa velocidade noturna e sigilosa. Em cima dos vagões se viam os vultos escuros dos soldados com as metralhadoras preparadas.

Depois da meia-noite caiu um aguaceiro torrencial. José Arcadio Segundo ignorava onde tinha saltado mas sabia que caminhando em sentido contrário ao do trem chegaria a Macondo. Ao fim de mais de três horas de marcha, ensopado até os ossos, com uma dor de cabeça terrível, divisou as primeiras casas à luz do amanhecer. Atraído pelo cheiro do café, entrou numa cozinha onde uma mulher com uma criança no colo estava inclinada sobre o fogão.

— Bom dia — disse exausto. — Sou José Arcadio Segundo Buendía.

Pronunciou o nome completo, letra por letra, para se convencer de que estava vivo. Fez bem porque a mulher tinha pensado que era uma assombração, ao ver na porta a figura esquálida, sombria, com a cabeça e a roupa sujas de sangue e tocada pela solenidade da morte. Conhecia-o. Trouxe uma manta para que se cobrisse enquanto secava a roupa no fogão, esquentou água para que lavasse a ferida, que era apenas um arranhão na pele, e lhe deu uma fralda limpa para que vendasse a cabeça. Em seguida, serviu-lhe uma xícara de café, sem açúcar como lhe haviam dito que tomavam os Buendía, e estendeu a roupa perto do fogo.

José Arcadio Segundo não falou enquanto não terminou de tomar o café.

— Deviam ser uns três mil — murmurou.

— O quê?

— Os mortos — esclareceu ele. — Deviam ser todos os que estavam na estação.

A mulher mediu-o com um olhar de pena. "Aqui não houve mortos", disse. "Desde a época do seu tio, o coronel, que não acontece nada em Macondo." Em três cozinhas onde se deteve José Arcadio Segundo antes de chegar em casa lhe disseram a mesma coisa: "Não houve mortos." Passou pela praça da estação e viu as mesas de frituras amontoadas uma em cima da outra e tampouco ali encontrou algum rastro do massacre. As ruas estavam desertas sob a chuva tenaz e as casas fechadas, sem vestígios de vida interior. O único sinal humano era o primeiro toque para a missa. Bateu na porta da casa do Coronel Gavilán. Uma mulher grávida, que tinha visto muitas vezes, fechou-lhe a porta na cara. "Foi-se embora", disse assustada. "Voltou para a terra dele." A entrada principal do galinheiro entelado estava vigiada, como sempre, por dois guardas locais que pareciam de pedra sob a chuva, com capas e capacetes de impermeável. Na sua ruazinha marginal, os negros antilhanos cantavam em coro os salmos de sábado. José Arcadio Segundo pulou a cerca do quintal e entrou em casa pela cozinha. Santa Sofía de la Piedad mal levantou a voz.

"Que Fernanda não te veja", disse. "Agora mesmo estava se levantando." Como se cumprisse um pacto implícito, levou o filho para o *quarto dos penicos*, arrumou-lhe o arrebentado catre de Melquíades e às duas da tarde, enquanto Fernanda fazia a sesta, passou-lhe pela janela um prato de comida.

Aureliano Segundo dormira em casa porque a chuva o surpreendera ali e, às três da tarde, ainda continuava esperando que estiasse. Informado em segredo por Santa Sofía de la Piedad, a essa hora visitou o irmão no quarto de Melquíades. Tampouco ele acreditou na versão do massacre nem no pesadelo do trem carregado de mortos que viajava para o mar. Na noite anterior tinham lido uma comunicação nacional extraordinária, para informar que os operários tinham obedecido à ordem de evacuar a estação e se dirigiram para as suas casas em caravanas pacíficas. A comunicação informava também que os dirigentes sindicais, com um elevado espírito patriótico, tinham reduzido as suas reivindicações a dois pontos: reforma dos serviços médicos e construção de latrinas nas vivendas. Informou-se mais tarde que, quando as autoridades militares obtiveram o acordo dos trabalhadores, apressaram-se em comunicá-lo ao Sr. Brown e que este não só tinha aceito as novas condições como também oferecera pagar três dias de festas públicas para celebrar o fim do conflito. Só que quando os militares lhe perguntaram para que data se podia anunciar a assinatura do acordo, ele olhou pela janela do céu listrado de relâmpagos e fez um profundo gesto de incerteza:

— Quando estiar — disse. — Enquanto durar a chuva suspendemos todas as atividades.

Não chovia há três meses e era tempo de seca. Mas quando o Sr. Brown anunciou a sua decisão, precipitou-se em toda a zona bananeira o aguaceiro torrencial que surpreendeu José Arcadio Segundo a caminho de Macondo. Uma semana depois continuava chovendo. A versão oficial, mil vezes repetida e repisada em todo o país por quanto meio de divulgação o Governo encontrou ao seu alcance, terminou por se impor: não houve mortos, os trabalhadores satisfeitos tinham voltado para o seio das suas famílias, e a companhia bananeira suspendia as suas atividades até passar a chuva. A lei marcial continuava, prevendo que fosse necessário aplicar medidas de emergência para a calamidade pública do aguaceiro interminável, mas a tropa estava aquartelada. Durante o dia, os militares andavam pelas torrentes das ruas, com as calças enroladas na metade da perna, brincando de naufrágio com as crianças. De noite, depois do toque de recolher, derrubavam as portas a coronhadas, arrancavam os suspeitos das camas e os levavam para uma viagem sem regresso. Era ainda a busca e o extermínio dos malfeitores, assassinos, incendiários e revoltosos do Decreto Número Quatro, mas os militares o negavam aos próprios parentes das suas vítimas, que atulhavam os escritórios dos comandantes em busca de notícias. "Claro que foi um sonho", insistiam os oficiais. "Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo nem acontecerá nunca. É um povoado feliz." Assim consumaram o extermínio dos líderes sindicais.

O único sobrevivente foi José Arcadio Segundo. Uma noite de fevereiro se ouviram na porta as batidas inconfundíveis das coronhas. Aureliano Segundo, que continuava esperando que estiasse para sair, abriu a seis soldados comandados por um oficial. Ensopados de chuva, sem pronunciar uma palavra, revistaram a casa cômodo por cômodo, armário por armário, das salas até a despensa. Úrsula acordou quando acenderam a luz do quarto e não exalou um suspiro enquanto durou a revista, mas manteve os dedos cruzados, movendo-os para onde os soldados se moviam. Santa Sofía de la Piedad conseguiu prevenir José Arcadio Segundo que dormia no quarto de Melquíades, mas ele compreendeu que era tarde demais para tentar a fuga. De modo que Santa Sofía de la Piedad tornou a fechar a porta e ele pôs a camisa e os sapatos e se sentou no catre para esperar que chegassem. Nesse momento estavam revistando a oficina de ourivesaria. O oficial tinha feito abrir o cadeado e, com uma rápida passagem da lanterna, tinha visto a mesa de trabalho e a prateleira com os frascos de ácidos e os instrumentos que continuavam no mesmo lugar em que os deixara o seu dono e pareceu compreender que naquele quarto não vivia ninguém. Entretanto, perguntou astutamente a Aureliano Segundo se era ourives e ele lhe explicou que aquela tinha sido a oficina do Coronel Aureliano Buendía. "Ãhã", fez o oficial e acendeu a luz e ordenou uma revista tão minuciosa que não lhes escaparam os dezoito peixinhos de ouro que tinham ficado sem fundir e que estavam escondidos atrás dos frascos na vasilha de lata. O oficial os examinou um por um na mesa de trabalho e então se humanizou por completo. "Eu gostaria de levar um para mim, se o senhor permite", disse. "Em certa época foram uma senha de subversão, mas agora são uma relíquia." Era jovem, quase um adolescente, sem nenhum sinal de timidez e com uma simpatia natural que não tinha sido notada até então. Aureliano Segundo lhe deu o peixinho de presente. O oficial o guardou no bolso da camisa, com um brilho infantil nos olhos, e jogou os outros na vasilha para colocá-los onde estavam.

— É uma lembrança inestimável — disse. — O Coronel Aureliano Buendía foi um dos nossos maiores homens.

Entretanto, o acesso de humanização não modificou a sua conduta profissional. Diante do quarto de Melquíades, que estava outra vez com cadeado, Santa Sofía de la Piedad lançou mão de uma última esperança. "Faz mais ou menos um século que não vive ninguém neste quarto", disse. O oficial o fez abrir, percorreu-o com o foco da lanterna, e Aureliano Segundo e Santa Sofía de la Piedad viram os olhos árabes de José Arcadio Segundo no momento em que passou pela sua cara a rajada de luz e compreenderam que aquele era o fim de uma ansiedade e o princípio de outra que só encontraria alívio na resignação. Mas o oficial continuou examinando o cômodo com a lanterna e não deu nenhum sinal de interesse enquanto não descobriu os setenta e dois penicos arregimentados nos armários. Então acendeu a luz. José Arcadio Segundo estava sentado na ponta do catre, pronto para sair, mais grave e pensativo do que nunca. Ao fundo estavam as prateleiras com os livros escalavrados, os rolos de pergaminho e a mesa de trabalho limpa e arrumada e ainda fresca a tinta nos tinteiros. Havia a mesma pureza no ar, a mesma diafanidade, o mesmo privilégio contra a poeira e a destruição que conhecera Aureliano Segundo na infância e que só o Coronel

Aureliano Buendía não pudera perceber. Mas o oficial não se interessou a não ser pelos penicos.

— Quantas pessoas vivem nesta casa? — perguntou.

— Cinco.

O oficial, evidentemente, não entendeu. Deteve o olhar no espaço onde Aureliano Segundo e Santa Sofía de la Piedad continuavam vendo José Arcadio Segundo e também este se deu conta de que o militar estava olhando para ele sem vê-lo. Em seguida apagou a luz e encostou a porta. Quando falou com os soldados, Aureliano Segundo compreendeu que o jovem militar tinha visto o quarto com os mesmos olhos com que o vira o Coronel Aureliano Buendía.

— É verdade que ninguém entra nesse quarto há pelo menos um século — disse o oficial aos soldados. — Deve ter até cobra.

Ao se fechar a porta, José Arcadio Segundo teve a certeza de que a sua guerra tinha terminado. Anos antes, o Coronel Aureliano Buendía lhe falara da fascinação da guerra e tratara de demonstrá-la com exemplos inumeráveis tirados da sua própria experiência. Ele tinha acreditado. Mas na noite em que os militares o olharam sem vê-lo, enquanto pensava na tensão dos últimos meses, na miséria da prisão, no pânico da estação e no trem carregado de mortos, José Arcadio Segundo chegou à conclusão de que o Coronel Aureliano Buendía não fora mais que um farsante ou um imbecil. Não entendia que tivesse necessitado tantas palavras para explicar o que se sentia na guerra, se uma só bastava: medo. No quarto de Melquíades, pelo contrário, protegido pela luz sobrenatural, pelo barulho da chuva, pela sensação de ser invisível, encontrou o repouso que não tinha tido por um só instante na sua vida anterior e o único medo que persistia era o de que o enterrassem vivo. Contou isso para Santa Sofía de la Piedad, que lhe trazia as refeições diárias, e ela lhe prometeu lutar para estar viva até além das suas forças, para assegurar-se de que só o enterrariam morto. A salvo de todo o temor, José Arcadio Segundo se dedicou então a reler muitas vezes os pergaminhos de Melquíades, tanto mais satisfeito quanto menos os entendia. Acostumado com o barulho da chuva, que ao fim de dois meses se transformou numa nova forma de silêncio, a única coisa que perturbava a sua solidão eram as entradas e saídas de Santa Sofía de la Piedad. Por isso lhe suplicou que deixasse a comida no parapeito da janela e pusesse o cadeado na porta. O resto da família o esqueceu, inclusive Fernanda, que não teve inconveniente em deixá-lo ali, quando soube que os militares o tinham visto sem reconhecer. Depois de seis meses de clausura, em vista de terem os militares deixado Macondo, Aureliano Segundo tirou o cadeado, procurando alguém com quem conversar enquanto não passava a chuva. Desde que abriu a porta se sentiu agredido pelo mau cheiro dos penicos que estavam colocados no chão e todos muitas vezes ocupados. José Arcadio Segundo, devorado pela careca, indiferente ao ar rarefeito pelos vapores nauseabundos, continuava lendo e relendo os pergaminhos ininteligíveis. Estava iluminado por um brilho seráfico. Mal levantou a vista quando sentiu que a porta se abria, mas ao irmão bastou aquele olhar para ver repetido nele o destino irreparável do bisavô.

— Eram mais de três mil — foi tudo quanto disse José Arcadio Segundo. — Agora estou certo de que eram todos os que estavam na estação.

CHOVEU durante quatro anos, onze meses e dois dias. Houve épocas de chuvisco em que todo mundo pôs a sua roupa de domingo e compôs uma cara de convalescente para festejar a estiagem, mas logo se acostumaram a interpretar as pausas como anúncios de recrudescimento. O céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações. Como acontecera durante a peste da insônia, que Úrsula dera para recordar naqueles dias, a própria calamidade ia inspirando defesas contra o tédio. Aureliano Segundo foi um dos que mais fizeram para não se deixar vencer pela ociosidade. Tinha vindo em casa por algum assunto casual na noite em que o Sr. Brown convocara a tormenta e Fernanda tratara de auxiliá-lo com um guarda-chuva meio desvaretado que encontrou num armário. "Não há necessidade", disse ele. "Fico aqui até estiar." Não era, evidentemente, um compromisso rígido, mas esteve a ponto de cumpri-lo ao pé da letra. Como a sua roupa estava na casa de Petra Cotes, de três em três dias tirava a que vestia e esperava de cuecas enquanto a lavavam. Para não se chatear, entregou-se à tarefa de consertar as numerosas imperfeições da casa. Apertou dobradiças, lubrificou fechaduras, parafusou aldrabas e nivelou ferrolhos. Durante vários meses foi visto vagando com uma caixa de ferramentas que deveria ter sido esquecida pelos ciganos na época de José Arcadio Buendía, e ninguém soube se foi pela ginástica involuntária, pelo tédio invernal ou pela abstinência obrigada que a pança foi desinchando pouco a pouco como um odre e a cara de tartaruga beatífica ficou menos sanguínea e a papada menos protuberante, até que ele todo acabou por ser menos paquidérmico e pôde amarrar outra vez os cordões dos sapatos. Vendo-o colocar os trincos e desmontar os relógios, Fernanda se perguntou se não estaria também caindo no vício de fazer para desfazer, como o Coronel Aureliano Buendía com os peixinhos de ouro, Amaranta com os botões e a mortalha, José Arcadio Segundo com os pergaminhos e Úrsula com as lembranças. Mas não era verdade. O ruim era que a chuva atrapalhava tudo e as máquinas mais áridas brotavam em flores por entre as engrenagens se não fossem lubrificadas de três em três dias, e se enferrujavam os fios dos brocados, e nasciam algas de açafrão na roupa molhada. A atmosfera estava tão úmida que os peixes poderiam entrar pelas portas e sair pelas janelas, navegando no ar dos aposentos. Certa manhã Úrsula acordou sentindo que se acabava num desmaio de placidez, e já tinha pedido que a levassem ao Padre Antonio Isabel, ainda que fosse numa liteira, quando Santa Sofía de la Piedad descobriu que ela tinha as costas empedradas de sanguessugas. Desprenderam-nas uma por uma, queimando-as com tições, antes que acabassem de sangrá-la. Foi preciso abrir canais para escorrer a água da casa e desimpedi-la de sapos e caracóis, para que pudesse secar o chão, tirar os tijolos dos pés das camas e andar outra vez de sapatos. Entretido com as múltiplas minúcias que reclamavam a sua atenção, Aureliano Segundo não percebeu que estava ficando velho, até uma tarde em que se viu contemplando de uma cadeira de balanço o entardecer prematuro e pensando em Petra Cotes sem estremecer. Não teria tido nenhum inconveniente em regressar para o amor insípido de Fernanda, cuja beleza tinha repousado com a maturidade, mas a chuva o havia posto a salvo de qualquer emergência passional e lhe infundira a serenidade esponjosa da inapetência. Divertiu-se pensando nas coisas que teria podido fazer, em outros tempos, com aquela chuva que já ia para um ano. Tinha sido um dos primeiros a trazer folhas de zinco para Macondo, muito antes da companhia bananeira pô-las em moda, só para forrar com elas o quarto de Petra Cotes e gozar a impressão de intimidade profunda que lhe produzia, naquela época, a crepitação da chuva. Mas até essas lembranças malucas da sua juventude extravagante o deixavam impávido, como se na última farra tivesse esgotado todas as suas quotas de libertinagem e só lhe tivesse restado o prêmio maravilhoso de poder evocá-las sem amargura nem arrependimento. Poder-se-ia imaginar que o dilúvio lhe tinha dado a oportunidade de se sentar para pensar e que o movimento dos alicates e das latinhas de óleo lhe havia despertado a saudade tardia de tantos trabalhos úteis que poderia ter feito e não fez na vida, mas nem uma coisa nem outra era verdade, porque a tentação de sedentarismo e domesticidade que o andava rondando não era fruto da recuperação nem da expiação. Vinha de muito mais longe, desenterrada pelo ancinho da chuva, dos tempos em que lia no quarto de Melquíades as prodigiosas histórias dos tapetes voadores e das baleias que se alimentavam de navios com tripulações. Foi por esses dias que, num descuido de Fernanda, apareceu na varanda o pequeno Aureliano e o avô conheceu o segredo da sua identidade. Cortou-lhe o cabelo, vestiu-o, ensinou-lhe a perder o medo das pessoas, e muito em breve se viu que era um legítimo Aureliano Buendía, com as maçãs do rosto altas, o olhar de espanto e o ar solitário. Para Fernanda foi um descanso. Havia tempo que tinha moderado a magnitude da sua soberba, mas não descobria como remediá-la, porque quanto mais pensava nas soluções, menos racionais lhe pareciam. Se soubesse que Aureliano Segundo ia encarar as coisas como encarou, com uma boa complacência de avô, não teria feito tantas voltas nem tantos adiamentos, mas desde o ano anterior que se teria libertado da mortificação. Para Amaranta Úrsula, que já tinha mudado os dentes, o sobrinho foi como um brinquedo fugidio que a consolou do tédio da chuva. Aureliano Segundo se lembrou então da enciclopédia inglesa que ninguém voltara a tocar no antigo quarto de Meme. Começou por mostrar as gravuras às crianças, especialmente as de animais, e mais tarde os mapas e as fotografias de países remotos e personagens célebres. Como não sabia inglês, e como mal podia distinguir as cidades mais conhecidas e as personalidades mais correntes, deu para inventar nomes e lendas para satisfazer a curiosidade insaciável das crianças.

Fernanda acreditava mesmo que o marido estava esperando que estiasse para voltar para a concubina. Nos primeiros meses de chuva temeu que ele tentasse deslizar para o seu quarto e que ela tivesse que passar a vergonha de lhe revelar que estava incapacitada para a reconciliação desde o nascimento de Amaranta Úrsula. Essa era a causa da sua ansiosa correspondência com os médicos invisíveis, interrompida pelos freqüentes acidentes do correio. Durante os primeiros meses, quando se soube que os trens descarrilhavam na tormenta, uma carta dos médicos invisíveis indicou-lhe que as suas se estavam perdendo. Mais tarde, quando se interromperam os contatos com os seus correspondentes ignotos, pensou seriamente em colocar a máscara de tigre que seu marido usara no carnaval sangrento para se fazer examinar, sob nome falso, pelos médicos da companhia bananeira. Mas uma das tantas pessoas que passavam freqüentemente pela casa trazendo as notícias ingratas do dilúvio tinha dito a ela que a companhia estava botando abaixo os seus ambulatórios para levá-los para as terras de estiagem. Então perdeu a esperança. Resignou-se a aguardar que passasse a chuva e o correio se normalizasse e, enquanto isso, aliviava as suas mazelas secretas com recursos de inspiração, porque teria preferido morrer a pôr-se nas mãos do único médico que restava em Macondo, o francês extravagante que se alimentava com ervas de burro. Aproximara-se de Úrsula, confiada de que ela conheceria algum paliativo para os seus quebrantos. Mas o tortuoso costume de não chamar as coisas pelo próprio nome levou-a a colocar o anterior no posterior e a substituir o parido pelo evacuado e a mudar secreções por ardores para que tudo ficasse menos vergonhoso, de modo que Úrsula concluiu razoavelmente que as perturbações não eram uterinas, mas intestinais, e aconselhou-a a tomar em jejum uma dose de calomelano. Não fosse por esse padecimento que nada teria tido de pudendo para alguém que não estivesse doente também de pudicícia, e se não fosse a perda das cartas, Fernanda não teria se importado com a chuva, porque afinal de contas toda a sua vida tinha sido como se estivesse chovendo. Não modificou os horários nem perdoou os ritos. Quando a mesa ainda estava suspensa sobre tijolos e as cadeiras colocadas sobre tábuas para que os comensais não molhassem os pés, ela continuava servindo com toalhas de linho e louça chinesa, e acendendo os candelabros no jantar, porque achava que as calamidades não podiam servir de pretexto para o relaxamento dos costumes. Ninguém voltara a aparecer na rua. Se tivesse dependido de Fernanda, não voltariam a fazê-lo jamais, não só desde que começara a chover, mas desde muito antes, já que ela pensava que as portas tinham sido inventadas para serem fechadas, e que a curiosidade pelo que acontecia na rua era coisa de rameira. Entretanto, ela foi a primeira a aparecer quando avisaram que estava passando o enterro do Coronel Gerineldo Márquez, embora o que visse então pela janela entreaberta a deixasse em tal estado de angústia que durante muito tempo ficou arrependida da sua debilidade.

Não se poderia imaginar um cortejo mais desolado. Tinham colocado o ataúde num carro de boi sobre o qual construíram uma coberta de folhas de bananeira, mas a pressão da chuva era tão intensa e as ruas estavam tão enlameadas que a cada passo as rodas atolavam e a coberta ameaçava desmoronar. Os jatos d'água triste que caíam sobre o ataúde iam ensopando a bandeira que tinham colocado por cima e que era na realidade a bandeira suja de sangue e de pólvora, repudiada pelos veteranos mais dignos. Sobre o ataúde tinham posto também o sabre com borlas de cobre e seda, o mesmo que o Coronel Gerineldo Márquez pendurava no cabide da sala para entrar desarmado no quarto de costura de Amaranta. Atrás do carro, alguns descalços e todos com as calças arregaçadas na metade da perna, chapinhando na lama, vinham os últimos sobreviventes da capitulação de Neerlândia, trazendo numa das mãos um rijo bastão de madeira e na outra uma coroa de flores de papel descolorido pela chuva. Apareceram como uma visão irreal na rua que ainda trazia o nome do Coronel Aureliano Buendía e todos olharam a casa ao passar e dobraram a esquina da praça, onde tiveram que pedir ajuda para movimentar o carro atolado. Úrsula se fizera levar até a porta por Santa Sofía de la Piedad. Acompanhou com tanta atenção as peripécias do enterro que ninguém duvidou de que o estava vendo, sobretudo porque a sua levantada mão de arcanjo anunciador se movimentava com os cabeceios do carro.

— Adeus, Gerineldo, meu filho — gritou. — Cumprimente a minha gente por mim e diga que nos veremos quando estiar.

Aureliano Segundo ajudou-a a voltar para a cama e com a mesma informalidade com que a tratava sempre perguntou o significado da sua despedida.

— É verdade — disse ela. — Só estou esperando a chuva passar para morrer.

O estado das ruas alarmou Aureliano Segundo. Tardiamente preocupado com a sorte dos seus animais, jogou na cabeça um pedaço de oleado e foi à casa de Petra Cotes. Encontrou-a no quintal, com água pela cintura, tentando desencalhar o cadáver de um cavalo. Aureliano Segundo ajudou-a com uma tranca e o enorme corpo tumefacto fez uma volta de sino e foi arrastado pela torrente de barro líquido. Desde que começara a chuva Petra Cotes não tinha feito outra coisa senão desentulhar o quintal dos animais mortos. Nas primeiras semanas mandara recados a Aureliano Segundo para que tomasse providências urgentes e ele respondera que não havia pressa, que a situação não era alarmante, que já se pensaria em alguma coisa quando estiasse. Mandara-lhe dizer que os estábulos estavam se inundando, que o gado fugia para as terras altas onde não havia o que comer e que estava à mercê das onças e da peste. "Não há nada a fazer", respondera-lhe Aureliano Segundo. "Nascerão outros quando estiar." Petra Cotes os tinha visto morrer às pencas e mal pudera livrar os que ficavam atolados. Viu com uma impotência surda como o dilúvio fora exterminando sem misericórdia uma fortuna que em certa época era tida como a maior e mais sólida de Macondo e da qual não restava nada a não ser o mau cheiro. Quando Aureliano Segundo decidiu ir ver o que estava acontecendo, só encontrou o cadáver do cavalo e uma mula esquálida entre os escombros da cavalariça. Petra Cotes o viu chegar sem surpresa, sem alegria nem ressentimento, e mal se permitiu um sorriso irônico.

— Em boa hora! — disse.

Estava envelhecida, um feixe de ossos, e seus lanceolados olhos de animal carnívoro tinham ficado tristes e mansos de tanto olhar a chuva. Aureliano Segundo ficou mais de três meses na sua casa, não porque no momento se sentisse melhor ali do que na de sua família, mas porque precisou de todo esse tempo para tomar a decisão de jogar à cabeça outra vez o pedaço de oleado. "Não há pressa", disse, como tinha dito na outra casa. "Vamos ver se estia nas próximas horas." No decorrer da primeira semana foi se acostumando com os desgastes que o tempo e a chuva tinham feito na saúde da concubina, e pouco a pouco a foi vendo como era antes, lembrando-se das suas exaltações jubilosas e da fecundidade de delírio que o seu amor provocava nos animais e, em parte por amor e em parte por interesse, certa noite da segunda semana, despertou-a com carícias prementes. Petra Cotes não reagiu. "Durma tranqüilo", murmurou. "A época não está mais para essas coisas." Aureliano Segundo viu-se a si mesmo nos espelhos do teto, viu a espinha dorsal de Petra Cotes como uma fileira de carretéis enfiados numa meada de nervos murchos e compreendeu que ela tinha razão, não por causa da época, mas por causa deles mesmos, que já não estavam mais para essas coisas.

Aureliano Segundo voltou para casa com os seus baús, convencido de que não apenas Úrsula, mas todos os habitantes de Macondo estavam esperando que estiasse para morrer. Tinha-os visto ao passar, sentados nas salas com o olhar absorto e os braços cruzados, sentindo transcorrer um tempo inteiriço, um tempo sem desbravar, porque era inútil dividi-lo em meses e anos, e os dias em horas, já que não se podia fazer nada além de contemplar a chuva. As crianças receberam com alvoroço Aureliano Segundo, que voltou a tocar para elas o acordeão asmático. Mas o concerto não lhes chamou tanto a atenção quanto as sessões enciclopédicas, de modo que voltaram novamente a se reunir no quarto de Meme, onde a imaginação de Aureliano Segundo transformou o dirigível num elefante voador que procurava um lugar para dormir entre as nuvens. Em certa ocasião encontrou um homem a cavalo que apesar de suas vestes exóticas conservava certo ar familiar e depois de muito examiná-lo chegou à conclusão de que era um retrato do Coronel Aureliano Buendía. Mostrou-o a Fernanda e também ela admitiu a semelhança do ginete não só com o coronel, mas com todos os membros da família, embora na verdade fosse um guerreiro tártaro. Assim foi passando o tempo, entre o colosso de Rodes e os encantadores de serpentes, até que a esposa lhe anunciou que não restavam mais do que seis quilos de carne-seca e um saco de arroz na despensa.

— E o que você quer que eu faça? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu Fernanda. — Isso é problema de homem.

— Bem — disse Aureliano Segundo — alguma coisa será feita quando estiar.

Continuou mais interessado na enciclopédia do que no problema doméstico, mesmo quando teve que se conformar com uma pelanca e um pouco de arroz no almoço. "Agora é impossível fazer qualquer coisa", dizia. "Não pode chover a vida inteira." E quanto mais folga dava às urgências da despensa, mas intensa se ia fazendo a indignação de Fernanda, até que os seus protestos eventuais, as suas queixas pouco freqüentes transbordaram numa torrente incontida, desatada, que começou certa manhã como o monótono bordão de uma guitarra e que à medida que avançava o dia foi subindo de tom, cada vez mais rico, mais esplêndido. Aureliano Segundo não tomou consciência da ladainha até o dia seguinte depois do café quando se sentiu aturdido por um zumbido que já estava mais fluido e mais alto que o barulho da chuva e era Fernanda que passeava pela casa inteira se lamentando de que a tivessem educado como uma rainha para acabar de criada numa casa de loucos, com um marido vagabundo, idólatra, libertino, que ficava de papo para o ar esperando que chovesse pão do céu, enquanto ela destroncava os rins tentando manter à tona um lar preso com alfinetes, onde tinha tanto que fazer, tanto que agüentar e corrigir, desde que amanhecia o Senhor até a hora de dormir, que já chegava na cama com os olhos vidrados, e no entanto nunca ninguém lhe dera um bom dia, Fernanda, como passou a noite, Fernanda? nem lhe perguntara, mesmo que fosse só por delicadeza, por que estava tão pálida nem por que se levantava com essas olheiras roxas, apesar de ela não esperar, é claro, que aquilo saísse do resto de uma família que afinal de contas sempre a considerara como um estorvo, como o pegador de panelas, como uma bruxinha de pano pendurada na parede, e que sempre andavam tresvariando contra ela pelos cantos, chamando-a de santarrona, chamando-a de fariséia, chamando-a de velhaca, e até Amaranta, que Deus tenha, havia dito a viva voz que ela era das que confundiam o reto com as têmporas, bendito seja Deus que palavras, e ela agüentara tudo com resignação pelas intenções do Santo Pai, mas não pudera suportar mais quando o malvado do José Arcadio Segundo disse que a perdição da família tinha sido abrir as portas para uma franguinha, imaginem, uma franguinha mandona, valha-me Deus, uma franguinha filha de má saliva, da mesma índole dos frangotes que o Governo tinha mandado para matar os trabalhadores, veja você, e se referia nada mais nada menos do que a ela, a afilhada do Duque de Alba, uma dama de tanta classe que deixava as esposas dos presidentes no chinelo, uma fidalga de sangue como ela que tinha o direito de assinar onze sobrenomes peninsulares e que era o único mortal desse povoado de bastardos que não se sentia atrapalhado diante de dezesseis talheres, para que logo o adúltero do seu marido dissesse morrendo de rir que tantas colheres e garfos, e tantas facas e colherinhas, não eram coisa de cristão, mas de centopéia, e a única que podia dizer de olhos fechados quando se servia o vinho branco, e de que lado, em que taça, e quando se servia o vinho tinto, e de que lado, e em que taça, e não como a rústica da Amaranta, que em paz descanse, que pensava que o vinho branco se servia de dia e o vinho tinto de noite, e a única em todo o litoral que podia se vangloriar de não se ter aliviado a não ser em penicos de ouro, para que em seguida o Coronel Aureliano Buendía, que em paz descanse, tivesse o atrevimento de perguntar com os seus maus bofes de maçom a troco de que tinha merecido esse privilégio, por acaso ela não cagava merda, e sim orquídeas?, imaginem, com essas palavras, e para que Renata, sua própria filha, que por indiscrição tinha visto o seu número dois no quarto, respondesse que realmente o penico era de muito ouro e de muita heráldica, mas o que tinha dentro era pura merda, merda física, e pior ainda que as outras, porque era merda de gente metida a besta, imaginem, a sua própria filha, de modo que nunca tivera ilusões com o resto da família, mas de qualquer maneira tinha o direito de esperar um pouco mais de consideração da parte do marido, já que bem ou mal era o seu cônjuge de sacramento, o seu autor, o seu legítimo prejudicador*, que se encarregara por livre e espontânea vontade da grave responsabilidade de tirá-la do solar paterno, onde nunca se privara de nada nem sofrera por nada, onde tecia coroas fúnebres por pura diversão, já que seu padrinho tinha mandado uma carta com a sua assinatura e o selo do seu anel impresso no lacre, só para dizer que as mãos da afilhada não tinham sido feitas

---

*No original: *legítimo perjudicador*. Explicação do autor à tradutora: "Quando um homem possui uma mulher sem consentimento (é possível?), diz-se que a *perjudicou*. Fernanda quer dizer que Aureliano Segundo a *perjudicou*, mas com todo o direito, porque era seu esposo legal: seu legítimo prejudicador."

para os trabalhos deste mundo que não fossem tocar clavicórdio e, entretanto, o insensato do marido a tirara de casa, com todas admoestações e advertências, e a trouxera para aquela caldeira do inferno onde não se podia respirar de tanto calor, e antes de que ela acabasse de guardar as suas abstinências de Pentecostes, já tinha ido embora com os seus baús migratórios e o seu acordeão de perdulário para gozar em adultério com uma desgraçada de quem bastava olhar as nádegas, bem, já estava dito, de quem bastava olhar as nádegas de potranca para adivinhar que era uma, que era uma, exatamente o contrário dela, que era uma dama no palácio ou na pocilga, na mesa ou na cama, uma dama de nascença, temente a Deus, obediente às suas leis e submissa aos seus desígnios, e com quem não podia fazer, é claro, as nojeiras e vagabundagens que fazia com a outra, que é claro que se prestava a tudo, como as matronas francesas, e pior ainda, pensando bem, porque estas pelo menos tinham a honradez de colocar uma luz vermelha na porta, semelhantes porcarias, imaginem, só faltava essa, com a filha única e bem-amada de D. Renata Argote e D. Fernando del Carpio, e sobretudo deste, é claro, um santo varão, um cristão dos grandes, Cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro, desses que recebem diretamente de Deus o privilégio de se conservarem intactos na cova, com a pele esticada como cetim de noiva e os olhos vivos e diáfanos como as esmeraldas.

— Isto é que não é verdade — interrompeu-a Aureliano Segundo — quando o trouxeram já estava fedendo.

Tinha tido a paciência de escutá-la um dia inteiro até surpreendê-la em erro. Fernanda não lhe deu confiança, mas baixou a voz. Nessa noite, durante o jantar, o exasperante zumbido da ladainha venceu o barulho da chuva. Aureliano Segundo comeu muito pouco, com a cabeça baixa, e se retirou cedo para o dormitório. No café do dia seguinte Fernanda estava trêmula, com jeito de ter dormido mal e parecia desafogada por completo dos seus rancores. Entretanto, quando o marido perguntou se não seria possível comer um ovo quente, ela não respondeu simplesmente que desde a semana anterior os ovos tinham acabado, mas elaborou uma violenta catilinária contra os homens que passavam o tempo adorando o próprio umbigo e de repente tinham o topete de pedir fígado de cotovia na mesa. Aureliano Segundo levou as crianças para ver a enciclopédia como sempre e Fernanda fingiu botar em ordem o quarto de Meme, só para que ele a ouvisse murmurar que, evidentemente, era preciso muita cara dura para dizer aos pobres inocentes que o Coronel Aureliano Buendía estava retratado na enciclopédia.

De tarde, enquanto as crianças faziam a sesta, Aureliano Segundo se sentou na varanda e até lá Fernanda o perseguiu, provocando-o, atormentando-o, girando em volta dele com o seu implacável zumbido de mosca varejeira, dizendo que, é claro, até que não restassem mais do que pedras para comer, o seu marido se sentaria como um sultão da Pérsia a contemplar a chuva, porque não era mais que isso, um galo velho, um parasita que não servia para nada, mais frouxo que borla de cortina, acostumado a viver à custa das mulheres e convencido de que se casara com a esposa de Jonas, que tinha ficado tão tranqüila com a história da baleia. Aureliano Segundo ouviu-a por mais de duas horas, impassível, como se fosse surdo. Não a interrompeu até a tarde estar bem avançada, quando não pôde mais suportar a ressonância de bumbo que lhe atormentava a cabeça.

— Cale-se já, por favor — suplicou.

Fernanda, pelo contrário, subiu de tom. "Não tenho por que me calar", disse. "Quem não quiser ouvir que vá embora." Então, Aureliano Segundo perdeu as estribeiras. Endireitou-se sem pressa, como se só pensasse em estirar os ossos, e com uma fúria perfeitamente regulada e metódica foi agarrando um a um os vasos de begônias, de fetos, os potes de orégão e, um a um, os foi espedaçando contra o chão. Fernanda se assustou, pois na realidade não tivera até o momento uma consciência clara da tremenda força interior da ladainha, mas já era tarde para qualquer tentativa de retificação. Embriagado pela torrente incontrolável de desabafo, Aureliano Segundo quebrou o vidro da cristaleira, e uma por uma, sem se apressar, foi tirando as peças da louça e as reduzindo a pó contra o chão. Sistemático, sereno, com a mesma parcimônia com que tinha empapelado a casa de dinheiro, foi quebrando, em seguida, contra as paredes, os cristais da Boêmia, as jarras pintadas a mão, os quadros de donzelas em barcos carregados de rosas, os espelhos de moldura dourada e tudo o que era quebrável da sala à despensa, e terminou com o pote da cozinha, que se arrebentou no centro do quintal numa explosão profunda. Em seguida lavou as mãos, jogou na cabeça o encerado e antes da meia-noite voltou com umas pelancas endurecidas de carne-seca, vários sacos de arroz e milho com caruncho, e uns mirrados cachos de banana. A partir de então não voltaram a faltar as coisas de comer.

Amaranta Úrsula e o pequeno Aureliano haveriam de recordar o dilúvio como uma época feliz. Apesar do rigor de Fernanda, chapinhavam nos lagos do quintal, caçavam lagartos para esquartejar e brincavam de envenenar a sopa jogando pó de asa de borboleta durante os descuidos de Santa Sofía de la Piedad. Úrsula era o brinquedo mais divertido. Pensaram que fosse uma grande boneca decrépita que levavam e traziam para todos os cantos, fantasiada com trapos coloridos e com a cara pintada de fuligem e urucu, e uma vez quase lhe arrancaram os olhos com a tesoura de podar como faziam com os sapos. Nada lhes causava tanta excitação quanto os seus desvarios. Realmente, alguma coisa devia ter acontecido no seu cérebro no terceiro ano da chuva, porque pouco a pouco foi perdendo o sentido da realidade e confundia o tempo atual com épocas remotas da sua vida, a ponto de numa ocasião ter passado três dias chorando desconsoladamente a morte de Petronila Iguarán, sua bisavó, enterrada havia mais de um século. Afundou num estado de confusão tão disparatado que acreditava que o pequeno Aureliano era seu filho, o coronel, no tempo em que o levaram para conhecer o gelo, e que o José Arcadio que estava agora no seminário era o primogênito que tinha ido com os ciganos. Tanto falou da família que as crianças aprenderam a organizar visitas imaginárias para ela com seres que não apenas já tinham morrido há muito tempo, mas que tinham existido em épocas diferentes. Sentada na cama com o cabelo coberto de cinza e a cara tapada com um lenço vermelho, Úrsula era feliz no meio da parentela irreal que as crianças descreviam sem omissão de detalhes, como se a tivessem conhecido de verdade. Úrsula conversava com os seus antepassados sobre acontecimentos anteriores à sua própria existência, sentia prazer com as notícias que lhe davam e chorava com eles por mortos muito mais recentes que os próprios companheiros de tertúlia. As crianças não tardaram a perceber que no decorrer dessas visitas fantasmagóricas Úrsula fazia sempre uma pergunta destinada a esclarecer quem trouxera para casa durante a guerra um São José de gesso em tamanho natural para que o guardassem até passar a chuva. Foi assim que Aureliano Segundo se lembrou da fortuna enterrada em algum lugar que só Úrsula conhecia, mas foram inúteis as perguntas e as manobras astutas que lhe ocorreram, porque nos labirintos do desvario ela parecia conservar uma margem de lucidez para defender aquele segredo, que só haveria de revelar a quem demonstrasse ser o verdadeiro dono do ouro sepultado. Era tão hábil e tão rígida que quando Aureliano Segundo instruiu um dos seus companheiros de farra para que se fizesse passar pelo proprietário da fortuna, ela o enredou num interrogatório minucioso e cheio de armadilhas sutis.

Convencido de que Úrsula levaria o segredo para o túmulo, Aureliano Segundo contratou um grupo de escavadores com o pretexto de construir canais de escoamento no quintal e no jardim e ele mesmo sondou o solo com barras de ferro e com toda espécie de detetores de metais, sem encontrar nada que se parecesse com ouro em três meses de explorações exaustivas. Mais tarde recorreu a Pilar Ternera com a esperança de que as cartas vissem mais que os cavadores, mas ela começou por lhe explicar que seria inútil qualquer tentativa se não fosse Úrsula que cortasse o baralho. Por outro lado, confirmou a existência do tesouro, com a precisão de que eram sete mil duzentas e quatorze moedas, enterradas em três sacos de lona com fechos de cobre, dentro de um círculo de cento e vinte e dois metros de raio, tomando por centro a cama de Úrsula, mas advertiu-o de que ele não seria encontrado enquanto não acabasse de chover e os sóis de três junhos consecutivos não transformassem em pó os lamaçais. A profusão e a meticulosa vaguidão dos dados pareceram a Aureliano Segundo tão semelhantes às fábulas espíritas que insistiu na empresa, apesar de estarem em agosto e ser necessário esperar pelo menos três anos para satisfazer as condições do prognóstico. A primeira coisa que lhe causou assombro, embora ao mesmo tempo aumentasse a sua confusão, foi comprovar que havia exatamente cento e vinte e dois metros da cama de Úrsula à cerca do quintal. Fernanda temeu que estivesse tão louco quanto o seu irmão gêmeo, quando o viu tomando as medidas, e pior ainda, quando ordenou ao grupo de escavadores que aprofundassem mais um metro os canais. Presa de um delírio exploratório comparável apenas ao do bisavô quando procurava a rota das invenções, Aureliano Segundo perdeu as últimas bolsas de gordura que lhe restavam e a antiga semelhança com o irmão gêmeo foi outra vez se acentuando, não só pelo escorreito do perfil, como também pelo ar distante e pela atitude ensimesmada. Não voltou a se ocupar das crianças. Comia a qualquer hora, enlameado dos pés à cabeça, e o fazia num canto da cozinha, mal respondendo às perguntas ocasionais de Santa Sofía de la Piedad. Vendo-o trabalhar daquela forma como nunca sonhara que pudesse fazê-lo, Fernanda pensou que a sua temeridade fosse diligência e que a sua cobiça fosse abnegação e que a sua teimosia fosse perseverança e sentiu o remorso nas entranhas, pela violência com que verberava a sua inércia. Mas Aureliano Segundo no momento não estava para reconciliações misericordiosas. Afundado até o pescoço num pantanal de ramagens mortas e flores apodrecidas, revolveu o direito e o avesso daquele solo do jardim depois de ter acabado com o quintal e verrumou tão profundamente os cimentos da galeria oriental da casa que certa noite acordaram aterrorizados pelo que parecia ser um cataclismo, tanto pelas trepidações quanto pelo pavoroso rangido subterrâneo, e eram três aposentos que estavam desmoronando e uma fenda de calafrio que se tinha aberto da varanda ao quarto de Fernanda. Aureliano Segundo nem por isso renunciou à exploração. Mesmo quando já se haviam extinguido as últimas esperanças e a única coisa que parecia ter algum sentido era a predição das cartas, reforçou os cimentos esburacados, consertou a fenda com argamassa e continuou escavando o lado ocidental. Ainda estava ali na segunda semana de junho seguinte, quando a chuva começou a se apaziguar e as nuvens foram subindo e se viu que de um momento para o outro ia estiar. Assim foi. Numa sexta-feira, às duas da tarde, iluminou-se o mundo com um sol bobo, vermelho e áspero como poeira de tijolo e quase tão fresco como a água, e não voltou a chover durante dez anos.

Macondo estava em ruínas. Nas valas das ruas restavam móveis espedaçados, esqueletos de animais cobertos de lírios vermelhos, últimas lembranças das hordas de imigrantes que tinham fugido de Macondo tão atabalhoadamente como tinham chegado. As casas erguidas com tanta urgência durante a febre da banana tinham sido abandonadas. A companhia bananeira desmantelara as suas instalações. Da antiga cidade cercada só restavam os escombros. As casas de madeira, os frescos terraços onde transcorriam as serenas tardes de jogo de cartas pareciam arrasados por uma antecipação do vento profético que anos depois haveria de apagar Macondo da face da terra. O único rastro humano que deixara aquele sopro voraz foi uma luva de Patricia Brown no automóvel sufocado pelos amores-perfeitos. A região encantada que José Arcadio Buendía explorara nos tempos da fundação e onde em seguida prosperaram as plantações de banana era um lodaçal de raízes putrefatas, em cujo horizonte remoto se pôde ver durante vários anos a espuma silenciosa do mar. Aureliano Segundo padeceu de uma crise de angústia no primeiro domingo em que vestiu roupas secas e saiu para rever o povoado. Os sobreviventes da catástrofe, os mesmos que já viviam ali antes que Macondo fosse sacudido pelo furacão da companhia bananeira, estavam sentados no meio da rua gozando os primeiros sóis. Ainda conservavam na pele o verde de alga e o cheiro de cafua que lhes imprimira a chuva, mas no fundo dos seus corações pareciam satisfeitos por terem recuperado o povoado em que nasceram. A Rua dos Turcos era outra vez a de antes, a do tempo em que os árabes de pantufas e argolas nas orelhas, que percorriam o mundo trocando papagaios por bagatelas, encontraram em Macondo um bom refúgio para descansar da sua milenária condição de gente errante. Do outro lado da chuva, a mercadoria dos bazares estava caindo aos pedaços, os gêneros à mostra na porta estavam pintados de musgo, os balcões escavados pelo cupim e as paredes carcomidas pela umidade, mas os árabes da terceira geração estavam sentados no mesmo lugar e com a mesma atitude de seus pais e avós, taciturnos, impávidos, invulneráveis ao tempo e à desgraça, tão vivos ou tão mortos como tinham estado depois da peste da insônia e das trinta e duas guerras do Coronel Aureliano Buendía. Era tão assombrosa a sua força de vontade diante dos escombros das mesas de jogo, das barraquinhas de frituras, das tendinhas de tiro ao alvo e da travessa onde se interpretavam os sonhos e se adivinhava o futuro, que Aureliano Segundo perguntou-lhes com a sua informalidade habitual de que recursos misteriosos eles se tinham valido para não naufragar na tormenta, como diabo tinham feito para não se afogar, e um após o outro, de porta em porta, devolveram-lhe um sorriso ladino e um olhar sonhador, e todos lhe deram sem combinação prévia a mesma resposta.

— Nadando.

Petra Cotes era talvez o único nativo que tinha coração de árabe. Tinha visto os últimos destroços dos seus estábulos e cavalariças arrastados pela tormenta, mas conseguira manter a casa de pé. No último ano, mandara recados prementes a Aureliano Segundo e este lhe respondera que ignorava quando voltaria à sua casa, mas que em todo caso levaria um caixote de moedas de ouro para revestir o quarto. Então ela escavou o coração procurando a força que lhe permitisse sobreviver à desgraça e encontrou uma raiva reflexiva e justa, com a qual jurou restaurar a fortuna desbaratada pelo amante e acabada de extinguir pelo dilúvio. Foi uma decisão tão inquebrantável que Aureliano Segundo voltou à sua casa oito meses depois do último recado e a encontrou verde, desgrenhada, com as faces cavadas e a pele escarchada pela sarna, mas escrevendo números em pedacinhos de papel, para fazer uma rifa. Aureliano Segundo ficou atônito, e estava tão esquálido e tão grave que Petra Cotes achou que quem voltava a procurá-la não era o amante de toda a sua vida, mas seu irmão gêmeo.

— Você está louca — disse ele. — A menos que esteja pensando em rifar os ossos.

Então ela disse que desse um pulo no quarto e Aureliano Segundo viu a mula. Estava com a pele colada aos ossos, como a dona, mas tão viva e decidida quanto ela. Petra Cotes alimentara-a com a sua raiva, e quando não teve mais capim, nem milho, nem raízes, abrigou-a no próprio quarto e lhe deu de comer os lençóis de percal, os tapetes persas, as colchas de pelúcia, as cortinas de veludo e o dossel bordado com fios de ouro e borlas de seda da cama episcopal.

ÚRSULA teve de fazer um grande esforço para cumprir a promessa de morrer quando estiasse. Os clarões de lucidez, tão escassos durante a chuva, fizeram-se mais freqüentes a partir de agosto, quando começou a soprar o vento árido que sufocava as roseiras e petrificava as lagoas e acabou por espalhar sobre Macondo a poeira abrasadora que cobriu para sempre os enferrujados tetos de zinco e as amendoeiras centenárias. Úrsula chorou de tristeza ao descobrir que por mais de três anos tinha servido de brinquedo para as crianças. Lavou a cara borrada de tintas, tirou de cima de si os trapos coloridos, as lagartixas e os sapos ressecados, e as camândulas e antigos colares árabes que lhe haviam pendurado por todo o corpo, e pela primeira vez desde a morte de Amaranta abandonou a cama sem o auxílio de ninguém, para se incorporar de novo à vida familiar. O ânimo do coração invencível orientava-a nas trevas. Os que repararam nos seus tropeções e depararam com o seu braço arcangélico sempre levantado à altura da cabeça pensaram que a muito custo agüentava com o corpo, mas ainda não acreditaram que estava cega. Ela não precisava ver para notar que os canteiros de flores, cultivados com tanto esmero desde a primeira reconstrução, tinham sido destruídos pela chuva e arrasados pelas escavações de Aureliano Segundo, e que as paredes e o cimento do chão estavam rachados, os móveis bambos e desbotados, as portas desniveladas, e a família ameaçada por um espírito de resignação e desgraça que não teria sido concebível em seu tempo. Movendo-se às apalpadelas pelos quartos vazios, percebia o ronco contínuo do cupim furando as madeiras e o tesourar da traça nos guarda-roupas e o estrépito devastador das enormes formigas ruivas que tinham prosperado no dilúvio e estavam escavando o cimento da casa. Um dia abriu o baú dos santos e teve que pedir auxílio a Santa Sofía de la Piedad para se livrar das baratas que pularam de dentro e que já haviam pulverizado a roupa. "Não é possível viver neste desleixo", dizia. "Neste caminho vamos acabar sendo devorados pelos bichos." A partir daí não teve um minuto de descanso. De pé antes do amanhecer, recorria a quem estivesse disponível, inclusive às crianças. Pôs ao sol as escassas roupas que ainda estavam em condições de serem usadas, afugentou as baratas com inesperados ataques de inseticida, raspou as veias do cupim nas portas e janelas e asfixiou as formigas com cal virgem nas suas galerias. A febre da restauração acabou por levá-la aos quartos esquecidos. Fez desembaraçar de escombros e teias de aranha o quarto onde José Arcadio Buendía tinha queimado os miolos procurando a pedra filosofal, colocou em ordem a oficina de ourivesaria, que fora revirada pelos soldados, e por fim pediu as chaves do quarto de Melquíades para ver em que estado se encontrava. Fiel à vontade de José Arcadio Segundo, que havia proibido qualquer intromissão enquanto não houvesse um indício real de que tivesse morrido, Santa Sofía de la Piedad recorreu a toda espécie de subterfúgios para desorientar Úrsula. Mas era tão inflexível a sua determinação de não abandonar aos insetos nem o mais escondido e inútil canto da casa que derrubou quantos obstáculos lhe puseram pela frente e ao fim de três dias de insistência conseguiu fazer com que lhe abrissem o quarto. Teve que se agarrar no marco da porta para que o mau cheiro não a derrubasse, mas foram necessários apenas dois segundos para que ela se lembrasse de que ali estavam guardados os setenta e dois penicos das colegiais e que numa das primeiras noites de chuva uma patrulha de soldados tinha revistado a casa procurando José Arcadio Segundo e não pudera encontrá-lo.

— Bendito seja Deus! — exclamou, como se o estivesse enxergando perfeitamente. — Tanto trabalho para lhe ensinar boas maneiras e você acaba vivendo como um porco.

José Arcadio Segundo continuava relendo os pergaminhos. A única coisa visível na intrincada maranha de cabelo eram os dentes listrados de lama verde e os olhos imóveis. Ao reconhecer a voz da bisavó, virou a cabeça para a porta, tratou de sorrir e, sem saber, repetiu uma antiga frase de Úrsula.

— Que se há de fazer — murmurou — o tempo passa.

— É verdade — disse Úrsula — mas não tanto.

Ao dizê-lo, teve consciência de estar dando a mesma resposta que recebera do Coronel Aureliano Buendía na sua cela de sentenciado e mais uma vez estremeceu com a comprovação de que o tempo não passava, como ela acabava de admitir, mas girava em círculo. Nem assim, porém, deu oportunidade à resignação. Ralhou com José Arcadio Segundo como se ele fosse uma criança e se empenhou em fazê-lo tomar banho e se barbear e emprestar a sua força para acabar de restaurar a casa. A simples idéia de abandonar o quarto que lhe havia proporcionado a paz aterrorizou José Arcadio Segundo. Gritou que não havia poder humano capaz de fazê-lo sair, porque não queria ver o trem de duzentos vagões carregados de mortos que toda tarde partia de Macondo para o mar. "São todos os que estavam na estação", gritava. "Três mil quatrocentos e oito." Só então Úrsula compreendeu que ele estava num mundo de trevas mais impenetrável que o seu, tão intransponível e solitário como o do bisavô. Deixou-o no quarto, mas conseguiu que não voltassem a botar cadeado na porta, que fizessem a limpeza todos os dias, que jogassem os penicos no lixo e só deixassem um, e que mantivessem José Arcadio Segundo tão limpo e apresentável como estivera o bisavô no seu longo cativeiro debaixo do castanheiro. No começo, Fernanda interpretava aquela faina como um acesso de loucura senil e a muito custo reprimia a exasperação. Mas José Arcadio anunciou-lhe de Roma por essa época que pensava vir a Macondo antes de fazer os votos perpétuos e a boa notícia infundiu-lhe tal entusiasmo que de um momento para outro se viu regando as flores quatro vezes ao dia para que o filho não fosse ter má impressão da casa. Foi esse mesmo incentivo que a induziu a apressar a sua correspondência com os médicos invisíveis e a repor na varanda os vasos de fetos e orégão e os de begônias, muito antes de Úrsula perceber que tinham sido destruídos pela fúria exterminadora de Aureliano Segundo. Mais tarde vendeu a baixela de prata e comprou louça de cerâmica, sopeiras e conchas de folha e talheres de alpaca, e empobreceu com eles as cristaleiras acostumadas com a louça da Companhia das Índias e com os cristais da Boêmia. Úrsula tentava ir sempre mais longe. ''Abram portas e janelas'', gritava. ''Façam carne e peixe, comprem as tartarugas maiores, que os forasteiros venham estender as suas esteiras nos cantos e urinar nas roseiras, que se sentem à mesa para comer quantas vezes quiserem e que arrotem e praguejem e sujem tudo de lama com as suas botas e façam conosco o que tiverem vontade, porque esta é a única maneira de espantar a ruína.'' Mas era uma ilusão vã. Já estava velha demais e vivendo de sobra para repetir o milagre dos animaizinhos de caramelo e nenhum dos seus descendentes herdara a sua fortaleza. A casa continuou fechada por ordem de Fernanda.

Aureliano Segundo, que tornara a levar os seus baús para a casa de Petra Cotes, mal dispunha de meios para que a família não morresse de fome. Com a rifa da mula, Petra Cotes e ele tinham comprado outros animais com os quais conseguiram montar um negócio rudimentar de rifas. Aureliano

Segundo andava de casa em casa oferecendo os bilhetinhos que ele mesmo pintava com tinta de cor para torná-los mais atraentes e convincentes e talvez não percebesse que muitos compravam por gratidão e a maioria por compaixão. Entretanto, mesmo os mais piedosos compradores adquiriam a oportunidade de ganhar um leitão por vinte centavos ou uma novilha por trinta e dois e se entusiasmavam tanto com a esperança que na noite de terça-feira abarrotavam o quintal de Petra Cotes esperando o momento em que uma criança escolhida ao acaso tirasse da bolsa o número premiado. Aquilo não demorou em se transformar numa feira semanal, pois desde o entardecer se instalavam no quintal mesas de frituras e tendas de bebidas, e muitos dos favorecidos sacrificavam ali mesmo o animal ganho, com a condição de que os outros dessem a música e a aguardente, de modo que sem tê-lo desejado Aureliano Segundo encontrou-se de repente tocando outra vez o acordeão e participando de modestos torneios de voracidade. Estas humildes réplicas das farras de outros tempos serviram para que o próprio Aureliano Segundo descobrisse o quanto tinha decaído o seu ânimo e até que ponto tinha secado o seu gênio de tocador de cumbia. Era um homem mudado. Os cento e vinte quilos que chegara a ter na época em que fora desafiado pela Elefanta tinham-se reduzido a setenta e oito; a cândida e estofada cara de tartaruga se transformara em cara de iguana, e sempre estava próxima do aborrecimento e do cansaço. Para Petra Cotes, entretanto, nunca tinha sido melhor homem do que no momento, talvez porque confundisse com o amor a compaixão que ele lhe inspirava e o sentimento de solidariedade que em ambos a miséria tinha despertado. A cama desmantelada deixou de ser lugar de exaltações e se transformou em refúgio de confidências. Liberados dos espelhos repetidores que tinham vendido para comprar animais de rifa e dos damascos e veludos concupiscentes que a mula comera, ficavam acordados até muito tarde com a inocência de dois avós insones, aproveitando para fazer cálculos e contar centavos o tempo que antes esbanjavam em se esbanjarem a si próprios. Às vezes eram surpreendidos pelos primeiros galos fazendo e desfazendo montinhos de moedas, tirando um pouco daqui para botar ali, de modo a que este chegasse para contentar Fernanda, aquele para os sapatos de Amaranta Úrsula, este outro para Santa Sofía de la Piedad, que não estreava um vestido desde seu tempo de mocinha, este para mandar fazer o caixão se Úrsula morresse, este para o café que subia um centavo por libra de três em três meses, este para o açúcar que cada vez adoçava menos, este para a lenha que ainda estava molhada pelo dilúvio, este outro para o papel e a tinta de cores dos bilhetes, e aquele que sobrava para ir amortizando o valor da vitela de abril, da qual milagrosamente salvaram a pele, porque teve carbúnculo sintomático quando já estavam vendidos quase todos os números da rifa. Eram tão puras aquelas missas de pobreza que sempre destinavam a melhor parte a Fernanda, e nunca o fizeram por remorso ou por caridade, mas porque o bem-estar dela lhes importava mais que o seu próprio. O que na verdade acontecia, embora nenhum dos dois percebesse, era que ambos pensavam em Fernanda como na filha que gostariam de ter e não tiveram a ponto de em certa ocasião se terem resignado a comer angu durante três dias para que ela pudesse comprar uma toalha holandesa. Entretanto, por mais que se matassem de trabalho, por mais dinheiro que surrupiassem e por mais truques que imaginassem, os seus anjos da guarda dormiam de cansaço enquanto eles punham e tiravam moedas tentando apenas que desse para viver. Na insônia que lhes traziam as contas ruins, perguntavam-se o que tinha acontecido no mundo para que os animais não parissem com o mesmo desconcerto de antes, por que o dinheiro se esvaía das mãos e por que o povo que há pouco tempo queimava maços de notas na cumbia considerava um assalto à mão armada cobrar doze centavos pela rifa de seis galinhas. Aureliano Segundo pensava sem dizer que o mal não estava no mundo, mas em algum lugar oculto do misterioso coração de Petra Cotes, onde acontecera alguma coisa durante o dilúvio que tornara os animais estéreis e o dinheiro fugidio. Intrigado com esse enigma, penetrou tão profundamente os sentimentos dela que procurando o interesse encontrou o amor, pois tentando fazer com que ela o amasse acabou por amá-la. Petra Cotes, por outro lado, amava-o mais à medida que sentia aumentar o seu carinho, e foi assim que na plenitude do outono voltou a acreditar na superstição juvenil de que a pobreza era uma servidão de amor. Ambos evocavam agora como um estorvo as farras desatinadas, a riqueza aparatosa e a fornicação sem freios, e se lamentavam de quanta vida lhes custara encontrar o paraíso da solidão partilhada. Loucamente apaixonados ao fim de tantos anos de cumplicidade estéril, gozavam o milagre de se amarem tanto na mesa como na cama, e chegaram a ser tão felizes que quando já eram dois anciãos esgotados continuavam brincando como coelhinhos e brigando como cachorros.

As rifas nunca mais deram nada. No começo, Aureliano Segundo se ocupava durante três dias da semana, fechado no seu antigo escritório de criador de gado em desenhar bilhete por bilhete, pintando com um certo primor uma vaquinha vermelha, um porquinho verde ou um grupo de galinhas azuis, conforme fosse o animal rifado, e modelava com uma boa imitação das letras de imprensa o nome que pareceu bom a Petra Cotes para batizar o negócio: *Rifas da Divina Providência.* Mas, com o tempo, ficou tão cansado de desenhar até dois mil bilhetes por semana que mandou fazer os animais, o nome e os números em carimbos de borracha, e então o trabalho se reduziu a umedecê-los em almofadinhas de cores diferentes. Nos últimos anos ocorreu-lhes substituir os números por adivinhações, de modo a que o prêmio se repartisse entre todos os que acertassem, mas o sistema acabou por ser tão complicado e se prestar a tantas desconfianças que desistiram na segunda tentativa.

Aureliano Segundo andava tão ocupado tentando consolidar o prestígio das suas rifas que mal lhe sobrava tempo para ver as crianças. Fernanda colocou Amaranta Úrsula numa escolinha particular onde não se recebiam mais de seis alunas, mas se negou a permitir que Aureliano freqüentasse a escola pública. Achava que já tinha cedido demais ao aceitar que abandonasse o quarto. Além disso, nas escolas dessa época só se recebiam filhos legítimos de casamentos católicos e, na certidão de nascimento que tinham prendido com um alfinete de fralda na camisolinha de Aureliano quando o mandaram para casa, ele estava registrado como enjeitado. De modo que ficou trancado, à mercê da vigilância caritativa de Santa Sofía de la Piedad e das alternativas mentais de Úrsula, descobrindo o estreito mundo da casa conforme o explicavam as avós. Era fino, orgulhoso, de uma curiosidade que exasperava os adultos, mas ao contrário do olhar inquisitivo e às vezes clarividente que tivera o coronel na sua idade, o seu era piscador e um pouco distraído. Enquanto Amaranta Úrsula estava no jardim de infância, ele caçava minhocas e torturava insetos no jardim. Mas uma vez em que Fernanda o surpreendeu guardando escorpiões numa caixa para pô-los na esteira de Úrsula, prendeu-o no antigo quarto de Meme, onde se distraiu das suas horas solitárias repassando as figurinhas da enciclopédia. Ali o encontrou Úrsula numa tarde em que andava aspergindo a casa com água benta e um ramo de urtigas, e apesar de ter estado com ele muitas vezes, perguntou-lhe quem era.

— Sou Aureliano Buendía — disse ele.

— É verdade — ela respondeu. — Já é hora de começar a aprender ourivesaria.

Voltou a confundi-lo com o filho, porque o vento cálido que sucedera ao dilúvio e infundira no cérebro de Úrsula os clarões eventuais de lucidez tinha acabado de passar. Não voltou a recobrar a razão. Quando entrava no quarto, lá encontrava Petronila Iguarán, com as incômodas anquinhas e o casaquinho de miçangas que usava nas visitas de cerimônia, e encontrava Tranquilina Maria Miniata Alacoque Buendía, sua avó, abanando-se com uma pena de pavão na sua cadeira de balanço de entrevada, e seu bisavô Aureliano Arcadio Buendía com o seu falso dólmã da guarda vice-real, e Aureliano Iguarán, seu pai, que tinha inventado uma oração para que secassem e caíssem os carrapatos das vacas, e a tímida da sua mãe, e o primo com o rabo de porco, e José Arcadio Buendía e seus filhos mortos, todos sentados em cadeiras encostadas na parede, como se não estivessem numa visita, mas num velório. Ela alinhavava uma conversa colorida, comentando assuntos de lugares distantes e tempos sem coincidência, de modo que quando Amaranta Úrsula voltava da escola e Aureliano se cansava da enciclopédia, encontravam-na sentada na cama, falando sozinha, e perdida num labirinto de mortos. "Fogo!", gritou uma vez aterrorizada e, por um instante, semeou o pânico pela casa, mas o que estava anunciando era o incêndio de uma cavalariça que tinha presenciado aos quatro anos de idade. Chegou a misturar de tal modo o passado com a atualidade que nos dois ou três clarões de lucidez que teve antes de morrer ninguém soube ao certo se falava do que sentia ou do que recordava. Pouco a pouco foi-se reduzindo, fetizando-se, mumificando-se em vida, a ponto de nos últimos meses ser uma ameixa seca perdida dentro da camisola, e o braço sempre levantado acabou por parecer com a pata de um macaco. Ficava imóvel vários dias e Santa Sofía de la Piedad tinha que sacudi-la para se convencer de que estava viva e a sentava no colo para alimentá-la com colherinhas de água com açúcar. Parecia uma anciã recém-nascida. Amaranta Úrsula e Aureliano levavam-na e traziam-na pelo quarto, deitavam-na no altar para ver que era pouco maior que o Deus Menino e, numa tarde, esconderam-na num armário da despensa onde as ratazanas poderiam tê-la comido. Num Domingo de Ramos entraram no quarto enquanto Fernanda estava na missa e carregaram Úrsula pela nuca e pelos tornozelos.

— Coitada da tataravozinha — disse Amaranta Úrsula — morreu de velhice.

Úrsula se sobressaltou.

— Estou viva! — disse.

— Olha só — disse Amaranta Úrsula, escondendo o riso — nem sequer respira.

— Estou falando! — gritou Úrsula.

— Nem sequer fala — disse Aureliano. — Morreu como um passarinho.

Então Úrsula se rendeu à evidência. "Meu Deus", exclamou em voz baixa. "Quer dizer que isto é a morte." Começou uma oração interminável, atropelada, profunda, que se prolongou por mais de dois dias e que na terça-feira tinha degenerado numa barafunda de súplicas a Deus e de conselhos práticos para que as formigas ruivas não derrubassem a casa, para que nunca deixassem apagar a lâmpada diante do retrato de Remedios e para que cuidassem de que nenhum Buendía viesse a casar com alguém do mesmo sangue, porque os filhos nasciam com rabo de porco. Aureliano Segundo tratou de aproveitar o delírio para que ela lhe confessasse onde estava enterrado o ouro, mas outra vez as súplicas foram inúteis. "Quando aparecer o dono", Úrsula disse, "Deus há de iluminá-lo para que o encontre." Santa Sofía de la Piedad teve a certeza de que a encontraria morta de um momento para o outro, porque observava por esses dias uma certa confusão na natureza: as rosas cheiravam a quenopódio, caíra-lhe uma cuia de grãos-de-bico no chão e os grãos ficaram em ordem geométrica perfeita, em forma de estrela-do-mar, e certa noite vira passar no céu uma fila de discos luminosos alaranjados.

Amanheceu morta na quinta-feira santa. Na última vez em que a ajudaram a fazer as contas da sua idade, na época da companhia bananeira, calcularam-na entre os cento e quinze e os cento e vinte e dois anos. Enterraram-na num caixãozinho que era pouco maior que a cestinha em que fora trazido Aureliano e muito pouca gente assistiu ao enterro, em parte porque não eram muitos os que se lembravam dela e em parte porque nesse meio-dia fez tanto calor que os pássaros desorientados se arrebentavam como perdigotos contra as paredes e rasgavam as telas metálicas das janelas para morrer nos quartos.

No começo todo mundo pensou que fosse uma peste. As donas-de-casa se extenuavam de tanto varrer pássaros mortos, sobretudo na hora da sesta, e os homens os jogavam no rio às carradas. No Domingo da Ressurreição, o centenário Padre Antonio Isabel afirmou no púlpito que a morte dos pássaros obedecia à má influência do Judeu Errante, que ele mesmo tinha visto na noite anterior. Descreveu-o como um híbrido de bode cruzado com fêmea herege, uma besta infernal cujo alento calcinava o ar e cuja visita determinaria a concepção de monstros pelas recém-casadas. Não foram muitos os que prestaram atenção à sua conversa apocalíptica, porque o povo estava convencido de que o pároco tresvariava por causa da idade. Mas uma mulher acordou todo mundo na madrugada de quarta-feira, porque encontrara uns rastos de bípede de casco fendido. Eram tão verdadeiros e inconfundíveis que os que foram vê-los não puseram em dúvida a existência de uma criatura horrível semelhante à descrita pelo pároco e se associaram para montar armadilhas nos quintais. Foi assim que levaram a efeito a captura. Duas semanas depois da morte de Úrsula, Petra Cotes e Aureliano Segundo acordaram sobressaltados com um choro de bezerro descomunal que chegava da vizinhança. Quando se levantaram, já um grupo de homens estava soltando o monstro das afiadas varas que tinham posto no fundo de uma fossa coberta com folhas secas, e ele já deixara de berrar. Pesava como um boi, apesar da sua estatura não ser maior que a de um adolescente, e das suas feridas manava um sangue verde e viscoso. Tinha o corpo coberto por um pêlo áspero, cheio de carrapatos miúdos, e a pele petrificada por uma crosta de caracas, mas ao contrário da descrição do pároco, as suas partes humanas eram mais de anjo doente do que de homem, porque as mãos eram limpas e hábeis, os olhos grandes e crepusculares, e tinha nas omoplatas os cotocos cicatrizados e calosos de asas potentes, que deveriam ter sido desbastadas com machado de lavrador. Penduraram-no pelos tornozelos numa amendoeira da praça para que ninguém ficasse sem vê-lo e quando começou a apodrecer incineraram-no numa fogueira, porque não se pôde determinar se a sua natureza bastarda era de animal para jogar no rio ou de cristão para sepultar. Nunca se verificou se na realidade foi por causa dele que morreram os pássaros, mas as recém-casadas não conceberam os monstros anunciados, nem diminuiu a intensidade do calor.

Rebeca morreu no final desse ano. Argénida, sua criada de toda a vida, pediu ajuda às autoridades para derrubar a porta do quarto onde a sua patroa estava trancada há três dias, e a encontraram na cama solitária, enroscada como um camarão, com a cabeça pelada pela calvície e o polegar metido na boca. Aureliano Segundo se encarregou do enterro e tentou restaurar a casa para vendê-la, mas a destruição estava tão encarniçada sobre ela que as paredes descascavam quando se acabavam de pintar e não houve argamassa bastante grossa para impedir que o mato triturasse o chão e a hera apodrecesse as vigas.

Tudo estava assim desde o dilúvio. A inércia das pessoas contrastava com a voracidade do esquecimento que pouco a pouco ia consumindo sem piedade as lembranças, ao extremo de por esses tempos, num novo aniversário do tratado de Neerlândia, chegarem a Macondo uns emissários do Presidente da República para entregar finalmente a condecoração várias vezes recusada pelo Coronel Aureliano Buendía e perderam uma tarde inteira procurando alguém que lhes indicasse onde poderiam encontrar algum dos seus descendentes. Aureliano Segundo esteve tentado a recebê-la, pensando que era uma medalha de ouro maciço, mas Petra Cotes persuadiu-o da indignidade quando os emissários já preparavam as comunicações oficiais e os discursos para a cerimônia. Também por essa época voltaram os ciganos, os últimos herdeiros da ciência de Melquíades, e encontraram o povoado tão acabado e seus habitantes tão afastados do resto do mundo que tornaram a entrar nas casas arrastando ferros imantados, como se na verdade fossem a última descoberta dos sábios babilônicos, tornaram a concentrar os raios solares com a lupa gigantesca e não faltou quem ficasse de boca aberta vendo caírem as panelas e rolarem os caldeirões e quem pagasse cinqüenta centavos para se assombrar com uma cigana que tirava e botava a dentadura postiça. Um desengonçado trem amarelo, que não trazia nem levava ninguém e que mal se detinha na estação deserta, era a única coisa que restava do trem multitudinário no qual o Sr. Brown enganchava o seu vagão com teto de vidro e poltronas de bispo e dos trens fruteiros de cento e vinte vagões que demoravam uma tarde inteira para passar. Os delegados da Cúria que tinham vindo investigar a comunicação sobre a estranha mortandade dos pássaros e o sacrifício do Judeu Errante encontraram o Padre Antonio Isabel brincando de cabra-cega com as crianças e, pensando que a sua comunicação era produto de uma alucinação senil, levaram-no para um asilo. Pouco depois mandaram o Padre Augusto Ángel, um cruzado da nova fornada, intransigente, audaz, temerário, que tocava pessoalmente os sinos várias vezes por dia para que não se entorpecessem os espíritos e que andava de casa em casa acordando os dorminhocos para que fossem à missa, mas antes de completar um ano já estava vencido também pela negligência que se respirava no ar, pela poeira ardente que envelhecia e obstruía tudo, e pela moleza que causavam as almôndegas do almoço no calor insuportável da sesta.

Depois da morte de Úrsula, a casa voltou a cair num abandono do qual não a poderia resgatar nem mesmo uma vontade tão resoluta e vigorosa como a de Amaranta Úrsula, que muitos anos depois, sendo uma mulher sem preconceitos, alegre e moderna, com os pés bem firmados na terra, abriu portas e janelas para espantar a ruína, restaurou o jardim, exterminou as formigas ruivas que já andavam em pleno dia pela varanda, e tratou inutilmente de despertar o esquecido espírito de hospitalidade. A paixão claustral de Fernanda construiu um dique intransponível nos cem anos torrenciais de Úrsula. Não só se negou a abrir as portas quando passou o vento árido, como também mandou pregar as janelas com cruzes de madeira, obedecendo à ordem paterna de se enterrar em vida. A dispendiosa correspondência com os médicos invisíveis terminou em fracasso. Depois de numerosos adiamentos, trancou-se no quarto na data e hora marcadas, coberta somente por um lençol branco e com a cabeça para o Norte e, à uma da madrugada, sentiu que lhe taparam a cara com um lenço embebido num líquido gelado. Quando acordou, o sol brilhava na janela e ela tinha uma enorme costura em forma de arco que começava na virilha e terminava no esterno. Mas antes de que cumprisse o repouso prescrito recebeu uma carta desconcertada dos médicos invisíveis, que diziam tê-la revistado durante seis horas sem encontrar nada que correspondesse aos sintomas tantas vezes e tão escrupulosamente descritos por ela. Na realidade, o seu hábito pernicioso de não chamar as coisas pelo nome tinha dado origem a uma nova confusão, pois a única coisa que os cirurgiões telepáticos encontraram foi um caimento de útero que podia ser corrigido com o uso de um pessário. A desiludida Fernanda tentou obter uma informação mais precisa, mas os correspondentes ignotos não tornaram a responder as suas cartas. Sentiu-se tão angustiada pelo peso de uma palavra desconhecida que decidiu amordaçar a vergonha para perguntar o que era um pessário e só então soube que o médico francês se pendurara numa viga três meses antes e tinha sido enterrado contra a vontade do povo por um antigo companheiro de armas do Coronel Aureliano Buendía. Então, confiou-se a seu filho José Arcadio e este lhe mandou os pessários de Roma com um folheto explicativo, que ela jogou na privada depois de aprendê-lo de memória para que ninguém viesse a conhecer a natureza dos seus quebrantos. Era uma precaução inútil, porque as únicas pessoas que viviam em casa mal reparavam nela. Santa Sofía de la Piedad vagava numa velhice solitária, cozinhando o pouco que comiam e dedicada quase por completo ao cuidado de José Arcadio Segundo. Amaranta Úrsula, herdeira de certos encantos de Remedios, a bela, ocupava em fazer as suas tarefas escolares o tempo que antes perdia em atormentar Úrsula e começava a manifestar um bom juízo e uma consagração aos estudos que fizeram renascer em Aureliano Segundo a boa esperança que lhe inspirara Meme. Prometera mandá-la terminar os estudos em Bruxelas, de acordo com um costume estabelecido no tempo da companhia bananeira, e essa ilusão levara-o a tentar reviver as terras devastadas pelo dilúvio. As poucas vezes em que era visto em casa agora, era por causa de Amaranta Úrsula, pois com o tempo se tinha transformado num estranho para Fernanda e o pequeno Aureliano ia ficando esquivo e ensimesmado à medida que se aproximava da puberdade. Aureliano Segundo confiava na velhice para abrandar o coração de Fernanda, para que o menino pudesse se incorporar à vida de um povoado onde certamente ninguém se daria o trabalho de fazer especulações desconfiadas sobre a sua origem. Mas o próprio Aureliano parecia preferir a clausura e a solidão e não revelava a menor malícia para conhecer o mundo que começava na porta da rua. Quando Úrsula fez abrir o quarto de Melquíades, ele ficou rondando, bisbilhotando pela porta entreaberta, e ninguém percebeu em que momento terminou vinculado a José Arcadio Segundo por um afeto recíproco. Aureliano Segundo descobriu essa amizade muito tempo depois de iniciada, quando ouviu o menino falando da matança da estação. Aconteceu num dia em que alguém se lamentou na mesa da ruína em que afundara o povoado desde que a companhia bananeira o abandonara e Aureliano contradisse com uma maturidade e um conhecimento de adulto. O seu ponto de vista, contrário à interpretação geral, era que Macondo tinha sido um lugar próspero e bem encaminhado até que o perturbasse, corrompesse e explorasse a companhia bananeira, cujos engenheiros provocaram o dilúvio como um pretexto para fugir aos compromissos com os trabalhadores. Falando de maneira tão racional que a Fernanda pareceu uma paródia sacrílega de Jesus entre os doutores, o menino descreveu com detalhes precisos e convincentes como o exército metralhara mais de três mil trabalhadores encurralados na estação e como carregara os cadáveres num trem de duzentos vagões e os atirara ao mar. Convencida como a maioria das pessoas da verdade oficial de que não tinha acontecido nada, Fernanda se escandalizou com a idéia de que o menino tivesse herdado os instintos anarquistas do Coronel Aureliano Buendía e ordenou-lhe que se calasse. Aureliano Segundo, pelo contrário, reconheceu a versão do seu irmão gêmeo. Na realidade, apesar de todo mundo considerá-lo louco, José Arcadio Segundo era naquele tempo o habitante mais lúcido da casa. Ensinou o pequeno Aureliano a ler e a escrever, iniciou-o no estudo dos pergaminhos e incutiu-lhe uma interpretação tão pessoal do que significou para Macondo a companhia bananeira que muitos anos depois, quando Aureliano se incorporasse ao mundo, haveria de se pensar que contava uma versão alucinada, porque era radicalmente contrária à falsa que os historiadores tinham admitido e consagrado nos textos escolares. No quartinho isolado, aonde nunca chegou o vento árido, nem a poeira, nem o calor, ambos recordavam a visão atávica de um ancião de chapéu de asas de corvo que falava do mundo de costas para a janela, muitos anos antes que eles nascessem. Ambos descobriram ao mesmo tempo que ali sempre era março e sempre era segunda-feira, e então compreenderam que José Arcadio Buendía não estava tão louco como contava a família e sim que era o único que dispusera de lucidez bastante para vislumbrar a verdade de que também o tempo sofria tropeços e acidentes e podia, portanto, se estilhaçar e deixar num quarto uma fração eternizada. José Arcadio Segundo conseguira, além disso, classificar as letras criptográficas dos pergaminhos. Estava certo de que correspondiam a um alfabeto de quarenta e sete a cinqüenta e três caracteres que, separados, pareciam aranhazinhas e carrapatos e que, na primorosa caligrafia de Melquíades, pareciam peças de roupa postas para secar num varal. Aureliano se lembrava de haver visto uma tabela semelhante na enciclopédia inglesa, de modo que a levou ao quarto para compará-la com a de José Arcadio Segundo. Eram iguais, realmente.

Na época em que teve a idéia da loteria de adivinhações, Aureliano Segundo acordava com um nó na garganta, como se estivesse reprimindo a vontade de chorar. Petra Cotes interpretou isso como um dos tantos transtornos provocados pela má situação e todas as manhãs, durante mais de um ano, pincelava-lhe o céu da boca com mel de abelha e lhe dava xarope de rábano. Quando o nó da garganta se fez tão apertado que lhe custava esforço respirar, Aureliano Segundo visitou Pilar Ternera para ver se ela conhecia alguma erva que lhe trouxesse alívio. A inquebrantável avó, que tinha chegado aos cem anos à frente de um bordelzinho clandestino, não confiou nas superstições terapêuticas, mas consultou as cartas sobre o problema. Viu o cavalo de ouro com a garganta ferida pelo aço do valete de espadas e deduziu que Fernanda estava tentando fazer o marido voltar para casa mediante o desprestigiado sistema de fincar alfinetes no seu retrato, mas provocara-lhe um tumor interno pelo mau conhecimento da feitiçaria. Como Aureliano Segundo não tinha outros retratos além dos do casamento e as cópias estavam completas no álbum familiar, continuou procurando por toda a casa durante as distrações da esposa e finalmente encontrou, no fundo do guarda-roupa, meia dúzia de pessários nas suas caixinhas originais. Pensando que as rodinhas de borracha vermelha eram objetos de bruxaria, guardou uma no bolso para que Pilar Ternera a visse. Esta não pôde explicar a sua natureza, mas lhe pareceu tão suspeita que por via das dúvidas mandou trazer a meia dúzia e queimou-a numa fogueira que fez no quintal. Para esconjurar o suposto malefício de Fernanda, ordenou a Aureliano Segundo que sangrasse uma galinha choca e a enterrasse viva debaixo do castanheiro, e ele o fez de tão boa fé que quando acabou de dissimular com folhas secas a terra revolvida já sentia que respirava melhor. Por outro lado, Fernanda interpretou o desaparecimento como uma represália dos médicos invisíveis e coseu na parte interior da camisola um bolsinho redobrado onde guardou os pessários novos que lhe mandou o filho.

Seis meses depois de enterrar a galinha, Aureliano Segundo acordou à meia-noite com um acesso de tosse e sentindo que o estrangulavam por dentro com presas de caranguejo. Compreendeu então que, por muitos pessários mágicos que destruísse e muitas galinhas de esconjuro que esfaqueasse, a única e triste verdade era que estava morrendo. Não disse nada a ninguém. Atormentado pelo medo de morrer sem mandar Amaranta Úrsula para Bruxelas, trabalhou como nunca, e em vez de uma, fez três rifas semanais. Desde muito cedo era visto percorrendo o povoado, mesmo nos bairros mais afastados e miseráveis, tentando vender os bilhetinhos com uma ansiedade que só era concebível num moribundo. "Aqui está a Divina Providência", apregoava. "Não a deixem escapar, que só aparece uma vez em cada cem anos." Fazia comovedores esforços para parecer alegre, simpático, loquaz, mas bastava ver o seu suor e a sua palidez para saber que não podia com a alma. Às vezes se desviava para prédios vazios, onde ninguém o visse, e se sentava um momento para descansar das tenazes que o despedaçavam por dentro. Ainda à meia-noite estava no bairro de tolerância, tentando consolar com prédicas de boa sorte as mulheres solitárias que choravam junto às vitrolas. "Este número não sai há quatro meses", dizia, mostrando os bilhetinhos. "Não o deixe escapar, que a vida é mais curta do que a gente pensa." Acabaram por perder-lhe o respeito, por zombar dele, e já nos últimos meses não o chamavam de "Seu" Aureliano, como o tinham feito sempre, mas o chamavam, na sua própria cara, de "Seu" Divina Providência. A sua voz foi-se enchendo de notas falsas, desafinando, e acabou por se apagar num ronco de cachorro, mas ainda assim teve força de vontade para não deixar que decaísse a expectativa pelos prêmios no quintal de Petra Cotes. Entretanto, à medida que ficava sem voz e percebia que em pouco tempo já não poderia suportar a dor, ia compreendendo que não era com porcos e cabritos rifados que a sua filha chegaria a Bruxelas, de modo que concebeu a idéia de fazer a fabulosa rifa das terras destruídas pelo dilúvio, que bem podiam ser restauradas por quem dispusesse de capital. Foi uma iniciativa tão espetacular que o próprio alcaide se ofereceu para anunciá-la por decreto e se formaram sociedades para comprar bilhetes a cem pesos cada um, que se esgotaram em menos de uma semana. Na noite da rifa, os ganhadores fizeram uma festa aparatosa, comparável apenas às dos bons tempos da companhia bananeira, e Aureliano Segundo tocou no acordeão pela última vez as canções esquecidas de Francisco, o Homem, mas já não pôde cantá-las.

Dois meses depois, Amaranta Úrsula foi para Bruxelas. Aureliano Segundo entregou-lhe não só o dinheiro da rifa extraordinária, mas também o que tinha conseguido economizar nos meses anteriores e o muito escasso que obtivera na venda da pianola, do clavicórdio e de outros cacarecos caídos em desgraça. Segundo os seus cálculos, esses fundos chegavam para os estudos, de modo que só ficava faltando o valor da passagem de volta. Fernanda se opôs à viagem até o último momento, escandalizada com a idéia de que Bruxelas estivesse tão próxima da perdição de Paris, mas se tranqüilizou com uma carta que o Padre Ángel lhe deu para uma pensão de jovens católicos dirigida por religiosas, onde Amaranta Úrsula prometeu viver até o final dos estudos. Além disso, o pároco conseguiu que ela viajasse aos cuidados de um grupo de franciscanas que iam para Toledo, onde esperavam encontrar gente de confiança para mandá-la para a Bélgica. Enquanto se adiantava a apressada correspondência que tornou possível esta coordenação, Aureliano Segundo, ajudado por Petra Cotes, ocupou-se da bagagem de Amaranta Úrsula. Na noite em que prepararam um dos baús nupciais de Fernanda, as coisas estavam tão bem arrumadas que a estudante sabia de cor quais eram as roupas e os chinelos de pelúcia com que devia fazer a travessia do Atlântico, e o sobretudo de lã azul com botões de cobre e os sapatos de couro com que devia desembarcar.

Sabia também como devia andar para não cair n'água quando subisse a bordo pela prancha, que em nenhum momento devia se separar das freiras nem sair do camarote se não fosse para comer e que por nenhum motivo devia responder às perguntas que os desconhecidos de qualquer sexo lhe fizessem em alto-mar. Levava um vidrinho de gotas para enjôo e um caderno escrito pelo próprio punho e letra do Padre Ángel, com seis orações para esconjurar a tempestade. Fernanda fabricou-lhe um cinturão de lona para que guardasse o dinheiro e indicou-lhe a forma de usá-lo ajustado ao corpo, de modo que não tivesse que tirá-lo nem mesmo para dormir. Tentou darlhe de presente o penico de ouro lavado com água sanitária e desinfetado com álcool, mas Amaranta Úrsula recusou-o temendo que as suas companheiras de colégio zombassem dela. Poucos meses depois, na hora da morte, Aureliano Segundo haveria de se lembrar dela como a vira da última vez, tentando abaixar sem conseguir o vidro empoeirado do vagão de segunda classe, para escutar as últimas recomendações de Fernanda. Vestia um traje de seda cor-de-rosa com um raminho de flores artificiais no broche do ombro esquerdo; os sapatos de couro com fivela e salto baixo, e as meias de seda com ligas elásticas na batata da perna. Tinha o corpo miúdo, o cabelo solto e comprido e os olhos vivos que Úrsula tivera na sua idade, e a forma como se despedia sem chorar, mas também sem sorrir, revelava a mesma força de caráter. Andando junto com o vagão à medida que acelerava e levando Fernanda pelo braço para que não fosse tropeçar, Aureliano Segundo mal pôde corresponder com um aceno de mão, quando a filha lhe mandou um beijo com a ponta dos dedos. Os esposos permaneceram imóveis sob o sol abrasador, olhando como o trem ia se confundindo com o ponto negro do horizonte e de braço dado pela primeira vez desde o dia do casamento.

A nove de agosto, antes que se recebesse a primeira carta de Bruxelas, José Arcadio Segundo conversava com Aureliano no quarto de Melquíades e sem que viesse ao caso disse:

— Lembra-te sempre de que eram mais de três mil e que os jogaram ao mar.

Em seguida caiu de bruços sobre os pergaminhos e morreu com os olhos abertos. Nesse mesmo instante, na cama de Fernanda, o seu irmão gêmeo chegou ao fim do prolongado e terrível martírio dos caranguejos de ferro que lhe carcomiam a garganta. Uma semana antes voltara para casa, sem voz, sem fôlego, e quase só pele e ossos, com os seus baús errantes e o seu acordeão de perdulário, para cumprir a promessa de morrer junto à esposa. Petra Cotes ajudou-o a juntar as suas roupas e despediu-o sem derramar uma lágrima, mas se esqueceu de lhe dar os sapatos de verniz que ele queria trazer no ataúde. De modo que quando soube que tinha morrido, vestiu-se de negro, embrulhou as botinas num jornal e pediu permissão a Fernanda para ver o cadáver. Fernanda não a deixou passar da porta.

— Ponha-se no meu lugar — suplicou Petra Cotes. — Imagine o quanto eu o amei para agüentar esta humilhação.

— Não há humilhação que uma concubina não mereça — replicou Fernanda. — De maneira que pode esperar que morra outro dos tantos para calçar-lhe estas botinas.

Em cumprimento da sua promessa, Santa Sofía de la Piedad degolou com uma faca de cozinha o cadáver de José Arcadio Segundo para se assegurar de que não o enterrassem vivo. Os corpos foram colocados em ataúdes idênticos e ali se viu que tornavam a ser idênticos na morte como tinham sido até a adolescência. Os velhos companheiros de farra de Aureliano Segundo puseram sobre o caixão uma coroa que tinha uma fita roxa com um letreiro: *Afastem-se, vacas, que a vida é curta.* Fernanda se indignou tanto com a irreverência que mandou jogar a coroa no lixo. No tumulto da última hora, os bêbados tristes que o tiraram de casa confundiram os ataúdes e os enterraram em túmulos trocados.

POR MUITO tempo Aureliano não abandonou o quarto de Melquíades. Aprendeu de cor as lendas fantásticas do livro sem capa, a síntese dos estudos de Hermann, o tímido, os apontamentos de ciência demonológica, as chaves da pedra filosofal, as predições de Nostradamus e as suas pesquisas sobre a peste, de modo que chegou à adolescência sem saber nada da sua época, mas com os conhecimentos básicos do homem medieval. A qualquer hora que entrasse no quarto, Santa Sofía de la Piedad o encontrava absorto na leitura. De manhã cedo, levava-lhe uma caneca de café sem açúcar e, ao meio-dia, um prato de arroz com fatias de banana frita, que era a única coisa que se comia em casa depois da morte de Aureliano Segundo. Preocupava-se em cortar-lhe o cabelo, catar-lhe os piolhos, adaptar para ele a roupa velha que encontrava nos baús esquecidos e, quando começou a despontar-lhe o bigode, levou-lhe a navalha de barbear e a vasilhinha de sabão do Coronel Aureliano Buendía. Nenhum dos filhos deste foi tão parecido com ele, nem mesmo Aureliano José, sobretudo pelas maçãs do rosto pronunciadas e pela linha bem marcada e um pouco dura dos lábios. Como acontecera com Úrsula em relação a Aureliano Segundo, quando este estudava no quarto, Santa Sofía de la Piedad pensava que Aureliano falava sozinho. Na realidade, conversava com Melquíades. Num meio-dia ardente, pouco depois da morte dos gêmeos, viu contra a reverberação da janela o ancião lúgubre com o chapéu de asas de corvo, como a materialização de uma lembrança que estava na sua memória desde muito antes de nascer. Aureliano tinha acabado de classificar o alfabeto dos pergaminhos. De modo que quando Melquíades lhe perguntou se descobrira em que língua estavam escritos, ele não vacilou em responder:

— Em sânscrito — disse.

Melquíades revelou que as suas oportunidades de voltar ao quarto estavam contadas. Mas ia tranqüilo aos prados da morte definitiva, porque Aureliano tinha tempo para aprender o sânscrito nos anos que faltavam para que os pergaminhos completassem um século e pudessem ser decifrados. Foi ele quem lhe indicou que no beco que ia dar no rio, e onde nos tempos da companhia bananeira se adivinhava o futuro e se interpretavam os sonhos, havia um sábio catalão que tinha uma loja de livros onde havia um *Sanskrit Primer* que seria devorado pelas traças seis anos depois se ele não se apressasse em comprá-lo. Pela primeira vez, na sua longa vida, Santa Sofía de la Piedad deixou transparecer um sentimento e era um sentimento de espanto, quando Aureliano pediu que lhe trouxesse o livro que haveria de encontrar entre a *Jerusalém Libertada* e os poemas de Milton, à extrema direita, na segunda prateleira da estante. Como não sabia ler, decorou o segredo e conseguiu o dinheiro com a venda de um dos dezessete peixinhos de ouro que restavam na oficina e que só ela e Aureliano sabiam onde estavam desde a noite em que os soldados revistaram a casa.

Aureliano avançava nos estudos de sânscrito, enquanto Melquíades ia-se fazendo cada vez menos assíduo e mais longínquo, esfumaçando-se na claridade radiante do meio-dia. Da última vez que Aureliano o sentiu era apenas uma presença invisível que murmurava: "Morri de febre nas dunas de Cingapura." E o quarto se fez então vulnerável à poeira, ao calor, ao cupim, às formigas ruivas, às traças que haveriam de transformar em pó a sabedoria dos livros e dos pergaminhos.

Em casa não faltava o que comer. No dia seguinte à morte de Aureliano Segundo, um dos amigos que tinham levado a coroa com a inscrição irreverente se ofereceu para pagar a Fernanda um dinheiro que ficara devendo ao seu marido. A partir de então, todas as quartas-feiras, um mensageiro trazia um cesto de coisas de comer que davam bem para uma semana. Nunca ninguém soube que aquelas vitualhas quem mandava era Petra Cotes, com a idéia de que a caridade contínua era uma forma de humilhar a quem a humilhara. Entretanto, a raiva passou muito antes do que ela própria esperava e então continuou mandando a comida por orgulho e, finalmente, por compaixão. Várias vezes, quando lhe faltou o ânimo para vender bilhetes e o povo perdeu o interesse pelas rifas, ela própria ficou sem comer para que Fernanda comesse e não deixou de cumprir o trato enquanto não viu passar o seu enterro.

Para Santa Sofía de la Piedad a redução dos habitantes da casa devia ter sido o descanso a que tinha direito depois de mais de meio século de trabalho. Nunca se ouvira um só lamento daquela mulher sigilosa, impenetrável, que semeara na família os germes angélicos de Remedios, a bela, e a misteriosa solenidade de José Arcadio Segundo, que consagrara uma vida inteira de solidão e silêncio à educação de umas crianças que mal se lembravam que eram seus filhos e seus netos, e que se ocupara de Aureliano como se tivesse saído das suas entranhas, sem saber ela mesma que era sua bisavó. Só numa casa como aquela era concebível que sempre tivesse dormido numa esteira que estendia no chão da despensa, entre o ruído noturno das ratazanas e sem nunca ter contado a ninguém que certa noite despertara com a pavorosa sensação de que alguém a estava olhando no escuro e era uma cobra que deslizava pelo seu ventre. Ela sabia que, se tivesse contado a Úrsula, esta a faria dormir na sua própria cama, mas isso foi na época em que ninguém prestava atenção a nada, enquanto não se gritasse pelo corredor afora, porque os trabalhos da padaria, os sobressaltos da guerra, o cuidado das crianças não deixavam tempo para se pensar na felicidade alheia. Petra Cotes, a quem nunca vira, era a única que se lembrava dela. Tomava conta para que tivesse um bom par de sapatos para sair, para que nunca lhe faltasse um vestido, mesmo nos tempos em que faziam milagres com o dinheiro das rifas. Quando Fernanda chegou em casa, teve motivos para acreditar que era uma criada eternizada e, embora várias vezes tivesse ouvido dizer que era a mãe do seu marido, aquilo lhe parecia tão incrível que demorava mais em aprender que em esquecer. Santa Sofía de la Piedad nunca pareceu se incomodar com aquela posição subalterna. Pelo contrário, tinha-se a impressão de que ela gostava de andar pelos cantos, sem uma trégua, sem um gemido, mantendo limpa e em ordem a imensa casa onde vivera desde a adolescência e que particularmente nos tempos da companhia bananeira mais parecia um quartel do que um lar. Mas quando Úrsula morreu, a diligência inumana de Santa Sofía de la Piedad, a sua tremenda capacidade de trabalho começaram a se quebrantar. Não era só porque estivesse velha e esgotada: a casa também se precipitou da noite para o dia numa crise de senilidade. Um musgo tenro trepou nas paredes. Quando já não havia mais um lugar vazio no quintal, as ervas daninhas quebraram o cimento da varanda por baixo, estilhaçaram-no como um cristal, e apareceram pelas frestas as mesmas florezinhas amarelas que quase um século antes Úrsula tinha encontrado no copo onde estava a dentadura postiça de Melquíades. Sem tempo nem recursos para impedir os excessos da natureza, Santa Sofía de la Piedad passava o dia nos quartos, espantando os lagartos que tornavam a entrar de noite. Certa manhã, viu que as formigas ruivas tinham abandonado o cimento escavado, atravessado o jardim, subido pela amurada onde as begônias tinham adquirido cor de terra e entravam até o fundo da casa. Primeiro tentou matá-las com uma vassoura, a seguir com inseticida e, por fim, com cal, mas no dia seguinte estavam outra vez no mesmo lugar, caminhando sempre, tenazes e invencíveis. Fernanda, escrevendo cartas aos filhos, não percebia a arremetida incontrolável da destruição. Santa Sofía de la Piedad continuou lutando sozinha, brigando com as ervas daninhas para que não entrassem na cozinha, arrancando das paredes as borlas de teia de aranha que se renovavam em poucas horas, raspando o cupim. Mas quando viu que até o quarto de Melquíades estava cheio de teias de aranha e empoeirado, ainda que o varresse e espanasse três vezes por dia, e que apesar da sua fúria da limpeza ele estava ameaçado pela ruína e pelo ar de miséria que só o Coronel Aureliano Buendía e o jovem militar tinham previsto, compreendeu que estava vencida. Então, vestiu o usado traje de domingo, um par de sapatos velhos de Úrsula e as meias de algodão que Amaranta Úrsula lhe dera de presente e fez uma trouxinha com as duas ou três mudas que lhe restavam.

— Me entrego — disse a Aureliano. — É casa demais para os meus pobres ossos.

Aureliano perguntou para onde ia e ela fez um gesto vago, como se não tivesse a menor idéia do seu destino. Tratou de precisar, entretanto, que ia passar os seus últimos anos com uma prima-irmã que vivia em Riohacha. Não era uma explicação verossímil. Desde a morte de seus pais não tinha tido contato com ninguém no povoado, nem recebera cartas nem recados, nem se ouviu que falasse de parente algum. Aureliano lhe deu quatorze peixinhos de ouro, porque ela estava disposta a partir com a única coisa que tinha: um peso e vinte e cinco centavos. Da janela do quarto ele a viu atravessar o jardim com a sua trouxinha de roupa, arrastando os pés e curvada pelos anos, e a viu meter a mão por um buraco do portão, para fechá-lo depois de ter saído. Nunca mais se voltou a saber dela.

Quando soube da fuga, Fernanda praguejou um dia inteiro, enquanto revistava baús, cômodas e armários, coisa por coisa, para se convencer de que Santa Sofía de la Piedad não tinha carregado nada. Queimou os dedos tentando acender um fogão pela primeira vez na vida e teve que pedir a Aureliano o favor de lhe ensinar a fazer café. Com o tempo, ficou sendo ele quem fazia os trabalhos de cozinha. Ao se levantar, Fernanda já encontrava o café da manhã servido e só tornava a abandonar o quarto para apanhar a comida que Aureliano deixava tampada no calor das brasas e que ela levava para a mesa a fim de comê-la sobre toalhas de linho e entre candelabros, sentada numa cabeceira solitária, ao extremo de quinze cadeiras vazias. Mesmo nessas circunstâncias, Aureliano e Fernanda não partilharam a solidão, mas continuaram vivendo cada um na sua, fazendo a limpeza do quarto respectivo enquanto as teias de aranha iam nevando as roseiras, atapetando as vigas, acolchoando as paredes. Foi por essa época que Fernanda teve a impressão de que a casa se estava enchendo de duendes. Era como se os objetos, sobretudo os de uso diário, tivessem desenvolvido a faculdade de mudar de lugar pelos seus próprios meios. Fernanda passava tempo procurando a tesoura que estava certa de ter colocado em cima da cama e, depois de revirar tudo, encontrava-a numa prateleira da cozinha onde pensava não ter aparecido durante quatro dias. De repente não havia um só garfo na gaveta dos talheres e encontrava seis no altar e três no tanque de lavar roupa. Aquela caminhada das coisas era mais desesperadora quando se sentava para escrever. O tinteiro que punha à direita aparecia à esquerda, o mata-borrão se perdia e era encontrado dois dias depois debaixo do travesseiro e as páginas escritas a José Arcadio se confundiam com as de Amaranta Úrsula e sempre andava com a má impressão de ter colocado as cartas nos envelopes trocados, como realmente aconteceu várias vezes. Certa ocasião perdeu a caneta. Quinze dias depois ela foi devolvida pelo carteiro, que a encontrara na bolsa e andava procurando o dono de casa em casa. No princípio, ela pensou que era coisa dos médicos invisíveis, como a desaparição dos pessários, e até começou a escrever uma carta para suplicar a eles que a deixassem em paz, mas teve que interrompê-la para fazer alguma coisa e quando voltou ao quarto, não só não encontrou a carta começada, como também se esqueceu do propósito de escrevê-la. Durante um certo tempo, pensou que fosse Aureliano. Deu para vigiá-lo, pôr objetos à sua passagem na tentativa de surpreendê-lo no momento em que os mudasse de lugar, mas muito em breve se convenceu de que Aureliano não abandonava o quarto de Melquíades a não ser para ir à cozinha ou ao banheiro e que não era homem de brincadeira. De modo que terminou por acreditar que eram travessuras de duendes e optou por segurar cada coisa no seu lugar de uso. Amarrou a tesoura com um longo barbante na cabeceira da cama. Amarrou a caneta e o mata-borrão na perna da mesa e colou com goma-arábica o tinteiro no tampo, à direita do lugar onde costumava escrever. Mas os problemas não se resolveram assim de um dia para o outro, pois em poucas horas de costura já o barbante da tesoura não dava para cortar como se os duendes o fossem diminuindo. Acontecia a mesma coisa com o barbante da caneta e até mesmo com o seu próprio braço, que em pouco tempo de estar escrevendo não alcançava mais o tinteiro. Nem Amaranta Úrsula em Bruxelas, nem José Arcadio em Roma, nunca nenhum deles soube desses insignificantes infortúnios. Fernanda contava que era feliz, e na realidade era, justamente porque se sentia liberta de qualquer compromisso, como se a vida a tivesse arrastado outra vez para o mundo de seus pais, onde não se sofria com os problemas diários porque eles estavam resolvidos antecipadamente na imaginação. Aquela correspondência interminável fê-la perder a noção do tempo, sobretudo depois que Santa Sofía de la Piedad foi embora. Acostumara-se a fazer a conta dos dias, meses e anos tomando como pontos de referência as datas previstas para a volta dos filhos. Mas quando estes modificaram os prazos uma e outra vez as datas se confundiram, os marcos foram trocados, e os dias começaram a se parecer tanto uns com os outros que não se sentiam passar. Em vez de se impacientar, Fernanda experimentava uma profunda complacência em relação à demora. Não se inquietava com o fato de que, muitos anos depois de se anunciar às vésperas dos votos perpétuos, José Arcadio continuasse dizendo que esperava terminar os estudos de alta teologia para empreender os de diplomacia; isto porque ela compreendia que era altíssima e calçada de obstáculos a escada em caracol que conduzia ao trono de São Pedro. Por outro lado, seu espírito se exaltava com notícias que para outros teriam sido insignificantes, como aquela de que o seu filho tinha visto o Papa. Experimentou uma alegria similar quando Amaranta Úrsula mandou dizer que os seus estudos se iam prolongar para além do tempo previsto, porque as suas excelentes notas a tinham feito merecedora de privilégios que o pai não levara em consideração ao fazer as contas.

Tinham-se passado já mais de três anos desde que Santa Sofía de la Piedad lhe trouxera a gramática, quando Aureliano conseguiu traduzir a primeira folha. Não foi um trabalho inútil, mas constituía apenas um primeiro passo de um caminho cujo comprimento era impossível prever, porque o texto em castelhano não significava nada: eram versos cifrados. Aureliano carecia de elementos para estabelecer as chaves que lhe permitissem decifrá-los, mas como Melquíades dissera que na loja do sábio catalão estavam os livros de que ele precisaria para chegar ao fundo dos pergaminhos, decidiu falar com Fernanda para que lhe permitisse ir buscá-los. No quarto devorado pelas ruínas, cuja proliferação incontrolável terminara por derrotá-lo, pensava na forma mais adequada de formular o pedido, antecipava-se às circunstâncias, calculava a ocasião mais adequada, mas quando encontrava Fernanda retirando a comida do borralho, que era a única oportunidade de falar com ela, o pedido laboriosamente premeditado era engolido, e a voz, sumida. Aquela foi a única vez em que a espionou. Vigiava os seus passos no quarto. Ouvia-a ir até a porta para receber as cartas dos filhos e entregar as suas ao carteiro e escutava até alta hora da noite o traço duro e apaixonado da caneta no papel, antes de ouvir o ruído do interruptor e o murmúrio das orações no escuro. Só então adormecia, confiando no dia seguinte que lhe daria a oportunidade desejada. Iludiu-se tanto com a idéia de que a permissão não lhe seria negada que certa manhã cortou o cabelo que já batia nos ombros, fez a barba emaranhada, vestiu umas calças estreitas e uma camisa de colarinho postiço que não sabia de quem tinha herdado e esperou na cozinha que Fernanda viesse tomar café. Não veio a mulher de todos os dias, a de cabeça levantada e andar firme, mas uma anciã de uma beleza sobrenatural, com uma amarelada capa de arminho, uma coroa de cartolina dourada e a conduta lânguida de quem chorou em segredo. Na realidade, desde que o encontrara nos baús de Aureliano Segundo, Fernanda pusera muitas vezes o carcomido vestido de rainha. Qualquer pessoa que a tivesse visto defronte do espelho, extasiada com os seus próprios gestos monárquicos, poderia pensar que estava louca. Mas não estava. Simplesmente, transformara os trajes reais numa máquina de lembranças. Na primeira vez em que os vestiu não pôde evitar que se formasse um nó no coração e que os olhos se enchessem de lágrimas, porque naquele instante voltou a sentir o cheiro de betume das botas do militar que fora buscá-la em casa para fazê-la rainha e sua alma se cristalizou com a saudade dos sonhos perdidos. Sentiu-se tão velha, tão acabada, tão distante das melhores horas da sua vida que desejou inclusive as que recordava como as piores, e só então descobriu quanta falta faziam as brisas de orégão na varanda e o vapor das roseiras ao entardecer e até a natureza animalesca dos que chegavam. Seu coração de cinza socada, que resistira sem quebrantos aos mais duros golpes da realidade cotidiana, desmoronou-se aos primeiros embates da saudade. A necessidade de se sentir triste ia se transformando num vício à medida que os anos a devastavam. Humanizou-se na solidão. Entretanto, na manhã em que entrou na cozinha e deparou com uma xícara de café que lhe oferecia um adolescente ossudo e pálido, com um brilho alucinado nos olhos, foi cortada pela lâmina do ridículo. Não só lhe negou a permissão como também, a partir de então, passou a carregar as chaves da casa no bolso onde guardava os pessários fora de uso. Era uma precaução inútil porque, se quisesse, Aureliano poderia fugir e até voltar para casa sem ser visto. Mas o prolongado cativeiro, a incerteza do mundo, o hábito de obedecer tinham ressecado no seu coração as sementes da revolta. De modo que voltou à clausura, passando e repassando os pergaminhos, e ouvindo até a noite já bem avançada os soluços de Fernanda no quarto. Certa manhã foi acender o fogão como de costume e encontrou nas cinzas apagadas a comida que deixara para ela no dia anterior. Então se aproximou do quarto e a viu estendida na cama, coberta com a capa de arminho, mais linda do que nunca e com a pele transformada numa casca de marfim. Quatro meses depois, quando José Arcadio chegou, encontrou-a intacta.

Era impossível imaginar um homem mais parecido com a mãe. Vestia um terno de tafetá preto, uma camisa de colarinho redondo e duro, e uma estreita fita de seda com um laço, no lugar da gravata. Era lívido, lânguido, de olhar atônito e lábios delicados. O cabelo negro, lustroso e liso, repartido no meio da cabeça por uma linha reta e sem vida, tinha a mesma aparência postiça da cabeleira dos santos. A sombra da barba bem escanhoada no rosto de parafina parecia um problema de consciência. Tinha as mãos pálidas, com nervuras verdes e dedos parasitários, e um anel de ouro maciço com uma opala amarela, redonda, no indicador esquerdo. Quando abriu a porta da rua para ele, Aureliano não teve necessidade de imaginar quem fosse para perceber que vinha de muito longe. A casa se impregnou, à sua passagem, do cheiro da água-de-colônia que Úrsula lhe botava na cabeça quando era menino, para poder encontrá-lo nas trevas. De algum modo impossível de precisar, depois de tantos anos de ausência, José Arcadio continuava sendo um menino outonal, terrivelmente triste e solitário. Foi diretamente ao quarto de sua mãe, onde Aureliano vaporizara mercúrio durante quatro meses, no alambique do avô de seu avô, para conservar o corpo segundo a fórmula de Melquíades. José Arcadio não fez nenhuma pergunta. Deu um beijo na testa do cadáver, tirou de debaixo da saia o bolsinho onde havia três pessários ainda sem uso e a chave do guarda-roupa. Fazia tudo com gestos diretos e decididos, em contraste com a sua languidez. Tirou do guarda-roupa um cofrezinho damasquinado com o escudo familiar e encontrou no seu interior perfumado de sândalo a carta volumosa em que Fernanda desafogara o coração das incontáveis verdades que lhe escondera. Leu-a de pé, com avidez mas sem ansiedade, e na terceira página se deteve e examinou Aureliano com um olhar de segundo reconhecimento.

— Então — disse com uma voz que tinha alguma coisa de navalha de barba — você é o bastardo.

— Sou Aureliano Buendía.

— Vá para o quarto — disse José Arcadio.

Aureliano foi e não voltou a sair nem sequer por curiosidade quando ouviu o rumor dos funerais solitários. Às vezes, da cozinha, via José Arcadio perambulando pela casa, sufocando na sua respiração angustiada, e continuava escutando os seus passos pelos quartos em ruína depois da meia-noite. Não ouviu a sua voz durante muitos meses, não só porque José Arcadio não lhe dirigia a palavra, mas também porque ele não tinha vontade nenhuma de que isso acontecesse, nem tempo para pensar em nada além dos pergaminhos. Com a morte de Fernanda, apanhara o penúltimo peixinho e fora à livraria do sábio catalão, em busca dos livros de que precisava. Não se interessou por nada do que viu no trajeto, talvez porque carecesse de lembranças para comparar, e as ruas desertas e as casas desoladas eram iguais às que imaginara num tempo em que teria vendido a alma para conhecê-las. Concedera-se a si mesmo a permissão que Fernanda lhe negara, mas só por uma vez, com um objetivo único e pelo tempo mínimo indispensável, de modo que percorreu sem pausa as onze quadras que separavam a sua casa do beco onde antigamente se interpretavam os sonhos e entrou ofegante no desarranjado e sombrio local onde mal havia espaço para se movimentar. Mais que uma livraria, parecia uma lixeira de livros usados, colocados em desordem nas estantes esburacadas pelo cupim, nos cantos cheios de teias de aranhas e até nos espaços que deveriam ser destinados à passagem. Numa longa mesa, também atravancada de alfarrábios, o proprietário escrevia uma prosa incansável, com uma caligrafia roxa, um pouco delirante, e em folhas soltas de caderno escolar. Tinha uma bela cabeleira prateada que lhe caía na testa como o penacho de uma cacatua e seus olhos azuis, vivos e miúdos, revelaram a mansidão do homem que lera todos os livros. Estava de cuecas, ensopado de suor, e não desatendeu à escrita para ver quem tinha chegado. Aureliano não teve dificuldade em resgatar de entre aquela desordem de louco os cinco livros que procurava, pois estavam no lugar exato que lhe indicara Melquíades. Sem dizer uma palavra entregou-os junto com o peixinho de ouro ao sábio catalão, e este os examinou e suas pálpebras se contraíram como duas amêijoas. "Deve estar doido", disse na sua língua, dando de ombros, e devolveu a Aureliano os cinco livros e o peixinho.

— Pode levar — disse em castelhano. — O último homem que leu esses livros deve ter sido Isaac, o Cego, de modo que pense bem no que está fazendo.

José Arcadio restaurou o quarto de Meme, mandou lavar e remendar as cortinas de veludo e o damasco do dossel da cama vice-real e pôs outra vez em serviço o banheiro abandonado, cuja caixa-d'água de cimento estava enegrecida por um limo fibroso e áspero. A esses dois lugares reduziu-se o seu império de segunda classe, de exauridos gêneros exóticos, de perfumes falsos e pedraria barata. A única coisa que parecia atrapalhá-lo no resto da casa eram os santos do altar doméstico, que uma tarde queimou até reduzi-los a cinza, numa fogueira que acendeu no quintal. Dormia até depois das onze. Ia para o banheiro com um esfiapado roupão de dragões dourados e umas chinelas de pompons amarelos e ali oficiava um rito que pela sua serenidade e duração recordava o de Remedios, a bela. Antes de se banhar, aromatizava a caixa-d'água com os sais que levava em três potes de alabastro. Não fazia abluções com a cuia, mas mergulhava nas águas perfumadas e permanecia até duas horas boiando de barriga para cima, adormecido pela frescura e pela lembrança de Amaranta. Poucos dias depois de ter chegado abandonou o traje de tafetá, que além de ser quente demais para a região era o único terno que tinha, e trocou-o por umas calças justas, muito parecidas com as que Pietro Crespi usava nas aulas de dança, e uma camisa de seda animal com as suas iniciais bordadas no coração. Duas vezes por semana lavava a muda completa na caixa-d'água e ficava de roupão até que secasse pois não tinha nada mais para vestir. Nunca comia em casa. Saía à rua quando abrandava o calor da sesta e não voltava até tarde da noite. Então continuava o seu perambular angustiado, fungando como um gato e pensando em Amaranta. Ela e o olhar terrível dos santos no fulgor da lâmpada noturna eram as duas lembranças que conservava de casa. Muitas vezes, no alucinante agosto romano, tinha aberto os olhos na metade do sono e visto Amaranta surgindo de uma banheira de mármore rajado, com as suas anáguas de renda e a venda na mão, idealizada pela ansiedade do exílio. Ao contrário de Aureliano José, que tentara sufocar aquela imagem no lago sangrento da guerra, ele tentava mantê-la viva num pantanal de concupiscência, enquanto entretinha a mãe com a patranha sem fim da vocação pontifícia. Nem a ele nem a Fernanda nunca ocorrera pensar que a correspondência deles era um intercâmbio de fantasias. José Arcadio, que abandonara o seminário tão cedo quanto chegara a Roma, continuou alimentando a lenda da teologia e do direito canônico, para não botar em perigo a herança fabulosa de que falavam as cartas delirantes de sua mãe e que haveria de tirá-lo da miséria e da sordidez que partilhava com dois amigos numa água-furtada do Trastevere. Quando recebeu a última carta de Fernanda, ditada pelo pressentimento da morte iminente, meteu numa mala os últimos restos do seu falso esplendor e atravessou o oceano num porão, onde os emigrantes se empurravam como reses de matadouro, comendo macarrão frio e queijo bichado. Antes de ler o testamento de Fernanda, que não era mais que uma minuciosa e tardia recapitulação de infortúnios, já os móveis quebrados e a erva daninha da varanda lhe haviam indicado que estava metido numa armadilha da qual não sairia jamais, para sempre exilado da luz de diamante e do ar imemorial da primavera romana. Nas insônias extenuantes da asma, media e tornava a medir a profundidade da sua desventura, enquanto revia a casa tenebrosa onde os exageros senis de Úrsula lhe haviam infundido o medo do mundo. Para estar certa de não perdê-lo nas trevas, ela tinha assinalado um canto do quarto, o único onde poderia estar a salvo dos mortos que perambulavam pela casa desde o entardecer. "Qualquer coisa ruim que você fizer", dizia-lhe Úrsula, "os santos me contam." As noites de terror da sua infância reduziram-se a este canto, onde permanecia imóvel até a hora de se deitar, suando de medo num tamborete, sob o olhar vigilante e gelado dos santos delatores. Era uma tortura inútil, porque já nessa época tinha terror de tudo o que o rodeava e estava preocupado para se assustar com tudo o que encontrasse na vida: as mulheres da rua, que arruinavam o sangue; as mulheres da casa, que pariam filhos com rabo de porco; os galos de briga, que provocavam mortes de homens e remorsos de consciência para o resto da vida; as armas de fogo, que só com serem tocadas condenavam a vinte anos de guerra; as empresas audaciosas, que só conduziam ao desencanto e à loucura, e tudo, enfim, tudo quanto Deus criara com a sua infinita bondade e que o diabo pervertera. Ao acordar, moído pela roda dos pesadelos, a claridade da janela e as carícias de Amaranta na caixa-d'água e o deleite com que ela lhe punha talco entre as pernas com uma esponja de seda libertavam-no do terror. Até Úrsula era diferente sob a luz radiante do jardim, porque ali não lhe falava de coisas de pavor, mas lhe esfregava os dentes com pó de carvão para que tivesse o sorriso radiante de um Papa, e lhe cortava e polia as unhas para que os peregrinos que chegassem a Roma de todo âmbito da terra se assombrassem com a beleza das mãos do Papa quando lhes desse a bênção, e o penteava como um Papa, e o ensopava de água-de-colônia para que o seu corpo e as suas roupas tivessem a fragrância de um Papa. No pátio de Castelgandolfo ele tinha visto o Papa numa sacada, pronunciando o mesmo discurso em sete idiomas para uma multidão de peregrinos, e a única coisa que na verdade lhe chamara a atenção fora a brancura das suas mãos, que pareciam esfregadas com água sanitária, o brilho deslumbrante das suas roupas de verão e o seu discreto perfume de água-de-colônia.

Quase um ano depois do regresso a casa, tendo vendido para comer os candelabros de prata e o penico heráldico que na hora da verdade só teve de ouro as incrustações do escudo, a única distração de José Arcadio era recolher meninos no povoado para que brincassem na sua casa. Aparecia com eles na hora da sesta e os fazia pular corda no jardim, cantar na varanda e virar cambalhotas nos móveis da sala, enquanto ele andava por entre os grupos repartindo lições de bom comportamento. Por essa época já tinha acabado com as calças justas e com a camisa de seda e usava uma muda ordinária comprada nas lojas dos turcos, mas continuava mantendo a sua dignidade lânguida e os seus gestos papais. As crianças tomaram conta da casa como tinham feito no passado as companheiras de Meme. Até tarde da noite se ouvia tagarelar e cantar e dançar sapateado, de modo que a casa parecia um internato sem disciplina. Aureliano não se preocupou com a invasão enquanto não foram incomodá-lo no quarto de Melquíades. Certa manhã, dois meninos empurraram a porta e se espantaram diante da visão do homem emporcalhado e peludo que continuava decifrando os pergaminhos na mesa de trabalho. Não ousaram entrar, mas continuaram rondando o quarto. Aproximavam-se cochichando pelas rachaduras, jogavam animais vivos pelas clarabóias e, numa ocasião, pregaram por fora a porta e a janela, e Aureliano precisou da metade de um dia para forçá-las. Divertidos pela impunidade das suas travessuras, quatro meninos entraram noutra manhã no quarto, enquanto Aureliano estava na cozinha, dispostos a destruir os pergaminhos. Mas imediatamente após se terem apoderado das folhas amareladas, uma força angélica levantou-os do solo e os manteve suspensos no ar até que Aureliano voltou a lhes tomar os pergaminhos. A partir de então não tornaram a incomodá-lo.

Os quatro meninos mais velhos, que usavam calças curtas apesar de já se aproximarem da adolescência, ocupavam-se da aparência pessoal de José Arcadio. Chegavam mais cedo que os outros e dedicavam a manhã a barbeá-lo, a fazer-lhe massagens com toalhas quentes, a cortar-lhe e polir-lhe as unhas das mãos e dos pés, a perfumá-lo com água-de-colônia. Em várias ocasiões, meteram-se na caixa-d'água, para ensaboá-lo dos pés à cabeça, enquanto ele boiava de barriga para cima pensando em Amaranta. Em seguida o secavam, botavam-lhe talco no corpo e o vestiam. Um dos meninos, que tinha o cabelo louro e crespo e os olhos de contas rosadas como os coelhos, costumava dormir na casa. Eram tão firmes os vínculos que o uniam a José Arcadio que o acompanhava nas suas insônias de asmático, sem falar, perambulando com ele pela casa em trevas. Certa noite, viram na alcova onde Úrsula havia dormido um brilho amarelo através do cimento cristalizado, como se um sol subterrâneo tivesse convertido em vitral o chão do quarto. Não precisaram acender a lanterna. Bastou-lhes levantar as tábuas quebradas do lugar onde sempre estivera a cama de Úrsula e onde o brilho era mais intenso para encontrar a cripta secreta que Aureliano Segundo se cansara de procurar no delírio das escavações. Ali estavam os três sacos de lona fechados com arame de cobre e, dentro deles, os sete mil duzentos e quatorze dobrões, que continuavam alumiando como brasas na escuridão.

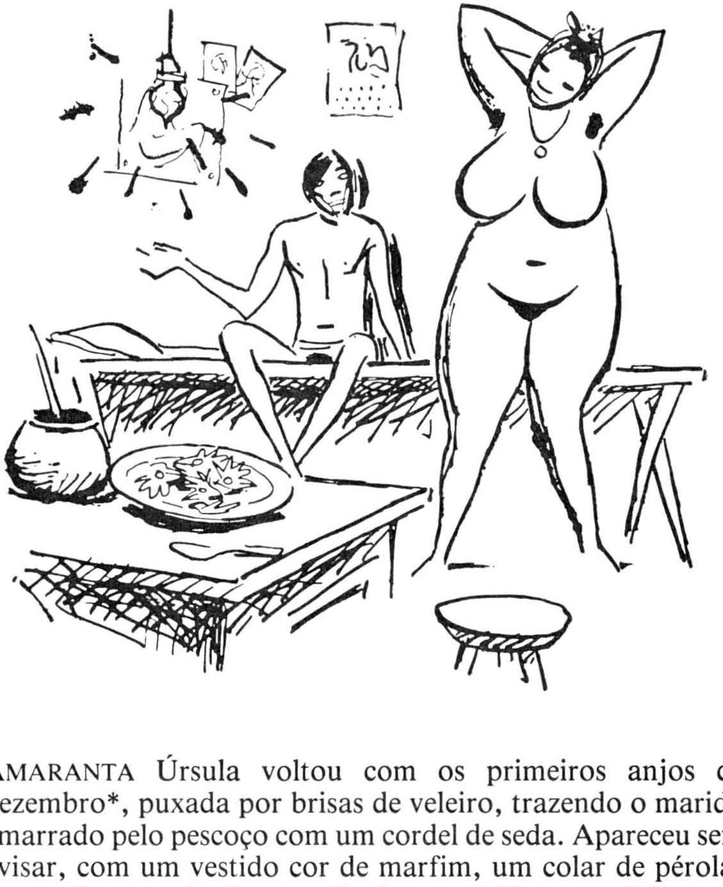
O achado do tesouro foi como uma deflagração. Em vez de voltar a Roma com a fortuna inesperada, que era o sonho amadurecido na miséria, José Arcadio transformou a casa num paraíso decadente. Trocou por veludo novo as cortinas e o dossel do quarto e mandou colocar ladrilhos no chão do banheiro e azulejos nas paredes. O guarda-louças da sala de jantar se encheu de frutas cristalizadas, presuntos e conservas, e a despensa fora de uso voltou a se abrir para armazenar vinhos e licores que o próprio José Arcadio retirava na estação da estrada de ferro, em caixas marcadas com o seu nome. Uma noite, ele e os quatro meninos mais velhos fizeram uma festa que se prolongou até o amanhecer. Às seis da manhã saíram nus do quarto, esvaziaram a caixa-d'água e encheram-na de champanha. Mergulharam em banho, nadando como pássaros que voassem num céu dourado de bolhas aromáticas, enquanto José Arcadio boiava de barriga para cima, à margem da festa, evocando Amaranta com os olhos abertos. Permaneceu assim, ensimesmado, ruminando a amargura dos seus prazeres equívocos, até depois de os meninos se terem cansado e ido em tropel para o quarto, onde arrancaram as cortinas de veludo para se enxugar e quebraram, na desordem, o espelho de cristal de rocha e arrebentaram o dossel da cama, tentando deitar-se em tumulto. Quando José Arcadio voltou do banheiro, encontrou-os dormindo amontoados, nus, numa alcova naufragada. Irritado não tanto pelos estragos como pelo nojo e pela pena que sentia de si mesmo no desolado vazio da saturnal, armou-se de umas disciplinas de guarda eclesiástico que guardava no fundo do baú, junto com um cilício e outros ferros de mortificação e penitência, e expulsou os meninos da casa, uivando como um louco e açoitando-os sem misericórdia, como não o teria feito com um bando de coiotes. Ficou abatido, com uma crise de asma que se prolongou por vários dias e que lhe deu o aspecto de um agonizante. Na terceira noite de tortura, vencido pela asfixia, foi ao quarto de Aureliano pedir-lhe o favor de comprar numa farmácia próxima um pó para inalar. Foi assim que Aureliano fez a sua segunda saída à rua. Teve que percorrer apenas duas quadras para chegar até a estreita farmácia de empoeiradas vitrinas com potes de louça, marcados em latim, onde uma moça com a sigilosa beleza de uma serpente do Nilo aviou-lhe a receita do medicamento que José Arcadio tinha escrito num papel. A segunda visão do povoado deserto, iluminado apenas pelas amareladas lâmpadas das ruas, não despertou em Aureliano mais curiosidade que da primeira vez. José Arcadio chegou a pensar que ele havia fugido, quando o viu aparecer de novo, um pouco ofegante por causa da pressa, arrastando as pernas que a clausura e a falta de mobilidade tinham tornado fracas e desajeitadas. Era tão segura a sua indiferença pelo mundo que poucos dias depois José Arcadio violou a promessa que tinha feito à mãe e o deixou livre para sair quando quisesse.

— Não tenho nada que fazer na rua — respondeu-lhe Aureliano.

Continuou trancado, absorto nos pergaminhos que pouco a pouco ia desvendando e cujo sentido, entretanto, não conseguia interpretar. José Arcadio trazia para ele no quarto fatias de presunto, frutas cristalizadas que deixavam na boca um ressaibo primaveril e, em duas ocasiões, um copo de bom vinho. Não se interessou pelos pergaminhos que considerava mais como uma diversão esotérica, mas chamou-lhe a atenção a estranha sabedoria e o inexplicável conhecimento do mundo que tinha aquele parente desolado. Soube então que era capaz de compreender o inglês escrito e que, entre pergaminho e pergaminho, tinha lido da primeira página à última, como se fosse um romance, os seis tomos da enciclopédia. A isso atribuiu no princípio o fato de que Aureliano pudesse falar de Roma como se tivesse vivido lá durante muitos anos, mas muito em breve percebeu que tinha conhecimentos que não eram enciclopédicos, como os preços das coisas. "Tudo se sabe", foi a única resposta que recebeu de Aureliano, quando lhe perguntou como obtivera aquelas informações. Aureliano, por outro lado, surpreendeu-se de que José Arcadio visto de perto fosse tão diferente da imagem que tinha formado dele quando o via perambular pela casa. Era capaz de rir, de se permitir de vez em quando uma saudade do passado da casa e de se preocupar com o ambiente de miséria em que se encontrava o quarto de Melquíades. Aquela aproximação de dois solitários do mesmo sangue estava muito longe da amizade, mas permitiu a ambos sobreviver melhor à insondável solidão que ao mesmo tempo os separava e unia. José Arcadio pôde então ajudar Aureliano a resolver certos problemas domésticos que o exasperavam. Aureliano, por sua vez, podia se sentar para ler na varanda, receber as cartas de Amaranta Úrsula, que continuavam chegando com a pontualidade de sempre, e usar o banheiro de onde tinha sido expulso por José Arcadio desde a sua chegada.

Certa madrugada de calor ambos acordaram alarmados por umas batidas desesperadas na porta da rua. Era um ancião escuro, de olhos grandes e verdes que davam ao seu rosto uma fosforescência espectral e com uma cruz de cinza na testa. As roupas em farrapos, os sapatos rotos e a velha mochila que trazia ao ombro como única bagagem davam-lhe o aspecto de um mendigo, mas a sua conduta tinha uma dignidade que estava em franca contradição com a aparência. Bastava vê-lo uma vez, mesmo na penumbra da sala, para perceber que a força secreta que lhe permitia viver não era o instinto de conservação, mas o hábito do medo. Era Aureliano Amador, o único sobrevivente dos dezessete filhos do Coronel Aureliano Buendía, que vinha procurar uma trégua na sua longa e azarada existência de fugitivo. Identificou-se, suplicou que lhe dessem refúgio naquela casa que nas suas noites de pária evocara como o último reduto de segurança que lhe restava na vida. Mas José Arcadio e Aureliano não se lembravam dele. Pensando que era um vagabundo, lançaram-no à rua aos empurrões. Ambos viram então da porta o final de um drama que tinha começado antes que José Arcadio fizesse uso da razão. Dois agentes da polícia que tinham perseguido Aureliano Amador durante anos, que o haviam farejado como cães por meio mundo, surgiram dentre as amendoeiras da calçada em frente e lhe deram dois tiros de Mauser que penetraram certeiramente pela cruz de cinza.

Na realidade, desde que expulsara os meninos de casa, José Arcadio esperava notícias de um transatlântico que sairia para Nápoles antes do Natal. Dissera-o a Aureliano e inclusive fizera planos para lhe deixar um negócio montado que lhe permitisse viver, porque a cesta de víveres não tornara a chegar desde o enterro de Fernanda. Entretanto, tampouco aquele sonho final se haveria de cumprir. Certa manhã de setembro, depois de tomar café com Aureliano na cozinha, José Arcadio estava terminando o seu banho diário quando irromperam pelos vãos das telhas os quatro meninos que tinha expulsado de casa. Sem lhe dar tempo para se defender, meteram-se vestidos na caixa-d'água, agarraram-no pelos cabelos e mantiveram a sua cabeça afundada até que cessou na superfície o borbulhar da agonia e o silencioso e pálido corpo de delfim deslizou até o fundo das águas perfumadas. Depois levaram os três sacos de ouro que só eles e sua vítima sabiam onde estavam escondidos. Foi uma ação tão rápida, metódica e brutal que pareceu um assalto de militares. Aureliano, fechado no quarto, não percebeu nada. Nessa tarde, tendo sentido a sua falta na cozinha, procurou José Arcadio por toda a casa e o encontrou boiando nas transparências perfumadas da caixa-d'água, enorme e tumefacto, e ainda pensando em Amaranta. Só então compreendeu o quanto tinha começado a amá-lo.



AMARANTA Úrsula voltou com os primeiros anjos de dezembro*, puxada por brisas de veleiro, trazendo o marido amarrado pelo pescoço com um cordel de seda. Apareceu sem avisar, com um vestido cor de marfim, um colar de pérolas que batia pelos joelhos, anéis de esmeraldas e topázios, e o cabelo redondo e liso, arrematado em pontas nas orelhas, como asas de andorinha. O homem com quem se casara seis meses antes era um flamengo maduro, esbelto, com ares de na-

---

*No original *ángeles de diciembre*. Explicação do autor à tradutora: "A tradução deve ser literal, porque todo mundo sabe que em dezembro chegam os anjos. Não os viu nunca?"

vegante. Bastou empurrar a porta da sala para compreender que a sua ausência tinha sido mais prolongada e demolidora do que ela supunha.

— Meu Deus — gritou mais alegre que alarmada — bem se vê que não há mulher nesta casa!

A bagagem não cabia na varanda. Além do antigo baú de Fernanda com que a mandaram para o colégio, trazia duas malas-armários, mais quatro malas grandes, um saco para as sombrinhas, oito caixas de chapéus, um viveiro enorme com meia centena de canários, e o biciclo do marido desarmado dentro de um estojo especial que permitia carregá-lo como a um violoncelo. Não se permitiu sequer um dia de descanso, ao fim da longa viagem. Vestiu um batido guarda-pó de algodão que o marido trouxera junto com outros objetos de uso de motorista e empreendeu uma nova restauração da casa. Expulsou as formigas ruivas que já tinham se apoderado da varanda, ressuscitou as roseiras, arrancou as ervas daninhas pela raiz e tornou a semear fetos, orégãos e begônias nos vasos da amurada. Pôs-se à frente de um grupo de carpinteiros, serralheiros e pedreiros que consertaram as rachaduras do chão, nivelaram as portas e janelas, restauraram os móveis e branquearam as paredes por dentro e por fora, de modo que três meses depois da sua chegada respirava-se outra vez o ar de juventude e de festa que tinha existido nos tempos da pianola. Nunca se vira na casa ninguém com mais bom humor a qualquer hora e em qualquer circunstância, nem ninguém mais disposto a cantar e dançar e a jogar no lixo as coisas e os costumes deteriorados. Com uma vassourada, acabou com as lembranças funerárias e os montes de cacarecos inúteis e instrumentos de superstição que se amontoavam pelos cantos, e a única coisa que conservou, por gratidão a Úrsula, foi o retrato de Remedios na sala. "Olhem que maravilha", gritava morrendo de rir. "Uma bisavó de quatorze anos!" Quando um dos pedreiros contou que a casa estava cheia de fantasmas e que a única maneira de espantá-los era procurar os tesouros que tinham deixado enterrados, ela respondeu às gargalhadas que não acreditava em superstições de homens. Era tão espontânea, tão emancipada, com um espírito tão moderno e livre que Aureliano não soube o que fazer com o corpo quando a viu chegar. "Que gigante!", ela gritou, feliz, com os braços abertos. "Vejam como cresceu o meu adorado antropófago!" Antes que ele tivesse tempo de reagir, ela já havia colocado um disco no gramofone que trouxera consigo e estava tentando ensinar-lhe as danças da moda. Obrigou-o a trocar as esquálidas calças que herdara do Coronel Aureliano Buendía, deu-lhe de presente camisas juvenis e sapatos de duas cores e empurrava-o para a rua quando passava muito tempo no quarto de Melquíades.

Ativa, miúda, indomável como Úrsula, e quase tão bela e provocante como Remedios, a bela, era dotada de um estranho instinto para se antecipar à moda. Quando recebia pelo correio os figurinos mais recentes, estes lhe serviam apenas para comprovar que não tinha errado nos modelos que inventava e que cosia na rudimentar máquina de manivela de Amaranta. Era assinante de quanta revista de moda, informação artística e música popular se publicasse na Europa, e mal passava os olhos por elas para perceber que as coisas andavam pelo mundo como ela imagina. Não era compreensível que uma mulher com aquele espírito tivesse vindo de regresso para um povoado morto, deprimido pela poeira e pelo calor, e menos ainda com um marido que tinha dinheiro de sobra para viver bem em qualquer lugar do mundo e que a amava tanto que tinha se submetido a ser levado e trazido por ela na coleira de seda. Entretanto, à medida que o tempo passava, tornava-se mais evidente a sua intenção de ficar, pois não urdia planos que não fossem de longo prazo, nem tomava decisões que não estivessem orientadas para a obtenção de uma vida cômoda e de uma velhice tranqüila em Macondo. O viveiro dos canários demonstrava que esses propósitos não eram improvisados. Lembrando-se de que sua mãe lhe havia contado numa carta o extermínio dos pássaros, atrasara a viagem por vários meses até encontrar um navio que fizesse escala nas ilhas Afortunadas e lá selecionou vinte e cinco casais dos canários mais finos, para repovoar o céu de Macondo. Essa foi a mais lamentável das suas numerosas iniciativas frustradas. À medida que os pássaros se reproduziam, Amaranta Úrsula os ia soltando aos casais, e demoravam mais para se sentir livres do que para fugir do povoado. Em vão procurou conquistá-los com o viveiro que Úrsula construíra na primeira restauração. Em vão falsificou para eles ninhos de esparto nas amendoeiras e espalhou alpiste nos telhados e alvoroçou os cativos para que os seus cantos dissuadissem os desertores, porque estes se espantavam à primeira tentativa e davam uma volta pelo céu, só o tempo indispensável para encontrar o rumo de regresso às ilhas Afortunadas.

Um ano depois da volta, embora não tivesse conseguido fazer nenhuma amizade nem promover nenhuma festa, Amaranta Úrsula continuava acreditando que era possível salvar aquela comunidade eleita pelo infortúnio. Gastón, seu marido, tinha cuidado para não contrariá-la, embora desde o meio-dia mortal em que descera do trem compreendesse que a determinação de sua mulher tinha sido provocada por uma miragem de saudade. Certo de que ela seria derrotada pela realidade, não se deu sequer o trabalho de armar o biciclo, mas se pôs a perseguir os ovos mais visíveis das teias de aranha que os pedreiros desprendiam e os abria com as unhas e passava horas contemplando com uma lupa as aranhinhas minúsculas que saíam do seu interior. Mais tarde, acreditando que Amaranta Úrsula continuava com as reformas para não dar o braço a torcer, resolveu armar a aparatosa bicicleta cuja roda anterior era muito maior que a posterior e se dedicou a capturar e dissecar quanto inseto aborígine encontrava nos arredores, que remetia em vidros de geléia para o seu antigo professor de história natural da Universidade de Luik, onde fizera estudos superiores de entomologia, embora a sua vocação dominante fosse a de aeronauta. Quando andava de bicicleta usava calças de acrobata, meias de velho gaiteiro e boné de detetive, mas quando andava a pé vestia linho cru, impecável, com sapatos brancos, gravata-borboleta de seda, chapéu de palhinha e uma bengala de vime na mão. Tinha umas pupilas pálidas que acentuavam o seu ar de navegante e um bigodinho de pêlos de esquilo. Embora fosse pelo menos quinze anos mais velho que sua mulher, os seus gostos juvenis, a sua vigilante determinação de fazê-la feliz e as suas virtudes de bom amante compensavam a diferença. Na realidade, quem visse aquele quarentão de hábitos cautelosos, com o seu cordão de seda no pescoço e a sua bicicleta de circo, não poderia pensar que tinha com a sua jovem esposa um pacto de amor desenfreado e que ambos cediam às urgências recíprocas nos lugares menos adequados e onde os surpreendesse a inspiração, como o fizeram desde que começaram a se encontrar, e com uma paixão que o correr do tempo e as circunstâncias cada vez mais insólitas iam aprofundando e enriquecendo. Gastón era não só um amante feroz, de uma sabedoria e uma imaginação inesgotáveis, como também talvez fosse o primeiro homem na história da espécie que tinha feito uma aterragem de emergência e por pouco não se matara com a namorada só para fazer amor num campo de violetas.

Tinham-se conhecido três anos antes de se casarem quando o biplano esportivo em que ele fazia piruetas sobre o colégio em que Amaranta Úrsula estudava tentou uma manobra intrépida para se desviar do mastro da bandeira e a primitiva armação de lona e papel de alumínio ficou pendurada pela cauda nos cabos da energia elétrica. A partir de então, sem fazer caso da perna engessada, nos fins de semana ele ia buscar Amaranta Úrsula na pensão de religiosas onde viveu sempre, cujo regulamento não era tão severo quanto Fernanda desejava, e levava-a para o seu clube de esportes. Começaram a se amar a 500 metros de altura, no ar dominical das planícies, e se sentiam mais compenetrados à medida que mais minúsculos se iam fazendo os seres da terra. Ela falava de Macondo como da aldeia mais luminosa e plácida do mundo e de uma casa enorme, perfumada de orégão, onde queria viver até a velhice com um marido leal e dois filhos travessos que se chamassem Rodrigo e Gonzalo, e em hipótese alguma Aureliano e José Arcadio, e uma filha que se chamasse Virginia, e em hipótese alguma Remedios. Evocara com uma tenacidade tão ansiosa o povoado idealizado pela saudade que Gastón compreendeu que ela não ia querer casar se ele não a levasse para viver em Macondo. Concordou, como concordou mais tarde com o cordão de seda, porque pensou que era um capricho transitório que mais valia matar com o tempo. Mas quando já tinham transcorrido dois anos em Macondo e Amaranta Úrsula continuava tão contente como no primeiro dia, ele começou a dar mostras de alarme. Já por essa época havia dissecado quanto inseto era dissecável na região, falava o castelhando como um nativo e tinha decifrado todas as palavras cruzadas das revistas que recebiam pelo correio. Não tinha o pretexto do clima para apressar o regresso porque a natureza o havia dotado de um fígado colonial, que resistia sem problemas ao calor da sesta e à água com micróbios. Gostava tanto da comida crioula que uma vez comeu de enfiada oitenta e dois ovos de iguana. Amaranta Úrsula, pelo contrário, fazia vir pelo trem peixes e mariscos em caixas de gelo, carnes em lata e frutas em calda, que era a única coisa que podia comer, e continuava se vestindo à moda européia e recebendo figurinos pelo correio, apesar de não ter onde ir nem a quem visitar e de que a estas alturas o marido carecia de humor para apreciar os seus vestidos curtos, os seus chapéus tombados para o lado e os seus colares de sete voltas. O seu segredo parecia consistir em encontrar sempre uma maneira de estar ocupada, resolvendo problemas domésticos que ela mesma criava e fazendo mal certas coisas que corrigia no dia seguinte, com uma diligência perniciosa que teria feito Fernanda pensar no vício hereditário de fazer para desfazer. O seu temperamento festivo continuava agora tão desperto que quando recebia discos novos convidava Gastón a ficar na sala até muito tarde para ensaiar as danças que as suas companheiras de colégio descreviam com desenhos e terminavam, geralmente, fazendo amor nas cadeiras de balanço austríacas ou no chão duro. A única coisa que lhe faltava para ser completamente feliz era o nascimento dos filhos, mas respeitava o pacto que tinha feito com o marido de não tê-los antes de completarem cinco anos de casados.

Procurando alguma coisa com que encher as horas mortas, Gastón costumava passar a manhã no quarto de Melquíades, com o esquivo Aureliano. Satisfazia-se em evocar com ele os lugares mais íntimos da sua terra, que Aureliano conhecia como se tivesse estado nela por muito tempo. Quando Gastón lhe perguntou como tinha feito para obter informações que não estavam na enciclopédia, recebeu a mesma resposta que José Arcadio: "Tudo se sabe." Além do sânscrito, Aureliano tinha aprendido inglês e francês e alguma coisa de latim e de grego. Como agora saía todas as tardes e Amaranta Úrsula tinha estabelecido uma soma semanal para os seus gastos pessoais, o quarto parecia uma filial da livraria do sábio catalão. Lia com avidez até altas horas da noite, embora pela forma com que se referia às suas leituras Gastón pensasse que ele não comprava os livros para se informar, mas para verificar a exatidão dos seus conhecimentos e que nenhum o interessava mais que os pergaminhos, aos quais dedicava as melhores horas da manhã. Tanto Gastón quanto sua esposa gostariam de incorporá-lo à vida familiar, mas Aureliano era homem hermético, com uma nuvem de mistério que o tempo ia tornando mais densa. Era uma condição tão impenetrável que Gastón fracassou nos seus esforços de fazer intimidade com ele e teve que procurar outro passatempo para encher as suas horas mortas. Foi por essa época que concebeu a idéia de estabelecer um serviço de correio aéreo.

Não era um projeto novo. Na realidade, tinha-o já bastante adiantado quando conheceu Amaranta Úrsula, só que não era para Macondo mas sim para o Congo Belga, onde sua família fazia investimentos no óleo de palmeira. O casamento, a decisão de passar uns meses em Macondo para satisfazer a esposa obrigaram-no a adiá-lo. Mas quando viu que Amaranta Úrsula estava empenhada em organizar um comitê de melhorias públicas e até ria dele por insinuar a possibilidade de regresso, compreendeu que as coisas ainda eram para muito tempo e voltou a entrar em contato com os seus esquecidos sócios de Bruxelas, pensando que para ser pioneiro dava na mesma ser no Caribe ou na África. Enquanto progrediam as gestões, preparou um campo de aterragem, na antiga região encantada, que agora parecia uma planície de pedernal esfacelado, e estudou a direção dos ventos, a geografia do litoral e as rotas mais adequadas para a navegação aérea, sem saber que a sua diligência, tão parecida com a de Mr. Herbert, estava infundindo no povo a perigosa suspeita de que o seu propósito não era planejar itinerários e sim plantar banana. Entusiasmado com um acontecimento que, quanto mais não fosse, podia justificar o seu estabelecimento definitivo em Macondo, fez várias viagens à capital da província, entrevistou-se com as autoridades, obteve licenças e assinou contratos de exclusividade. Enquanto isso, mantinha com os sócios de Bruxelas uma correspondência parecida com a de Fernanda com os médicos invisíveis e acabou por convencê-los a embarcarem o primeiro aeroplano aos cuidados de um mecânico experimentado que o armasse no porto mais próximo e o levasse voando para Macondo. Um ano depois das primeiras mensurações e cálculos meteorológicos, confiando nas promessas repetidas dos seus correspondentes, adquirira o costume de passear pelas ruas olhando o céu, com a atenção voltada para os rumores da brisa, na espera de que aparecesse o aeroplano.

Embora ela não tivesse notado, a volta de Amaranta Úrsula ocasionou uma mudança radical na vida de Aureliano. Depois da morte de José Arcadio, tornara-se um cliente assíduo da livraria do sábio catalão. Além disso, a liberdade de que desfrutava agora e o tempo de que dispunha despertaram-lhe uma certa curiosidade pelo povoado, que conheceu sem assombro. Percorreu as ruas empoeiradas e solitárias, examinando com um interesse mais científico do que humano o interior das casas em ruínas, as telas metálicas das janelas, furadas pela ferrugem e pelos pássaros moribundos, e os habitantes abatidos pelas lembranças. Tentou reconstruir com a imaginação o arrasado esplendor da antiga cidade da companhia bananeira, cuja piscina seca estava cheia até a boca de sapatos podres de homem e sapatilhas de mulher e em cujas casas devastadas pelo mato encontrou o esqueleto de um cão policial ainda preso a uma argola com uma corrente de aço e um telefone que tilintava, tilintava, tilintava, até que ele tirou o fone do gancho, ouviu o que uma mulher angustiada e remota perguntava em inglês e respondeu que sim, que a greve tinha terminado, que os três mil mortos tinham sido jogados ao mar, que a companhia bananeira tinha ido embora, e que Macondo finalmente estava em paz, há muitos anos já. Aquelas correrias levaram-no ao prostrado bairro de tolerância, onde em outros tempos queimavam-se maços de notas para animar a cumbia e que agora era um desfiladeiro de ruas mais angustiosas e miseráveis do que as outras, com algumas lanternas vermelhas ainda acesas e com os ermos salões de dança enfeitados com fiapos de guirlandas, onde as macilentas e gordas viúvas de ninguém, as bisavós francesas e as matriarcas babilônicas continuavam esperando junto às vitrolas. Aureliano não encontrou quem se lembrasse da sua família, nem mesmo do Coronel Aureliano Buendía, salvo o mais antigo dos negros antilhanos, um ancião cuja cabeça algodoada lhe dava o aspecto de um negativo de fotografia, que continuava cantando na porta da casa os salmos lúgubres do entardecer. Aureliano conversava com ele no arrevesado papiamento* que aprendeu em poucas semanas e às vezes partilhava o caldo de cabeças de galo que lhe preparava a bisneta, uma negra grande, de ossos sólidos, cadeiras de égua e tetas de melões vivos, e uma cabeça redonda, perfeita, encouraçada por um duro capacete de cabelos de arame, que parecia o almofre de um guerreiro medieval. Chamava-se Nigromanta. Nessa época, Aureliano vivia da venda de talheres, lampiões e outros cacarecos da casa. Quando estava sem um cêntimo, o que era o mais freqüente, conseguia que nas cantinas do mercado lhe dessem as cabeças de galo que iam jogar no lixo e as levava a Nigromanta para que fizesse as suas sopas aumentadas com beldroega e perfumadas com hortelã. Ao morrer o bisavô, Aureliano deixou de freqüentar a casa, mas encontrava Nigromanta sob as escuras amendoeiras da praça, atraindo com os seus assovios de animal da montanha os escassos noctâmbulos. Mui-

---

*Copio em tradução o verbete *papiamento* do *Dicionário de Términos Filológicos* de Fernando Lázaro Carreter, 3ª edição corrigida, Gredos, Madrid, 1968, p. 311:

"Língua crioula falada na ilha de Curaçao, ao norte do litoral venezuelano. Esta ilha foi incorporada à Espanha pelo seu descobridor, Alonso de Ojeda, em 1499. Em 1634 foi ocupada pelos holandeses. Era habitada, na época, por 1415 índios e 32 espanhóis. Em 1648 começou o afluxo de escravos negros que os portugueses importavam da África. Em 1795, a ilha passou para o domínio dos franceses; em 1800 foi colocada sob o protetorado inglês e, em 1802, voltou para o poderio holandês. A sua língua oficial é o holandês, mas a que se usa normalmente é o *papiamento* (< *papia,* esp. ant. e port. ant. *papear* "falar"). A sua base é o crioulo negro-português que os negros trouxeram da África, misturado com o espanhol falado nas Antilhas e no litoral venezuelano. Contém também palavras holandesas (M. L. Wagner)."

tas vezes acompanhou-a, falando em papiamento das sopas de cabeças de galo e outros requintes da miséria, e teria continuado a fazê-lo se ela não o tivesse feito perceber que a sua companhia lhe afugentava a clientela. Embora algumas vezes sentisse tentação e embora à própria Nigromanta tivesse parecido uma culminância natural da saudade partilhada, não se deitava com ela. De modo que Aureliano continuava sendo virgem quando Amaranta Úrsula regressou a Macondo e lhe deu um abraço fraternal que o deixou sem fôlego. Cada vez que a via, e pior ainda quando ela lhe ensinava as danças da moda, ele sentia o mesmo desamparo de esponjas nos ossos que perturbara o seu tataravô quando Pilar Ternera inventou o pretexto das cartas na despensa. Tentando sufocar o tormento, mergulhou mais a fundo nos pergaminhos e evitou os afagos inocentes daquela tia que envenenava as suas noites com eflúvios de sofrimento, mas quanto mais a evitava com mais ansiedade esperava o seu riso de cascalho, os seus uivos de gata feliz e as suas canções de gratidão, agonizando de amor a qualquer hora e nos lugares menos pensados da casa. Uma noite, a dez metros da sua cama, na mesa de ourivesaria, os esposos de ventre alucinado arrebentaram o vidro da prateleira e acabaram se amando num charco de ácido muriático. Aureliano não só não pôde dormir um minuto como passou o dia seguinte com febre, chorando de raiva. Fez-se eterna a chegada da primeira noite em que esperou Nigromanta à sombra das amendoeiras, atravessado pelas agulhas de gelo da insegurança e apertando na mão a moeda de cinqüenta centavos que pedira a Amaranta Úrsula, não tanto por necessitá-los como para implicá-la, aviltá-la e prostituí-la de alguma forma com a sua aventura. Nigromanta levou-o para o seu quarto iluminado com lamparinas de mentira, para a sua cama de armar com a lona manchada pelos maus amores e para o seu corpo de cachorra brava, insensível, desalmada, que se preparou para despachá-lo como se fosse um menino assustado e se encontrou de repente com um homem cujo poder tremendo exigiu das suas entranhas um movimento de reacomodação sísmica.

Fizeram-se amantes. Aureliano ocupava a manhã em decifrar pergaminhos e, na hora da sesta, ia para o quarto soporífero onde Nigromanta o esperava para lhe ensinar a fazer primeiro como as minhocas, em seguida como os caracóis e por último como os caranguejos, até que tivesse que abandoná-lo para tocaiar amores extraviados. Várias semanas se passaram antes de Aureliano descobrir que ela tinha em volta da cintura um cintinho que parecia feito com uma corda de violoncelo, mas que era duro como o aço e carecia de arremate, porque tinha nascido e crescido com ela. Quase sempre, entre amor e amor, comiam nus na cama, no calor alucinante e sob as estrelas diurnas que a ferrugem ia fazendo apontar no teto de zinco. Era a primeira vez que Nigromanta tinha um homem fixo, um *machucante de planta**, como ela mesma dizia morrendo de rir, e começava até mesmo a ter ilusões de coração quando Aureliano lhe confiou a sua paixão reprimida por Amaranta Úrsula, que não tinha conseguido remediar com a substituição, mas pelo contrário, ela ia torcendo cada vez mais as suas entranhas, à medida que a experiência alargava o horizonte do amor. Então, Nigromanta continuou a recebê-lo com o mesmo calor de sempre, mas fez com que lhe pagasse os serviços com tanto rigor que, quando Aureliano não tinha dinheiro, punha na conta que não era feita com números, mas com riscos que ia traçando com a unha do polegar atrás da porta. Ao anoitecer, enquanto ela vagava pelas sombras da praça, Aureliano passava pela varanda como um estranho, mal cumprimentando Amaranta Úrsula e Gastón, que normalmente jantavam a essa hora, e tornava a se fechar no quarto, sem poder ler nem escrever, nem sequer pensar, por causa da ansiedade que lhe provocavam as risadas, os cochichos, as brincadeiras preliminares e, em seguida, as explosões de felicidade agônica que enchiam as noites da casa. Essa era a sua vida dois anos antes que Gastón começasse a esperar o aeroplano e continuava sendo igual na tarde em que foi à livraria do sábio catalão e se encontrou com quatro rapazes desbocados, encarniçados numa discussão sobre os métodos de matar baratas na Idade Média. O velho livreiro, conhecendo a estima de Aureliano por livros que só Beda, o Venerável, tinha lido, insistiu com uma certa malignidade paternal para que ele fosse o árbitro da controvérsia e este nem sequer tomou fôlego para explicar que as baratas, o inseto voador mais antigo sobre a terra, já era a vítima favorita das chineladas do Antigo Testamento, mas que como espécie era definitivamente refratária a qualquer método de extermínio, desde as rodelas de tomate com bórax até a farinha com açúcar, pois as suas mil seiscentas e três variedades tinham resistido à mais remota, tenaz e desapiedada perseguição que o homem jamais empreendera, desde as suas origens, contra qualquer ser vivente, inclusive o próprio homem, ao extremo de que assim como se atribuía ao gênero humano um instinto de reprodução, devia-se atribuir a ele também outro, mais definido e premente, que era o instinto de matar baratas, e que se estas tinham conseguido escapar à ferocidade humana era porque tinham se refugiado nas trevas, onde se fizeram invulneráveis pelo medo congênito do homem à escuridão, mas em compensação tornaram-se susceptíveis ao brilho do meio-dia, de modo que já na Idade Média, na atualidade e pelos séculos dos séculos, o único método eficaz para matar baratas era o deslumbramento solar.

---

*Explicação do autor à tradutora: "O *machucante*, neste caso, é o homem que sabe proporcionar prazer a uma mulher na cama. *De planta*, neste caso, quer dizer e é permanente e para uso exclusivo de Nigromanta. O importante é usar em português uma expressão cujo som indique sem qualquer dúvida que Nigromanta gosta de se deitar com Aureliano devido ao seu sexo enorme."

Aquele fatalismo enciclopédico foi o princípio de uma grande amizade. Aureliano continuou se reunindo todas as tardes com os quatro debatedores, que se chamavam Álvaro, Germán, Alfonso e Gabriel, os primeiros e últimos amigos que teve na vida. Para um homem como ele, encastelado na realidade escrita, aquelas sessões atormentadas, que começavam na livraria às seis da tarde e terminavam nos bordéis ao amanhecer, foram uma revelação. Até então, não lhe ocorrera pensar que a literatura fosse o melhor brinquedo que se inventara para zombar das pessoas, como demonstrou Álvaro numa noite de farra. Algum tempo haveria de passar antes que Aureliano se desse conta de que tanta arbitrariedade tinha origem no exemplo do sábio catalão, para quem a sabedoria não valia a pena se não fosse possível se servir dela para inventar uma nova maneira de preparar o feijão.

Na tarde em que Aureliano pontificou sobre as baratas, a discussão terminou na casa de umas garotas que se deitavam por fome, um bordel de mentira nos arrabaldes de Macondo. A proprietária era uma alcoviteira sorridente, atormentada pela mania de abrir e fechar portas. O seu eterno sorriso parecia provocado pela credulidade dos clientes, que admitiam como coisa certa um estabelecimento que não existia a não ser na imaginação, porque ali até as coisas palpáveis eram irreais: os móveis que se desarmavam ao sentar, a vitrola destripada em cujo interior havia uma galinha chocando, o jardim de flores de papel, os almanaques de anos anteriores à chegada da companhia bananeira, os quadros com litografias recortadas de revistas que nunca tinham sido editadas. Até as putinhas tímidas que vinham das vizinhanças quando a proprietária lhes avisava que haviam chegado clientes eram pura invenção. Apareciam sem cumprimentar, com os vestidinhos floridos de quando tinham cinco anos a menos, e os tiravam com a mesma inocência com que os tinham vestido, e no paroxismo do amor exclamavam assombradas que horror, olha como este teto está caindo, e imediatamente depois de ter recebido o seu peso e cinqüenta centavos gastavam-no num pão com um pedaço de queijo que a proprietária vendia, mais risonha do que nunca, porque só ela sabia que nem essa comida era de verdade. Aureliano, cujo mundo atual começava nos pergaminhos de Melquíades e terminava na cama de Nigromanta, encontrou no bordelzinho imaginário uma cura de burro para a timidez. No começo não conseguia chegar a parte alguma, nos quartos onde a dona entrava nos melhores momentos do amor e fazia toda espécie de comentários sobre os encantos íntimos dos protagonistas. Mas com o tempo chegou a se familiarizar tanto com aqueles contratempos do mundo que certa noite mais aloucada que as outras se despiu na saleta de entrada e percorreu a casa equilibrando uma garrafa de cerveja sobre a sua masculinidade inconcebível. Foi ele quem pôs em moda as extravagâncias que a proprietária festejava com o seu sorriso eterno, sem protestar, sem acreditar nelas, mesmo quando Germán tentou incendiar a casa para demonstrar que ela não existia e mesmo quando Alfonso torceu o pescoço do papagaio e jogou-o na panela onde começava a ferver o cozido de galinha.

Embora Aureliano se sentisse ligado aos quatro amigos por uma mesma amizade e uma mesma solidariedade, a ponto de pensar neles como se fossem um só, estava mais próximo de Gabriel do que dos outros. O vínculo nasceu na noite em que ele falou casualmente do Coronel Aureliano Buendía e Gabriel foi o único que não acreditou que ele estivesse zombando de ninguém. Até a dona, que não costumava intervir nas conversas, discutiu com uma raivosa paixão de verdureira que o Coronel Aureliano Buendía, de quem realmente ouvira falar algumas vezes, era um personagem inventado pelo Governo como pretexto para matar os liberais. Gabriel, pelo contrário, não punha em dúvida a realidade do Coronel Aureliano Buendía, porque tinha sido companheiro de armas e amigo inseparável do seu bisavô, o Coronel Gerineldo Márquez. Aquelas veleidades da memória eram ainda mais críticas quando se falava da matança dos trabalhadores. Cada vez que Aureliano tocava neste ponto, não só a proprietária, mas também algumas pessoas mais velhas do que ela, repudiavam a patranha dos trabalhadores encurralados na estação e do trem de duzentos vagões carregados de mortos, e inclusive se obstinavam em afirmar o que afinal de contas tinha ficado estabelecido nos expedientes judiciais e nos textos da escola primária: que a companhia bananeira nunca existira. De modo que Aureliano e Gabriel estavam ligados por uma espécie de cumplicidade, baseada em fatos reais em que ninguém acreditava e que tinham afetado as suas vidas a ponto de ambos se encontrarem à deriva, na ressaca de um mundo acabado de que só restava a saudade. Gabriel dormia onde o surpreendesse a hora. Aureliano o acomodou várias vezes na oficina de ourivesaria, mas ele passava as noites em vigília, perturbado pelo tráfego dos mortos que andavam pelos quartos até o amanhecer. Mais tarde recomendou-o a Nigromanta, que o levava para o seu quartinho multitudinário quando estava livre e anotava-lhe as contas com risquinhos verticais atrás da porta, nos poucos espaços disponíveis que as dívidas de Aureliano tinham deixado.

Apesar da sua vida desorganizada, o grupo inteiro tentava fazer alguma coisa de perdurável, por insistência do sábio catalão. Fora ele, com a sua experiência de antigo professor de letras clássicas e o seu depósito de livros raros, quem os tinha posto em condições de passar uma noite inteira procurando a trigésima sétima situação dramática, num povoado onde ninguém mais tinha interesse nem possibilidades de ir além da escola primária. Fascinado pela descoberta da amizade, aturdido pelos feitiços de um mundo que lhe fora vedado pela mesquinharia de Fernanda, Aureliano abandonou o escrutínio dos pergaminhos precisamente quando começavam a se revelar para ele como predições em versos cifrados. Mas a comprovação posterior de que o tempo chegava para tudo, sem que fosse necessário renunciar aos bordéis, deu-lhe ânimo para voltar ao quarto de Melquíades, decidido a não fraquejar no seu empenho até descobrir as últimas chaves. Isso foi pelos dias em que Gastón começava a esperar o aeroplano, e Amaranta Úrsula se encontrava tão sozinha que certa manhã apareceu no quarto.

— Olá, antropófago — disse a ele. — Outra vez na caverna.

Estava irresistível, com o seu vestido inventado e um dos longos colares de vértebras de savelhas que ela mesma fabricava. Tinha desistido do cordão de seda, convencida da fidelidade do marido, e pela primeira vez desde o regresso parecia dispor de um momento de lazer. Aureliano não precisaria vê-la para saber que tinha chegado. Ela se debruçou na mesa de trabalho, tão próxima e indefesa que Aureliano escutou o profundo rumor dos seus ossos, e se interessou pelos pergaminhos. Tentando vencer a perturbação, ele segurou a voz que lhe fugia, a vida que se esvaía, a memória que se transformava num pólipo petrificado, e falou do destino levítico do sânscrito, da possibilidade científica de se ver o futuro feito transparente no tempo, como se vê contra a luz o escrito no verso de um papel, da necessidade de cifrar as predições para que não se derrotassem a si mesmas, e das *Centúrias* de Nostradamus e da destruição da Cantábria anunciada por S. Millán. De repente, sem interromper a conversa, movido por um impulso que dormia nele desde as suas origens, Aureliano colocou sua mão sobre a dela, pensando que aquela decisão final punha fim ao desmoronamento. Entretanto, ela lhe agarrou o indicador com a inocência carinhosa com que o fizera muitas vezes na infância e o manteve agarrado enquanto ele continuava respondendo às suas perguntas. Permaneceram assim, ligados por um indicador de gelo que não transmitia nada em nenhum sentido, até que ela acordou do seu sonho momentâneo e deu um tapa na testa. "As formigas!", exclamou. E então se esqueceu dos manuscritos, chegou até a porta com um passo de dança e de lá mandou a Aureliano com a ponta dos dedos o mesmo beijo com que se despedira de seu pai na tarde em que a mandaram para Bruxelas.

— Depois você me explica — disse. — Eu tinha esquecido que hoje é dia de jogar cal nos formigueiros.

Continuou indo ao quarto ocasionalmente, quando tinha alguma coisa que fazer por aqueles lados, e permanecia ali uns breves minutos, enquanto o marido continuava perscrutando o céu. Iludido com aquela mudança, Aureliano então ficava para comer em família, como não o fazia desde os primeiros meses do regresso de Amaranta Úrsula. Gastón gostou. Nas conversas de sobremesa, que costumavam se prolongar por mais de uma hora, queixava-se de que os seus sócios o estavam enganando. Haviam-lhe anunciado o embarque do aeroplano num navio que não chegava e, embora os seus agentes marítimos insistissem no fato de que ele não chegaria nunca porque não figurava nas listas de navios do Caribe, os sócios teimavam em dizer que o despacho estava correto e até insinuavam a possibilidade de que Gastón mentisse nas cartas. A correspondência atingiu tal grau de desconfiança mútua que Gastón optou por não escrever mais e começou a sugerir a possibilidade de uma viagem rápida a Bruxelas, para esclarecer as coisas e regressar com o aeroplano. Entretanto, o projeto se desvaneceu tão rapidamente quanto Amaranta Úrsula reiterou a sua decisão de não se mexer de Macondo ainda que ficasse sem marido. Nos primeiros tempos, Aureliano partilhou da idéia generalizada de que Gastón era um bobo de bicicleta e isso lhe provocou um vago sentimento de piedade. Mais tarde, quando obteve nos bordéis uma informação mais profunda sobre a natureza dos homens, pensou que a mansidão de Gastón tinha origem na paixão desatinada. Mas quando o conheceu melhor e se deu conta de que o seu verdadeiro temperamento entrava em contradição com a sua conduta submissa, imaginou a maliciosa suspeita de que até a espera do aeroplano era uma farsa. Então, pensou que Gastón não era tão bobo quanto parecia, mas pelo contrário, era um homem de uma firmeza, uma habilidade e uma paciência infinitas, que se propusera a vencer a esposa pelo cansaço da eterna complacência, do nunca lhe dizer não, do simular um assentimento sem limites, deixando-a se enredar em sua própria teia de aranha, até o dia em que não pudesse mais suportar o tédio das ilusões ao alcance da mão e ela mesma fizesse as malas para voltar à Europa. A antiga piedade de Aureliano se transformou numa aversão violenta. Pareceu-lhe tão perverso o sistema de Gastón, mas ao mesmo tempo tão eficaz, que se atreveu a prevenir Amaranta Úrsula. Entretanto, ela zombou da sua desconfiança, sem vislumbrar sequer a desagregadora carga de amor, de incerteza e de ciúmes que trazia dentro de si. Não lhe ocorrera pensar que provocara em Aureliano alguma coisa a mais que um afeto fraternal até que cortou o dedo tentando abrir uma lata de pêssegos em calda e ele se precipitou para chupar-lhe o sangue com uma avidez e uma devoção que lhe eriçaram a pele.

— Aureliano! — ela riu, inquieta. — Você é malicioso demais para ser um bom vampiro.

Então Aureliano transbordou. Dando beijinhos desamparados no côncavo da mão ferida, abriu os atalhos mais escondidos do coração e tirou uma tripa interminável e macerada, o terrível animal parasitário que incubara no martírio. Contou-lhe como se levantava à meia-noite para chorar de abandono e de raiva na roupa íntima que ela deixava secando no banheiro. Contou-lhe com quanta ansiedade pedia a Nigromanta que gemesse como uma gata e soluçasse no seu ouvido gastón gastón gastón, e com quanta astúcia roubava os seus vidros de perfume para encontrá-los no pescoço das garotas que se deitavam com ele por causa da fome. Espantada com a paixão daquele desabafo, Amaranta Úrsula foi fechando os dedos, contraindo-os como um molusco, até que a sua mão ferida, liberta de toda a dor e de todo vestígio de misericórdia, converteu-se num nó de esmeraldas e topázios e ossos pétreos e insensíveis.

— Depravado! — disse, como se estivesse cuspindo. — Vou para a Bélgica no primeiro navio que sair.

Álvaro chegara numa dessas tardes à livraria do sábio catalão, apregoando em altas vozes a sua última descoberta: um bordel zoológico. Chamava-se *O Menino de Ouro* e era um imenso salão ao ar livre, por onde passeavam à vontade não menos do que duzentos socós que davam as horas com um cacarejo ensurdecedor. Nos currais de arame farpado que rodeavam a pista de dança e entre grandes camélias amazônicas havia garças coloridas, jacarés cevados como porcos, serpentes de doze chocalhos e uma tartaruga de casco dourado que mergulhava num minúsculo oceano artificial. Havia um cachorrão branco, manso e pederasta, que no entanto prestava serviços de reprodutor para que lhe dessem de comer. O ar tinha uma densidade ingênua, como se o tivessem acabado de inventar, e as belas mulatas, que esperavam sem esperança entre pétalas sangrentas e discos fora de moda, conheciam ofícios de amor que o homem deixara esquecidos no paraíso terreno. Na primeira noite em que o grupo visitou aquela estufa de ilusões, a esplêndida e taciturna anciã que vigiava a entrada numa cadeira de balanço de cipó sentiu que o tempo regressava às suas fontes primárias, quando entre os cinco que chegavam descobriu um homem ósseo, citrino, de pômulos tártaros, marcado para sempre e desde o princípio do mundo pela varíola da solidão.

— Ai — suspirou — Aureliano!

Estava vendo outra vez o Coronel Aureliano Buendía, como o vira à luz de um lampião muito antes das guerras, muito antes da desolação da glória e do exílio do desencanto, na remota madrugada em que ele fora ao seu quarto para comunicar a primeira ordem da sua vida: a ordem de que lhe dessem amor. Era Pilar Ternera. Anos antes, quando completou os cento e quarenta e cinco, renunciou ao pernicioso costume de fazer as contas da sua idade e continuava vivendo no tempo estático e marginal das lembranças, num futuro perfeitamente revelado e estabelecido, além dos futuros perturbados pelas tocaias e pelas suposições insidiosas das cartas.

A partir daquela noite, Aureliano se refugiou na ternura e na compreensão compassiva da tataravó ignorada. Sentada na cadeira de balanço de cipó, ela evocava o passado, reconstruía a grandeza e o infortúnio da família e o arrasado esplendor de Macondo, enquanto Álvaro assustava os jacarés com as suas gargalhadas de estardalhaço e Alfonso inventava a história truculenta dos socós que arrancaram a bicadas os olhos de quatro clientes que tinham se portado mal na semana anterior, e Gabriel estava no quarto da mulata pensativa que não cobrava o amor com dinheiro, mas com cartas para um namorado contrabandista que estava preso do outro lado do Orenoco, porque os guardas da fronteira lhe tinham dado um purgante e o tinham sentado em seguida num penico que ficou cheio de merda com diamantes. Aquele bordel de verdade, com aquela dona maternal, era o mundo com que Aureliano sonhara no seu prolongado cativeiro. Sentia-se tão bem, tão próximo da companhia perfeita, que não pensou em outro refúgio na tarde em que Amaranta Úrsula esfarinhou-lhe as ilusões. Foi disposto a desabafar com palavras, a que alguém lhe desembaraçasse os nós que lhe oprimiam o peito mas só conseguiu se soltar num pranto fluido e cálido e reparador, no colo de Pilar Ternera. Ela o deixou terminar, acariciando-lhe a cabeça com a ponta dos dedos, e sem que ele lhe tivesse revelado que estava chorando de amor, ela reconheceu imediatamente o pranto mais antigo da história do homem.

— Bem, meu filho — consolou-o — agora me diga quem é você.

Quando Aureliano disse, Pilar Ternera emitiu um riso profundo, o velho riso expansivo que terminara por parecer um arrulho de pombo. Não havia nenhum mistério no coração de um Buendía que fosse impenetrável para ela, porque um século de cartas e de experiência lhe ensinara que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo.

— Não se preocupe — sorriu. — Em qualquer lugar que ela esteja agora, está esperando você.

Eram quatro e meia da tarde quando Amaranta Úrsula saiu do banho. Aureliano a viu passar diante do seu quarto, com um robe de pregas delicadas e uma toalha enrolada na cabeça como um turbante. Seguiu-a quase na ponta dos pés, cambaleando da bebedeira, e entrou no quarto nupcial no momento em que ela abria o robe e tornava a fechar espantada. Fez um gesto silencioso para o quarto contíguo, cuja porta estava entreaberta, e onde Aureliano sabia que Gastón começava a escrever uma carta.

— Vá embora — disse sem voz.

Aureliano sorriu, levantou-a pela cintura com as duas mãos, como um vaso de begônias, e jogou-a de frente na cama. Com um puxão brutal, despojou-a do roupão de banho antes de que ela tivesse tempo de impedi-lo e se aproximou do abismo de uma nudez recém-lavada que não tinha um matiz de pele, uma região de pêlos, um sinal escondido que ele não tivesse imaginado nas trevas de outros quartos. Amaranta Úrsula se defendia sinceramente, com astúcias de fêmea sábia, esquivando o escorregadio e flexível e cheiroso corpo de doninha, enquanto tentava destroncar-lhe os rins com os joelhos e picava-lhe a cara com as unhas, mas sem que ele ou ela emitissem um suspiro que não se pudesse confundir com a respiração de alguém que contemplasse o econômico crepúsculo de abril pela janela aberta. Era uma luta feroz, uma batalha de morte, que entretanto parecia desprovida de qualquer violência, porque estava feita de agressões contorcidas e evasivas espectrais, lentas, cautelosas, solenes, de modo que entre uma e outra havia tempo para que voltassem a florescer as petúnias e Gastón se esquecesse dos seus sonhos de aeronauta no quarto vizinho, como se fossem dois amantes inimigos tentando se reconciliar no fundo de um lago diáfano. No fragor do encarniçado e cerimonioso forcejar, Amaranta Úrsula compreendeu que a meticulosidade do seu silêncio era tão irracional que poderia despertar as suspeitas do marido contíguo, muito mais do que os estrépitos de guerra que tentavam evitar. Então começou a rir com os lábios fechados, sem renunciar à luta, mas se defendendo com mordidas falsas e desesquivando o corpo pouco a pouco, até que ambos tiveram consciência de ser ao mesmo tempo adversários e cúmplices, e a briga degenerou numa excitação convencional e as agressões se tornaram carícias. De repente, quase brincando, como uma travessura a mais, Amaranta Úrsula descuidou da defesa e, quando tentou reagir, assustada do que ela mesma tinha feito possível, já era tarde demais. Uma comoção descomunal imobilizou-a no seu centro de gravidade, plantou-a no lugar, e a sua vontade defensiva foi demolida pela ansiedade irresistível de descobrir o que eram os apitos alaranjados e os balões invisíveis que a esperavam do outro lado da morte. Mal teve tempo de esticar a mão e procurar às cegas a toalha e meter uma mordaça entre os dentes, para que não saíssem os gemidos de gata que já estavam rasgando as suas entranhas.

PILAR Ternera morreu na cadeira de balanço de cipó, numa noite de festa, guardando a entrada do seu paraíso. De acordo com a sua última vontade, enterraram-na sem ataúde, sentada na cadeira de balanço, que foi descida com cordas por oito homens num buraco enorme, cavado no centro da pista de dança. As mulatas vestidas de preto, pálidas de pranto, improvisavam ofícios de trevas enquanto tiravam os brincos, os broches e os anéis, e os iam jogando na fossa, antes de que a selassem com uma lápide sem nome nem datas e lhe colocassem por cima uma montanha de camélias amazônicas. Depois de envenenar os animais, fecharam portas e janelas com tijolos e argamassa e se dispersaram pelo mundo com os seus baús de madeira, atapetados por dentro com figuras de santos, recortes de revista e retratos de namorados efêmeros, remotos e fantásticos, que cagavam diamantes ou comiam canibais ou eram coroados como reis de baralho em alto-mar.

Era o fim. No túmulo de Pilar Ternera, entre salmos e miçangas de putas, apodreciam os escombros do passado, os poucos que restavam depois que o sábio catalão liquidou a livraria e voltou à aldeia mediterrânea onde nascera, derrotado pela saudade de uma primavera teimosa. Ninguém poderia pressentir a sua decisão. Chegara a Macondo durante o esplendor da companhia bananeira, fugindo de uma das tantas guerras, e não lhe ocorrera nada mais prático do que instalar aquela livraria de incunábulos e edições originais em vários idiomas, que os clientes casuais folheavam com receio, como se fossem livros de lixeira, enquanto esperavam a vez para que interpretassem os seus sonhos na casa em frente. Esteve metade da vida no abafado fundo da loja, garranchando a sua letra preciosista em tinta violeta e em folhas que arrancava de cadernos escolares, sem que ninguém soubesse ao certo o que escrevia. Quando Aureliano o conheceu, tinha dois caixotes cheios daquelas páginas disparatadas que de algum modo faziam pensar nos pergaminhos de Melquíades, e dessa época até quando foi embora deve ter enchido um terceiro, de modo que era razoável pensar que não tinha feito nada além disso, durante a sua permanência em Macondo. As únicas pessoas com quem se relacionou foram os quatro amigos, cujos piões e papagaios trocou por livros e os pôs a ler Sêneca e Ovídio quando ainda estavam na escola primária. Tratava os clássicos com uma familiaridade caseira, como se todos tivessem sido em alguma época seus companheiros de quarto, e sabia muitas coisas que simplesmente não se devia saber, como por exemplo que Santo Agostinho usava debaixo do hábito um gibão de lã que não tirou durante quatorze anos, e que Arnaldo de Villanova, o nigromante, ficou impotente desde menino por causa de uma mordida de escorpião. O seu fervor pela palavra escrita era uma urdidura de respeito solene e irreverência folgazã. Nem os seus próprios manuscritos estavam a salvo dessa dualidade. Tendo aprendido catalão para traduzilos, Alfonso meteu um rolo de páginas nos bolsos, que sempre andavam cheios de recortes de jornal e manuais de profissões estranhas, e certa noite perdeu-os na casa das garotas que se deitavam com eles por fome. Quando o avô sábio soube, em vez de fazer o escândalo temido comentou morrendo de rir que aquele era o destino natural da literatura. Em compensação, não houve poder humano capaz de persuadi-lo a não levar os três caixotes quando regressou à sua aldeia natal, e soltou impropérios cartagineses* contra os inspetores da estrada de ferro que tentavam mandá-los como carga, até que conseguiu ficar com eles no vagão de passageiros. "O mundo terá acabado de se foder", disse então, "no dia em que os homens viajarem de primeira classe e a literatura no vagão de carga." Isso foi a última coisa que o ouviram dizer. Tinha passado uma semana negra com os preparativos finais da viagem, porque à medida que a hora se aproximava o seu humor ia-se decompondo e mudavam-se as intenções e as coisas que colocava num lugar apareciam noutro, assediado pelos mesmos duendes que atormentavam Fernanda.

— *Collons* — maldizia. — Estou cagando para a Lei 27 do sínodo de Londres.

Germán e Aureliano tomaram conta dele. Ajudaram-no como a um menino, prenderam nos seus bolsos, com alfinetes de gancho, as passagens e os documentos de viagem, escreveram uma lista pormenorizada do que ele devia fazer desde que saísse de Macondo até desembarcar em Barcelona, mas assim mesmo ele jogou no lixo, sem perceber, um par de calças com a metade do seu dinheiro. Na véspera da viagem, depois de pregar os caixotes e meter a roupa na mesma mala com que tinha chegado, franziu as pálpebras de marisco, apontou com uma espécie de bênção atrevida os montes de livros com que havia sobrevivido ao exílio e disse aos amigos:

— Deixo para vocês essa merda!

---

*Explicação do autor à tradutora: "É uma arbitrariedade minha: suponho que a língua catalã é a mesma que se usava em Cartago, língua fenícia de mercadores malcriados. A tradução deve ser literal."

Três meses depois receberam um envelope grande com vinte e nove cartas e mais de cinqüenta retratos, que tinham se acumulado nos ócios do alto-mar. Embora não pusesse datas, era evidente a ordem em que tinha escrito as cartas. Nas primeiras, contava com o seu humor habitual as peripécias da travessia, a vontade que lhe dera de atirar pela amurada o comissário que não lhe permitira trazer os três caixotes no camarote, a imbecilidade lúcida de uma senhora que se aterrava com o número 13, não por superstição mas porque lhe parecia um número que ficara por terminar, e a aposta que ganhara no primeiro jantar porque reconhecera na água de bordo o gosto das beterrabas noturnas das fontes de Lérida. Com o correr dos dias, entretanto, a realidade de bordo interessava-o cada vez menos e até os acontecimentos mais recentes e triviais lhe pareciam dignos de saudade, porque à medida que o navio se afastava a memória ia se tornando triste. Aquele processo de nostalgização progressiva era também evidente nos retratos. Nos primeiros parecia feliz, com a sua camisa de inválido* e o seu topete nevado, no encapelado outubro do Caribe. Nos últimos, era visto com um sobretudo escuro e um cachecol de seda, pálido por natureza e taciturno pela ausência, na coberta de um navio de angústia que começava a sonambular por oceanos outonais. Germán e Aureliano respondiam as suas cartas. Escreveu tantas nos primeiros meses que agora se sentiam mais perto dele do que quando estava em Macondo e quase se aliviavam da raiva de que tivesse ido embora. No princípio, mandava dizer que tudo continuava igual, que na casa onde nascera ainda havia o caracol rosado, que os arenques secos tinham o mesmo sabor sobre a torrada, que as cascatas da aldeia continuavam se perfumando ao entardecer. Eram outra vez as folhas de cadernos retomadas com garranchinhos roxos,* nas quais dedicava um parágrafo especial para cada um. Entretanto, e embora ele mesmo não parecesse perceber, aquelas cartas de recuperação e estímulo se iam transformando pouco a pouco em pastorais de desengano. Nas noites de inverno, enquanto fervia a sopa no fogão, desejava o calor dos fundos da loja, o zumbido do sol nas amendoeiras empoeiradas, o apito do trem na sonolência da sesta, da mesma forma como desejava em Macondo a sopa de inverno no fogão, os pregões do vendedor de café e as cotovias fugazes da primavera. Aturdido por duas saudades colocadas de frente uma para a outra como dois espelhos, perdeu o seu maravilhoso sentido de irrealidade até que terminou por recomendar a todos que fossem embora de Macondo, que esquecessem tudo o que ele ensinara do mundo e do coração humano, que cagassem para Horácio e que em qualquer lugar em que estivessem se lembrassem sempre de que o passado era mentira, que a memória não tinha caminhos de regresso, que toda primavera antiga era irrecuperável e que o amor mais desatinado e tenaz não passava de uma verdade efêmera.

---

*Explicação do autor à tradutora: "Vi a foto e juro que a camisa parecia de inválido, mas não sei por que: era branca, de colarinho muito grande e talvez de um número maior que o seu. É como os pijamas que vestem nas pessoas nos hospitais, como os camisolões dos bobos, enfim, como você quiser."

Álvaro foi o primeiro a seguir o conselho de abandonar Macondo. Vendeu tudo, até a onça cativa que zombava dos transeuntes no quintal da sua casa, e comprou uma passagem

---

*Ao empregar *garrapatitas moradas*, Gabriel García Márquez faz um jogo verbal: *garrapatas* é carrapato, enquanto que *garrapato* é garrancho. É interessante notar que para este mesmo significado existe a palavra *escarabajo*, que quer dizer também escaravelho. Páginas atrás, o autor se referia ao alfabeto sânscrito como "aranhinhas" e "carrapatos". A importância contrapontística existencial dos insetos no romance é facilmente verificável. Basta lembrar as borboletas amarelas de Mauricio Babilonia, os escorpiões que rondavam o banho de Meme e de Rebeca, a entomologia de Gastón, as formigas ruivas decisivas neste capítulo final, as sanguessugas que quase matam Úrsula (v. a sua relação com os carrapatos), a mordida de escorpião que deixa Arnaldo de Vilanova impotente etc... Por outro lado, a importância existencial dos manuscritos no romance é decisiva — fundamentalmente os pergaminhos de Melquíades — e os escritos do sábio catalão, assim como a sua própria figura, funcionalmente não passam de variações dos primeiros. De modo que as *garrapatitas moradas* de Gabriel García Márquez assumem um significado ético na cosmovisão do romance, que ultrapassa de longe a mera metáfora sensorial da semelhança de forma expressa pelo equívoco verbal. É a não gratuidade de estilo da expressão, intraduzível, que nos obriga a esta nota. (N. T.)

eterna num trem que nunca acabava de viajar. Nos cartões-postais que mandava das estações intermediárias, descrevia aos gritos as imagens instantâneas que tinha visto pela janela do vagão, e era como ir rasgando em tiras e jogando ao esquecimento o longo poema da fugacidade: os negros quiméricos nos algodoais da Louisiana, os cavalos alados na grama azul de Kentucky, os amantes gregos no crepúsculo infernal do Arizona, a moça de suéter vermelho que pintava aquarelas nos lagos de Michigan e que lhe deu com os pincéis um adeus que não era de despedida mas de esperança, porque ela ignorava que estava vendo passar um trem sem regresso. Em seguida, foram Alfonso e Germán, num sábado, com a idéia de voltar na segunda-feira, e não se soube mais deles. Um ano depois da partida do sábio catalão, o único que restava era Gabriel, ainda vivendo à deriva, à mercê da eventual caridade de Nigromanta, e respondendo aos questionários do concurso de uma revista francesa, cujo maior prêmio era uma viagem a Paris. Aureliano, que era quem recebia a assinatura, ajudava-o a encher os formulários, às vezes na sua casa, e quase sempre entre os potes de louça e o cheiro de valeriana da única farmácia que restava em Macondo, onde vivia Mercedes, a sigilosa namorada de Gabriel. Era a última coisa que ia ficando de um passado cujo aniquilamento não se consumava, porque continuava se aniquilando indefinidamente, consumindo-se dentro de si mesmo, se acabando a cada minuto mas sem acabar de se acabar nunca. O povoado chegara a tais extremos de inatividade que quando Gabriel ganhou o concurso e foi para Paris com duas mudas de roupa, um par de sapatos e as obras completas de Rabelais, teve que fazer sinal ao maquinista a fim de que o trem se detivesse para apanhá-lo. A antiga Rua dos Turcos era agora um lugar de abandono, onde os últimos árabes se deixavam levar para a morte pelo costume milenar de se sentar à porta, embora fizesse muitos anos que tinham vendido a última jarda de diagonal e nas vitrinas sombrias só restassem os manequins decapitados. A cidade da companhia bananeira, que talvez Patricia Brown tentasse evocar para os netos nas noites de intolerância e pepinos no vinagre de Prattville, Alabama, era uma planície de capim selvagem.

O padre ancião que substituíra o Padre Ángel, e cujo nome ninguém se deu o trabalho de averiguar, esperava a piedade de Deus estendido de papo para o ar numa rede, atormentado pela artrite e pela insônia da dúvida, enquanto os lagartos e as ratazanas disputavam a herança do templo vizinho. Naquele Macondo esquecido até pelos pássaros, onde a poeira e o calor se fizeram tão tenazes que dava trabalho respirar, enclausurados pela solidão e pelo amor e pela solidão do amor numa casa onde era quase impossível dormir por causa do barulho das formigas ruivas, Aureliano e Amaranta Úrsula eram os únicos seres felizes, e os mais felizes sobre a terra.

Gastón voltara a Bruxelas. Cansado de esperar o avião, um dia meteu numa maleta as coisas indispensáveis e o arquivo da correspondência, e foi com o propósito de voltar por ar, antes de que os seus privilégios fossem cedidos a um grupo de aviadores alemães que tinham apresentado às autoridades provinciais um projeto mais ambicioso que o seu. Desde a tarde do primeiro amor, Aureliano e Amaranta Úrsula tinham continuado a aproveitar os escassos descuidos do esposo, a se amar com ardores amordaçados em encontros ocasionais, e quase sempre interrompidos por regressos imprevistos. Mas quando se viram sozinhos na casa sucumbiram no delírio dos amores atrasados. Era uma paixão insensata, alucinada, que fazia tremerem de pavor na cova os ossos de Fernanda e os mantinha num estado de excitação perpétua. Os gemidos de Amaranta Úrsula, as suas canções agônicas, estalavam do mesmo jeito às duas da tarde na mesa da sala de jantar e às duas da madrugada na despensa. "O que mais me aborrece", ria, "é o tempo enorme que perdemos." No aturdimento da paixão, viu as formigas devastando o jardim, saciando a sua fome pré-histórica nas madeiras da casa, e viu a torrente de lava viva se apoderando outra vez da varanda, mas só se preocupou em combatê-la quando a encontrou no seu quarto. Aureliano abandonou os pergaminhos, não tornou a sair de casa, e respondia de qualquer maneira às cartas do sábio catalão. Perderam o sentido da realidade, a noção do tempo, o ritmo dos hábitos cotidianos. Tornaram a fechar portas e janelas para não demorarem nos trâmites de desnudamento, e andavam pela casa como Remedios, a bela, sempre quis estar, e se espojavam em pêlo nos barreiros do quintal, e uma tarde por pouco não se afogaram quando se amavam na caixa-d'água. Em pouco tempo fizeram mais estragos que as formigas ruivas: quebraram os móveis da sala, rasgaram com as suas loucuras a rede que resistira aos tristes amores de acampamento do Coronel Aureliano Buendía e abriram os colchões e os esvaziaram no chão, para se sufocar em tempestades de algodão. Embora Aureliano fosse um amante tão feroz como o seu rival, era Amaranta Úrsula quem comandava com o seu engenho disparatado e a sua voracidade lírica aquele paraíso de desastres, como se tivesse concentrado no amor a indomável energia que a tataravó consagrara à fabricação de animaizinhos de caramelo. Além disso, enquanto ela cantava de alegria e morria de rir das suas próprias invenções, Aureliano ia se tornando mais absorto e calado, porque a sua paixão era ensimesmada e calcinante. Entretanto, ambos chegaram a tais extremos de virtuosismo que quando se esgotavam na exaltação tiravam melhor partido do cansaço. Entregaram-se à idolatria dos corpos, ao descobrir que os tédios do amor tinham possibilidades inexploradas, muito mais ricas que as do desejo. Enquanto ele amaciava com claras de ovo os seios eréteis de Amaranta Úrsula, ou suavizava com gordura de coco as suas coxas elásticas e o seu ventre de pêssego, ela brincava de boneca com a portentosa criatura de Aureliano e pintava-lhe olhos de palhaço com batom e bigodes de turco com lápis de sobrancelhas e armava-lhe laços de organza e chapeuzinhos de papel prateado. Uma noite se lambuzaram dos pés à cabeça com pêssegos em calda, lamberam-se como cães e se amaram como loucos no chão da varanda, e foram acordados por uma torrente de formigas carnívoras que se dispunham a devorá-los vivos.

Nas pausas do delírio, Amaranta Úrsula respondia às cartas de Gastón. Sentia-o tão distante e ocupado que o seu regresso lhe parecia impossível. Numa das primeiras cartas, ele contou que na realidade os sócios tinham mandado o aeroplano, mas que uma agência marítima de Bruxelas o embarcara por equívoco com destino a Tanganica, onde o entregaram à dispersa comunidade dos Macondos. Aquela confusão ocasionou tantos contratempos que só a recuperação do aparelho podia demorar dois anos. Assim, Amaranta Úrsula descartou a possibilidade de um regresso inoportuno. Aureliano, por outro lado, não tinha outro contato com o mundo senão as cartas do sábio catalão e as notícias de Gabriel que recebia através de Mercedes, a farmacêutica silenciosa. No princípio eram contatos reais. Gabriel pedira o reembolso da passagem de volta para ficar em Paris, vendendo os jornais velhos e as garrafas vazias que as camareiras tiravam de um hotel lúgubre da Rua Dauphine. Aureliano podia imaginá-lo então com um suéter de gola alta que só tirava quando os terraços de Montparnasse se enchiam de namorados primaveris, e dormindo de dia e escrevendo de noite para enganar a fome, no quarto cheirando a espuma de couve-flor fervida onde haveria de morrer Rocamadour. Entretanto, as notícias se foram fazendo pouco a pouco tão incertas, e tão esporádicas e melancólicas as cartas do sábio, que Aureliano se acostumou a pensar neles como Amaranta Úrsula pensava no marido, e ambos ficaram boiando num universo vazio, onde a única realidade cotidiana e eterna era o amor.

De repente, como um estampido naquele mundo de inconsciência feliz, chegou a notícia da volta de Gastón. Aureliano e Amaranta Úrsula abriram os olhos, sondaram as almas, se olharam na cara com a mão no coração e compreenderam que estavam tão identificados que preferiam a morte à separação. Então, ela escreveu ao marido uma carta de verdades contraditórias, na qual reiterava o seu amor e as suas ânsias de tornar a vê-lo, ao mesmo tempo que admitia como um desígnio fatal a impossibilidade de viver sem Aureliano. Ao contrário do que ambos esperavam, Gastón mandou uma resposta tranqüila, quase paternal, com duas folhas inteiras consagradas a preveni-los contra as veleidades da paixão e um parágrafo final com votos inequívocos de que fossem tão felizes como ele o tinha sido na sua breve experiência conjugal. Era uma atitude tão imprevista que Amaranta Úrsula se sentiu humilhada diante da idéia de ter proporcionado ao marido o pretexto que ele desejava para abandoná-la à sua sorte.

O rancor agravou-se seis meses depois, quando Gastón tornou a escrever de Leopoldville, onde por fim recebera o aeroplano só para pedir que lhe mandassem o biciclo que, de tudo o que havia deixado em Macondo, era a única coisa que tinha para ele um valor sentimental. Aureliano suportou com paciência o despeito de Amaranta Úrsula, esforçou-se em demonstrar-lhe que podia ser tão bom marido na bonança como na adversidade, e as urgências cotidianas que os assediavam quando acabou o último dinheiro de Gastón criaram entre eles um vínculo de solidariedade que não era tão deslumbrante e caprichoso como a paixão, mas que serviu para que eles se amassem tanto e fossem tão felizes como nos tempos alvoroçados da libertinagem. Quando Pilar Ternera morreu estavam esperando um filho.

Na sonolência da gravidez, Amaranta Úrsula tentou fazer uma indústria de colares de vértebras de peixe. Mas, exceção feita a Mercedes, que lhe comprou uma dúzia, não encontrou a quem vendê-los. Aureliano tomou consciência pela primeira vez de que o seu dom para línguas, a sua sabedoria enciclopédica, a sua estranha faculdade de se lembrar dos pormenores de fatos e lugares remotos e desconhecidos eram tão inúteis como o cofre de pedraria legítima de sua mulher, que na época devia valer tanto quanto todo o dinheiro de que poderiam dispor, juntos, os últimos habitantes de Macondo. Sobreviviam por milagre. Embora Amaranta Úrsula não perdesse o bom humor, nem o engenho para as travessuras eróticas, adquiriu o costume de se sentar na varanda depois do almoço, numa espécie de sesta insone e pensativa. Aureliano a acompanhava. Às vezes permaneciam em silêncio até o anoitecer, um defronte do outro, olhando-se nos olhos, amando-se no sossego com tanto amor como antes se amaram no escândalo. A incerteza do futuro fez com que o coração voltasse ao passado. Viram-se a si mesmos no paraíso perdido do dilúvio, patinhando nos charcos do quintal, matando lagartixas para pendurá-las em Úrsula, brincando de enterrá-la viva, e aquelas evocações lhes revelaram a verdade de que tinham sido felizes juntos desde que tinham memória. Aprofundando o passado, Amaranta Úrsula recordou a tarde em que entrou na oficina de ourivesaria e a mãe lhe contou que o pequeno Aureliano não era filho de ninguém porque tinha sido encontrado boiando numa cestinha. Embora a versão lhes parecesse inverossímil, careciam de informações para substituí-la pela verdadeira. A única coisa de que estavam certos, depois de examinar todas as possibilidades, era de que Fernanda não tinha sido a mãe de Aureliano. Amaranta Úrsula inclinou-se a pensar que era filho de Petra Cotes, de quem só se lembrava de histórias de infâmia, e aquela suposição lhe produziu na alma uma torção de horror.

Atormentado pela certeza de que era irmão da sua mulher, Aureliano deu uma fugida até a casa paroquial para procurar nos arquivos sebentos e furados de traças alguma pista certa da sua filiação. A certidão de batismo mais antiga que encontrou foi a de Amaranta Buendía, batizada na adolescência pelo Padre Nicanor Reyna, na época em que este andava tratando de provar a existência de Deus pela prova do chocolate. Chegou a iludir-se com a possibilidade de ser um dos dezessete Aurelianos, cujas certidões de nascimento perseguiu através de cinco tomos, mas as datas de batismo eram remotas demais para a sua idade. Vendo-o perdido em labirintos de sangue, trêmulo de incerteza, o padre artrítico que o observava da rede perguntou-lhe compassivamente qual era o seu nome.

— Aureliano Buendía — disse ele.

— Então não se mate de procurar — exclamou o pároco com uma convicção decisiva. — Há muitos anos houve por aqui uma rua que se chamava assim e por essa época o povo tinha o hábito de pôr nos filhos os nomes das ruas.

Aureliano tremeu de raiva.

— Ah! — disse — então o senhor também não acredita.

— Em quê?

— Que o Coronel Aureliano Buendía fez trinta e duas guerras civis e perdeu todas — respondeu Aureliano. — Que o exército encurralou e metralhou três mil trabalhadores e que levou os cadáveres para jogá-los no mar num trem de duzentos vagões.

O pároco mediu-o com um olhar de pena.

— Ai, filho — suspirou. — Para mim bastaria estar certo de que você e eu existimos neste momento.

De modo que Aureliano e Amaranta Úrsula aceitaram a versão da cestinha, não porque acreditassem nela, mas porque os punha a salvo dos seus terrores. À medida que avançava a gravidez iam-se transformando num ser único, integravam-se cada vez mais na solidão de uma casa a que só faltava um último sopro para desmoronar. Reduziram-se a um espaço essencial, que ia do quarto de Fernanda, onde vislumbraram os encantos do amor sedentário, até o princípio da varanda, onde Amaranta Úrsula se sentava tricotando sapatinhos e touquinhas de recém-nascido e Aureliano respondia as cartas ocasionais do sábio catalão. O resto da casa se rendeu ao assédio tenaz da destruição. A oficina de ourivesaria, o quarto de Melquíades, os reinos primitivos e silenciosos de Santa Sofía de la Piedad ficaram no fundo de uma selva doméstica que ninguém teria a coragem de desbastar. Cercados pela voracidade da natureza, Aureliano e Amaranta Úrsula continuavam cultivando o orégão e as begônias e defendiam o seu mundo com demarcações de cal, construindo as últimas trincheiras da guerra imemorial entre o homem e as formigas. O cabelo comprido e descuidado, as equimoses que lhe amanheciam na cara, a inchação das pernas, a deformação do antigo e amoroso corpo de doninha tinham mudado em Amaranta Úrsula a aparência juvenil de quando chegara em casa com o viveiro de canários desafortunados e o esposo cativo, mas não lhe alteraram a vivacidade de espírito. "Merda", costumava rir, "quem havia de pensar que nós iríamos realmente acabar vivendo como antropófagos!" O último fio que os atava ao mundo rompeu-se no sexto mês de gravidez, quando receberam uma carta que evidentemente não era do sábio catalão. Tinha sido selada em Barcelona, mas o envelope estava escrito com tinta azul convencional, numa caligrafia administrativa, e tinha o aspecto inocente e impessoal dos recados inimigos. Aureliano arrancou-a das mãos de Amaranta Úrsula quando ela se dispunha a abri-la.

— Esta não — disse a ela. — Não quero saber o que diz

Tal como ele pressentia, o sábio catalão não tornou a escrever. A carta alheia, que ninguém leu, ficou à mercê das traças no consolo onde Fernanda esquecera uma vez o seu anel de casamento e lá continuou se consumindo no fogo interior da sua má notícia, enquanto os amantes solitários navegavam contra a corrente daqueles tempos de despedidas, tempos impenitentes e aziagos, que se desgastavam no empenho inútil de fazê-los derivar para o deserto do desencanto e do esquecimento. Conscientes daquela ameaça, Aureliano e Amaranta Úrsula passaram os últimos meses de mãos dadas, terminando com amores de lealdade o filho começado com exaltações de fornicação. De noite, abraçados na cama, não se amedrontavam com as explosões terrestres das formigas, nem com o fragor das traças, nem com o silvo constante e nítido do crescimento da erva daninha nos quartos vizinhos. Muitas vezes foram acordados pelo tráfego dos mortos. Ouviram Úrsula lutando contra as leis da criação para preservar a estirpe, e José Arcadio Buendía procurando a verdade quimérica dos grandes inventos, e Fernanda rezando, e o Coronel Aureliano Buendía se embrutecendo com os enganos da guerra e os peixinhos de ouro, e Aureliano Segundo agonizando de solidão no aturdimento das farras, e então aprenderam que as obsessões dominantes prevalacem contra a morte e tornaram a ser felizes com a certeza de que eles continuariam a se amar com as suas naturezas de fantasmas, muito depois de que as outras espécies de animais futuros arrebatassem dos insetos o paraíso da miséria que os insetos estavam acabando de arrebatar dos homens.

Num domingo, às seis da tarde, Amaranta Úrsula sentiu a premência do parto. A sorridente parteira das garotas que se deitavam por causa da fome fez com que ela subisse na mesa da sala de jantar, montou a cavalo no seu ventre e a maltratou com galopes selvagens até que seus gritos foram silenciados pelo choro de um varão formidável. Através das lágrimas, Amaranta Úrsula viu que era um Buendía dos grandes, socado e voluntarioso como os Josés Arcadios, com os olhos abertos e clarividentes dos Aurelianos e predisposto a começar a estirpe outra vez do princípio e purificá-la dos seus vícios perniciosos e da sua vocação solitária, porque era o único em um século que tinha sido engendrado com amor.

— É um antropófago perfeito — disse. — Vai se chamar Rodrigo.

— Não — contradisse o marido. — Vai se chamar Aureliano e ganhar trinta e duas guerras.

Depois de cortar o umbigo, a parteira pôs-se a remover com um trapo o ungüento azul que lhe cobria o corpo, iluminada por Aureliano com uma lâmpada. Só quando o viraram de costas é que perceberam que ele tinha alguma coisa a mais que o resto dos homens e se inclinaram para examiná-lo. Era um rabo de porco.

Não se alarmaram. Aureliano e Amaranta Úrsula não conheciam o precedente familiar nem se lembravam das pavorosas admoestações de Úrsula, e a parteira acabou de tranqüilizá-los com a suposição de que aquele rabo inútil poderia ser cortado quando o menino mudasse os dentes. Depois não tiveram mais ocasião de tornar a pensar nisso, porque Amaranta Úrsula sangrava um manancial inesgotável. Tentaram socorrê-la com ataduras de teia de aranha e cinza socada, mas era como querer tapar uma fonte com as mãos. Nas primeiras horas, ela fazia esforços para conservar o bom humor. Pegava na mão do assustado Aureliano e suplicava que não se preocupasse, que gente como ela não tinha sido feita para morrer contra a vontade e rolava de rir dos recursos truculentos da parteira. Mas à medida que as esperanças abandonavam Aureliano, ela ia se fazendo menos visível, como se a estivessem apagando da luz, até que se afundou na sonolência. Na madrugada da segunda-feira trouxeram uma mulher que rezou junto à cama orações de cauterização, infalíveis em homens e animais, mas o sangue apaixonado de Amaranta Úrsula era insensível a qualquer artifício diferente do amor. De tarde, depois de vinte e quatro horas de desespero, souberam que estava morta porque o caudal se extinguiu sem auxílios e o seu perfil se afilou e as florações da cara se desvaneceram numa aurora de alabastro e tornou a sorrir.

Aureliano não compreendera até então quanto gostava de seus amigos, quanta falta lhe faziam e quanto teria dado para estar com eles naquele momento. Colocou o menino na cestinha que a mãe tinha preparado para ele, tapou a cara do cadáver com uma manta e vagou sem rumo pelo povoado deserto, procurando um desfiladeiro de volta ao passado. Bateu na porta da farmácia, onde não tinha estado nos últimos tempos, e o que encontrou foi uma oficina de carpintaria. A anciã que abriu a porta com uma lâmpada na mão compadeceu-se do seu desvario e insistiu em que não, que ali nunca tinha havido uma farmácia, nem nunca havia conhecido uma mulher de colo esbelto e olhos sonhadores que se chamasse Mercedes. Chorou com a testa apoiada na porta da antiga livraria do sábio catalão, consciente de que estava pagando os prantos atrasados de uma morte que não quisera chorar no seu devido tempo para não quebrar os feitiços do amor. Quebrou os punhos contra os muros de argamassa de *O Menino de Ouro*, clamando por Pilar Ternera, indiferente aos luminosos discos alaranjados que cruzavam o céu e que tantas vezes tinha contemplado com uma fascinação pueril, nas noites de festa, do pátio dos socós. No último salão aberto do desmantelado bairro de tolerância, um conjunto de acordeões tocava as canções de Rafael Escalona, o sobrinho do bispo, herdeiro dos segredos de Francisco, o Homem. O dono da cantina, que tinha um braço seco e como que torrado por tê-lo levantado contra a mãe, convidou Aureliano a tomar uma garrafa de aguardente, e Aureliano convidou-o a tomar outra. O dono da cantina falou da desgraça do seu braço. Aureliano falou da desgraça do seu coração, seco e como que torrado por havê-lo erguido contra a irmã. Acabaram chorando juntos e Aureliano sentiu por um momento que a dor tinha terminado. Mas quando tornou a ficar sozinho na última madrugada de Macondo, abriu os braços na metade da praça, disposto a acordar o mundo inteiro e gritou com toda a sua alma:

— Os amigos são uns filhos da puta!

Nigromanta resgatou-o de um charco de vômito e lágrimas. Levou-o para o seu quarto, limpou-o, fez com que tomasse uma xícara de caldo. Acreditando que isso o consolava, riscou com um traço de carvão os inumeráveis amores que ele continuava lhe devendo e evocou voluntariamente as suas tristezas mais solitárias para não deixá-lo sozinho no pranto. Ao amanhecer, depois de um sono ruim e breve, Aureliano recobrou a consciência da sua dor de cabeça. Abriu os olhos e se lembrou da criança.

Não a encontrou na cestinha. No primeiro impacto, experimentou uma explosão de alegria, pensando que Amaranta Úrsula tinha despertado da morte para se ocupar da criança. Mas o cadáver era uma montanha de pedras sob a manta. Consciente de que ao chegar tinha encontrado aberta a porta do quarto, Aureliano atravessou a varanda saturada pelos suspiros matinais do orégão e chegou à sala de jantar, onde ainda estavam os escombros do parto: a panela grande, os lençóis ensangüentados, os cestos de cinza e o torcido umbigo da criança numa fralda aberta sobre a mesa, junto à tesoura e ao fio de seda. A idéia de que a parteira voltara por causa do menino no decorrer da noite proporcionou-lhe uma pausa de sossego para pensar. Jogou-se na cadeira de balanço, a mesma em que se sentara Rebeca nos tempos originais da casa, para dar aulas de bordado, e em que Amaranta jogava xadrez chinês com o Coronel Gerineldo Márquez, e em que Amaranta Úrsula costurava a roupinha da criança; e naquele relâmpago de lucidez teve consciência de que era incapaz de agüentar sobre a sua alma o peso esmagador de tanta coisa acontecida. Ferido pelas lanças mortais das tristezas próprias e alheias, admirou a impavidez da teia de aranha nas roseiras mortas, a perseverança do mato, a paciência do ar na radianta manhã de fevereiro. E então viu a criança. Era uma pelanca inchada e ressecada que todas as formigas do mundo iam arrastando trabalhosamente para os seus canais pelo caminho de pedras do jardim. Aureliano não conseguiu se mover. Não porque estivesse paralisado pelo horror, mas porque naquele instante prodigioso revelaram-se as chaves definitivas de Melquíades e viu a epígrafe dos pergaminhos perfeitamente ordenada no tempo e no espaço dos homens: *O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas.*

Em nenhum ato da sua vida Aureliano tinha sido mais lúcido do que quando esqueceu os seus mortos e a dor dos seus mortos e tornou a pregar as portas e as janelas com as cruzes de Fernanda, para não se deixar perturbar por nenhuma tentação do mundo, porque agora sabia que nos pergaminhos de Melquíades estava escrito o seu destino. Encontrou-os intactos, entre as plantas pré-históricas e os charcos fumegantes e os insetos luminosos que tinham desterrado do quarto qualquer vestígio da passagem dos homens pela terra, e não teve serenidade para levá-los para a luz, mas ali mesmo, de pé, sem a menor dificuldade, como se estivessem escritos em castelhano sob o brilho deslumbrante do meio-dia, começou a decifrá-los em voz alta. Era a história da família, escrita por Melquíades inclusive nos detalhes mais triviais, com cem anos de antecipação. Redigira-a em sânscrito, que era a sua língua materna, e cifrara os versos pares com o código privado do imperador Augusto e os ímpares com os códigos militares lacedemônios. A proteção final, que Aureliano começava a vislumbrar quando se deixou confundir pelo amor de Amaranta Úrsula, radicava em Melquíades ter ordenado os fatos não no tempo convencional dos homens, mas concentrando tudo em um século de episódios cotidianos, de modo que todos coexistiram num mesmo instante. Fascinado pela descoberta, Aureliano leu em voz alta, sem saltos, as encíclicas cantadas que o próprio Melquíades fizera Arcadio escutar e que, na realidade, eram as predições da sua execução, e encontrou anunciado o nascimento da mulher mais bela do mundo que estava subindo ao céu de corpo e alma, e conheceu a origem de dois gêmeos póstumos que renunciavam a decifrar os pergaminhos, não só por incapacidade e inconstância, mas porque as suas tentativas eram prematuras. Neste ponto, impaciente por conhecer a sua própria origem, Aureliano deu um salto. Então começou o vento, fraco, incipiente, cheio de vozes do passado, de murmúrios de gerânios antigos, de suspiros de desenganos anteriores às nostalgias mais persistentes. Não o percebeu porque naquele momento estava descobrindo os primeiros indícios do seu ser, num avô concupiscente que se deixava arrastar pela frivolidade através de um ermo alucinado, em busca de uma mulher formosa a quem não faria feliz. Aureliano o reconheceu, perseguiu os caminhos ocultos da sua descendência e encontrou o instante da sua própria concepção entre os escorpiões e as borboletas amarelas de um banheiro crepuscular, onde um operário saciava a sua luxúria com uma mulher que se entregava a ele por rebeldia. Estava tão absorto que também não sentiu a segunda arremetida do vento, cuja potência ciclônica arrancou das dobradiças as portas e as janelas, esfarelou o teto da galeria oriental e desprendeu os cimentos. Só então descobriu que Amaranta Úrsula não era sua irmã, mas sua tia, e que Francis Drake tinha assaltado Riohacha só para que eles pudessem se perseguir pelos labirintos mais intrincados do sangue, até engendrar o animal mitológico que haveria de pôr fim à estirpe. Macondo já era um pavoroso rodamoinho de poeira e escombros, centrifugado pela cólera do furacão bíblico, quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo com fatos conhecidos demais e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando-o à medida que o vivia, profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se estivesse vendo a si mesmo num espelho falado. Então deu outro salto para se antecipar às predições e averiguar a data e as circunstâncias da sua morte. Entretanto, antes de chegar ao verso final já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilonia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepetível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra.

Seja um Leitor Preferencial Record
e receba informações sobre nossos lançamentos.
Escreva para
RP Record
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – CEP 20922-970
dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa *home page*:
http://www.record.com.br

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

01207/0

de realidade que transborda do livro deve-se ainda ao fato de que ele foi escrito, segundo o autor, para "dar uma saída às experiências que de algum modo me afetaram durante a infância". Tome-se, por exemplo, a primeira frase de *Cem anos*. Quando o escritor era pequeno, seu avô, o coronel Márquez, o apresentou mesmo, maravilhado, ao gelo, tal como José Arcadio Buendía faz com o filho Aureliano. Do mesmo modo que José Arcadio, o avô de García Márquez também carregava, na vigília e nos sonhos, o peso de um morto – o homem que havia assassinado. O coronel era marido de Tranquilina, aquela avó que encheu os primeiros anos e o resto da vida do neto Gabriel de histórias bem contadas.

García Márquez costuma dizer que todo grande escritor está sempre escrevendo o mesmo livro. "E qual seria o seu?", perguntaram-lhe. "O livro da solidão", foi a resposta. Apesar disso, ele não considera *Cem anos* sua melhor obra (gosta demais de *O outono do patriarca*, onde o tema também está presente). O que importa? O certo é que nenhum outro romance resume tão completamente o formidável talento deste contador de histórias de *solitários* – que se espalham e se espalharão por muito mais de cem anos pelas Macondos de todo o mundo.

Rinaldo Gama

"O céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações."

Ilustração de capa:
Rachel Braga

ISBN 85-01-01207-6
9 788501 012074
01207/0

"O céu desmoronou-se em tempestades de estrupício e o Norte mandava furacões que destelhavam as casas, derrubavam as paredes e arrancavam pela raiz os últimos talos das plantações."

Ilustração de capa:
Rachel Braga

ISBN 85-01-01207-6
9 788501 012074
01207/0

Gabriel García Márquez

Cem anos de solidão

RECORD

Gabriel García Márquez

Prêmio Nobel de Literatura

Cem anos de solidão

Tradução de Eliane Zagury

RECORD

O colombiano Gabriel García Márquez (1928) é o último grande *contador de histórias* do século XX – e, até prova em contrário, da própria literatura ocidental. Depois de cem anos marcados por revoluções literárias radicais, não deixa de ser surpreendente que ele tenha conquistado tamanha notoriedade – nem o Nobel lhe falta; ganhou-o em 1982 – enquanto tentava *apenas* imitar o tom com que sua avó materna lhe contava episódios mais fantásticos: sem alterar um só traço do rosto.

Em nenhum outro livro García Márquez empenhou-se tanto para alcançar aquele *tom* como em *Cem anos de solidão* (1967). Assim, ao mesmo tempo em que a incrível e triste história dos Buendía – a estirpe de solitários para a qual não será dada "uma segunda oportunidade sobre a terra" – pode ser entendida como uma autêntica enciclopédia do imaginário, ela é narrada de modo a parecer sempre que tudo faz parte da mais banal das realidades.

Seria ingênuo procurar *uma* chave que explicasse toda a grandeza deste livro diante do qual o repertório de adjetivos torna-se espantosamente ineficaz. Porém, é razoável atribuir parte do êxito de *Cem anos* àquela contaminação, pelo *real*, do universo *maravilhoso* da fictícia Macondo, onde se passa o romance. Aqui pesou muito a experiência jornalística de García Márquez. E também a sombra do tcheco Franz Kafka (foi depois de ler a primeira frase de *A metamorfose* que García Márquez decidiu que seria escritor).

Mas, para além desses artifícios técnicos e influências literárias, é preciso que se diga que a atordoante sensação de realidade que transborda do livro deve-se ainda ao fato de que ele foi escrito, segundo o autor, para "dar uma saída às experiências que de algum modo me afetaram durante a infância". Tome-se, por exemplo, a primeira frase de *Cem anos*. Quando o escritor era pequeno, seu avô, o coronel Márquez, o apresentou mesmo, maravilhado, ao gelo, tal como José Arcadio Buendía faz com o filho Aureliano. Do mesmo modo que José Arcadio, o avô de García Márquez também carregava, na vigília e nos sonhos, o peso de um morto – o homem que havia assassinado. O coronel era marido de Tranquilina, aquela avó que encheu os primeiros anos e o resto da vida do neto Gabriel de histórias bem contadas.

García Márquez costuma dizer que todo grande escritor está sempre escrevendo o mesmo livro. "E qual seria o seu?", perguntaram-lhe. "O livro da solidão", foi a resposta. Apesar disso, ele não considera *Cem anos* sua melhor obra (gosta demais de *O outono do patriarca*, onde o tema também está presente). O que importa? O certo é que nenhum outro romance resume tão completamente o formidável talento deste contador de histórias de *solitários* – que se espalham e se espalharão por muito mais de cem anos pelas Macondos de todo o mundo.

Rinaldo Gama

Gabriel García Márquez Cem anos de solidão

RECORD

01207/0

Gabriel
García Márquez

Cem anos
de solidão

EDITORA RECORD